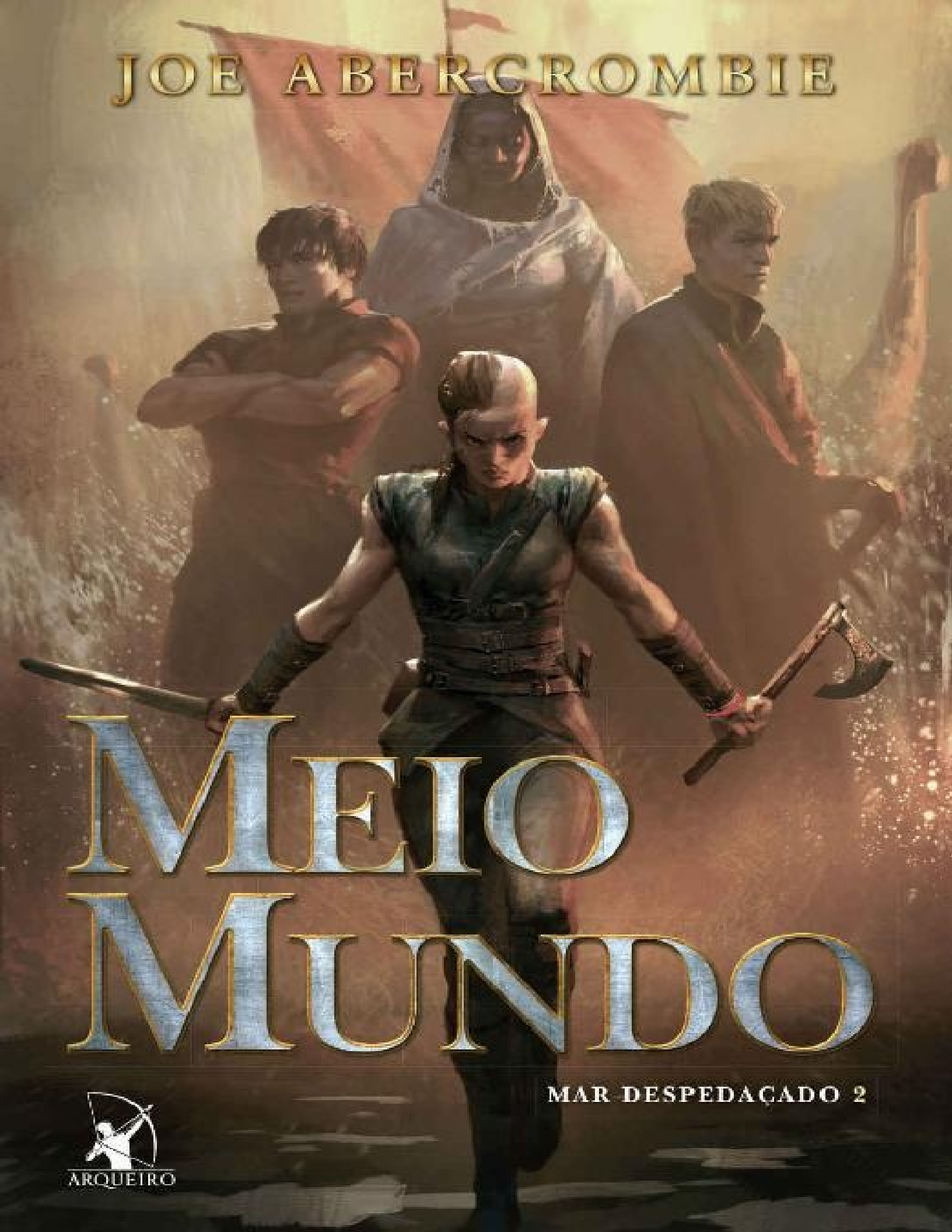
JOE ABERCROMBIE



MEIO MUNDO

MAR DESPEDAÇADO 2

ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Meio Mundo



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

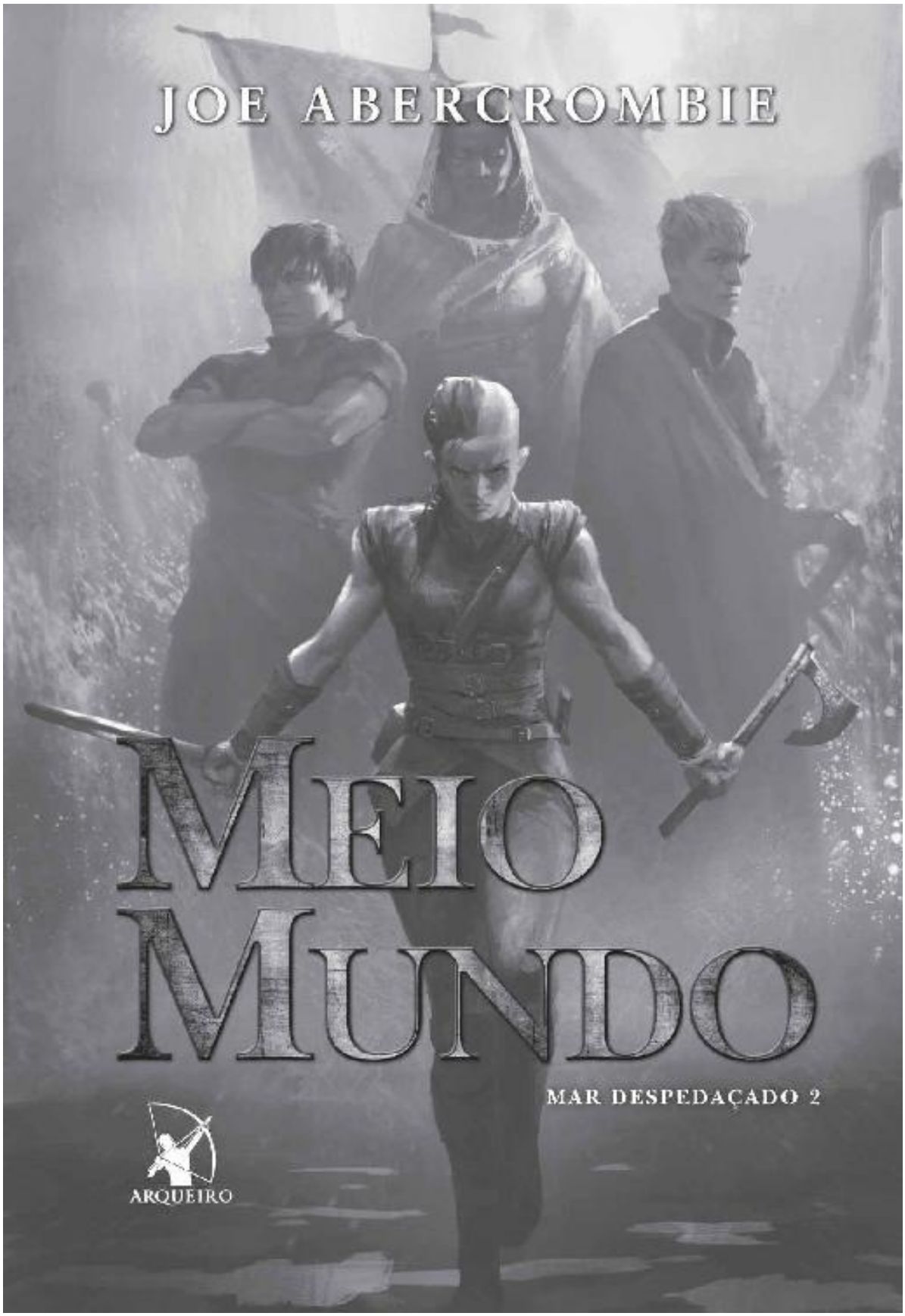
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem

a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


JOE ABERCROMBIE
MEIO MUNDO
MAR DESPEDAÇADO 2
ARQUEIRO

Título original: *Half the World*
Copyright © 2015 por Joe Abercrombie Ltd.
Copyright do mapa © 2015 por Nicolette Caven
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Pedro Staite e Rafaella Lemos

projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

imagem de capa: Jon McCoy Art

foto do autor: © Lou Abercrombie

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A126m Abercrombie, Joe
Meio mundo [recurso eletrônico]/ Joe Abercrombie; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Mar despedaçado; 2)

Tradução de: Half the world
Sequência de: Meio rei
Continua com: Meia guerra
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-8041-642-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

16-37292

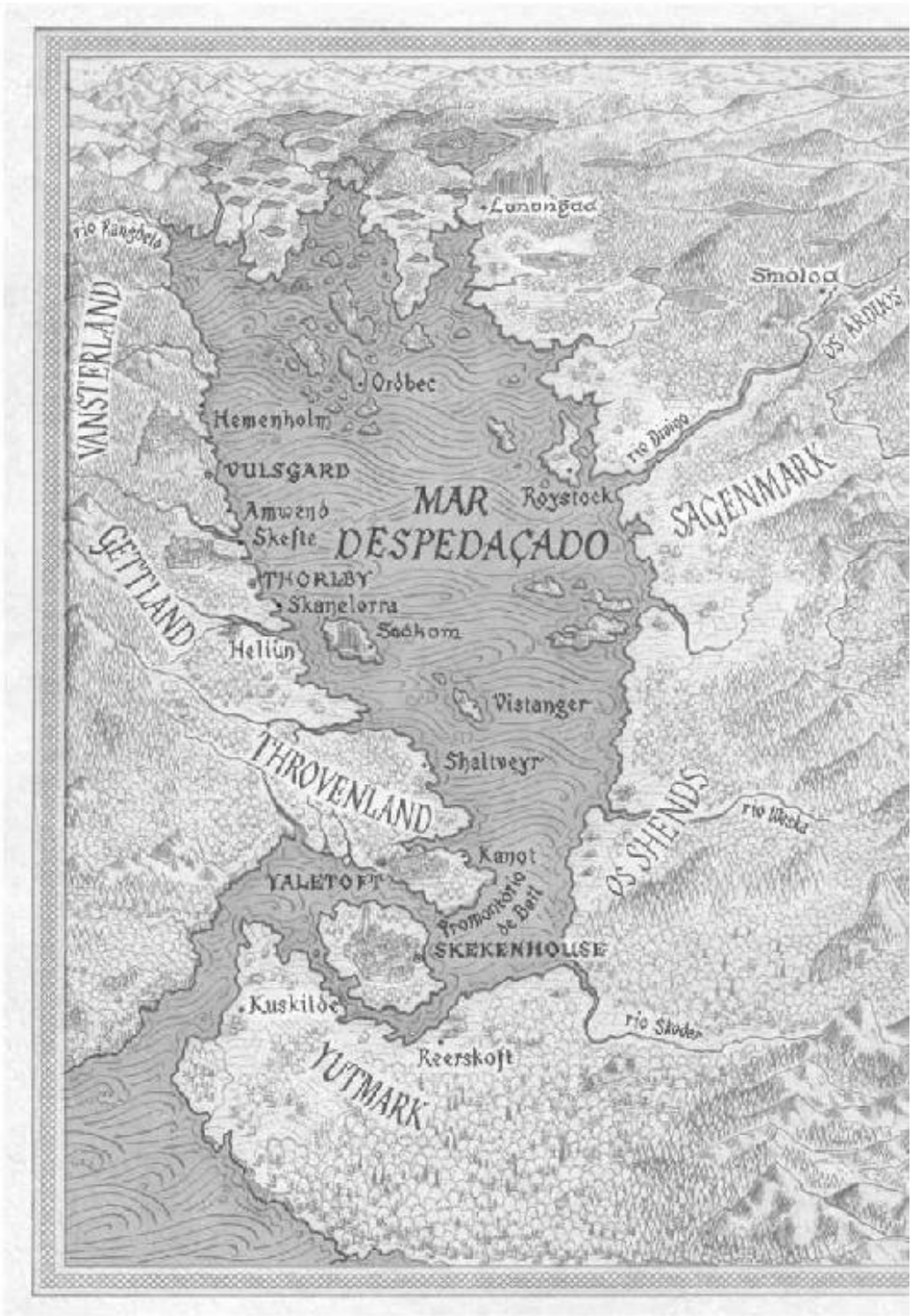
CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

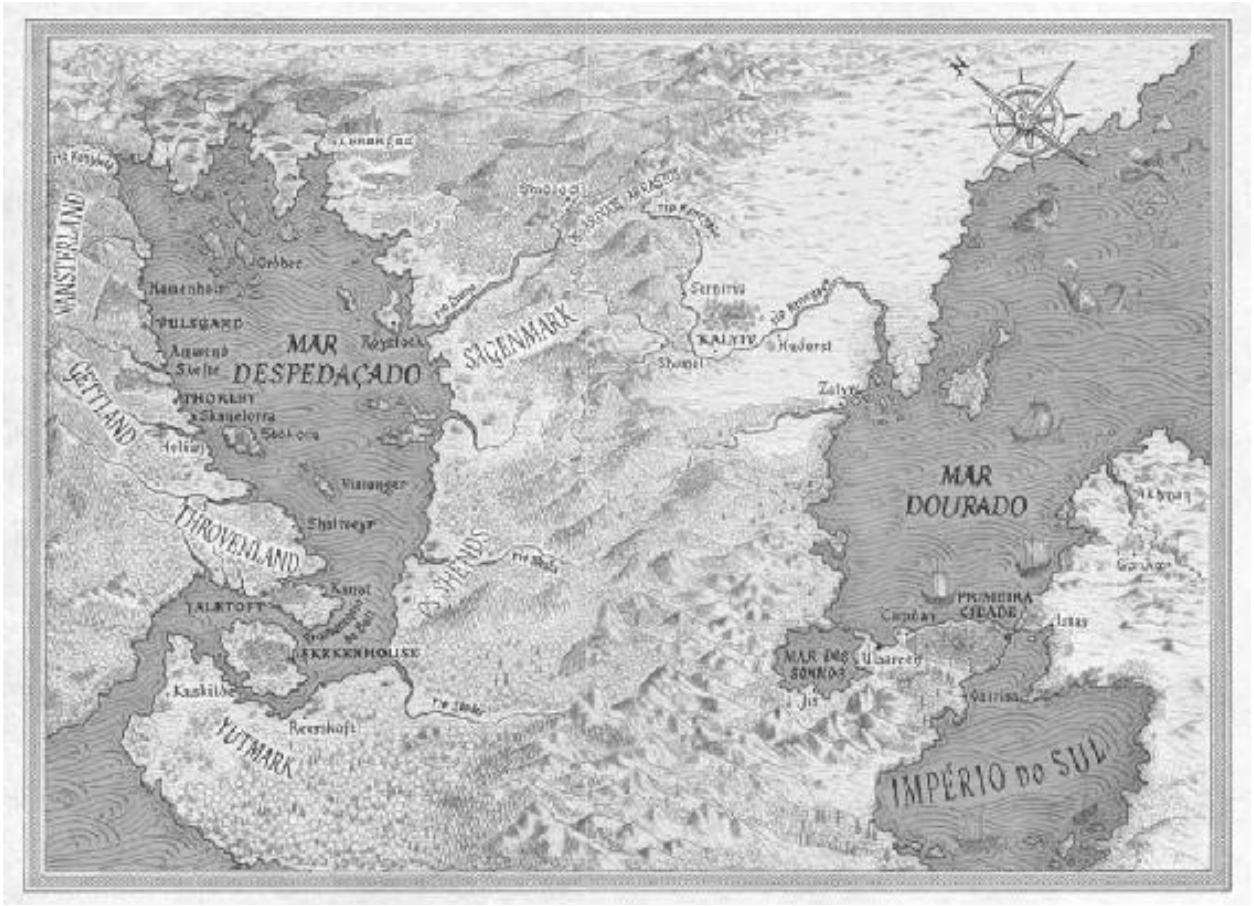
Para Eve

O gado morre,
Os parentes morrem.
Todo homem é mortal,
Mas eu sei de uma coisa
Que não morre jamais:
A glória dos grandes feitos.

HÁVAMÁL, AS PALAVRAS DO ALTÍSSIMO


Lunungad
rio Panedela
Smolca
os Árdicos
VANSTERLAND
Orebec
Hemenholm
rio Dimpa
VULSGARD
MAR
Roystock
SAGENMARK
Amwend
Skeste
DESPEDAÇADO
GETTLAND
THORLBY
Skanelorra
Sackom
Hellún
Vistanger
Shaltveyr
THROVENLAND
rio Weala
OS SHENDS
Kanot
YALETOFT
Promontorio de Bart
SKEKENHOUSE
Kuskilde
rio Skoder
Reerskoft
YUTMARK


N
ARRASTOS
rio Renegado
Serniriv
rio Renegado
KALYIV
Hadorst
Shomel
Zatyr
MAR
DOURADO
Akhman
Sanhar
PRIMEIRA
CIDADE
Cannan
Istas
MAR DOS
SONHOS
Ulsareen
Jis
Ostrisa
IMPÉRIO DO SUL


MAR
DESPEDAÇADO
MAR
DOURADO
SKJENMARK
GETTLAND
THROVENLAND
YUTMARK
IMPÉRIO DO SUL
PULSGARD
KALYTIV
PRIMEIRA
CIDADE

I

PÁRIAS

Os merecedores

ELE HESITOU APENAS um instante, mas foi tempo suficiente para Thorn acertá-lo nos bagos com a borda do escudo.

Mesmo com o estardalhaço dos outros garotos torcendo para que ela perdesse, Thorn ouviu Brand gemer.

Seu pai sempre dizia: *O momento em que você fizer uma pausa será o momento da sua morte*. E ela vivia seguindo esse conselho, para o bem ou, principalmente, para o mal. Exibiu os dentes num rosnado de luta – sua expressão predileta, afinal de contas – e partiu para cima de Brand com mais intensidade do que nunca.

Acertou-o com o ombro, os escudos se chocando e raspando, a areia voando dos calcanhares enquanto ele cambaleava para trás pela praia, o rosto ainda retorcido de dor. Ele tentou acertá-la, mas Thorn se abaixou para se esquivar da espada de madeira, girou a sua própria e pegou-o direto no tornozelo, logo abaixo da bainha da cota de malha.

Para o crédito de Brand, ele não caiu nem gritou, apenas pulou para trás com uma careta. Thorn deu de ombros, esperando para ver se mestre Hunnan consideraria isso uma vitória, mas ele permaneceu em silêncio como as estátuas no Salão dos Deuses.

Alguns mestres de armas agiam como se as espadas de madeira fossem de

verdade e mandavam parar diante do que seria um golpe mortal de uma lâmina de aço. Mas Hunnan gostava de ver seus alunos derrubados, machucados, aprendendo uma dura lição. Os deuses sabiam que Thorn havia aprendido lições duras o suficiente no campo de treino. Sentia-se feliz por ensinar algumas.

Por isso deu um sorriso zombeteiro para Brand – sua segunda expressão predileta – e gritou:

– Venha, seu covarde!

Brand era forte como um touro e podia lutar por bastante tempo, mas agora estava mancando, cansado, e Thorn havia se certificado de que a inclinação da praia estivesse a seu favor. Manteve o olhar fixo nele, desviou de um ataque e de outro, depois deslizou ao redor de um golpe desajeitado por cima da cabeça, que deixou a lateral de Brand desprotegida. O melhor lugar para enfiar uma lâmina é nas costas do inimigo, dizia sempre seu pai, mas a lateral era quase tão boa quanto. Sua espada acertou as costelas de Brand com um estalo que pareceu o de uma tora sendo rachada. Ele ficou cambaleando, impotente, e Thorn abriu um sorriso mais largo do que nunca. Não há no mundo sentimento tão doce quanto golpear uma pessoa da maneira certa.

Mandando a sola da bota contra o traseiro dele, fez com que Brand se esparramasse de quatro na última onda. Ao se afastar sibilando, a água pegou sua espada e a levou pela praia, encalhando-a no meio das algas.

Thorn chegou perto e Brand estreitou os olhos, o cabelo molhado grudado na lateral do rosto e os dentes ensanguentados da pancada que recebera. Talvez ela devesse ter sentido pena, mas fazia muito tempo que Thorn não podia mais se

dar ao luxo de lamentar.

Em vez disso, pressionou a lâmina cheia de mossas no pescoço dele e perguntou:

– E então?

– Certo. – Ele balançou a mão de forma débil, praticamente sem conseguir respirar para falar. – Perdi.

– Rá! – gritou ela em sua cara. – Rá! – berrou para os garotos cabisbaixos ao redor do quadrado. – Rá! – exclamou até mesmo para mestre Hunnan.

Em seguida, levantou a espada e o escudo em triunfo, sacudindo-os para o céu e para o chuvisco.

Algumas palmas desanimadas e murmúrios. E só. Houvera aplausos muito mais generosos para vitórias inferiores, porém Thorn não estava ali pelos aplausos.

Estava ali para vencer.

Às vezes a Mãe Guerra toca uma garota, que é colocada no meio dos garotos no campo de treino e aprende a lutar. Dentre as crianças menores, sempre há umas poucas, mas a cada ano elas se voltam para tarefas mais adequadas, são obrigadas a se dedicar a elas, são levadas à custa de gritos, agressões e surras, até que as plantas vergonhosas sejam desenraizadas e reste apenas a flor gloriosa da masculinidade.

Se os vansterlandeses atravessassem a fronteira, os insulares desembarcassem num ataque ou ladrões chegassem à noite, as mulheres de Gettland encontrariam armas em pouco tempo e lutariam até a morte, muitas

delas bastante bem. Sempre havia sido assim. Mas quando fora a última vez que uma mulher havia passado nos testes, feito os juramentos e obtido lugar num ataque?

Existiam histórias. Existiam canções. Mas até mesmo a Velha Fen, a mais idosa de Thorlby e, segundo diziam alguns, do mundo, jamais tinha visto algo assim em seus incontáveis dias.

Até agora.

Todo aquele trabalho. Todo aquele desprezo. Toda aquela dor. Mas Thorn havia derrotado todos. Fechou os olhos, sentindo o vento salgado da Mãe Oceano beijar seu rosto suado, e pensou em como seu pai ficaria orgulhoso.

– Passei – sussurrou.

– Ainda não. – Ela nunca tinha visto mestre Hunnan sorrir. Mas também nunca o vira franzir a testa tão sério. – Eu decido quais testes você fará. Sou eu quem decide se você passou. – Ele olhou para os garotos da idade dela, 16 anos, alguns já estufados de orgulho por terem passado nos testes. – Rauk, você vai lutar contra Thorn agora.

O garoto arqueou as sobrancelhas, olhou para Thorn e deu de ombros.

– Por que não? – disse ele, passando em seguida entre os amigos, entrando no quadrado, apertando a tira do escudo e pegando uma espada de treino.

Ele era cruel e hábil. Nem de longe tão forte quanto Brand, mas tinha uma probabilidade muito menor de hesitar. Mesmo assim, Thorn já o havia derrotado antes e ela iria...

– Rauk – disse Hunnan, com o dedo nodoso vagando –, Sordaf e Edwal.

A aura de triunfo se esvaiu como água vazando de uma banheira quebrada. Houve um murmúrio entre os rapazes enquanto Sordaf – grande, lento e sem muita imaginação, mas com um tremendo gosto por pisotear quem estivesse caído – ia cambaleando pela areia, prendendo as fivelas da cota de malha com os dedos gordos.

Edwal – rápido, de ombros estreitos, com um emaranhado de cachos castanhos – não se moveu imediatamente. Thorn sempre o havia considerado um dos melhores.

– Mestre Hunnan, nós três...

– Se querem um lugar no exército do rei, façam o que mandei.

Todos queriam. Desejavam isso quase tanto quanto Thorn. Edwal franziu a testa para a esquerda e a direita, mas ninguém se manifestou. Com relutância, passou entre os outros e pegou uma espada de madeira.

– Não é justo! — falou ela.

Thorn estava acostumada a sempre demonstrar coragem, não importando as dificuldades, mas nesse momento sua voz saiu como um balido desesperado, como um cordeiro levado impotente para a faca do carniceiro.

Hunnan desconsiderou esse fato, fungando.

– Este quadrado é o campo de batalha, garota, e o campo de batalha não é justo. Considere esta a sua última lição.

Diante disso, houve risos esparsos, provavelmente por parte de alguns que ela já havia envergonhado com surras em alguma ocasião. Brand a observava por trás de alguns fios de cabelo soltos, uma das mãos tocando a boca sangrenta.

Outros mantinham os olhos voltados para o chão. Todos sabiam que aquilo não era justo. Mas não se importavam.

Thorn retesou o maxilar, levou a mão do escudo até a bolsinha pendurada no pescoço e a apertou com força. Lutava contra o mundo havia tanto tempo que nem conseguia se lembrar. Thorn era uma guerreira; daria a eles uma luta que jamais esqueceriam.

Rauk virou a cabeça rapidamente para os outros e eles começaram a se espalhar, tentando cercá-la. A situação poderia não ser tão ruim assim. Se ela atacasse rápido o suficiente, talvez separasse um deles do grupo e ganhasse uma chance mínima contra os outros dois.

Olhou nos olhos deles, tentando avaliar o que fariam. Edwal relutante, ficando para trás. Sordaf atento, com o escudo levantado. Rauk deixando a espada pender, exibindo-se para os espectadores.

Só queria se livrar do sorriso dele, fazê-lo sangrar, e ficaria satisfeita.

O sorriso de Rauk fraquejou quando ela soltou o grito de luta. Ele recebeu o primeiro golpe no escudo, cedendo terreno, e um segundo também, lascas voando. Depois ela o enganou com o olhar, levando-o a levantar o escudo bem alto. Abaixou-se no último instante e o atingiu com um golpe giratório no quadril. Ele berrou, virando de lado de modo a deixar a nuca exposta para Thorn. Ela já estava levantando a espada outra vez quando vislumbrou um movimento rápido com o canto do olho e ouviu um som esmagado e nauseante. Mal sentiu que caía, mas de repente a areia a arranhava e ela encarava, perdida, o céu.

Esse é o problema de partir para cima de um e ignorar os outros dois.

Gaivotas gritavam no alto, circulando.

As torres de Thorlby se destacavam, negras, contra o céu luminoso.

É melhor se levantar, dizia seu pai. *Não irá ganhar nada deitada de costas.*

Thorn rolou, lenta, desajeitada, a bolsinha escorregando da gola e balançando na correia, o rosto latejando bastante.

A água subiu pela areia, fria, envolveu seus joelhos e ela viu Sordaf pisar com força. Ouviu um estalo como de um graveto se partindo.

Tentou ficar de pé e a bota de Rauk acertou suas costelas e a fez rolar, tossindo.

A onda recuou e foi embora, o sangue pinicou seu lábio superior, pingando na areia molhada.

– Devemos parar? – ouviu Edwal dizer.

– Eu mandei parar? – retrucou Hunnan.

Thorn fechou o punho com firmeza em volta do cabo da espada, reunindo forças. Viu Rauk dar um passo até ela e agarrou sua perna quando ele chutou, segurando-a junto ao peito. Deu um impulso para cima com tudo, rosnando no rosto dele, e Rauk tombou para trás, agitando os braços.

Thorn cambaleou até Edwal, mais caindo sobre ele do que o atacando, a Mãe Oceano, o Pai Terra, a carranca de Hunnan e o rosto dos garotos que assistiam, tudo oscilava e girava. Ele a agarrou, mais mantendo-a de pé do que tentando derrubá-la. Ela se apoiou no ombro dele, mas torceu o pulso. Seguiu aos tropeços e perdeu a espada. Tombou de joelhos e se levantou de novo, o escudo balançando ao lado do corpo na tira arrebentada enquanto Thorn girava,

cuspindo e xingando. Ela se imobilizou.

Sordaf permanecia de pé, com a espada pendendo frouxa, olhando.

Rauk se apoiou com os cotovelos na areia molhada, olhando.

Brand ficou entre os outros garotos, boquiaberto, todos olhando.

Edwal abriu a boca, mas tudo o que saiu foi um som úmido e estranho, como um peido. Ele largou a espada de treino e ergueu a mão desajeitadamente para segurar o pescoço.

O cabo da espada de Thorn estava ali. A lâmina de madeira havia se quebrado ao ser pisada por Sordaf, deixando uma lasca comprida, que agora atravessava a garganta de Edwal, a ponta brilhando, vermelha.

– Pelos deuses – sussurrou alguém.

Edwal caiu de joelhos e babou uma espuma sangrenta na areia.

Mestre Hunnan o segurou quando ele tombou de lado. Brand e alguns outros se aglomeraram ao redor, todos gritando uns por cima dos outros. Thorn mal conseguia identificar as palavras acima do ribombar do próprio coração.

Ficou de pé oscilando, o rosto latejando, o cabelo solto chicoteando o olho com o vento. Imaginava que tudo não passasse de um pesadelo. Só podia ser. Rezava para que fosse. Fechou os olhos com força, apertou-os. Como tinha feito quando a levaram ao corpo de seu pai, branco e frio sob a cúpula do Salão dos Deuses.

Aquilo havia sido real, e agora também era.

Quando abriu os olhos, os garotos ainda estavam ajoelhados em volta de Edwal e ela só podia ver os pés frouxos dele, calçados com botas. Riscas pretas

serpenteavam pela areia, e então a Mãe Oceano mandou uma onda e as tornou vermelhas, depois cor-de-rosa. Em seguida foram lavadas e levadas embora.

Pela primeira vez em muito tempo, Thorn sentiu medo de verdade.

Hunnan se levantou lentamente, virou-se lentamente. Ele sempre franzia a testa, sobretudo para ela. Mas agora havia em seus olhos um brilho que ela jamais tinha visto.

– Thorn Bathu. – Ele apontou um dedo vermelho para ela. – Eu a declaro assassina.

Nas sombras

“FAÇA O BEM”, disse a mãe de Brand no dia em que morreu. “Mantenha-se na luz.”

Aos 6 anos, ele não entendia o que significava fazer o bem. Aos 16, não tinha certeza de que estava muito mais perto de saber. Ali estava ele, afinal, desperdiçando o que deveria ser seu momento de maior orgulho, tentando descobrir qual era a coisa boa a fazer.

Era uma enorme honra guardar o Trono Negro. Ser aceito como guerreiro de Gettland à vista de deuses e homens. Ele havia lutado por isso, não é? Sangrado por isso? Merecido o lugar? Desde que Brand se entendia por gente, seu sonho era se postar armado em meio aos irmãos nas pedras sagradas do Salão dos Deuses.

Mas não se sentia na luz.

– Eu me preocupo com esse ataque contra os insulares – dizia pai Yarvi, trazendo o assunto à baila num círculo fechado, como os ministros sempre pareciam fazer. – O Rei Supremo proibiu que as espadas fossem desembainhadas. Ele vai receber isso muito mal.

– O Rei Supremo proíbe tudo – replicou a rainha Laithlin, com uma das mãos na barriga inchada da gravidez. – E recebe tudo mal.

Ao seu lado, o rei Uthil se remexeu adiante no Trono Negro.

– Enquanto isso, ordena que os insulares, os vansterlandeses e quaisquer outros patifes que ele consiga forçar à obediência desembainhem as espadas contra nós.

A raiva dominou os grandes homens e mulheres de Gettland reunidos diante do patamar do trono. Uma semana antes, a voz de Brand seria uma das mais altas.

Porém, agora só conseguia pensar em Edwal com a espada de madeira atravessada no pescoço, soltando uma espuma vermelha pela boca, fazendo um som semelhante a um ronco. E em Thorn, oscilando na areia com o cabelo grudado no rosto sujo de sangue, boquiaberta enquanto mestre Hunnan a declarava assassina.

– Dois navios meus foram tomados! – A chave cravejada de pedras preciosas de uma mercadora balançou em seu peito enquanto ela sacudia o punho na direção do patamar. – E não foi só a carga perdida, mas homens também foram mortos!

– Os vansterlandeses atravessaram a fronteira outra vez! – soou um grito profundo no lado do salão ocupado pelos homens. – Queimaram fazendas e levaram boas pessoas de Gettland como escravas!

– Grom-gil-Gorm foi visto lá! – berrou alguém, e a simples menção ao nome encheu a cúpula do Salão dos Deuses de palavrões murmurados. – O Quebrador de Espadas em pessoa!

– Os insulares devem pagar com sangue! – rosnou um velho guerreiro caolho. – Depois os vansterlandeses e o Quebrador de Espadas.

– Claro que devem! – exclamou Yarvi para a multidão, erguendo a mão esquerda mirrada feito uma garra de caranguejo para pedir calma. – Mas a questão é quando e como. Os sábios esperam o momento certo, e não estamos nem um pouco preparados para entrar em guerra contra o Rei Supremo.

– Ou se está sempre preparado para a guerra. – Uthil girou suavemente o botão de sua espada, de modo que a lâmina nua relampejou na penumbra. – Ou nunca se está.

Edwal sempre estivera preparado. Era um homem que apoiava o companheiro ao lado, como um guerreiro de Gettland deveria fazer. Não mereceria morrer por causa disso, certo?

Thorn não se importava com nada que estivesse além da ponta do próprio nariz, e a borda de seu escudo nos bagos ainda doloridos de Brand não a tinha posto em lugar mais alto em sua escala de afeto. Mas ela havia lutado até o fim, contra todas as probabilidades, como um guerreiro gettlandês deveria fazer. Sem dúvida não merecia ser declarada assassina por causa disso.

Brand olhou cheio de culpa para as grandes estátuas dos seis Deuses Altos que exerciam seu julgamento acima do Trono Negro. Acima dele também. Remexeu-se como se ele é que tivesse matado Edwal e declarado Thorn uma assassina. Tudo o que tinha feito era olhar.

Olhar sem fazer nada.

– O Rei Supremo poderia convocar metade do mundo para entrar em guerra contra nós – dizia pai Yarvi, paciente como um mestre de armas explicando o básico para crianças. – Os vansterlandeses e os throvenlandeses são fiéis a ele,

os inglings e os terra-baixenses estão rezando à sua Divindade Única. Avó Wexen está forjando alianças no Sul também. Estamos cercados por inimigos e precisamos ter amigos para...

– A resposta é o aço. – Uthil interrompeu seu ministro com uma voz afiada como uma lâmina. – O aço deve ser sempre a resposta. Reúna os gettlandeses. Vamos dar a esses insulares comedores de carniça uma lição que não esquecerão tão cedo.

Do lado direito do salão, os homens de testa franzida batiam no peito coberto por cota de malha, aprovando; no lado esquerdo, as mulheres com o cabelo brilhando de óleo murmuravam um apoio raivoso.

Pai Yarvi baixou a cabeça. Sua tarefa era falar em nome do Pai Paz, mas até ele estava sem palavras. Naquele dia, a Mãe Guerra governava.

– Que seja o aço então.

Brand deveria ter ficado empolgado com isso. Um grande ataque, como nas canções, e ele detinha o posto de guerreiro. Mas ainda estava preso ao quadrado de treino, tirando a casca de ferida do que poderia ter feito de modo diferente.

Se não tivesse hesitado... Se tivesse atacado sem pena, como o guerreiro que deveria ser, poderia ter derrotado Thorn e tudo acabaria ali. Ou se tivesse protestado, como Edwal, quando Hunnan colocou três contra uma, talvez pudessem ter impedido aquilo juntos. Mas não tinha falado. Enfrentar um inimigo no campo de batalha exigia coragem, mas era preciso ter o amigo ao lado. Ficar sozinho contra os amigos era um tipo de coragem diferente. Uma coragem que Brand não fingia ter.

– E há a questão de Hild Bathu – disse pai Yarvi.

O nome fez Brand erguer a cabeça bruscamente, como um ladrão apanhado em flagrante.

– Quem? – perguntou o rei.

– A filha de Storn Headland – respondeu Laithlin. – Ela gosta de ser chamada de Thorn, como se fosse um espinho incômodo.

– Ela fez mais do que espetar um dedo – comentou pai Yarvi. – Ela matou um garoto no quadrado de treino e foi declarada assassina.

– Foi declarada por quem? – gritou Uthil.

– Por mim.

A fivela de ouro da capa de mestre Hunnan reluziu enquanto ele entrava no facho de luz ao pé do patamar.

– Mestre Hunnan. – Um sorriso raro tocou o canto da boca do rei. – Eu me lembro bem das nossas lutas no campo de treino.

– Lembranças valiosas, meu rei, ainda que sejam dolorosas para mim.

– Rá! Você viu essa morte acontecer?

– Eu estava testando meus alunos mais velhos para avaliar quem era digno de entrar para o seu grupo de ataque. Thorn Bathu estava entre eles.

– Ela se envergonha tentando ocupar um posto de guerreiro! – gritou uma mulher.

– Ela envergonha a todos nós – concordou outra.

– Uma mulher não tem lugar no campo de batalha! – exclamou uma voz carrancuda no meio dos homens, e cabeças assentiram nos dois lados do salão.

– A própria Mãe Guerra não é uma mulher? – O rei apontou para os Deuses Altos acima deles. – Nós só lhe oferecemos a escolha. A Mãe dos Corvos escolhe os merecedores.

– E ela não escolheu Thorn Bathu – replicou Hunnan. – A garota tem temperamento venenoso. – Isso era verdade. – Ela fracassou no teste que estabeleci. – Era parcialmente verdade. – Ela se revoltou contra minha avaliação e matou o garoto Edwal. – Brand piscou. Não era exatamente uma mentira, mas estava longe de ser a verdade. A barba grisalha de Hunnan balançou enquanto ele sacudia a cabeça. – E eu perdi dois alunos.

– Descuido seu – rebateu pai Yarvi.

O mestre de armas fechou os punhos, mas Laithlin falou antes que ele pudesse retrucar:

– Qual seria o castigo para esse assassinato?

– Apedrejamento, minha rainha.

O ministro falava calmamente, como se considerassem a morte de um besouro, não de uma pessoa, ainda por cima alguém que Brand conhecia a vida toda – mesmo que fosse alguém de quem quase sempre desgostara.

– Alguém aqui deseja falar a favor de Thorn Bathu? – indagou o rei, trovejante.

Os ecos de sua voz se esvaíram, deixando um silêncio sepulcral. Agora era a hora de dizer a verdade. De fazer o bem. De manter-se na luz. Brand olhou para o outro lado do Salão dos Deuses, com as palavras pinicando nos lábios. Viu Rauk em seu posto, sorrindo. Sordaf também, o rosto pastoso parecendo uma

máscara. Eles não emitiram o menor som.

Nem Brand.

– É muito duro ordenar a morte de alguém tão jovem. – Uhtil se levantou do Trono Negro, e cotas de malha e saias farfalharam quando todos, menos a rainha, se ajoelharam. – Mas não podemos dar as costas para o certo simplesmente porque é doloroso.

Pai Yarvi se curvou ainda mais.

– Vou administrar sua justiça segundo a lei.

Uthil estendeu a mão para Laithlin e, juntos, desceram os degraus. Com relação a Thorn Bathu, apedrejamento era a palavra final.

Brand assistia numa incredulidade doentia. Ele tivera certeza de que algum rapaz iria se manifestar, porque eram honestos. Ou Hunnan contaria sua participação naquilo, porque era um mestre de armas respeitado. O rei ou a rainha descobririam a verdade, porque eram sábios e justos. Os deuses não permitiriam uma injustiça daquelas. Alguém faria alguma coisa.

Talvez, como ele, todos esperassem que outra pessoa consertasse a situação.

O rei andava rigidamente, a espada aninhada nos braços, o olhar férreo que não se desviava à esquerda nem à direita. Os curtos meneios de cabeça da rainha eram recebidos como presentes e, com uma ou outra palavra, ela dava a entender que esta ou aquela pessoa deveria desfrutar do favor de visitar sua casa de contabilidade para resolver algum negócio. Eles chegaram mais perto, e mais perto ainda.

O coração de Brand batia alto em seus ouvidos. Sua boca se abriu. A rainha

lançou um olhar gélido na direção dele por um instante e, num silêncio envergonhado e vergonhoso, ele deixou que os dois passassem.

Sua irmã vivia lhe dizendo que não era sua obrigação consertar o mundo. Contudo, se não fosse ele, quem faria isso?

– Pai Yarvi! – disse bruscamente, alto demais. Enquanto o ministro se virava, acrescentou, rouco e baixo demais: – Preciso falar com o senhor.

– Sobre o quê, Brand?

O jovem hesitou. Pensara que Yarvi não teria a menor ideia de quem ele era.

– Sobre Thorn Bathu.

Longo silêncio. O ministro era apenas alguns anos mais velho do que Brand, de rosto e cabelo claros, como se a cor tivesse sido lavada, tão magro que uma brisa forte poderia soprá-lo para longe. Ainda por cima tinha a mão aleijada. Porém, de perto, havia algo arrepiante nos olhos dele. Algo que fez Brand murchar.

Entretanto, agora não havia como voltar atrás.

– Ela não é assassina – murmurou ele.

– O rei acha que é.

Pelos deuses, sua garganta estava seca, mas Brand foi em frente, como um guerreiro deveria fazer:

– O rei não estava na areia. O rei não viu o que eu vi.

– O que você viu?

– Estávamos lutando para obter um posto no grupo de ataque...

– Nunca mais me diga o que eu já sei.

Aquilo não estava correndo tão bem quanto Brand esperava. Porém, assim seguiria, com esperanças.

– Thorn lutou comigo e eu hesitei... Ela deveria ter conseguido o posto. Mas mestre Hunnan colocou outros três contra ela.

Yarvi olhou para as pessoas que iam saindo do Salão dos Deuses e chegou mais perto.

– Três ao mesmo tempo?

– Edwal era um deles. Ela não pretendia matá-lo...

– Como ela se saiu contra os três?

Brand pestanejou, apanhado no contrapé.

– Bem... ela matou um deles.

– Disso não há dúvida. Eu estive consolando os pais de Edwal e prometendo justiça. Ela tem dezesseis invernos, não é?

– Thorn? – Brand não sabia direito o que isso tinha a ver com a sentença dela. – Eu... acho que sim.

– E conseguiu se sustentar no quadrado todo esse tempo contra os garotos? – Ele olhou Brand de cima a baixo. – Contra os homens?

– Em geral ela faz mais do que se sustentar.

– Ela deve ser muito feroz. Muito determinada. Muito cabeça-dura.

– Pelo que sei, ela é muito teimosa. – Brand percebeu que não estava melhorando em nada a situação e murmurou debilmente: – Mas... ela não é má pessoa.

– Ninguém é, para as mães. – Pai Yarvi suspirou fundo. – O que você

gostaria que eu fizesse?

– O que... Eu o quê?

– Eu liberto essa garota encrenqueira e transformo Hunnan e a família da garota em inimigos ou a apedrejo e os aplaco? Qual é a sua solução?

Brand não esperava ter que dar uma solução.

– Acho... que o senhor deveria seguir a lei?

– A lei? – Pai Yarvi bufou. – A lei é mais Mãe Oceano do que Pai Terra, sempre muda. A lei é uma marionete na mão de um titereiro, Brand, ela diz o que eu digo que ela diz.

– Só achei que eu deveria contar a alguém... bom... a verdade.

– Como se a verdade fosse preciosa. Posso encontrar mil verdades sob cada folha de outono, Brand, todo mundo tem a sua. Mas você só pensou em passar o fardo da sua verdade para mim, não é? Meus agradecimentos épicos, impedir Gettland de ir para a guerra contra todo o Mar Despedaçado não é o suficiente mesmo.

– Achei... que isso fosse fazer o bem.

De repente fazer o bem parecia menos uma luz acesa diante dele, clara como a Mãe Sol, e mais um brilho furtivo na escuridão do Salão dos Deuses.

– O bem de quem? O meu? O de Edwal? O seu? Assim como cada um de nós tem a própria verdade, cada um tem o próprio bem. – Yarvi chegou um pouco mais perto, falou um pouco mais baixo: – Mestre Hunnan pode adivinhar que você compartilhou sua verdade comigo, e aí? Você pensou nas consequências?

Agora as consequências se assentaram sobre Brand, frias como neve recém-caída. Ele ergueu os olhos, viu o brilho no olhar de Rauk em meio às sombras do salão, que ia se esvaziando.

– Um homem que dedica todos os pensamentos a fazer o bem e nenhum às consequências... – Pai Yarvi levantou a mão deformada e pressionou o dedo torto contra o peito de Brand. – É um homem perigoso.

O ministro lhe deu as costas, a ponta do cajado élfico batendo nas pedras polidas pela passagem dos anos até parecer vidro. Ele deixou Brand de olhos arregalados para a penumbra, mais preocupado do que nunca.

Não se sentia nem um pouco na luz.

Justiça

THORN ESTAVA SENTADA e olhava os dedos imundos dos pés, pálidos como larvas na escuridão.

Não sabia por que tinham tirado suas botas. Não iria fugir, pois estava acorrentada pelo tornozelo esquerdo e pelo pulso direito a paredes úmidas. Mal podia chegar à porta da cela, quanto mais arrancá-la das dobradiças. Fora tirar as cascas de ferida embaixo do nariz quebrado até sangrarem, só podia ficar sentada e pensar.

As duas atividades de que ela menos gostava.

Soltou um suspiro entrecortado. Pelos deuses, aquele lugar fedia. A palha podre e o cocô de rato fediam, o balde que eles nunca se incomodavam em esvaziar fedia, o mofo e o ferro enferrujado fediam, e depois de duas noites ali dentro ela fedia mais do que tudo.

Em qualquer outro dia estaria nadando na baía, lutando contra a Mãe Oceano, subindo os penhascos, lutando contra o Pai Terra, correndo, remando ou treinando com a velha espada de seu pai no pátio de casa, combatendo os postes marcados pela lâmina, fingindo que eles eram os inimigos de Gettland enquanto as lascas voavam – Grom-gil-Gorm ou Styr das Ilhas, ou mesmo o próprio Rei Supremo.

Só que naquele dia ela não empenharia a espada. Provavelmente nunca mais

faria isso. Uma consequência nem perto de ser justa. Mas afinal de contas, como Hunnan dissera, um guerreiro não podia contar com justiça.

– Você tem visita – disse a carcereira, uma mulher corpulenta com uma dúzia de correntes que chacoalhavam no pescoço, o rosto parecendo um saco de machados. – Mas vai ser rápida.

Ela puxou a porta pesada, que rangeu.

– Hild!

Dessa vez Thorn não disse à mãe que havia aberto mão desse nome aos 6 anos, quando furou o pai com a adaga dele. Foi aí que ele a chamou de espinho. Precisou de toda a força que tinha para desdobrar as pernas e ficar de pé, dolorida, cansada e, de súbito, inutilmente envergonhada com o estado em que se encontrava.

Ainda que mal se importasse com aparências, sabia que a mãe se importava.

Quando Thorn foi arrastando os pés até a luz, a mãe apertou a mão pálida contra a boca.

– Deuses, o que eles fizeram com você?

Thorn indicou o próprio rosto, com as correntes chacoalhando.

– Isto aconteceu no quadrado.

A mãe chegou perto das grades, os olhos cercados por um rosa choroso.

– Disseram que você assassinou um garoto.

– Não foi assassinato.

– Mas você matou um garoto?

Thorn engoliu em seco, a garganta estalando.

– Edwal.

– Deuses... – sussurrou a mãe de novo, o lábio trêmulo. – Ah, deuses, Hild, por que você não podia...

– Ser outra pessoa? – completou Thorn.

Alguém fácil, alguém normal. Uma filha que não quisesse segurar nada mais pesado do que uma agulha, que se contentasse em vestir seda do Sul em vez de cota de malha e não nutrir mais sonhos além de usar a chave de algum homem rico.

– Eu sabia que isso iria acontecer – disse a mãe com amargura. – Desde que você foi para o quadrado. Desde que vimos seu pai morto, eu soube que isso iria acontecer.

Thorn sentiu a bochecha pinicar.

– Você pode se consolar vendo como estava certa.

– Você acha que há algum consolo nisso para mim? Falam que vão apedrejar minha filha única!

Então Thorn sentiu frio, muito frio. Respirar lhe custava um esforço enorme. Como se já estivessem empilhando as pedras sobre ela.

– Quem disse?

– Todo mundo.

– Pai Yarvi? – O ministro falava a lei. O ministro pronunciaria o julgamento.

– Não sei. Acho que não. Ainda não.

“Ainda não”, esse era o limite das suas esperanças. Thorn sentia-se tão fraca que mal conseguia segurar as grades. Estava acostumada a fazer cara de

coragem, por mais apavorada que estivesse. Porém, a Morte é uma senhora difícil de encarar com coragem. A mais difícil de todas.

– É melhor a senhora ir. – A carcereira começou a empurrar gentilmente a mãe de Thorn para longe.

– Vou rezar! – gritou ela, as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Vou rezar por você para o Pai Paz!

Thorn queria dizer “dane-se o Pai Paz”, mas não tinha fôlego. Havia desistido dos deuses quando o pai morrera, apesar de todas as suas preces, porém um milagre parecia ser sua única chance.

– Lamento – disse a carcereira, fechando a porta com o ombro.

– Acho que nem de longe tanto quanto eu.

Thorn fechou os olhos e deixou a testa tombar contra as grades, apertando com força a bolsinha embaixo da camisa suja. A bolsa que tinha os ossos dos dedos do pai.

Não temos muito tempo, e o tempo passado com pena de nós mesmos é tempo desperdiçado. Ela mantinha no coração cada palavra que ele dissera, mas se já houvera algum momento para sentir pena de si mesma, era aquele. A situação não era nada justa. Mas tente falar sobre justiça com Edwal. Não importando quanta culpa tivesse, ela o havia matado. O sangue dele não estava encrostado na manga de sua blusa?

Ela havia matado Edwal. Agora iriam matá-la.

Ouviu vozes fracas do outro lado da porta. A voz de sua mãe – implorando, pedindo, chorando. Depois a de um homem, fria e sem emoção. Não pôde captar

as palavras, mas pareciam duras. Encolheu-se quando a porta se abriu, recuando bruscamente para a escuridão da cela. Pai Yarvi entrou.

Ele era estranho. Um homem ocupando o cargo de ministro era quase tão raro quanto uma mulher no quadrado de treino. Ele tinha apenas alguns anos a mais do que Thorn, mas seu olhar era velho. Um olhar que vira muitas coisas. As pessoas contavam histórias estranhas sobre ele. Que havia ocupado o Trono Negro, mas aberto mão dele. Que fizera um juramento de vingança. Que matara seu tio Odem com a espada curva que ele sempre usava. Diziam que era esperto como o Pai Lua, um homem em quem raramente deveriam confiar e que jamais deveria ser contrariado. E nas suas mãos – ou na mão boa, já que a outra era um cotoco torto – repousava agora a sua vida.

– Thorn Bathu, você foi declarada assassina.

Tudo que ela podia fazer era assentir, a respiração acelerada.

– Tem algo a dizer?

Talvez ela devesse ter cuspido em desafio. Rido da Morte. Diziam que era isso que seu pai tinha feito quando estava sangrando aos pés de Grom-gil-Gorm. Mas ela só queria viver.

– Eu não queria matá-lo – gorgolejou. – Mestre Hunnan colocou três deles contra mim. Não foi assassinato!

– Um belo detalhe para Edwal.

Era verdade, ela sabia. Tentava conter as lágrimas, com vergonha da própria covardia, mas não conseguia evitar. Como desejava nunca ter entrado no quadrado e ter aprendido a sorrir bem e contar moedas como sua mãe sempre

quisera! Só que não é possível comprar nada com desejos.

– Por favor, pai Yarvi, me dê uma chance. – Ela olhou para os olhos calmos, frios, azul-acinzentados. – Aceito qualquer castigo. Cumpro qualquer penitência. Juro!

Ele levantou uma sobrancelha clara.

– Você deveria ter cuidado com os juramentos que faz, Thorn. Cada um deles é uma corrente. Eu jurei me vingar dos assassinos do meu pai e o juramento ainda pesa sobre mim. O seu pode ser pesado para você.

– Mais pesado do que as pedras com que vão me matar? – Ela estendeu as mãos com as palmas viradas para cima, o mais perto dele que as correntes permitiam. – Faço um juramento solar e um juramento lunar. Farei qualquer serviço que o senhor achar necessário.

O ministro franziu a testa para aquelas mãos sujas estendendo-se à frente e para os olhos dela, de onde brotavam lágrimas desesperadas. Inclinou a cabeça lentamente de lado, como se fosse um mercador quantificando o valor da garota. Por fim, deu um suspiro longo e infeliz.

– Ah, muito bem.

Então houve silêncio enquanto Thorn refletia sobre o que ele dissera.

– O senhor não vai me apedrejar?

Ele abanou a mão aleijada, de modo que o dedo único balançou para um lado e para o outro.

– Eu tenho dificuldade para levantar pedras.

Mais silêncio, o suficiente para o alívio dar lugar à suspeita.

– Então... qual é a sentença?

– Vou pensar em alguma coisa. Solte-a.

A carcereira sugou os dentes, como se abrir qualquer fechadura lhe provocasse um ferimento, mas obedeceu. Thorn esfregou as marcas que as algemas de ferro haviam deixado no pulso, sentindo-se estranhamente leve sem o peso daquilo. Tão leve que imaginou se estaria sonhando. Fechou os olhos com força, depois grunhiu quando a mulher jogou suas botas, acertando-a na barriga. Não era sonho.

Não pôde deixar de sorrir enquanto as calçava.

– Seu nariz parece quebrado – comentou pai Yarvi.

– Não é a primeira vez.

Caso ela se livrasse daquilo sem algo pior do que um nariz quebrado, poderia se considerar abençoada.

– Deixe-me ver.

Um ministro era antes de tudo um curandeiro, por isso Thorn não se encolheu quando ele chegou perto, sondou gentilmente os ossos embaixo dos olhos, com a testa franzida em concentração.

– Ah – murmurou ela.

– Desculpe, isso doeu?

– Só um po...

Ele forçou um dedo empurrando o nariz para cima, comprimindo o polegar implacavelmente contra o osso. Thorn ofegou, forçada a se ajoelhar. Houve um estalo e uma dor lancinante no rosto. As lágrimas escorreram mais livremente do

que nunca.

– Assim está bom – afirmou ele, enxugando a mão na camisa dela.

– Pelos deuses! – gemeu Thorn, segurando o rosto, que latejava.

– Às vezes um pouquinho de dor agora pode economizar muito mais depois.

Pai Yarvi já estava se dirigindo para a porta, por isso Thorn se levantou rapidamente e, ainda imaginando se aquilo não seria um truque, esgueirou-se atrás dele.

– Obrigada pela gentileza – murmurou enquanto passava pela carcereira.

A mulher a fuzilou com os olhos.

– Espero que você nunca mais precise dela.

– Sem ofensa, mas eu também.

Thorn acompanhou pai Yarvi pelo corredor escuro e subiu a escada, estreitando os olhos ao chegar à luz.

Ele tinha apenas uma das mãos, mas as pernas funcionavam muito bem, ditando o ritmo enquanto passavam pelo pátio da cidadela, a brisa fazendo os galhos do velho cedro sussurrarem acima dos dois.

– Eu deveria falar com minha mãe... – começou ela, correndo para alcançá-lo.

– Já falei. Disse a ela que tinha considerado você inocente de assassinato, mas que fez um juramento de me servir.

– Mas... mas como o senhor saberia que eu...

– É dever de um ministro saber o que as pessoas farão. – Pai Yarvi bufou. – Por enquanto você não é um poço fundo demais para ser medido, Thorn Bathu.

Passaram sob o Portão Que Grita, saíram da cidadela para a cidade, descendo da grande rocha em direção à Mãe Oceano. Seguiram trocando de escadas, por caminhos estreitos, íngremes, entre casas atulhadas e pessoas espremidas entre elas.

– Não vou participar do grupo de ataque do rei Uthil, não é?

Era uma pergunta idiota, sem dúvida, mas agora que Thorn tinha saído da sombra da morte, havia luz suficiente para lamentar seus sonhos arruinados.

Pai Yarvi não estava com clima para lamentar.

– Agradeça por não ir para debaixo da terra.

Passaram pela Rua das Bigornas, onde Thorn havia desperdiçado longas horas olhando para armas, cobiçosa como uma criança mendiga ávida por doces. Onde tinha montado nos ombros do pai, tonta de orgulho enquanto os ferreiros pediam que ele notasse seu trabalho. Mas agora o metal brilhante posto diante das forjas só parecia zombar dela.

– Nunca serei uma guerreira de Gettland – disse em voz baixa e triste, mas os ouvidos de Yarvi eram aguçados.

– Enquanto viver, o que você pode ser está nas suas mãos, em primeiro lugar. – O ministro esfregou delicadamente algumas marcas desbotadas no pescoço. – Sempre há um modo, como costumava me dizer a rainha Laithlin.

Thorn se pegou andando um pouco mais empertigada ao ouvir aquele nome. Laithlin não era uma lutadora, mas a menina não conseguia pensar em alguém que admirasse mais.

– A Rainha Dourada é uma mulher que nenhum homem ousa desconsiderar.

– É mesmo. – Yarvi olhou de soslaio para Thorn. – Aprenda a temperar a teimosia com bom senso e talvez um dia você seja igual.

Pelo jeito esse dia ainda estava longe. Por onde quer que andassem, as pessoas se curvavam, murmuravam “pai Yarvi” e ficavam de lado para dar passagem ao ministro de Gettland. Porém, balançavam a cabeça, soturnos, para Thorn enquanto ela o seguia, carrancuda, imunda e em desgraça, atravessando o portão da cidade e saindo no cais apinhado. Seguiram por entre marinheiros e mercadores de cada nação ao redor do Mar Despedaçado, alguns de muito mais longe ainda. Thorn passou sob as redes dos pescadores e em volta das caixas de peixes que brilhavam e estremeciam.

– Aonde vamos? – perguntou.

– Skekenhouse.

Ela estacou, ofegante, e quase foi derrubada por um carrinho de mão que ia passando. Nunca na vida havia se afastado de Thorlby mais do que meio dia de caminhada.

– Ou você pode ficar aqui – disse Yarvi por cima do ombro. – As pedras estão preparadas.

Ela engoliu em seco, depois correu para alcançá-lo.

– Eu vou.

– Você é tão sábia quanto bonita, Thorn Bathu.

Esse era um elogio duplo ou um insulto duplo, e ela suspeitou de que fosse a segunda opção. As velhas tábuas de um molhe ressoaram sob as botas dos dois, a água salgada batendo nos suportes cobertos por uma crosta verde, abaixo. Um

navio balançava ao lado, pequeno e esguio, com pombos brancos sobre a proa e a popa altas. A julgar pelos escudos coloridos pendurados nas laterais, estava tripulado e pronto para zarpar.

– Vamos agora? – indagou ela.

– Fui convocado pelo Rei Supremo.

– O Rei... Supremo? – Ela olhou para as próprias roupas, rígidas com a imundície da masmorra, encrostadas do seu sangue e do de Edwal. – Posso ao menos trocar de roupa?

– Não tenho tempo para sua vaidade.

– Estou fedendo.

– Vamos pendurá-la atrás do navio para lavar a sujeira.

– Vão?

O ministro levantou uma das sobrancelhas.

– Você não tem senso de humor, não é?

– Enfrentar a Morte pode acabar com nosso gosto pelas piadas – murmurou ela.

– Essa é a ocasião em que você mais precisa delas. – Um velho atarracado estava ocupado soltando o cabo de proa e jogando-o a bordo enquanto eles subiam. – Mas não se preocupe. A Mãe Oceano vai ter lavado você mais do que é possível suportar ao chegarmos a Skekenhouse.

Ele era um lutador: Thorn podia identificar pela postura do sujeito, o rosto largo castigado pelo clima e pela guerra.

– Os deuses decidiram tirar minha mão esquerda forte – Yarvi ergueu a garra

torta e balançou o dedo –, mas em troca me deram Rulf. – Ele bateu no ombro carnudo do velho. – Ainda que nem sempre tenha sido fácil, estou contente com a troca.

Rulf arqueou uma sobrancelha de pelos emaranhados.

– Quer saber como me sinto com relação a isso?

– Não – respondeu Yarvi, saltando a bordo do navio. Thorn só pôde dar de ombros para o guerreiro de barba grisalha e seguir o ministro. – Bem-vinda ao *Vento Sul.*

Ela cuspiu por cima da amurada.

– Não me sinto muito bem-vinda.

Cerca de quarenta remadores de aparência acinzentada estavam sentados em cima de seus baús de viagem, olhando-a irritados, e ela não teve dúvida do que os sujeitos pensavam: *O que essa garota está fazendo aqui?*

– Certos padrões feios vivem se repetindo – murmurou ela.

Pai Yarvi assentiu.

– Assim é a vida. É raro cometermos determinado erro apenas uma vez.

– Posso fazer uma pergunta?

– Tenho a sensação de que, mesmo se eu negasse, você perguntaria.

– Admito que não sou um poço fundo demais para ser medido.

– Então fale.

– O que estou fazendo aqui?

– Ora, homens santos e mulheres inteligentes fazem essa pergunta há mil anos e jamais chegaram perto de uma resposta.

– Tente falar sobre isso com Brinyolf, o Tecelão de Orações – grunhiu Rulf, empurrando o navio para longe do cais com o cabo de uma lança. – Ele vai encher seus ouvidos com motivos e origens.

– Quem é que pode avaliar o grande desígnio dos deuses? – sussurrou Yarvi, franzindo a testa em direção ao horizonte distante como se pudesse ver as respostas escritas nas nuvens. – É o mesmo que perguntar para onde foram os elfos!

O velho e o jovem riram um para o outro. Obviamente esse teatro não era novo para os dois.

– Muito bem – disse Thorn. – Quero dizer, por que o senhor me trouxe para este barco?

– Ah. – Yarvi se virou para Rulf. – Por que você acha que, em vez de tomar o caminho fácil e apedrejá-la, coloquei a vida de todos nós em perigo trazendo a notória assassina Thorn Bathu para meu navio?

Rulf se apoiou em sua lança por um momento, coçando a barba.

– Realmente não faço ideia.

Yarvi encarou Thorn com os olhos bem arregalados.

– Se eu não compartilho o que penso nem com minha mão esquerda, por que iria compartilhar com gente como você? Afinal, você fede.

Thorn esfregou as têmporas.

– Preciso me sentar.

Rulf pôs a mão em seu ombro, num gesto paternal.

– Entendo.

Em seguida, empurrou-a sobre o baú mais próximo com tanta força que ela caiu berrando por cima dele, no colo do homem que estava atrás.

– Esse é o seu remo.

Família

– VOCÊ ESTÁ ATRASADO.

Rin estava certa. Quando Brand se abaixou para passar pela porta, o Pai Lua brilhava sorridente e seus filhos, as estrelas, piscavam no tecido do céu. A choupana estreita só era iluminada pelas brasas do fogo.

– Desculpe, irmã. – Ele foi encurvado até seu banco e desabou com um gemido longo, tirou as botas dos pés doloridos e abriu os dedos diante do calor. – É que Harper tinha mais turfa para cortar, depois a Velha Fen precisou de ajuda para carregar umas toras de lenha. Ela própria não iria rachá-las e o machado dela estava cego, por isso precisei afiá-lo, e, no caminho de volta, a carroça do Lem estava com um eixo quebrado e nós ajudamos...

– Seu problema é que o problema de todo mundo é problema seu.

– Se você ajudar as pessoas, talvez elas ajudem quando você precisar.

– Talvez. – Rin indicou um pote sobre as brasas com a cabeça. – O jantar está ali. Os deuses sabem que não foi fácil deixar um pouco.

Brand deu um tapa no joelho dela enquanto se inclinava para pegá-lo.

– Mas que os deuses a abençoem por isso, irmã.

Brand estava com uma fome de leão, mas se lembrou de murmurar um agradecimento ao Pai Terra pela comida. Lembrou-se de como era não ter comida nenhuma.

– Está boa – comentou, mandando-a goela abaixo.

– Estava melhor logo depois de ficar pronta.

– Ainda está boa.

– Não está, não.

Ele deu de ombros enquanto raspava o pote, desejando que houvesse mais.

– As coisas vão ser diferentes agora que eu passei nos testes. As pessoas voltam ricas de um ataque como esse.

– As pessoas chegam à ferraria antes de cada ataque dizendo como vão ficar ricas. Às vezes nem voltam.

Brand abriu um sorriso torto.

– Você não vai se livrar de mim tão facilmente.

– Não é o meu desejo. Por mais idiota que você seja, é a única família que eu tenho.

Ela pegou algo às costas e lhe estendeu: era um embrulho de pele de animal, manchado e esgarçado.

– Para mim? – perguntou ele, esticando o braço através do calor do fogo agonizante.

– Para fazer companhia nas suas grandes aventuras. Para você se lembrar de casa. Para se lembrar da família, por assim dizer.

– Você é toda a família de que eu preciso.

Havia uma arma dentro do embrulho, o aço polido reluzindo. Uma adaga de luta com lâmina comprida e reta, a cruzeta trabalhada como um par de cobras entrelaçadas, e o botão era uma cabeça de dragão arreganhando os dentes.

Rin se empertigou no banco, ansiosa para ver a reação de Brand.

– Um dia vou fazer uma espada para você. Por enquanto isso é o melhor que consegui.

– Você que fez?

– Gaden me ajudou um pouco com o punho. Mas o aço é todo meu.

– É um belo trabalho, Rin.

Quanto mais perto ele olhava, melhor a adaga parecia, cada escama das cobras destacando-se, os dentes do dragão, o aço brilhando como prata, com um gume mortal. Ele mal ousou tocá-lo; parecia bom demais para suas mãos sujas.

– Pelos deuses, é um trabalho magistral.

Ela se recostou, indiferente, como se soubesse disso o tempo todo.

– Acho que encontrei um modo melhor de fundir o metal. Mais quente. Numa espécie de jarro de cerâmica. Osso e carvão para transformar o ferro em aço, areia e vidro para tirar a sujeira e deixá-lo puro. Mas tudo depende do calor... Você não está escutando.

Brand deu de ombros, desculpando-se.

– Eu consigo usar uma marreta, mas não entendo a magia disso. Você é uma ferreira dez vezes melhor do que eu jamais fui.

– Gaden diz que eu sou tocada por Aquela que Golpeia a Bigorna.

– Ela deve estar exultante porque eu abandonei a ferraria e ela recebeu você como aprendiz.

– Eu tenho um dom.

– O dom da modéstia.

– A modéstia é para quem não tem o que alardear.

Brand avaliou a adaga, sentindo-lhe o peso e o equilíbrio excelentes.

– Minha irmãzinha, senhora da forja. Eu nunca tive um dom melhor. – Não que ele tivesse muitos. – Gostaria de ter algo para lhe dar em troca.

Ela se deitou em seu catre e sacudiu o cobertor puído por cima das pernas.

– Você me deu tudo que eu tenho.

Brand se retraiu.

– Não é muita coisa, é?

– Não tenho do que reclamar.

Ela estendeu a mão forte por cima do fogo, com feridas e calos do trabalho na forja, e ele a segurou. Os dois apertaram as mãos com força.

Brand pigarreou, olhando para a terra batida.

– Você vai ficar bem enquanto eu estiver nesse ataque?

– Vou ficar como uma nadadora que acaba de tirar a armadura.

Ela fez uma careta de desprezo, mas ele enxergou através. Rin tinha 15 anos e Brand era toda a família que tinha. A irmã estava apavorada, e isso o deixava apavorado também. Com medo de lutar. Com medo de sair de casa. Com medo de deixá-la sozinha.

– Eu volto, Rin. Antes que você perceba.

– Carregado de tesouros, sem dúvida.

Ele piscou.

– Com canções sobre meus grandes feitos e uma dúzia de belas escravas insulares em meu nome.

– Onde elas irão dormir?

– Na grande casa de pedras que vou comprar perto da cidadela.

– Vou ter um cômodo para as minhas roupas – disse ela, acariciando a parede de adobe.

A casa dos dois não era grande coisa, mas os deuses sabiam que eles eram gratos. Houvera um tempo em que não tinham nenhum teto sobre a cabeça.

Brand se deitou, os joelhos dobrados, já que ultimamente as pernas ficavam fora do catre, e começou a desenrolar seu resto de cobertor fedorento.

– Rin, posso ter feito uma coisa idiota – Brand se viu falando. Não era bom em guardar segredos. Especialmente da irmã.

– O que foi desta vez?

Ele começou a passar o dedo por um buraco do cobertor.

– Contei a verdade.

– Sobre o quê?

– Thorn Bathu.

Rin colocou as mãos no rosto.

– O que há entre você e ela?

– Como assim? Eu nem gosto dela.

– Ninguém gosta. Ela é uma farpa na bunda do mundo. Mas parece que você não para de pegar no pé dela.

– Acho que os deuses têm mania de nos colocar juntos.

– Você já tentou andar para o outro lado? Ela matou Edwal. *Matou*. Ele está morto, Brand.

– Eu sei. Eu estava lá. Só que não foi assassinato. O que eu deveria ter feito? Diga, já que você é a inteligente. Ficar de boca fechada como todo mundo? Ficar de boca fechada e deixar que ela fosse apedrejada? Eu não podia carregar esse peso! – Ele percebeu que estava quase gritando, a raiva borbulhando dentro de si, e se obrigou a baixar a voz: – Não pude.

Silêncio. Os dois se encararam, franzindo a testa, enquanto o fogo diminuía, lançando fagulhas.

– Por que é sempre você que precisa consertar as coisas? – perguntou ela.

– Acho que ninguém mais está fazendo isso.

– Você sempre foi um garoto bom. – Rin rolou de costas, fitando o buraco de saída da fumaça e o pedacinho de céu estrelado que aparecia. – Agora você é um homem bom. Esse é o seu problema. Nunca vi um homem melhor para fazer coisas boas e obter resultados ruins. Para quem você contou sua história?

Ele engoliu em seco, também achando o buraco bastante interessante.

– Para pai Yarvi.

– Ah, pelos deuses, Brand! Você não gosta de meias medidas, não é?

– Nunca vi sentido nelas – murmurou ele. – Mas acho que tudo vai dar certo, não é? – indagou, desesperado para que ela concordasse.

A irmã só ficou olhando o teto, então ele pegou a adaga de novo, examinou o aço brilhante reluzindo com as cores do fogo.

– É mesmo um belo trabalho, Rin.

– Vá dormir, Brand.

Ajoelhar-se

– NA DÚVIDA, AJOELHE-SE. – O lugar de Rulf como piloto era a plataforma na popa do *Vento Sul*, com o remo-leme enfiado sob um dos braços. – Abaixe-se bem e com frequência.

– Ajoelhar-se – murmurou Thorn. – Entendi.

Ela estava com um dos remos de popa, o lugar de mais trabalho e menos honra, logo abaixo do olhar sempre atento de Rulf. Ficava se retorcendo, esforçando-se para ver Skekenhouse, mas havia uma névoa de chuva no ar e não era possível enxergar nada além de fantasmas na escuridão. Os altos fantasmas das famosas paredes élficas. Um espectro tênue da enorme Torre do Ministério.

– Seria melhor você andar de joelhos o tempo todo em que estiver aqui – continuou Rulf. – E, pelos deuses, mantenha a língua dentro da boca. Se ofender avó Wexen, apedrejamento vai parecer algo suave.

Enquanto o navio deslizava mais para perto, Thorn viu vultos reunidos no cais, que depois se tornaram homens, e então se tornaram guerreiros. Uma guarda de honra, se bem que mais parecia uma escolta de prisão. O *Vento Sul* atracou e pai Yarvi e sua tripulação exausta desceram ao cais escorregadio de chuva.

Com 16 invernos, Thorn era mais alta do que a maioria dos homens, mas o que se adiantou poderia facilmente ser considerado gigante – pelo menos uma

cabeça mais alto do que ela. O cabelo comprido e a barba grisalha estavam escurecidos pela chuva, a pele de animal branca nos ombros coberta por gotas de umidade.

– Ora, pai Yarvi! – Sua voz cantarolada contrastava muito com aquele corpo enorme. – As estações já mudaram muito desde que trocamos palavras pela última vez.

– Três anos – disse Yarvi, fazendo uma reverência. – Aquele dia no Salão dos Deuses, meu rei.

Thorn piscou. Tinha ouvido dizer que o Rei Supremo era um velho murcho, meio cego e com medo da própria comida. Essa avaliação parecia decididamente injusta. Ela havia aprendido a julgar a força de um homem no quadrado de treino e duvidava de que já tivesse visto algum mais forte. E era guerreiro, levando-se em conta as cicatrizes e as muitas armas enfiadas no cinto com fivela de ouro. Ali estava um homem que parecia mesmo um rei.

– Eu me lembro bem – falou o outro. – Todo mundo foi muito, muito grosseiro comigo. A hospitalidade dos gettlandeses, hein, mãe Scaer? – Uma mulher de cabeça raspada ao lado dele olhou carrancuda para Yarvi e sua tripulação, como se fossem montes de bosta. – E quem é esta? – perguntou ele, olhando para Thorn.

Ela era especialista em começar lutas, mas todas as outras etiquetas lhe eram um mistério. Quando a mãe tentava explicar como uma garota deveria se comportar, quando fazer reverência, se ajoelhar ou segurar a chave, ela assentia e pensava em espadas. Porém, Rulf tinha dito para se ajoelhar, por isso ela se

abaixou desajeitadamente nas pedras molhadas do cais, tirando o cabelo molhado do rosto e quase tropeçando nos próprios pés.

– Meu rei. Isto é, meu rei... supremo...

Yarvi fez um som de desdém.

– Esta é Thorn Bathu. Minha nova bufona.

– Como ela está se saindo?

– Por enquanto, provoca poucas gargalhadas.

O gigante riu.

– Sou apenas um rei inferior, criança. Sou o pequeno rei de Vansterland e meu nome é Grom-gil-Gorm.

Thorn sentiu as entranhas se revirarem. Durante anos havia sonhado em encontrar o homem que tinha matado seu pai. Nenhum dos sonhos era assim. Ela acabara de se ajoelhar aos pés do Quebrador de Espadas, do Fazedor de Órfãos, do maior inimigo de Gettland, que agora mesmo estava ordenando ataques pela fronteira. No pescoço dele, viu a corrente de quatro voltas feita com os botões das espadas dos inimigos derrotados. Um deles, ela sabia, era da espada que Thorn guardava em casa. Sua posse mais preciosa.

Levantou-se devagar, tentando reunir cada fiapo da dignidade arruinada. Não tinha punho de espada em que apoiar a mão, mas levantou o queixo para ele, como se fosse uma arma.

O rei de Vansterland olhou para baixo, como um grande cão de caça diante de um gatinho eriçado.

– Estou bem acostumado ao escárnio dos gettlandeses, mas esta aqui tem

olhar frio.

– Como se tivesse contas a acertar – comentou mãe Scaer.

Thorn segurou a bolsinha pendurada no pescoço.

– Você matou meu pai.

– Ah. – Gorm deu de ombros. – Muitas crianças podem dizer isso. Qual era o nome dele?

– Storn Headland.

Ela havia esperado provocações, ameaças, fúria, só que, em vez disso, o rosto áspero de Gorm se iluminou.

– Ah, mas aquele foi um duelo digno de ser cantado! Lembro-me de cada passo e cada corte. Headland foi um grande guerreiro, um inimigo digno! Nas manhãs geladas como aquela ainda sinto o ferimento que ele me fez na perna. Porém, a Mãe Guerra estava do meu lado. Ela bafejou sobre mim no berço. Foi previsto que nenhum homem poderia me matar. – Ele sorriu para Thorn, girando um dos botões de espada preguiçosamente na corrente, entre o grande indicador e o polegar. – A filha de Storn Headland, e cresceu tanto! Os anos correm, hein, mãe Scaer?

– Sempre – respondeu a ministra, encarando Thorn com os olhos muito azuis semicerrados.

– Mas não podemos ficar o dia inteiro revirando glórias antigas. – Gorm fez um floreio com a mão, oferecendo passagem a eles. – O Rei Supremo o espera, pai Yarvi.

Grom-gil-Gorm levou-os pelas docas molhadas e Thorn foi atrás,

carrancuda, com frio, molhada, amarga e impotente, sem a menor empolgação de ver a maior cidade do Mar Despedaçado. Se fosse possível matar um homem franzindo a testa para as costas dele, naquele dia o Quebrador de Espadas teria caído sangrando pela Última Porta, mas uma carranca não é uma lâmina, e o ódio de Thorn não cortava ninguém, a não ser ela mesma.

A tripulação do *Vento Sul* atravessou uma enorme porta dupla, entrando num corredor cujas paredes eram cobertas com armas desde o piso encerado até o teto alto. Espadas antigas comidas de ferrugem. Lanças com cabos despedaçados. Escudos partidos e lascados. As armas que um dia pertenceram à montanha de cadáveres que Bail, o Construtor, escalou até seu posto como primeiro Rei Supremo. As armas de exércitos que seus sucessores trucidaram espalhando o poder desde Yutmark até as Terras Baixas, até Inglefold e pela metade do Mar Despedaçado. Centenas de anos de vitórias. Ainda que espadas, machados e elmos fendidos não tivessem voz, juntos transmitiam uma mensagem mais eloquente do que qualquer sussurro de ministro, mais ensurdecedora do que o berro de qualquer mestre de armas.

Resistir ao Rei Supremo era uma ideia muito ruim.

– Devo dizer que fico surpreso em encontrar o Quebrador de Espadas servindo de porteiro para o Rei Supremo – comentou pai Yarvi.

Gorm franziu a testa.

– Todos devemos nos ajoelhar diante de alguém.

– Mas alguns de nós se ajoelham mais facilmente do que outros.

Gorm fechou ainda mais a cara, porém sua ministra falou antes:

– Avó Wexen pode ser bastante convincente.

– Ela já convenceu vocês a rezar à Divindade Única? – perguntou Yarvi.

Scaer deu uma fungada tão forte que foi um espanto não voar catarro para todos os lados.

– Nada me arrancará do abraço sangrento da Mãe Guerra – rosnou Gorm. – Isso eu garanto.

Yarvi sorriu como se estivesse batendo papo com amigos.

– Meu tio usa essas mesmas palavras. Há muita coisa que une Gettland e Vansterland. Rezamos do mesmo modo, falamos do mesmo modo, lutamos do mesmo modo. Apenas um rio estreito nos separa.

– E centenas de anos de pais e filhos mortos – murmurou Thorn, bem baixo.

– Quieta – sussurrou Rulf ao lado.

– Temos um passado sangrento – continuou Yarvi –, mas bons líderes deixam o passado para trás e olham para o futuro. Quanto mais penso nisso, mais parece que nossas lutas só nos enfraquecem e dão lucros a outros.

– Então, depois de todas as nossas batalhas, devemos nos dar os braços? – Thorn viu o canto da boca de Gorm se retorcer num sorriso. – E dançar juntos sobre nossos mortos, rumando a um futuro admirável?

Sorrisos e danças... Thorn olhou para as armas nas paredes, imaginando se poderia arrancar uma espada dos suportes e arrebentar o crânio de Gorm antes que Rulf a impedisse. Seria um feito digno de um guerreiro de Gettland.

Mas, afinal de contas, Thorn não era uma guerreira de Gettland, e jamais seria.

– Você tece sonhos bonitos, pai Yarvi. – Gorm soltou um suspiro. – Até já teceu um desses para mim. Todos precisamos acordar, e quer nos agrade ajoelhar ou não, o alvorecer pertence ao Rei Supremo.

– E à sua ministra – acrescentou mãe Scaer.

– Principalmente a ela.

O Quebrador de Espadas abriu a grandiosa porta dupla no fim do corredor.

Thorn se lembrou da única vez em que estivera no Salão dos Deuses de Gettland, olhando o cadáver pálido e frio do pai, tentando apertar a mão da mãe com força suficiente para que ela parasse de soluçar. Parecia a maior sala do mundo, grande demais para ter sido construída por mãos humanas. E mãos élficas haviam *mesmo* construído a Câmara dos Sussurros. Ali caberiam cinco Salões dos Deuses, com espaço de sobra para uma bela plantação de cevada. Suas paredes de pedra élfica lisa e vidro élfico preto subiam, subiam e se perdiam na penumbra vertiginosa acima.

Seis estátuas enormes dos Deuses Altos olhavam para baixo com a testa franzida, mas o Rei Supremo dispensara o culto a eles, e seus pedreiros haviam se ocupado disso. Agora um sétimo deus se erguia acima de todos eles. O deus dos sulistas, a Divindade Única, nem homem nem mulher, nem sorrindo nem chorando, braços abertos num abraço esmagador, olhando com indiferença afável os feitos mesquinhos da humanidade.

Havia pessoas apinhadas nas bordas distantes do salão e em uma sacada de metal élfico cinzento, a uma altura dez vezes maior do que a de um homem. Um círculo de rostos minúsculos sobressaía em outra sacada, a uma distância

equivalente acima da primeira. Thorn viu vansterlandeses com cabelo comprido trançado, throvenlandeses com argolas de prata – que eram sua moeda – amontoadas até a parte de cima dos braços. Viu insulares de rosto castigado, homens atarracados das Terras Baixas e inglings barbudos. Viu mulheres magras que reconheceu como shends e gordos mercadores de Sagenmark. Viu emissários de rosto escuro, vindos de Catália, do Império do Sul ou mesmo de mais longe, talvez.

Parecia que todas as pessoas do mundo estavam reunidas com o objetivo único de lamber o saco do Rei Supremo.

– Maior dos homens! – gritou pai Yarvi. – Entre homens e reis! Eu me prostro à sua frente!

Ele quase se jogou de cara no chão, os ecos de sua voz ricocheteando nas galerias acima e se esvaindo em meio aos milhões de sussurros que davam nome ao salão.

Os boatos tinham sido bastante generosos com o maior dos homens. Ele era um nada encolhido em seu trono grande demais, o rosto mirrado pendendo frouxo dos ossos e uma barba de apenas alguns fiapos esparsos. Só os olhos mostravam algum sinal de vida, brilhantes e duros como sílex, enquanto ele olhava irritado para o ministro de Gettland.

– Agora você se ajoelha, idiota! – sibilou Rulf, puxando Thorn pelo cinto.

E foi bem a tempo: uma velha já estava andando pela vastidão do piso na direção deles.

Tinha rosto redondo e maternal, com profundas rugas de riso em volta dos

olhos reluzentes, o cabelo branco curto, o áspero manto cinza se arrastando pelo chão tão pesadamente que a bainha estava esgarçada e suja. No pescoço, presos numa corrente bem fina, trançavam-se papéis com runas rabiscadas.

– Soubemos que a rainha Laithlin está esperando um filho.

Ela não parecia nenhuma heroína, mas, pelos deuses, falava com voz heroica: profunda, suave, poderosa sem esforço. Uma voz que exigia atenção. Uma voz que exigia obediência.

Mesmo de joelhos, Yarvi descobriu um modo de se curvar ainda mais.

– Os deuses a abençoaram, muito honrada avó Wexen.

– Um herdeiro para o Trono Negro, talvez?

– Só podemos esperar.

– Envie nossos votos calorosos ao rei Uthil – disse rouco o Rei Supremo, sem qualquer traço de calor ou congratulação no rosto murcho.

– Será um prazer enviá-los, e para eles será um prazer recebê-los. Posso me levantar?

A primeira dentre os ministros deu um sorriso calorosíssimo e levantou uma das mãos. Tatuados na palma, Thorn viu círculos concêntricos numa escrita minúscula.

– Gosto de você aí – respondeu avó Wexen.

– Ouvimos histórias perturbadoras sobre o Norte – comentou o Rei Supremo, a voz áspera. Repuxando o lábio para trás, lambeu uma falha enorme nos dentes da frente. – Ouvimos dizer que o rei Uthil planeja um grande ataque contra os insulares.

– Um ataque, meu rei? – Yarvi parecia pasmo com algo que era de conhecimento comum em Thorlby. – Contra nossos muito amados companheiros das Ilhas do Mar Despedaçado? – Ele balançou o braço de modo que a mão aleijada oscilou, como se descartasse a hipótese. – O rei Uthil tem um temperamento guerreiro e frequentemente fala no Grande Salão sobre atacar este ou aquele. Isso nunca dá em nada, acredite, estou sempre ao lado dele, aplainando o caminho para o Pai Paz, como mãe Gundring me ensinou.

Avó Wexen jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada intensa e doce como melaço, que ecoou como se fosse a risada de um exército.

– Ah, você é tão engraçado, Yarvi...

Ela lhe deu um tapa com a agilidade de uma serpente, usando a mão aberta, mas forte o bastante para jogá-lo de lado. O som reverberou nas sacadas acima, agudo como um estalo de chicote.

Os olhos de Thorn se arregalaram e, sem pensar, ela saltou de pé. Ou pelo menos meio de pé. A mão de Rulf agarrou um punhado de sua camisa molhada, puxando-a para que ficasse novamente de joelhos, o palavrão dela transformado num guincho feio.

– Abaixe-se – rosnou ele.

De repente, o centro daquele piso enorme e vazio pareceu um lugar muito solitário, e Thorn percebeu quantos homens armados estavam reunidos por ali. Ficou com a boca muito seca, quase se mijando.

Avó Wexen olhou para ela, sem medo nem raiva, mas levemente curiosa, como se estivesse diante de uma espécie de formiga exótica.

– Quem é essa... pessoa?

– Uma humilde imbecil que jurou me servir. – Yarvi se levantou até ficar de joelhos, levando a mão boa à boca. – Desculpe a insolência, ela sofre de bom senso de menos e lealdade de mais.

Avó Wexen sorriu tão calorosamente quanto a Mãe Sol, porém sua voz congelou Thorn até os ossos:

– A lealdade pode ser uma bênção enorme ou uma praga terrível, criança. Tudo depende da pessoa a quem somos leais. Existe uma ordem nas coisas. *Deve* haver uma ordem, e vocês, gettlandeses, esquecem seu lugar nela. O Rei Supremo proibiu que as espadas sejam desembainhadas.

– Eu proibi – repetiu o Rei Supremo, a voz reduzida a um farfalhar esganiçado, praticamente inaudível na vastidão.

– Se vocês fazem guerra contra os insulares, fazem guerra contra o Rei Supremo e seu ministério – continuou avó Wexen. – Fazem guerra contra os inglings, os terra-baixenses, os throvenlandeses e os vansterlandeses, contra Grom-gil-Gorm, o Quebrador de Espadas, que, conforme previram, nenhum homem pode matar. – Ela apontou para o assassino do pai de Thorn ao lado da porta, que não parecia nem um pouco confortável sobre um dos grandes joelhos. – Fazem guerra até contra a Imperatriz do Sul, que apenas recentemente fez aliança conosco. – Avó Wexen abriu os braços para abarcar toda a vasta câmara e sua legião de ocupantes. Pai Yarvi e sua tripulação precária pareceram mesmo um bando débil diante deles. – Vocês fariam guerra contra meio mundo, gettlandeses?

Pai Yarvi sorriu como um simplório.

– Como somos fiéis servidores do Rei Supremo, seus muitos amigos poderosos só podem nos tranquilizar.

– Então diga ao seu tio para não brandir mais a espada. Se ele a desembainhar sem a bênção do Rei Supremo...

– O aço será minha resposta – completou o Rei Supremo, arregalando os olhos aquosos.

A voz da avó Wexen assumiu um tom cortante que fez os pelos da nuca de Thorn se eriçarem:

– E haverá um ajuste de contas que não é visto desde a Fragmentação do Mundo.

Yarvi se curvou tão baixo que quase encostou o nariz o chão.

– Ah, mais alto e mais generoso, quem desejaria ver essa fúria? Posso me levantar agora?

– Primeiro, mais uma coisa – disse uma voz suave vinda lá de trás.

Uma jovem caminhou até eles com passos rápidos. Era magra, de cabelo louro, com um sorriso frágil.

– Você conhece a irmã Isriun, não é? – perguntou avó Wexen.

Era a primeira vez que Thorn via Yarvi sem palavras.

– Eu... Você... entrou para o Ministério?

– É um bom lugar para os que foram arruinados e despossuídos. Você deveria saber. – Isriun pegou um pano e enxugou o sangue do canto da boca de Yarvi. Seu toque era suave, mas o olhar, nem um pouco. – Agora somos todos da

mesma família outra vez.

– Ela passou no teste há três meses sem errar uma única pergunta – comentou avó Wexen. – Já tem enorme conhecimento sobre o tema das relíquias.

Yarvi engoliu em seco.

– Imagine só.

– O dever mais solene do Ministério é protegê-las – acrescentou Isriun. – E proteger o mundo de uma segunda fragmentação. – Suas mãos finas remexeram uma na outra. – Você conhece Skifr, a ladra e assassina?

Yarvi piscou como se não entendesse a pergunta.

– Posso ter ouvido o nome...

– Ela está sendo procurada pelo Ministério. – A expressão de Isriun tinha ficado mais mortal ainda. – Porque entrou nas ruínas élficas de Strokom e tirou relíquias de lá.

Um som de espanto percorreu a câmara, um sussurro temeroso ecoou nas sacadas. As pessoas fizeram sinais sagrados sobre o peito, murmuraram orações, balançaram a cabeça em terror.

– Em que tempos estamos vivendo? – sussurrou pai Yarvi. – Vocês têm minha palavra solene: se eu ouvir ao menos o farfalhar da passagem de Skifr, meus pombos estarão com vocês no mesmo instante.

– É um tremendo alívio – disse Isriun. – Pois, se alguém firmasse um trato com ela, eu faria com que essa pessoa fosse queimada viva. – Ela torceu os dedos, apertando-os, ansiosa, até os nós ficarem brancos. – E você sabe quanto eu odiaria vê-lo queimar, Yarvi.

– Então também temos isso em comum. Posso partir agora, ó maior dos homens? – O Rei Supremo deu a impressão de menear a cabeça para o lado, possivelmente caindo no sono. – Vou aceitar isso como um sim.

Ele se levantou, acompanhado por Rulf e sua tripulação. Thorn foi a última, com esforço. Parecia estar sempre de joelhos quando era melhor ficar de pé, e de pé quando era melhor ficar de joelhos.

– Não é tarde demais para transformar o punho em mão aberta, pai Yarvi. – Avó Wexen balançou a cabeça com tristeza. – Houve uma época em que depositei grandes esperanças em você.

– Infelizmente, como a irmã Isriun pode lhe dizer, com frequência tenho sido uma triste decepção. – Havia apenas um quê de rispidez na voz de Yarvi enquanto ele se virava. – Luto todo dia para melhorar.

Lá fora, a chuva caía com força, transformando Skekenhouse numa sucessão de fantasmas cinzentos.

– Quem era aquela Isriun? – perguntou Thorn, apressando-se para alcançá-lo.

– Ela já foi minha prima. – Yarvi pareceu remoer algo. – Depois ficamos noivos. Depois ela jurou me ver morto.

Thorn arqueou as sobrancelhas.

– Você deve ser um amante e tanto.

– Nem todos podemos ter o seu toque suave. – Yarvi franziu a testa para ela. – Da próxima vez, talvez você possa pensar antes de saltar em minha defesa.

– O momento em que você fizer uma pausa será o momento da sua morte – murmurou Thorn.

– No momento em que você não fez, quase matou a todos nós.

Ela sabia que ele estava certo, mas aquilo ainda a incomodava.

– A situação poderia não ter chegado àquele ponto se você dissesse a eles que os insulares nos atacaram, e os vansterlandeses também, que eles não nos deram opção a não ser...

– Eles sabem disso muito bem. Foi avó Wexen que os mandou.

– Como você...

– Ela falou em tom trovejante com as palavras que não enunciou. Ela pretende nos esmagar e eu não posso mais mantê-la afastada.

Thorn esfregou as têmporas. Os ministros nunca pareciam dizer o que diziam.

– Se ela é nossa inimiga, por que simplesmente não nos matou enquanto estávamos ajoelhados?

– Porque avó Wexen não quer que seus filhos sejam mortos. Quer que obedeçam. Primeiro ela manda os insulares contra nós, depois os vansterlandeses. Espera nos atrair para uma ação impensada, e o rei Uthil está a ponto de fazer isso. Ela vai demorar para reunir suas forças, mas só porque tem forças demais para convocar. Com o tempo, enviará meio mundo contra nós. Se quisermos resistir a ela, precisamos de aliados.

– Onde vamos encontrar aliados?

Pai Yarvi sorriu.

– Entre nossos inimigos. Onde mais?

A malha de um morto

OS GAROTOS ESTAVAM reunidos.

Brand se deu conta de que os *homens* estavam reunidos. Ainda que não tivessem muita barba, se não eram homens agora que tinham passado nos testes e estavam em vias de fazer os juramentos, quando seriam?

Estavam reunidos pela última vez com mestre Hunnan, que lhes havia ensinado, testado e os martelara para moldá-los, assim como Brand costumava usar a marreta de ferro na forja de Gaden. Estavam na praia onde tinham treinado com frequência, mas agora as espadas não eram de madeira.

Usando o novo equipamento de guerra, estavam com olhos brilhantes e ofegantes ao pensar que navegariam para o primeiro ataque. Que deixariam o Pai Paz e iriam se entregar com toda a vontade e força à sua esposa de boca vermelha, a Mãe Guerra. Que ganhariam fama e glória, um lugar à mesa do rei e nas canções dos guerreiros.

Ah, e que voltariam ricos.

Alguns já estavam perfeitamente afivelados, como heróis, abençoados por famílias que lhes compravam ótimas cotas de malha, boas espadas e um equipamento novo e reluzente. Mesmo a considerando uma bênção que ele não merecia, Brand tinha apenas Rin, por isso havia apanhado a cota de malha emprestada com Gaden em troca de um décimo de tudo que conseguisse – a

malha de um morto, azinhavrada pelo uso, ajustada às pressas e ainda frouxa embaixo dos braços. Porém, seu machado era bom, confiável e afiado como uma navalha, e o escudo, para o qual havia economizado durante um ano, acabara de ser pintado por Rin com uma cabeça de dragão e parecia tão bom quanto o de qualquer outro.

– Por que um dragão? – perguntou Rauk, levantando uma sobrancelha zombeteira.

Brand riu, sem dar importância.

– Por que não um dragão?

Seria necessário mais do que o escárnio daquele idiota para estragar o dia de seu primeiro ataque.

E não era qualquer ataque. Era o maior na memória de qualquer pessoa viva. Maior até do que o liderado pelo rei Uthrik em Sagenmark. Brand ficou nas pontas dos pés de novo para ver os homens reunidos, estendendo-se pela praia, o metal brilhando ao sol e a fumaça das fogueiras manchando o céu. Cinco mil, dissera Hunnan, e Brand olhou para os dedos da mão, tentando pensar em cada um deles como mil homens. Isso o deixava tonto, como se estivesse olhando de uma altura enorme.

Cinco mil. Deuses, como o mundo devia ser grande!

Havia homens bem financiados por comerciantes ou mercadores e irmandades maltrapilhas afluindo das montanhas. Havia homens de expressão orgulhosa com punhos de espada prateados e homens de rosto sujo com lanças de sílex. Havia homens com toda uma vida de cicatrizes e homens que jamais

tinham derramado sangue.

Era algo que não se via frequentemente, e metade de Thorlby estava reunida nas encostas do lado de fora das muralhas da cidade para olhar. Havia mães e pais, esposas e filhos, que apareceram para ver seus rapazes e maridos e rezar pelo retorno deles em segurança e ricos. A família de Brand também estaria ali, sem dúvida – isto é, Rin. Ele cerrou os punhos, observando a ventania.

Brand a deixaria orgulhosa. Jurou que sim.

Parecia mais uma festa de casamento do que uma guerra, o ar denso de fumaça e empolgação, o clamor de canções, piadas e discussões. Tecelões de Orações serpenteavam pela multidão dando bênçãos em troca de pagamento, e mercadores teciam mentiras, dizendo que todos os grandes guerreiros levavam um cinto extra para a guerra. Não eram só os guerreiros que esperavam ganhar uma moeda com o ataque do rei Uthil.

– Por uma moeda de cobre o senhor será favorecido nas armas – garantiu uma mendiga, vendendo beijos da sorte. – Por mais uma o senhor será favorecido no clima também. Por uma terceira...

– Cale a boca – falou rispidamente mestre Hunnan, afugentando-a. – O rei vai falar.

Houve um estardalhaço de armas enquanto os homens se viravam para o oeste, em direção aos montes funerários de governantes mortos havia muito tempo, acima da praia, que se estendiam rumo ao norte, diminuindo até parecerem calombos.

O rei Uthil estava de pé, empertigado diante deles nas dunas, com o capim

comprido batendo nas botas. Acalentava a espada de aço cinza e simples suavemente, como se ela fosse uma criança doente. Ele não precisava de ornamentos além das cicatrizes de incontáveis batalhas no rosto. Não precisava de joias além do brilho selvagem no olhar. Ali estava um homem que não conhecia o medo nem a misericórdia. Ali estava um rei que qualquer guerreiro sentiria orgulho em seguir até a soleira da Última Porta e mais além.

Laithlin se encontrava ao lado dele, as mãos na barriga inchada, a chave dourada no peito, o cabelo dourado agitado como um estandarte, sem mostrar medo nem misericórdia, como o marido. Diziam que o ouro dela havia comprado metade daqueles homens e a maioria dos navios – e ela não era uma mulher que tira os olhos de seus investimentos.

O rei deu dois passos lentos e tranquilos à frente, deixando que o silêncio se estendesse, todos com a respiração presa, a empolgação crescendo até que Brand pudesse ouvir o próprio sangue pulsando nos ouvidos.

– Estou vendo alguns homens de Gettland? – rugiu ele.

Brand e seu pequeno grupo de guerreiros recém-cunhados tinham sorte de estar perto o suficiente para ouvi-lo. Mais adiante, os capitães de cada navio repassavam as palavras do rei às tripulações, os ecos soprados pelo vento ondulando na longa curva do litoral.

Um grande clamor irrompeu dos guerreiros reunidos, armas erguidas para a Mãe Sol numa floresta reluzente. Todos unidos, todos se sentindo parte daquilo. Todos prontos para morrer pelo homem ao lado. Brand só tinha uma irmã, mas naquele momento parecia ter cinco mil irmãos com ele na areia, uma doce

mistura de fúria e amor que marejava os olhos, aquecia o coração. Era um sentimento pelo qual valia a pena morrer.

Uthil levantou a mão pedindo silêncio.

– Como me agrada ver tantos irmãos! Sábios guerreiros velhos, testados com frequência no campo de batalha, e ousados jovens guerreiros, testados recentemente no quadrado. Todos reunidos por um bom motivo à vista dos deuses, à vista dos meus ancestrais. – Ele abriu os braços em direção aos montes funerários. – E será que eles já viram uma hoste tão poderosa?

– Não! – gritou alguém.

Soaram risos e outros fizeram coro, berrando loucamente “Não!”, até que o rei levantou a mão pedindo silêncio outra vez.

– Os insulares mandaram navios contra nós. Roubaram de nós e escravizaram nossas crianças, derramaram nosso sangue em nosso solo bom. – Um murmúrio de raiva teve início. – Foram eles que deram as costas ao Pai Paz, que abriram a porta para a Mãe Guerra, que a tornaram nossa convidada. – Os murmúrios se intensificaram, um animal rosnando que encontrou o caminho para a própria garganta de Brand. – Mas o Rei Supremo diz que nós, gettlandeses, não devemos ser bons anfitriões para a Mãe dos Corvos! O Rei Supremo diz que *nossas* espadas devem permanecer nas bainhas. O Rei Supremo diz que devemos suportar esses insultos em silêncio! Digam, homens de Gettland, qual deveria ser nossa resposta?

A palavra saiu de cinco mil bocas como um rugido ensurdecedor, a voz falha de Brand gritando junto:

– Aço!

– Sim. – Uthil aninhou a espada junto ao peito, apertando o punho contra a bochecha de rugas fundas como se fosse o rosto de uma amada. – O aço deve ser a resposta! Vamos levar um dia vermelho aos insulares, irmãos. Um dia cuja lembrança eles vão chorar!

Ele andou em direção à Mãe Oceano, seguido pelos capitães mais próximos e os guerreiros de sua guarda pessoal, homens com histórias e nomes famosos, a quem Brand sonhava se juntar um dia. Pessoas cujo nome ainda iria incomodar os bardos aglomerados no caminho do rei para ter um vislumbre dele, para tocar sua capa, receber seu olhar cinzento. Gritos soaram, “Rei de Ferro!” e “Uthil!”, até se transformarem num cântico, “Uthil! Uthil!”, cada batida marcada pelo choque firme das armas.

– É hora de escolher o futuro de vocês, rapazes.

Hunnan sacudiu uma sacola de lona cheia de fichas. Os garotos se apinharam ao redor, empurrando-se e roncando feito porcos na hora de comer. O mestre de armas enfiava os dedos nodosos dentro do saco e colocava os discos de madeira na palma das mãos ansiosas. Cada um tinha um símbolo esculpido, em referência aos animais nas proas dos muitos navios, dizendo a cada garoto – ou cada homem – a que capitão ele prestaria juramento, com que tripulação iria navegar, remar e lutar.

Os que recebiam as fichas as erguiam bem alto e gritavam em triunfo. Alguns discutiam sobre quem tinha conseguido o melhor navio ou o melhor capitão, outros riam e se abraçavam, descobrindo que o favor da Mãe Guerra os

fizera companheiros de remo.

Brand esperou, a mão estendida e o coração martelando. Inebriado de empolgação com as palavras do rei e o pensamento no ataque, em não ser mais um garoto, não ser mais pobre, não estar mais sozinho. Inebriado com a ideia de fazer o bem, de manter-se na luz e ter uma família de guerreiros sempre ao redor.

Esperou enquanto os colegas recebiam seus lugares – rapazes de quem gostava e de quem não gostava, bons e maus lutadores. Esperou enquanto as fichas minguavam e imaginou se estava sendo deixado para o fim porque ganhara um remo no próprio navio do rei, o lugar mais cobiçado. Quanto mais Hunnan o deixava para trás, mais ele se permitia ter esperança. Ele havia merecido, certo? Havia trabalhado para isso, não havia? Tinha feito o que um guerreiro de Gettland deveria fazer, não tinha?

Rauk foi o último, forçando um sorriso no rosto cabisbaixo quando Hunnan pegou uma ficha de madeira para ele na sacola, e não de prata. Então só restava Brand. Sua mão era a única estendida, os dedos trêmulos. Os garotos ficaram em silêncio.

Hunnan sorriu. Brand nunca o tinha visto sorrir e se pegou sorrindo também.

– Isto é para você – disse o mestre de armas, retirando devagar a mão cheia de cicatrizes de batalhas. Ao retirar a mão, exibiu...

Nada.

Nenhum brilho da prata do rei. Nem madeira. Só a sacola vazia, virada pelo avesso para mostrar a costura malfeita.

– Você achou que eu não iria saber? – perguntou Hunnan.

Brand deixou a mão pender. Todos os olhos estavam voltados para ele. Sentiu as bochechas ardendo como se tivesse levado um tapa.

– Saber o quê? – murmurou, apesar de saber muito bem.

– Que você falou com aquele aleijado do Yarvi sobre o que aconteceu no meu quadrado de treino.

Silêncio. As entranhas de Brand pareciam ter despencado.

– Thorn não é assassina – conseguiu dizer.

– Edwal está morto e ela o matou.

– O senhor determinou um teste no qual ela não poderia passar.

– Eu determino os testes. Passar neles fica por conta de vocês. E você fracassou neste.

– Eu fiz o que era certo.

As sobrancelhas de Hunnan se arquearam. Não de raiva, mas de surpresa.

– Diga isso a você mesmo, se ajudar. Mas eu preciso olhar o meu lado. A coisa certa para os homens que ensino a lutar. No quadrado de treino, nós colocamos uns contra os outros, mas no campo de batalha vocês precisam estar juntos, e Thorn Bathu luta contra todo mundo. Homens teriam morrido para que ela pudesse brincar com espadas. Eles estão melhor sem ela. E estão melhor sem você.

– A Mãe Guerra escolhe quem luta – replicou Brand.

Hunnan apenas deu de ombros.

– Então ela pode encontrar um navio para você. Você é um bom lutador, Brand, mas não é um bom homem. Um bom homem apoia o homem ao lado.

Um bom homem sustenta a linha.

Talvez Brand devesse ter rosnado “isso não é justo”, como Thorn havia feito quando Hunnan destruíra suas esperanças. Só que ele não era de falar muito e, naquele momento, estava sem palavras. Nenhuma raiva quando precisava dela. Não emitiu sequer um guincho de camundongo enquanto Hunnan se afastava. Nem mesmo cerrou os punhos enquanto os rapazes seguiam o mestre de armas em direção ao mar. Os rapazes com quem ele havia treinado nos últimos dez anos.

Alguns o olhavam com desprezo, outros com surpresa. Um ou dois até lhe deram um tapinha no ombro, lamentando ao passar. Todos desceram a praia rumo às ondas que quebravam e aos postos obtidos arduamente nos navios que balançavam ali. Rumo aos seus juramentos de lealdade, ao ataque com que Brand havia sonhado durante toda a vida. Rauk foi o último, uma das mãos frouxa no punho de sua espada nova e bem forjada, sorrindo por cima do ombro.

– Vejo você quando voltarmos.

Brand ficou sozinho por um longo tempo, imóvel. Sozinho em sua malha emprestada. As gaivotas gritavam por cima daquela vastidão de areia, marcada pelas pegadas dos homens que ele havia considerado irmãos. Sozinho, muito depois de o último navio ter se afastado mar adentro, levando suas esperanças embora.

É isso o que acontece com as esperanças.

Veneno

AQUELA QUE CANTA O VENTO cantou um vento infernal na volta de Skekenhouse e eles foram levados por léguas para fora do rumo.

Remavam como fúrias enquanto Rulf rugia palavrões contra eles até a rouquidão, até os remos se embolarem e cada um deles respirar feito um peixe, encharcado com os borrifos salgados da Mãe Oceano. Thorn ficou extremamente aterrorizada, mas exibia uma expressão corajosa, claro. Todas as caras que tinha eram de coragem, ainda que aquela fosse verde. As sacudidas do navio, que parecia um cavalo chucro, logo a deixaram enjoada como nunca na vida. Era como se tudo que já tivesse comido fosse lançado sobre a amurada, o remo, os joelhos, metade disso saindo pelo nariz.

Thorn também tinha uma bela tempestade soprando por dentro. A inebriante onda de gratidão por receber a vida de volta se afastara em pouco tempo e a deixou remoendo a verdade amarga de que havia trocado um futuro como guerreira orgulhosa pelo de escrava de ministro, presa pelo próprio juramento apressado, com propósitos que pai Yarvi não tinha intenção de revelar.

Para piorar ainda mais, podia sentir o período de sangue chegando e suas entranhas eram golpeadas por dores, os seios estavam doloridos e ela sentia uma fúria maior ainda do que a normal. Os risos de zombaria da tripulação diante de seus vômitos podiam tê-la impelido ao assassinato se conseguisse desgrudar os

dedos que seguravam o remo num aperto mortal.

Assim, foi com pernas bambas que ela cambaleou para o cais em Yaletoft, as pedras de Throvenland cheias de poças da tempestade da noite brilhando ao sol da manhã. Foi andando pela multidão com os ombros encolhidos junto às orelhas, cada grito de vendedor ambulante e cada chamado de gaivota, cada chacoalhar de carroça e cada estalo de carrinho de mão eram uma faca se cravando nela. Os tapas exageradamente calorosos nas costas e os risinhos dos homens que deveriam ser seus companheiros a cortavam mais fundo ainda.

Sabia o que eles estavam pensando: *O que você espera quando coloca uma garota no lugar de um homem?* Ela murmurava palavrões e jurava vinganças elaboradas, mas não ousava levantar a cabeça para não vomitar de novo.

Que tremenda vingança seria...

– Não vomite na frente do rei Fynn – disse Rulf enquanto se aproximavam do castelo alto, cujas poderosas traves do teto eram maravilhosamente esculpidas e douradas. – Ele é conhecido pelo temperamento violento.

Porém, foi a ministra de Fynn, mãe Kyre, que os recebeu nos doze degraus, cada um deles cortado numa peça de mármore de cor diferente. Era uma mulher bonita, alta e magra, com um sorriso fácil que não chegava aos olhos. Fazia Thorn se lembrar da mãe, o que já significava um ponto negativo. Thorn confiava em pouquíssimas pessoas: sorrisos fáceis quase nunca eram uma característica delas, e nenhuma se parecia com sua mãe.

– Saudações, pai Yarvi – disse a bela ministra do rei Fynn. – Você é sempre bem-vindo em Yaletoft, mas infelizmente o rei não pode recebê-lo.

– Temo que você o tenha aconselhado a não me receber – respondeu pai Yarvi, plantando uma bota molhada no degrau mais baixo. Mãe Kyre não negou. – Será que posso ver a princesa Skara? Ela não devia ter mais de 10 anos quando nos encontramos pela última vez. Na época éramos primos, antes que eu fizesse o Teste Ministerial...

– Mas você fez o teste e abriu mão de toda a sua família, sem contar o Ministério, assim como eu. De qualquer modo, a princesa está fora.

– Temo que você a tenha mandado para longe quando soube que eu vinha.

Mãe Kyre também não negou.

– Avó Wexen me mandou uma águia e sei por que você está aqui. Não deixo de simpatizar.

– Sua simpatia é doce, mãe Kyre, mas a ajuda do rei Fynn com relação ao problema que se avizinha seria muito mais doce. Ela poderia acabar totalmente com o problema.

Mãe Kyre se retraiu como faz alguém que não tem intenção de ajudar. Como a mãe de Thorn costumava se encolher quando ela falava em suas esperanças de ser heroína.

– Você sabe que meu senhor ama você e a sobrinha dele, a rainha Laithlin. Sabe que nós ficaríamos contra meio mundo para estar ao lado de vocês. Contudo, também sabe que ele não pode contrariar os desejos do Rei Supremo. – Era um mar de palavras, aquela mulher, porém assim eram os ministros. Pai Yarvi nem de longe falava de modo direto. – Por isso ele me mandou, rasgado de pesar, para lhe negar audiência, mas oferecer humildemente comida, calor e

abrigo sob o teto dele a todos vocês.

Exceto pela comida, essa perspectiva pareceu bastante boa para Thorn.

O castelo do rei Fynn era chamado de Floresta porque tinha um bosque de colunas grandiosas, supostamente trazidas flutuando pelo rio Divino desde Kalyiv, esculpidas e pintadas com cenas da história de Throvenland. Um pouco menos bonitos eram os inúmeros guardas, que olhavam atentamente a tripulação maltrapilha do *Vento Sul* passar arrastando os pés. Thorn era a mais maltrapilha de todos, apertando a barriga dolorida.

– Nossa recepção em Skekenhouse foi... pouco calorosa. – Yarvi se inclinou para perto de mãe Kyre e Thorn ouviu seu sussurro: – Se eu não conhecesse a situação, poderia dizer que estou correndo perigo.

– Nenhum perigo irá encontrá-lo aqui, pai Yarvi, garanto.

Mãe Kyre indicou dois dos guardas menos tranquilizadores que Thorn já vira, flanqueando a porta para uma sala comum que fedia a fumaça rançosa.

– Aqui vocês têm água. – Ela apontou para um barril, como se fosse o presente mais elevado. – Escravos trarão comida e cerveja. Um cômodo está sendo preparado para a sua tripulação dormir. Sem dúvida todos vocês irão querer zarpar com o primeiro vislumbre da Mãe Sol, para aproveitar a maré e levar suas notícias ao rei Uthil.

Yarvi, infeliz, coçou o cabelo louro com o dorso da mão torta.

– Parece que você pensou em tudo.

– Um bom ministro está sempre preparado.

Mãe Kyre fechou a porta ao sair e só faltou virar uma chave para caracterizá-

los como prisioneiros.

– Uma recepção tão calorosa quanto você achou que teríamos – grunhiu Rulf.

– Fynn e sua ministra são tão previsíveis quanto o Pai Lua. Eles são cautelosos. Afinal de contas, vivem à sombra do poder do Rei Supremo.

– É uma sombra comprida – disse Rulf.

– E aumenta de tamanho o tempo todo. Você está meio verde, Thorn Bathu.

– Estou enjoada de decepção por não encontrar aliados aqui em Throvenland.

Pai Yarvi exibia um sorriso minúsculo.

– Veremos.

Os olhos de Thorn se abriram bruscamente em meio à escuridão completa. Estava gelada de suor embaixo do cobertor. Chutou-o longe, sentiu a umidade pegajosa de sangue entre as pernas e sibilou um palavrão.

Ao seu lado, Rulf roncou bem forte e rolou de lado. Ela podia ouvir o resto da tripulação respirando, remexendo-se, murmurando no sono, todos espremidos em colchões sujos, juntos como peixes frescos em dia de feira.

Não tinham tomado providências especiais para Thorn, e ela não havia pedido. Não queria providência nenhuma, exceto um pano limpo dentro das calças, claro.

Foi cambaleando pelo corredor, o cabelo emaranhado e as entranhas contraídas, o cinto aberto com a fivela batendo nas coxas e uma das mãos dentro das calças para ver a gravidade do sangramento. Tudo de que precisava para

completar as zombarias era de uma grande mancha em volta da virilha... Xingou Aquela que Germina a Semente por infligir essa coisa idiota sobre ela, xingou as mulheres idiotas que achavam que isso era algo a ser comemorado, dentre elas sua mãe idiota, e xingou...

Havia um homem nas sombras do salão comum.

Estava vestido de preto, parado perto do tonel de água. Numa das mãos segurava a tampa. Na outra, um pequeno frasco. Como se tivesse acabado de derramar algo ali dentro. O lugar só estava iluminado por uma vela que pingava cera. Ele era muito vesgo, mas Thorn teve a nítida sensação de que o sujeito olhava diretamente para ela.

Os dois ficaram parados, ele com o frasco acima da água, ela com a mão dentro da calça, então o homem perguntou:

– Quem é você?

– Quem eu sou? Quem é você?

Saiba onde está sua arma mais próxima, costumava dizer o pai, e os olhos dela se viraram depressa para a mesa onde os restos da refeição noturna estavam espalhados. Uma faca de refeição estava cravada na madeira, a lâmina curta brilhando fracamente. Não era uma lâmina de herói, mas quando se é surpreendida à noite com o cinto aberto, você se vira como pode.

Tirando a mão da calça aos poucos, foi devagar na direção da mesa e da faca. O homem afastou o frasco lentamente, o olhar fixo nela, ou pelo menos em algum lugar perto dela.

– Você não deveria estar aqui – disse ele.

– *Eu* não deveria? O que você está colocando na nossa água?

– O que você está fazendo com essa faca?

Ela arrancou-a da mesa e estendeu-a, um tanto trêmula, com a voz aguda.

– Isso é veneno?

O homem jogou a tampa do barril no chão e foi até ela.

– Não faça nenhuma idiotice, garota.

Enquanto ele se virava, ela viu que o sujeito levava a mão direita ao cabo de uma espada na cintura.

Talvez Thorn tenha entrado em pânico. Ou talvez pensasse com mais clareza do que nunca. Antes que percebesse, saltou até ele, agarrou seu pulso com uma das mãos e, com a outra, cravou a faca no peito dele.

Não foi difícil. Muito mais fácil do que pensava.

Ele soltou a respiração num chiado, com no máximo um quarto da espada fora da bainha, os olhos mais vesgos do que nunca, tentando agarrar o ombro dela.

– Você...

O homem despencou de costas, puxando-a junto. Thorn empurrou a mão frouxa dele para longe e se levantou com dificuldade. As roupas pretas do desconhecido ficaram mais escuras ainda, encharcadas de sangue, com a faca de refeição enfiada no coração até o cabo.

Ela fechou os olhos com força, mas quando os abriu ele ainda estava ali.

Não era um pesadelo.

– Ah, deuses... – sussurrou.

– Eles raramente ajudam. – Pai Yarvi estava parado junto à porta, os olhos semicerrados. – O que aconteceu?

– Ele estava com veneno – murmurou Thorn, apontando debilmente para o frasco tombado. – Ou... eu acho que estava...

O ministro se agachou ao lado do morto.

– Você tem o hábito de matar pessoas, Thorn Bathu.

– Isso é uma coisa ruim – disse ela com uma vozinha.

– Depende de quem você mata. – Yarvi se levantou devagar, olhou ao redor, foi até ela e examinou seu rosto. – Ele bateu em você?

– Bom... não...

– Bateu, sim.

Ele lhe deu um soco na boca e ela caiu esparramada na mesa enquanto Yarvi escancarava a porta.

– Sangue derramado no castelo do rei Fynn! Às armas! Às armas!

Primeiro chegou Rulf, que olhou na direção do cadáver e falou baixinho:

– Que beleza.

Então vieram os guardas, que se surpreenderam ao ver o corpo e pegaram em armas. Depois chegaram os tripulantes, que balançaram as cabeças desgrenhadas, coçaram os queixos barbados e murmuraram orações.

E enfim o rei Fynn apareceu.

Thorn havia circulado em meio aos poderosos desde que matara Edwal. Tinha encontrado cinco ministros e três reis, um deles Supremo, e o único a impressioná-la era o que matara seu pai. Fynn poderia ser famoso pela raiva,

mas a primeira coisa que impressionou a garota foi como o rei de Throvenland era um homem de formato estranho. Seu queixo se fundia ao pescoço, o pescoço aos ombros, os ombros à barriga, os cabelos grisalhos esparsos e desalinhados.

– Ficar de joelhos não é o seu ponto forte, não é? – sibilou Rulf, puxando Thorn para baixo, junto com todos os outros. – E, pelo amor dos deuses, feche o seu cinto!

– O que aconteceu aqui? – rugiu o rei, espirrando cuspe nos guardas, que se encolheram.

Thorn manteve os olhos voltados para baixo enquanto remexia na fivela. Dessa vez o apedrejamento parecia inevitável. Certamente para ela. Talvez para o resto da tripulação também. Viu a expressão deles. *É isso que acontece quando se dá uma arma a uma garota. Até mesmo uma arma pequena.*

Mãe Kyre, imaculada até mesmo nas roupas de dormir, segurou o frasco caído com o polegar e o indicador, cheirou-o e franziu o nariz.

– Argh! É veneno, meu rei.

– Pelos deuses! – Yarvi pôs a mão no ombro de Thorn, a mesma com a qual havia lhe dado o soco. – Não fosse o pensamento rápido desta garota, eu e minha tripulação poderíamos ter passado pela Última Porta antes do amanhecer.

– Vasculhem cada canto do meu castelo! – gritou o rei Fynn. – Descubram como esse desgraçado entrou!

Um guerreiro que tinha se ajoelhado para revistar as roupas do morto estendeu a mão com algo de prata brilhando na palma.

– Moedas, meu rei. Cunhadas em Skekenhouse.

– Ultimamente há coisas demais de Skekenhouse no meu castelo. – As papadas trêmulas de Fynn estavam tingidas de rosa. – Moedas da avó Wexen, águias da avó Wexen, exigências da avó Wexen. Exigências a mim, rei de Throvenland.

– Mas pense no bem-estar do seu povo, meu rei – interveio mãe Kyre, ainda agarrando-se ao seu sorriso, porém agora ele mal tocava a boca, quanto mais os olhos. – Pense no Pai Paz, Pai dos Pombos, que transforma o punho...

– Já suportei muitas indignidades em nome do Pai Paz. – O rubor havia se espalhado para as bochechas do rei Fynn. – Houve um dia em que o Rei Supremo era o primeiro dentre irmãos. Agora ele dá ordens de pai. Como os homens devem lutar. Como as mulheres devem comerciar. Como todos devem rezar. Templos à Divindade Única brotam por toda Throvenland como cogumelos depois das chuvas, e eu segurei a língua!

– E foi sábio ao fazer isso – disse mãe Kyre –, e seria sábio se...

– Agora avó Wexen manda assassinos à minha terra?

– Meu rei, não temos prova nenhuma...

Fynn interrompeu a ministra com um grito, o rosto pastoso passando do rosado ao carmim flamejante.

– À minha própria casa? Para envenenar meus hóspedes? – Ele cutucou o cadáver com um dedo qua parecia uma salsicha. – Embaixo do meu teto e sob minha proteção?

– Eu aconselharia cautela...

– Você sempre aconselha isso, mãe Kyre, mas há um limite para a minha

leniência, e o Rei Supremo o ultrapassou! – Agora com o rosto totalmente roxo, ele segurou a mão boa de pai Yarvi. – Diga à minha amada sobrinha Laithlin e ao seu honrado esposo que em mim eles têm um amigo. Um amigo, custe o que custar! Eu juro!

Mãe Kyre não tinha um sorriso fácil para esse momento, mas pai Yarvi tinha.

– Sua amizade é tudo que eles pedem.

Ele ergueu alto a mão do rei Fynn.

Os guardas gritaram comemorando essa aliança inesperada entre Throvenland e Gettland com alguma surpresa, a tripulação do *Vento Sul* com grande alívio, e Thorn Bathu sem dúvida deveria ter aplaudido mais alto do que todos. Matar um homem por acidente a havia transformado em vilã. Matar outro de propósito fizera dela uma heroína.

Porém, tudo que pôde fazer foi franzir a testa para o cadáver enquanto o arrastavam para fora, sentindo que havia algo muito estranho em tudo aquilo.

Perdido e encontrado

BRAND ESTAVA MUITO bêbado.

Ultimamente isso acontecia com frequência.

Descarregar navios nas docas foi o melhor trabalho que pôde encontrar e um dia como aquele dava muita sede, sem dúvida. Por isso tinha começado a beber e descobrira que possuía um grande dom para a coisa. Parecia ter herdado algo do pai, afinal de contas.

O ataque fora um enorme sucesso. Os insulares tinham tanta certeza de que o favor do Rei Supremo iria protegê-los que os gettlandeses os pegaram totalmente desprevenidos: metade de seus navios foi capturada e metade foi queimada. Brand vira os guerreiros subirem as ruas sinuosas de Thorlby com um andar pretensioso ao desembarcarem, carregados com o botim e cobertos de glória, aplaudidos em cada janela. Ouviu dizer que Rauk tomou dois escravos e Sordaf conseguiu uma argola de prata. Uthil teria arrastado o velho rei Styr nu para fora do castelo, obrigando-o a se ajoelhar e fazer um juramento solar e um lunar de que jamais desembainharia uma espada contra um gettlandês.

Todas essas eram notícias de heroísmo, como que saídas das canções, e não há nada melhor que o sucesso dos outros para fazer com que nossos fracassos sejam mais dolorosos ainda.

Brand descia o caminho torto de um beco, entre algumas casas, e gritava

para as estrelas. Alguém gritou de volta. Talvez das estrelas, talvez de uma janela. Ele não se importava. Não sabia aonde ia. Isso não parecia mais ter importância.

Estava perdido.

– Estou preocupada – dissera Rin.

– Tente ter todos os seus sonhos roubados – cuspira ele.

O que ela poderia responder?

Ele tentou lhe devolver a adaga.

– Não preciso dela e não a mereço.

– Eu a fiz para você. Sinto orgulho de você, independentemente de qualquer coisa.

Nada a fazia chorar, mas naquele momento ela estava com os olhos marejados e as lágrimas doíam mais do que qualquer surra que ele já havia levado – e foram muitas.

Por isso, pedia para Fridlif encher seu copo de novo. E de novo. E ela balançava a cabeça grisalha ao ver a vida de um jovem desperdiçada, mas não era a primeira vez. Encher copos era o que sempre fazia.

Pelo menos quando estava bêbado, Brand podia fingir que a culpa era dos outros: Hunnan, Thorn, Rauk, pai Yarvi, os deuses, as estrelas lá em cima, as pedras sob seus pés. Sóbrio, Brand costumava pensar que ele próprio havia causado tudo aquilo.

Cambaleando, trombou numa parede no escuro. – Eu fiz o bem!

Deu um soco na parede e errou – o que foi uma sorte. Acabou caindo na

sarjeta – o que não foi sorte nenhuma. Terminou vomitando nas mãos.

– Você é Brand?

– Era – respondeu ele, balançando para a frente e para trás, vendo a silhueta de um homem, ou talvez dois.

– O mesmo Brand que treinava com Thorn Bathu?

Ele fungou, mas a fungada tinha gosto de vômito e quase o vez regurgitar outra vez.

– Infelizmente.

– Então isso é para você.

A água fria bateu em seu rosto e ele gorgolejou. Ao tentar se levantar, escorregou na sarjeta. Um balde vazio rolou nas pedras do calçamento. Brand tirou o cabelo molhado do rosto e viu um facho de luz de lampião cruzando um rosto enrugado e barbudo com cicatrizes.

– Eu deveria lhe dar um soco por causa disso, velho desgraçado – vociferou, mas não parecia valer o esforço de se levantar.

– Mas aí eu bateria em você, e um rosto quebrado não acabaria com os seus problemas. Eu sei. Já tentei isso. – O velho pôs as mãos nos joelhos e se inclinou para perto. – Thorn falou que você era o melhor com quem ela costumava treinar. Você não me parece o melhor de nada, garoto.

– O tempo não foi gentil.

– O tempo nunca é. Mesmo assim, um guerreiro continua lutando. Achei que você fosse um guerreiro.

– Era.

O velho estendeu a mão larga.

– Ótimo. Meu nome é Rulf e tenho uma luta para você.

TINHAM TRANSFORMADO O armazém num quadrado de treino iluminado por tochas, com cordas nas tábuas velhas do piso marcando o limite. Não havia uma plateia tão grande quanto aquela com a qual Brand estava acostumado, mas os poucos presentes o fizeram sentir vontade de vomitar outra vez.

Numa banqueta, com a chave do Tesouro brilhando no peito, estava sentada Laithlin, a Rainha Dourada de Gettland. Ao lado, o homem que um dia fora seu filho e agora era seu ministro, pai Yarvi. Atrás deles estavam quatro escravos com argolas de prata no pescoço – dois inglings enormes com machado no cinto e carranca no rosto de pedra, e duas jovens parecidas como metades de uma noz, cada qual com tranças tão compridas que se enrolavam num dos braços.

Encostada na parede oposta, com uma bota apoiada na alvenaria e aquele sorriso zombeteiro nos lábios, estava a companheira de luta de quem Brand menos gostava: Thorn Bathu.

E o estranho era que, mesmo tendo passado longas horas bêbado culpando-a por todos os sofrimentos, Brand estava feliz em vê-la. Mais feliz do que estivera em muito tempo. Não porque gostasse tanto assim da garota, mas porque ela o lembrava de um tempo em que ele gostava de si mesmo. De quando podia vislumbrar um futuro agradável. De quando suas esperanças eram grandiosas e o mundo parecia cheio de ousadia.

– Achei que você nunca fosse chegar.

Ela enfiou os braços nas tiras de um escudo e pegou uma espada de madeira.

– Achei que tivessem apedrejado você – disse Brand.

– Ainda é uma possibilidade – observou pai Yarvi.

Rulf empurrou Brand entre as omoplatas e o mandou cambaleando para dentro do quadrado.

– Anda, garoto.

Brand sabia que não tinha a mente mais rápida e, nesse momento, estava longe de sua maior agilidade, mas captou o sentido geral. Andou quase em linha reta até as armas de treino e escolheu uma espada e um escudo. Tinha uma sensação aguda de que os olhos frios da rainha avaliavam cada movimento seu.

Thorn já estava ocupando seu lugar.

– Você está lamentável.

Brand olhou para a própria túnica, encharcada e meio manchada de vômito, e foi obrigado a concordar.

– É.

O franzido na boca de Thorn se retorceu num sorriso de desprezo.

– Você não me dizia que ia ficar rico depois do primeiro ataque?

Essa doeu.

– Eu não fui.

– Não imaginei que você fosse covarde.

Essa doeu mais ainda. Ela sempre soubera ferir Brand.

– Não fui escolhido – grunhiu ele.

Thorn explodiu numa gargalhada, sem dúvida se exibindo diante da rainha.

Ela jamais se cansava de dizer quanto admirava aquela mulher.

– Aqui estava eu, cheia de inveja, esperando você todo soberbo feito um herói, e o que encontro, além de um mendigo bêbado?

Brand sentiu uma raiva fria cortando o efeito da bebida com mais eficácia do que qualquer água gelada. Verdade, ele já havia mendigado bastante. Mas as coisas verdadeiras são as que mais doem.

Thorn ainda estava rindo da própria esperteza.

– Você sempre foi idiota. Hunnan roubou meu lugar. Como você jogou o seu fora?

Brand gostaria de contar a ela o que acontecera. Gostaria de gritar na cara dela, mas não conseguia pôr as palavras para fora porque tinha começado a rosnar feito um animal, mais e mais alto, até que o recinto pulsava junto, o peito zumbindo, os lábios repuxados, o maxilar tão trincado que os dentes pareciam a ponto de se despedaçar. Thorn franzia a testa por cima da borda do escudo como se ele tivesse enlouquecido. Talvez tivesse.

– Comecem! – gritou Rulf, e ele já estava em cima de Thorn, empurrando a espada dela para longe, golpeando com tanta força que arrancou lascas do seu escudo.

Ela girou rápido, sempre mortalmente veloz. Ele tinha aberto espaço suficiente para um golpe giratório; dessa vez não iria hesitar.

Brand fez o golpe resvalar no ombro, mal o sentiu, berrou enquanto avançava cegamente, fazendo-a cambalear para trás, as bordas dos escudos raspando juntas, quase a erguendo. Thorn tropeçou na corda e se chocou contra a

parede. Tentou soltar a espada, mas Brand ainda estava com ela presa, inútil, em cima do ombro. Ele segurou o escudo dela com a mão esquerda e o puxou para baixo. Perto demais para armas, Brand jogou longe a espada de treino e começou a dar socos, pondo neles toda a raiva e a decepção, como se ela fosse Hunnan, Yarvi e todos aqueles supostos amigos que se esmeraram em não fazer nada, roubando seu lugar, roubando seu futuro.

Acertou-a na cintura e ouviu-a grunhir, acertou-a de novo e ela se dobrou, os olhos arregalados, acertou-a de novo e ela caiu com força aos seus pés, tossindo, com ânsias de vômito. Estava prestes a chutá-la quando Rulf o agarrou pelo pescoço com o braço grosso e o puxou para trás.

– Acho que já é o bastante.

– É – murmurou ele, relaxando. – Mais do que o bastante.

Soltou o escudo do braço, subitamente chocado com o que tinha feito, nem um pouco orgulhoso, sabendo muitíssimo bem como era levar uma surra daquelas. Talvez houvesse herdado aquilo também do pai. Não se sentiu na luz nesse momento. Não mesmo.

Enquanto Thorn tossia e babava, Laithlin soltou um longo suspiro e girou em sua banqueta.

– Eu estava me perguntando quando você iria chegar.

E só então Brand notou outra pessoa olhando, o corpo frouxo nas sombras de um canto, usando uma capa feita de trapos em todos os tons de cinza.

– Sempre quando sou mais necessária e menos esperada. – Uma voz de mulher saiu de dentro do capuz, com um sotaque estranho. – Ou com fome.

– Você viu? – perguntou Yarvi.

– Tive o privilégio questionável.

– O que achou?

– Ela é deplorável. É toda orgulho e raiva. Tem confiança de mais e de menos. Não se conhece.

A figura puxou o capuz para trás. Era uma velha negra com o rosto esquelético e o cabelo raspado até uma penugem grisalha. Depois de enfiar um dedo comprido no nariz, tirou-o, examinou-o com atenção e jogou a sujeira longe com um peteleco.

– A garota é idiota feito um toco de árvore. Ou até pior: a maioria dos tocos tem a dignidade de apodrecer discretamente, sem ofender.

– Eu estou aqui – conseguiu sibilar Thorn, ainda de quatro.

– Bem onde o garoto bêbado a colocou. – A mulher lançou um sorriso para Brand, um sorriso que parecia ter dentes demais. – Mas eu gosto dele, é bonito e está desesperado. Minha combinação favorita.

– Algo pode ser feito com ela? – indagou Yarvi.

– Algo sempre pode ser feito, se houver esforço suficiente. – A mulher se afastou da parede. Tinha um modo estranhíssimo de caminhar, retorcendo-se, estremecendo, saltitando, como se dançasse ao som de uma música que só ela podia ouvir. – Quanto você pagaria para eu desperdiçar meu esforço com essa carcaça sem valor? Essa é a questão. Você já me deve, afinal de contas.

Um braço comprido serpenteou para fora da capa com algo na mão. Era uma caixa aproximadamente do tamanho da cabeça de uma criança – preta, quadrada,

perfeita, com letras douradas na tampa. O olhar de Brand foi atraído para aquilo. Precisou se esforçar para não se aproximar, não olhar mais de perto. Thorn também estava olhando. E Rulf. E os escravos da rainha. Todos ao mesmo tempo fascinados e amedrontados, como se estivessem diante um ferimento terrível. Nenhum deles sabia ler, claro, mas não era necessário ser ministro para saber que aquelas letras na caixa eram élficas. Letras escritas antes da Fragmentação da Divindade.

Pai Yarvi engoliu em seco e, com o dedo da mão aleijada, abriu a caixa. O que quer que houvesse dentro, emitia uma luz pálida. Uma luz que destacava as reentrâncias do rosto do ministro enquanto sua boca se abria; que refletia os olhos arregalados da rainha Laithlin – um momento atrás, Brand havia pensado que nada poderia surpreendê-la.

– Pelos deuses – sussurrou ela. – Você conseguiu.

A mulher fez uma reverência extravagante, com a bainha da capa levantando poeira do piso do armazém.

– Eu entrego o que prometo, minha rainha, a mais dourada de todas.

– Então isso ainda funciona?

– Devo fazê-la funcionar?

– Não – interveio pai Yarvi. – Faça funcionar para a Imperatriz do Sul, não antes.

– Existe a questão de...

Sem afastar o olhar da caixa, a rainha estendeu um papel dobrado.

– Todas as suas dívidas estão canceladas.

– Era mesmo o que eu tinha em mente. – A mulher franziu a testa enquanto pegava o papel entre dois dedos. – Já fui chamada de feiticeira, mas aqui de fato há feitiçaria: pôr tamanho peso em ouro num pedaço de papel.

– Nós vivemos tempos que mudam – murmurou pai Yarvi, fechando a caixa bruscamente e ocultando a luz. Só então Brand percebeu que estivera prendendo a respiração, e a soltou devagar. – Arranje uma tripulação para nós, Rulf. Você sabe de que tipo.

– Dura, imagino – disse o velho guerreiro.

– Remadores e lutadores. Párias e desesperados. Homens que não esmoreçam ao pensar em sangue ou ao vê-lo. A jornada é longa e os riscos não poderiam ser maiores. Quero homens que não tenham nada a perder.

– Meu tipo de tripulação! – A mulher bateu na coxa. – Sou a primeira a me alistar!

Passando entre os bancos, foi até Brand. Por um momento, sua capa de trapos se abriu e ele viu o brilho de aço.

– Posso lhe pagar uma bebida, meu rapaz?

– Acho que o garoto já bebeu o suficiente. – Os olhos cinzentos de Laithlin estavam voltados para ele, assim como os olhos de seus quatro escravos. Brand engoliu em seco, com gosto de vômito na boca subitamente muito seca. – Apesar de meu primeiro marido ter me dado dois filhos, pelos quais sempre serei grata, ele bebia demais. Isso estraga um homem ruim e arruína um homem bom.

– Eu... decidi parar, minha rainha – murmurou Brand.

Nesse momento soube que não voltaria a beber cerveja, a mendigar ou a

carregar peso nas docas.

A mulher negra estufou as bochechas, desapontada, enquanto ia até a porta.

– Hoje em dia os jovens não têm ambição.

Laithlin a ignorou.

– O modo como você luta me lembra um velho amigo.

– Obrigado...

– Não agradeça. Eu precisei matá-lo.

Com isso, a rainha de Gettland saiu, seguida pelos escravos.

– Tenho uma tripulação a reunir. – Rulf pegou Brand por baixo do braço. – E sem dúvida a sarjeta está sentindo sua falta...

– Ela vai se virar sem mim.

Rulf era forte, mas Brand não se permitiu ser movido. Havia relembrado a sensação de lutar e a sensação de vencer, e tinha mais certeza de qual era a coisa certa a fazer do que jamais tivera na vida.

– A sorte está do seu lado, velho: você tem um a menos para procurar.

Rulf bufou.

– Não é um passeio de dois dias, garoto, nem um ataque às Ilhas. Nós vamos subir o rio Divino e descer o Renegado, passar por cima dos árduos arrastos e ir mais além. Precisamos falar com o príncipe de Kalyiv. E depois pedir audiência com a Imperatriz do Sul na Primeira Cidade! Há todos os tipos de perigo nessa jornada, mesmo se você não estivesse buscando aliados contra o homem mais poderoso do mundo. Vamos passar meses fora. Se é que voltaremos.

Brand engoliu em seco. Eram perigos, sem dúvida, mas também

oportunidades. Homens ganhavam a glória no Divino. Homens ganhavam fortunas indo além dele.

– Você precisa de remadores? Eu posso remar. Precisa carregar peso? Eu posso carregar. Precisa de lutadores? – Brand meneou a cabeça na direção de Thorn, que tinha conseguido se levantar, encolhendo-se, enquanto massageava as costelas doloridas. – Eu sei lutar. Quer homens que não tenham nada a perder? Não precisa procurar mais.

Rulf abriu a boca, mas pai Yarvi falou antes dele:

– A trajetória pode ser difícil, mas precisamos aplainar o caminho para o Pai Paz. Precisamos encontrar aliados. – O ministro assentiu para Brand de forma quase imperceptível. – É bom ter a bordo um homem que pense um pouco em fazer o bem. Dê-lhe uma ficha, Rulf.

O velho guerreiro coçou a barba grisalha.

– Seu lugar vai ser o mais baixo, garoto. O pior trabalho em troca das menores recompensas. O remo de trás. – Ele virou a cabeça para Thorn. – Do lado oposto àquela coisa.

Thorn fixou um olhar longo e duro em Brand e cuspiu, mas isso só o fez abrir um sorriso mais largo. Ele vislumbrava o futuro de novo, e gostava do que via, ainda mais se comparado a descarregar navios no cais.

– Estou ansioso.

Pegou na mão de Rulf a ficha que tinha o pombo do ministro gravado e apertou-a até doer.

Parecia que a Mãe Guerra havia encontrado uma tripulação para ele, afinal

de contas. Ou o Pai Paz.

II

DIVINO E RENEGADO

A primeira lição

O *Vento Sul* balançava na maré, ostentando vela e remos novos, recém-pintado e recém-abastecido, comprido e esguio como um cão de corrida. Os pombos do ministro reluziam em branco na proa alta e na popa. Sem dúvida era um belo navio, adequado para grandes feitos e canções de heróis.

Infelizmente sua nova tripulação não era bem desse calibre.

– Eles parecem um... – A mãe de Thorn sempre achava um modo bonito de dizer as coisas, mas até mesmo ela estava pasma. – Um grupo *variado.*

– *Medonho* é a palavra que eu teria procurado – grunhiu Thorn.

Poderia muito bem ter escolhido *desesperado*, *nojento* ou *destroçado*. As três palavras pareciam adequadas aos desgraçados que se arrastavam pelo *Vento Sul* e pelo cais ao lado, carregando sacos e barris, puxando cordas, empurrando, berrando, gargalhando, ameaçando, tudo isso sob o olhar atento de pai Yarvi.

Eram lutadores, porém mais pareciam bandidos do que guerreiros. Homens com muitas cicatrizes e poucos escrúpulos. Homens com barbas bifurcadas, trançadas, raspadas em padrões estranhos e cabelos tingidos e espetados. Homens de roupas maltrapilhas, porém de braços musculosos, pescoço grosso e dedos calejados que brilhavam com dinheiro na forma de argolas em ouro e prata, proclamando ao mundo o alto valor que davam a si mesmos.

Thorn se perguntou que montanha de cadáveres aquele bando podia ter

empilhado, mas não seria intimidada facilmente. Em especial quando não tinha opção. Pousou seu baú de viagem, com tudo que possuía dentro, encimado pela velha espada do pai enrolada num oleado. Fez sua cara mais corajosa, foi até o maior homem que pôde ver e lhe deu um tapa no braço.

– Sou Thorn Bathu.

– Sou Dosduvoi.

Ela se pegou olhando intensamente para uma das maiores cabeças que já vira, feições minúsculas espremidas no centro daquela vastidão frouxa, erguendo-se tão alta que a princípio achou que o dono estivesse de pé sobre uma caixa.

– Que má sorte traz você aqui, garota? – perguntou ele, com um tremor ligeiramente trágico na voz.

Ela desejou ter uma resposta diferente, mas disse com rispidez:

– Vou navegar com vocês.

O rosto do grandalhão recuou para uma parte ainda menor da cabeça enquanto ele franzia a testa.

– Ao longo do rio Divino, até Kalyiv e mais além?

Ela ergueu o queixo do modo usual.

– Se o barco flutuar com tantas carnes a bordo.

– Acho que precisaremos equilibrar os bancos com algumas menores – disse um homem tão pequeno e rijo quanto Dosduvoi era enorme e mole. Tinha o cabelo vermelho mais espetado e os olhos mais loucos que Thorn já vira, de um azul intenso, brilhando aquosos e fundos em órbitas escuras. – Meu nome é

Odda, famoso no Mar Despedaçado.

– Famoso pelo quê?

– Todo tipo de coisa. – Ele lançou um breve sorriso amarelo lupino e ela viu que os dentes eram limados na frente, com ranhuras de matador. – Mal posso esperar para viajar com você.

– Eu também – conseguiu falar Thorn, recuando um passo mesmo contra a vontade e quase tropeçando em alguém.

O sujeito levantou os olhos enquanto ela se virava e se encolhia. Uma cicatriz gigantesca começava no canto de um olho todo puxado e deformado, mostrando a pálpebra rosa, descia em ângulo pelo rosto barbado e atravessava os dois lábios. Para piorar as coisas, ela notou o cabelo do homem, comprido e trançado para trás, dando a volta no rosto: iriam viajar com um vansterlandês.

O sujeito enfrentou seu horror maldisfarçado com uma inexpressividade mutilada, mais terrível do que qualquer carranca, e disse em tom afável:

– Sou Fror.

Ou se mantinha firme ou demonstrava fraqueza. Thorn achou que não tinha opção, por isso estufou o peito e perguntou:

– Como você conseguiu a cicatriz?

– Como *você* conseguiu a cicatriz?

Thorn franziu a testa.

– Que cicatriz?

– Essa é a cara que os deuses lhe deram?

Com um esboço de sorriso, o vansterlandês voltou a enrolar a corda.

– Que o Pai Paz nos proteja – guinchou a mãe de Thorn enquanto passava se esgueirando. – *Medonho* é uma palavra justa para eles.

– Eles é que logo vão ficar com medo de mim – replicou Thorn, desejando, não pela primeira vez, que dizer algo com firmeza suficiente bastasse para torná-la verdade.

– Isso é bom? – Sua mãe olhou para um homem de cabeça raspada com runas tatuadas no rosto que declaravam seus crimes, gargalhando com um sujeito ossudo cujos braços estavam cobertos de feridas soltando casca. – Ser temida por homens assim?

– É melhor ser temida do que sentir medo. – Eram palavras do seu pai e, como sempre, sua mãe estava preparada para ouvi-las.

– Essas são as duas únicas opções da vida?

– São as duas opções de um guerreiro.

Sempre que Thorn trocava mais de dez palavras com a mãe, de algum modo terminava defendendo uma posição indefensável. Sabia o que viria em seguida: *Por que se esforçar tanto para ser uma guerreira se tudo que você pode ganhar é medo?* Mas a mãe apenas ficou de boca fechada, pálida e apavorada, e a culpa sobrepujou a raiva fervilhante de Thorn. Como sempre.

– Você pode voltar para casa – disse Thorn rispidamente.

– Quero ver minha filha única partir. Você não pode me dar isso? Pai Yarvi falou que talvez vocês fiquem um ano fora. – A voz da mãe estava trêmula, já irritando Thorn. – Se é que vão voltar...

– Não temam, minhas pombinhas!

Thorn deu um pulo quando alguém passou um braço pelos seus ombros. A mulher estranha que tinha assistido à luta dela com Brand alguns dias antes enfiou a cabeça de cabelos curtos e grisalhos entre ela e a mãe.

– O sábio pai Yarvi pôs a instrução da sua filha nas minhas mãos destras.

Thorn não imaginava que seu ânimo pudesse diminuir ainda mais, porém os deuses tinham encontrado um modo.

– Instrução?

A mulher as abraçou com ainda mais força; seu cheiro era uma mistura fortíssima de suor, incenso, ervas e mijo.

– É quando eu ensino e você aprende.

– E quem... – A mãe de Thorn lançou um olhar nervoso para aquela mulher áspera – ... ou o que... é você?

– Ultimamente uma ladra – respondeu, transformando o nervosismo da outra em alarme. Animada, acrescentou: – Mas também uma matadora experiente! E navegadora, lutadora, astrônoma, exploradora, historiadora, poeta, chantagista, cervejeira... Posso ter esquecido algumas habilidades. Para não mencionar consumada profeta amadora!

A velha raspou uma camada de cocô de pássaro fresco de um poste, avaliou a textura com o polegar, cheirou com atenção, pareceu a ponto de colocar na boca para provar, depois decidiu não fazer isso e limpou a sujeira preta e cinza na capa maltrapilha.

– Pouco auspicioso – resmungou, olhando as gaivotas que giravam acima. – Acrescente a isso minha especialidade não questionada nas... – Ela requebrou. –

... nas *artes românticas*, e vocês podem ver, minhas pombinhas, que há poucas áreas de interesse para a jovem moderna em que eu não seja altamente qualificada para instruir sua filha.

Thorn deveria ter gostado da rara visão de sua mãe sem fala, mas, pela primeira vez, ela própria estava muda.

– Thorn Bathu! – Rulf abriu caminho pela confusão de pessoas. – Você está atrasada! Leve esse rabo magricelo para o cais e comece a carregar aqueles sacos. Seu amigo Brand já... – Ele engoliu em seco. – Não sabia que você tinha uma irmã.

Thorn revirou a língua com azedume.

– Minha mãe.

– Não é possível! – Rulf penteou a barba com os dedos, numa tentativa inútil de domar o emaranhado castanho e grisalho. – Se você pode suportar o elogio de um velho guerreiro simples, sua beleza ilumina este cais como um lampião no crepúsculo. – Ele olhou para a chave prateada no peito dela. – Seu marido deve estar...

A mãe de Thorn podia suportar o elogio. Na verdade, ela o agarrou com as duas mãos.

– Morto – completou rapidamente. – Faz oito anos que nós o sepultamos.

– Lamento saber. – Na verdade, Rulf não parecia lamentar nem um pouco. – Sou Rulf, piloto do *Vento Sul*. A tripulação pode parecer dura, mas aprendi a não confiar em tripulantes moles. Escolhi estes, e cada um conhece o serviço. Thorn vai remar bem embaixo da minha barba e eu vou tratá-la com o mesmo coração

mole e mão firme que usaria com minha própria filha.

Thorn revirou os olhos, mas não foi notada.

– Você tem filhos? – perguntou a mãe.

– Dois filhos homens, mas faz anos que não os vejo. O destino me separou da minha família há muito tempo.

– Há alguma chance de ele me separar da minha? – resmungou Thorn.

– Quieta – sussurrou a mãe, sem afastar o olhar de Rulf, particularmente da corrente de ouro com elos grossos que ele usava. – Será um grande consolo saber que um homem da sua qualidade cuida do bem-estar da minha filha. Por mais que ela seja incômoda, Hild é tudo que eu tenho.

O vento forte e, sem dúvida, um pouco de cerveja forte já haviam deixado as bochechas de Rulf rosadas, mas Thorn pensou tê-lo visto ruborizar mais ainda.

– Quanto a ser um homem de qualidade, você vai encontrar muita gente que discorda. Quanto a cuidar do bem-estar da sua filha, prometo dar o meu melhor.

A mãe de Thorn lançou um sorriso afetado.

– É o que se pode prometer.

– Pelos deuses – sussurrou Thorn, virando as costas. A única coisa que odiava mais do que ser incomodada era ser ignorada.

Brinyolf, o Tecelão de Orações, havia assassinado algum animal incauto e estava salpicando seu sangue na carranca do *Vento Sul*, as mãos vermelhas até os pulsos enquanto uivava uma bênção para a Mãe Oceano, para Aquela que Encontra o Rumo, Aquele que Guia a Flecha e uma dúzia de outros Deuses Pequenos de cujos nomes Thorn jamais ouvira falar. Nunca fora chegada às

orações e tinha dúvidas se o clima estava tão interessado nelas.

– Como uma garota veio parar numa tripulação de guerreiros?

Ela se virou e viu um garoto que havia se esgueirado para o seu lado. Thorn avaliou que ele devia ter uns 14 anos. Era magro, com olhos brilhantes e uma vivacidade nervosa, um tufo de cabelos cor de areia e os primeiros indícios de barba no queixo pontudo.

Thorn franziu a testa.

– Acha que eu não deveria estar aqui?

– Não sou eu que decide quem é escolhido. – Ele deu de ombros, sem medo nem desprezo. – Só estou perguntando como você conseguiu.

– Deixe-a em paz! – Uma mulher pequena e magra deu um cascudo no ouvido do garoto. – Não falei para você fazer algo de útil?

Alguns pesos de bronze balançavam numa correia em volta do pescoço da mulher enquanto ela o guiava em direção ao navio, o que fazia dela uma mercadora ou dona de loja, uma pessoa que deveria pesar com justiça.

– Sou Safrit – apresentou-se ela, plantando as mãos na cintura. – O garoto cheio de perguntas é meu filho, Koll. Ele ainda não percebeu que, quanto mais a gente aprende, mais entende o tamanho da própria ignorância. Ele não deseja o mal.

– Nem eu – retrucou Thorn. – Ainda assim, parece que causo um bocado.

Safrit abriu um sorriso torto.

– É um hábito para alguns de nós. Eu vou para cuidar das provisões, cozinhar e vigiar a carga. Manter os dedos dos outros longe, entende?

– Achei que o objetivo fosse obter amigos para Gettland. Vamos levar carga também?

– Peles, lágrimas de árvore e marfim de morsa, entre... outras coisas. – Safrit franziu a testa na direção de um baú com reforços em ferro acorrentado perto do mastro. – Nossa primeira missão é falar pelo Pai Paz, mas a rainha Laithlin pagou por esta expedição.

– Rá! Essa é uma mulher que nunca deixou escapar um lucro!

– Por que eu deixaria?

Thorn se virou e se pegou olhando diretamente para o rosto da rainha, a uma distância não maior do que um passo. Algumas pessoas são mais impressionantes de longe, mas Laithlin era o oposto, radiante como a Mãe Sol e séria como a Mãe Guerra, com a grande chave do Tesouro brilhando no peito, os escravos, guardas e serviçais num grupo compacto e reprovador atrás dela.

– Ah, deuses... quer dizer, desculpe, minha rainha. – Thorn se abaixou sobre um dos joelhos, já ficando vermelha. Perdeu o equilíbrio e quase agarrou as saias de seda de Laithlin para se firmar. – Desculpe, nunca fui muito boa em ficar de joelhos...

– Talvez devesse treinar.

A rainha era radicalmente diferente da mãe de Thorn: não tinha nada de mole, piegas e circunspecta; era dura e brilhante como um diamante lapidado, direta como um soco na cara.

– É uma honra navegar tendo a senhora como patrona – tagarelou Thorn. – Juro que vou prestar o melhor serviço possível ao seu filho... isto é, a pai Yarvi –

acrescentou, dando-se conta de que ele não deveria mais ser filho dela. – Vou dar ao seu ministro o melhor serviço...

– Você é a garota que jurou dar uma surra naquele garoto logo antes de ele lhe dar uma. – A Rainha Dourada arqueou uma sobrancelha. – Os tolos alardeiam o que vão fazer. Os heróis fazem.

Ela chamou um dos serviçais com um estalar de dedos e foi murmurando instruções enquanto passava rapidamente.

Thorn poderia ficar abaixada para sempre se Safrit não tivesse enfiado a mão embaixo do seu braço e a puxado para cima.

– Eu diria que ela gosta de você.

– Como ela trata as pessoas de quem não gosta?

– Reze para nunca descobrir.

Safrit levou a mão à cabeça ao ver que o filho havia subido pelo mastro, ágil feito um macaco, e estava empoleirado na verga lá em cima, verificando os nós que prendiam a vela.

– Maldição, Koll, desça daí!

– A senhora me mandou fazer algo de útil! – gritou ele, soltando as mãos da verga para dar de ombros num gesto extravagante.

– E como você vai ser útil quando despencar para a morte, seu idiota?

– Fico felicíssimo ao ver que você vai conosco.

Thorn se virou e encontrou pai Yarvi, com a idosa careca ao lado.

– Fiz um juramento, não fiz? – murmurou Thorn.

– De fazer qualquer serviço que eu achasse adequado, pelo que me lembro.

A negra riu baixinho.

– Uuuh, mas essas palavras são terrivelmente vagas.

– Não são? – disse Yarvi. – Fico feliz por ver que você já está conhecendo a tripulação.

Thorn olhou em volta para os tripulantes e remexeu a boca azedamente ao ver a mãe e Rulf ainda imersos na conversa.

– Parecem uma companhia nobre.

– A nobreza é superestimada. Você já conheceu Skifr, não conheceu?

– Você é Skifr? – Thorn encarou a mulher com novos olhos. – A ladra de relíquias élficas? A assassina? A mulher procurada pela avó Wexen?

Skifr cheirou os dedos, ainda um pouco manchados de cinza, e franziu a testa como se não conseguisse descobrir como o cocô de pássaro podia ter chegado ali.

– Quanto a ser uma ladra, as relíquias só estavam largadas em Strokom. Que os elfos me acusem! Quanto a ser assassina, bom, a diferença entre assassino e herói está na importância dos mortos. Quanto a ser procurada, bom, meu jeito ensolarado me tornou sempre popular. Pai Yarvi me contratou para fazer... coisas variadas, mas dentre elas, por motivos só conhecidos dele – Skifr pressionou o indicador comprido no peito de Thorn –, está ensinar você a lutar.

– Eu sei lutar – resmungou Thorn, empertigando-se em sua postura mais guerreira.

Skifr jogou a cabeça para trás e gargalhou.

– Não aquela bobagem risível que eu vi. Pai Yarvi está me pagando para

torná-la mortal.

Com uma velocidade vertiginosa, Skifr deu um tapa no rosto de Thorn, com força suficiente para derrubá-la contra um barril.

– Por que fez isso? – questionou a garota, com uma das mãos na bochecha, que ardia.

– É sua primeira lição: estar sempre preparada. Se eu posso bater em você, você merece apanhar.

– Acho que o mesmo serviria para você.

Skifr abriu um largo sorriso.

– Claro.

Thorn mergulhou em direção a ela, mas só pegou o ar. Tropeçou, o braço subitamente virado para trás, e as tábuas escorregadias do cais acertaram seu rosto. Seu grito de luta se tornou um chiado de choque e depois, enquanto seu dedinho era torcido violentamente, um longo gemido de dor.

– Ainda acha que não tenho nada para lhe ensinar?

– Não! Não! – gemeu Thorn, retorcendo-se, impotente, sentindo cada junta do braço em chamas. – Estou ansiosa para aprender!

– E qual é sua primeira lição?

– Se eu posso ser acertada, eu mereço!

Seu dedo foi solto.

– A dor é a melhor professora, como você logo vai descobrir.

Thorn ficou de joelhos, sacudindo o braço que latejava, e encontrou seu velho amigo Brand parado ao lado, com um saco no ombro e um sorriso.

Skifr sorriu também.

– Engraçado, não é?

– Um pouquinho – respondeu Brand.

Skifr deu-lhe um tapa no rosto que o fez cambalear, batendo num poste. Largou o saco junto aos pés e ficou parado, piscando feito um idiota.

– Está me ensinando a lutar?

– Não. Mas não vejo motivo para você também não estar preparado.

– Thorn? – Sua mãe estava oferecendo a mão para ajudá-la a se levantar. – O que aconteceu?

A garota não aceitou a ajuda.

– Acho que você saberia se estivesse se despedindo da filha em vez de agarrando nosso piloto.

– Pelos deuses, Hild, você não sabe perdoar, não é?

– Meu pai me chamava de Thorn, maldição!

– Ah, o seu pai, sim, dele você perdoa tudo...

– Talvez porque ele esteja morto.

Os olhos da sua mãe já estavam marejados como sempre.

– Às vezes acho que você ficaria mais feliz se eu me juntasse a ele.

– Às vezes acho que estaria mesmo!

Thorn agarrou seu baú de viagem, com a espada do pai chacoalhando dentro, colocou-o no ombro e foi para o navio.

– Gosto desse temperamento obstinado dela – ouviu Skifr dizendo mais atrás. – Logo teremos isso fluindo pelos canais certos.

Um a um, subiram a bordo e puseram os baús nos lugares. Para a aversão de Thorn, Brand ocupou o remo de trás, os dois enfiados quase no colo um do outro por causa das laterais afuniladas do navio.

– Só não fique batendo no meu cotovelo – rosnou ela, num humor pior do que nunca.

Brand balançou a cabeça, cansado.

– Posso me jogar no mar, que tal?

– Você faria isso? Seria perfeito.

– Deuses! – murmurou Rulf, em seu lugar na plataforma do leme acima deles. – Será que vou precisar ouvir vocês dois discutindo até o Divino como dois gatos acasalando?

– É mais do que provável – interveio pai Yarvi, olhando para cima. O céu estava denso de nuvens, a Mãe Sol mal passava de uma mancha. – Tempo ruim para zarpar.

– Má sorte no clima – gemeu Dosduvoi junto ao seu remo em algum lugar no meio do barco. – Péssima sorte no clima.

Rulf estufou as bochechas grisalhas.

– Em ocasiões assim eu gostaria de ter Sumael aqui.

– Em ocasiões assim e em todas as outras – disse pai Yarvi, com um suspiro pesado.

– Quem é Sumael? – murmurou Brand.

Thorn deu de ombros.

– Como diabos eu saberia quem ele é? Ninguém me diz nada.

Laithlin observou o barco se afastar com uma das mãos na barriga inchada, assentindo tensa para pai Yarvi. Depois se virou e partiu rumo à cidade, seguida às pressas pelo bando de escravos e serviçais. Essa era uma tripulação de homens que viajavam com o vento, de modo que havia pouquíssimas pessoas para vê-los partir. Uma delas era a mãe de Thorn, com lágrimas escorrendo pelo rosto e a mão erguida num adeus até o cais se tornar apenas um ponto distante, depois a cidadela de Thorlby era apenas um risco entrecortado, então Gettland foi sumindo na distância cinzenta acima da linha cinzenta da Mãe Oceano.

O problema de remar é que você fica de costas. Sempre olhando o passado, jamais o futuro. Sempre vendo o que está perdendo, nunca o que vai ganhar.

Thorn fez cara de coragem, como sempre, mas uma expressão corajosa pode ser frágil. Os olhos semicerrados de Rulf estavam fixos no horizonte à frente. Brand mantinha a remada. Se algum dos dois a viu enxugando as lágrimas na manga da túnica, não disse nada.

A segunda lição

ROYSTOCK ERA UM fétido vômito de lojas de madeira empilhadas umas sobre as outras e apinhadas numa ilha que apodrecia na foz do rio Divino. O lugar transbordava com mendigos lamurientos e guerreiros presunçosos, estivadores de mãos ásperas e mercadores de fala suave. Os píeres tortos estavam tomados por barcos estranhos com tripulações estranhas e cargas mais estranhas ainda, pegando comida e água, vendendo mercadorias e escravos.

– Pelos deuses, preciso de uma bebida! – rosnou Odda enquanto o *Vento Sul* raspava no cais e Koll saltava em terra para amarrá-lo.

– Eu posso ser convencido a ir com você – disse Dosduvoi. – Desde que não haja dados envolvidos. Não tenho sorte com os dados. – Brand poderia jurar que o *Vento Sul* se elevou alguns dedos quando o gigante desembarcou. – Quer ir com a gente, garoto?

Era uma tremenda tentação depois do inferno de trabalho duro e palavras duras, mau tempo e mau humor por que haviam passado no caminho pelo Mar Despedaçado. Até agora as esperanças de Brand com a viagem fantástica tinham sido muito mais fantásticas do que a viagem propriamente dita, a tripulação menos uma família ligada por um objetivo comum do que um ninho de víboras cuspindo veneno, como se a jornada fosse uma luta que só pudesse ter um vencedor.

Brand lambeu os lábios, lembrando-se do gosto da cerveja de Fridlif. Depois notou a desaprovação no rosto de Rulf e se recordou do gosto do vômito de cerveja. Preferiu manter-se na luz.

– É melhor eu não ir.

Odda cuspiu, enojado.

– Um gole nunca fez mal a ninguém!

– Um, não – disse Rulf.

– Parar depois do primeiro é o meu problema – explicou Brand.

– Além disso, ele será útil aqui. – Skifr surgiu entre Brand e Thorn, um braço comprido segurando cada um pelo cangote. – Peguem armas, meus rebentos. Já passou da hora de começar a instrução!

Brand gemeu. A última coisa que desejava era lutar. Especialmente com Thorn, que estivera atrapalhando seu remo em cada movimento e zombando de cada palavra que ele dizia desde que tinham saído de Thorlby, sem dúvida desesperada por uma revanche. Se os tripulantes eram víboras, ela era a mais venenosa de todas.

– Quero vocês aqui antes do meio-dia! – gritou Yarvi, enquanto a maior parte da tripulação começava a se dissolver no labirinto de becos de Roystock. Depois murmurou para Rulf: – Se pararmos a noite toda, nunca mais vamos fazer esse pessoal retomar o trabalho. Safrit, certifique-se de que nenhum deles mate ninguém. Especialmente um ao outro.

Safrit estava prendendo a fivela de uma arma que era um pouquinho menor do que uma espada e parecia bem usada.

– Um homem que procure a autodestruição vai encontrar o caminho para isso, cedo ou tarde.

– Então garanta que seja tarde.

– Imagino que você tenha uma ideia de como fazer isso, não é?

– Sua língua é afiada o suficiente para instigar uma árvore a se mover – respondeu pai Yarvi. Com isso, Koll soltou um riso louco, dando o nó na corda. – Mas se não conseguir, nós dois sabemos que você não é tímida demais para cutucá-los com sua adaga.

– Certo, mas não faço juramentos. – Safrit meneou a cabeça para Brand. – Tente manter meu filho que vive flertando com a morte longe daquele mastro, está bem?

Brand olhou para Koll, que lhe lançou um sorriso de quem adorava travessuras.

– Imagino que você tenha uma ideia de como fazer isso, não é?

– Quem dera... – disse Safrit, bufando.

Com um suspiro, ela foi para a cidade enquanto Rulf colocava alguns que haviam perdido no sorteio para esfregar o convés.

Brand desceu ao cais, cujas tábuas firmes pareciam traiçoeiras depois de tanto tempo na água em movimento, gemendo ao esticar os músculos rígidos de remar e sacudir as roupas rígidas de sal.

Skifr estava franzindo a testa para Thorn, com as mãos na cintura.

– Precisamos amarrar seus peitos.

– O quê?

– Os peitos de uma mulher podem causar dificuldade numa luta, balançando de um lado para outro como sacos de areia. – Skifr estendeu a mão e, antes que Thorn pudesse se afastar, apertou seu peito, avaliando-o. – Deixa pra lá. Isso não vai ser problema para você.

Thorn fuzilou-a com os olhos.

– Obrigada.

– Não precisa agradecer, sou paga para lhe ensinar!

A velha saltou de volta para o *Vento Sul*, deixando Brand e Thorn a se encarar, com as armas de madeira nas mãos, ele mais perto da cidade, ela com o mar às costas.

– E então, crianças, estão esperando um convite trazido por uma águia?

– Aqui?

Thorn fechou a cara para os poucos passos de cais estreito entre eles, com a fria Mãe Oceano batendo nos pilares embaixo.

– Onde mais? Lutem!

Com um rosnado, Thorn começou os trabalhos, mas com tão pouco espaço só conseguia tentar cutucá-lo. Para Brand, era fácil desviar seus esforços com o escudo, empurrando-a para trás um quarto de passo a cada vez.

– Não faça cócegas nele! – esbravejou Skifr. – Mate-o!

O olhar de Thorn dançava procurando uma brecha, mas Brand não lhe dava espaço, avançando devagar, levando-a para o fim do cais. Ela partiu para cima dele com a selvageria de sempre, os escudos se chocando, raspando, mas ele estava preparado, usava o peso para empurrá-la para trás de forma obstinada. Ela

rosnava e cuspia, as botas raspando nas tábuas cobertas de musgo, tentava acertá-lo com a espada, mas os golpes eram fracos.

Foi inevitável: com um grito de desespero, Thorn tombou do cais e caiu esparramada nos braços receptivos da Mãe Oceano. Brand se encolheu, duvidando de que isso tornaria mais fácil um ano remando ao lado dela.

Kalyiv estava muito, muito longe, só que começava a parecer mais distante ainda.

Os tripulantes riam uns com os outros, comentando o resultado. Koll, que havia subido à verga do *Vento Sul* apesar dos alertas da mãe, gritou lá de cima. Skifr levou um indicador comprido e um polegar às têmporas e as esfregou suavemente.

– Pouco auspicioso.

Thorn jogou o escudo no chão e subiu por uma escada coberta de cracas, encharcada até os ossos e branca de fúria.

– Você parece perturbada – comentou Skifr. – O teste não foi justo?

Thorn se obrigou a falar entre os dentes trincados:

– O campo de batalha não é justo.

– Quanta sabedoria vinda de alguém tão jovem! – Skifr estendeu a espada de treino a Thorn, que havia caído. – Outra tentativa?

Na segunda vez, ela caiu no mar ainda mais depressa. Na terceira, foi parar de costas, embolada nos remos do *Vento Sul*. Na quarta, bateu com tanta força no escudo de Brand que quebrou a ponta da espada de treino. Depois ele a jogou do cais outra vez.

Àquela altura, uma multidão alegre havia se reunido no cais para assistir. Alguns tripulantes do navio e de outros, além de alguns moradores da cidade, tinham vindo rir da garota que era derrubada no mar. Havia até algumas apostas animadas sobre o resultado.

– Vamos parar – implorou Brand. – Por favor.

Os únicos resultados que podia ver eram enfurecê-la mais ainda ou ele próprio cair no mar, e nenhum o agradava particularmente.

– Dane-se o seu “por favor”! – rosnou Thorn, preparando-se para outra tentativa.

Sem dúvida ainda estaria caindo no mar sob a luz do Pai Lua se tivesse chance, mas, com a ponta de um dedo, Skifr guiou suavemente sua espada quebrada para baixo.

– Acho que você já divertiu bastante o bom povo de Roystock. Você é alta e forte.

Thorn projetou o queixo.

– Mais forte do que a maioria dos homens.

– Mais forte do que a maioria dos garotos no quadrado de treino, mas... – Skifr fez um gesto preguiçoso na direção de Brand. – Qual é a lição?

Thorn cuspiu nas tábuas, enxugou um pouco de saliva do queixo e manteve o silêncio carrancudo.

– Você gosta tanto de sal que quer provar de novo? – Skifr foi até Brand e segurou-o pelos braços. – Olhe o pescoço dele. Olhe os ombros. Qual é a lição?

– Ele é mais forte – respondeu Fror, parado com os antebraços balançando

por cima da amurada do *Vento Sul* com um trapo e um bloco nas mãos. Devia ser a primeira vez que Brand o ouvia falar.

– Exatamente! – exclamou Skifr. – Ouso dizer que esse vansterlandês de lábios comprimidos conhece a batalha. Como conseguiu essa cicatriz, meu pombinho?

– Eu estava ordenhando uma rena, que caiu em cima de mim. Ela se lamentou pelo ocorrido, mas o dano estava feito.

Brand se perguntou se ele havia piscado o olho torto.

– Então é uma verdadeira marca de herói – grunhiu Thorn, repuxando o lábio.

Fror deu de ombros.

– Alguém precisa tirar o leite.

– E alguém precisa segurar minha capa.

Skifr tirou sua capa de trapos e jogou-a para ele.

Era esguia como um chicote, de cintura estreita feito uma vespa, enrolada com tiras de pano, cheia de cintos e faixas, eriçada de facas e ganchos, bolsas e espetos, garrotes, hastes, papéis e instrumentos cujo objetivo Brand não conseguiria imaginar.

– Nunca viu uma avó sem capa?

Das costas, tirou um machado com cabo de madeira escura e lâmina fina, serrilhada. Uma arma linda, com letras estranhas gravadas serpenteando no aço brilhante. Ela levantou a outra mão, mantendo o polegar dobrado para dentro e os dedos comprimidos juntos.

– Esta é a minha espada. Uma arma digna de canções, não é? Jogue-me no mar, garoto, se for capaz.

Skifr começou a se mover. Era um desempenho espantoso, bamboleando feito um bêbado, frouxa feito uma boneca, e ela balançava aquele machado para trás e para a frente, batendo nas tábuas e arrancando lascas. Brand olhava-a por cima do escudo, tentando encontrar algum padrão naquilo, mas não tinha ideia do lugar onde ela iria pisar em seguida. Por isso esperou o machado balançar para longe, depois deu um giro cauteloso com a espada contra ela.

Mal pôde acreditar na velocidade com que a velha se moveu. Sua espada de madeira errou Skifr por um fio de cabelo enquanto ela saltava adiante, prendia a borda do escudo com a curva do machado e puxava-o para longe. Ela deslizou, passando pelo braço da espada e o golpeou com força no peito usando as pontas dos dedos, fazendo-o grunhir e cambalear para trás.

– Você está morto.

O machado relampejou para baixo e Brand levantou o escudo rapidamente para recebê-lo. Mas o golpe não chegou. Em vez disso, ele se encolheu quando os dedos de Skifr o acertaram na virilha. Ao olhar para baixo, viu o rosto sorridente dela por baixo do escudo.

– Você está morto duas vezes.

Brand tentou empurrá-la para longe, mas seria o mesmo que empurrar a brisa. De algum modo ela deslizou em volta dele, os dedos golpeando embaixo do seu ouvido e fazendo toda a lateral do corpo latejar.

– Morto.

Ela o acertou nos rins com a borda da mão quando ele tentou se virar.

– Morto.

Brand se retorceu, os dentes à mostra, a espada saltando à altura do pescoço, mas ela havia sumido. Algo prendeu seu tornozelo, seu grito de guerra se transformou num gorgolejo de choque e ele continuou girando, sem qualquer equilíbrio, balançando-se na beira do cais...

Parou, engasgando, quando algo o segurou pelo pescoço.

– Você é o garoto mais morto de Roystock.

Skifr estava com um pé em seu calcanhar, a lâmina do machado enganchada na gola de sua túnica para impedi-lo de cair, inclinando-se para trás a fim de equilibrar seu peso. Ele estava seguro, impotente, inclinado sobre o mar frio. Os espectadores tinham ficado em silêncio, quase tão pasmos com a demonstração de Skifr quanto Brand.

– Você não vai derrotar um homem forte usando força, assim como eu não vou derrotá-la usando juventude – sibilou Skifr para Thorn. – Você precisa ser mais rápida para atacar, precisa ser mais dura e mais inteligente, precisa ter em mente que deve atacar sempre. Tem que lutar sem honra, sem consciência, sem piedade. Entendeu?

Thorn assentiu lentamente. De todos os que entravam no quadrado de treino, ela fora quem mais odiava receber lições. Mas era a mais rápida para aprender.

– O que aconteceu aqui? – Dosduvoi havia se aproximado e ficou olhando Brand oscilar engasgado à beira da água.

– Eles estão treinando! – gritou Koll, que tinha se inclinado do mastro para

ficar jogando uma moeda de cobre sobre os dedos de forma hábil. – Por que voltou tão cedo?

– Perdi muito feio nos dados. – Ele esfregou com tristeza seu grande antebraço, de onde duas argolas de prata haviam sumido. – Péssima sorte.

Skifr soltou um sibilo enojado.

– Quem tem má sorte deveria ao menos tentar compensá-la com bom senso.

Ela torceu o machado, a lâmina rasgou a gola da camisa de Brand e foi sua vez de mergulhar, debatendo-se na água fria. Sua vez de se arrastar escada acima. Sua vez de ficar pingando sob o escárnio da multidão.

Ele descobriu que gostou de sua queda menos ainda do que havia gostado das quedas de Thorn.

O vansterlandês jogou a capa maltrapilha de Skifr de volta para ela.

– Desempenho impressionante.

– Parece magia! – Koll jogou sua moeda para cima, mas se desajeitou ao pegá-la e ela caiu.

– Magia? – A velha estendeu a mão rapidamente e pegou a moeda de Koll no ar, entre o polegar e o indicador. – Isso foi treino, experiência e disciplina. Talvez eu mostre magia outro dia, mas esperemos que não. – Ela jogou a moeda para o alto e Koll a pegou, gargalhando. – A magia tem um preço que você não vai querer pagar.

Skifr recolocou a capa com um estalo de tecido.

– Esse estilo de luta que você aprendeu, enfileirada com escudo, cota de malha e espada pesada, não serve para você – disse ela a Thorn. – Não é

destinado a servir para você. – Skifr tirou o escudo do braço de Thorn e jogou-o com estardalhaço no meio dos baús do *Vento Sul*. – Você vai lutar com armas mais leves e mais rápidas. Vai lutar com armadura mais leve.

– Como vou me postar na parede de escudos sem escudo?

– Postar-se? – Os olhos de Skifr se arregalaram. – Você é uma matadora, garota! Você é a tempestade, sempre em movimento! Você corre para encontrar o inimigo ou o engana para que ele vá ao seu encontro e, no terreno que escolher, do jeito que escolher, você o *mata*.

– Meu pai era um guerreiro famoso, ele sempre dizia...

– Onde está seu pai?

Thorn franziu a testa por um momento, a boca entreaberta, depois encostou a mão num volume em sua camisa molhada e fechou-a lentamente.

– Morto.

– Isso é que é habilidade. – Skifr jogou o machado longo e Thorn pegou-o no ar, sopesou-o e girou-o cautelosamente para um lado e outro.

– O que significam as letras na lâmina?

– Dizem em cinco línguas “para o guerreiro, tudo deve ser uma arma”. É um bom conselho, se você tiver sabedoria suficiente para segui-lo.

Thorn assentiu, franzindo a testa.

– Eu sou a tempestade.

– Por enquanto é mais uma garoa. Mas só estamos começando.

A terceira lição

O RIO DIVINO.

Thorn se lembrou de ter ouvido, em transe, as histórias do pai sobre jornadas subindo e descendo o rio irmão do Divino, o Renegado, os olhos brilhantes enquanto ele sussurrava sobre batalhas desesperadas contra povos estranhos, irmandades orgulhosas forjadas no perigo e reservas de tesouro a serem conquistadas. Desde que sonhara com a própria viagem, os nomes daqueles lugares distantes pareciam as palavras de um feitiço, explodindo de força e mistério: os árduos arrastos, Kalyiv, a Primeira Cidade.

Estranho, mas seus sonhos não haviam incluído a bunda e as mãos em carne viva de tanto remar, nem intermináveis nuvens de mosquitos picando, nem uma névoa tão densa que só era possível ter vislumbres fugazes da terra fabulosa, e também dos pântanos amargos e das florestas emaranhadas, que não eram raros em Gettland.

– Eu esperava mais animação – grunhiu Thorn.

– É o que acontece com as esperanças – murmurou Brand.

Ela estava muito longe de perdoá-lo por humilhá-la diante da rainha Laithlin e por todas aquelas quedas no porto frio de Roystock, mas precisou concordar com uma fungada soturna.

– Vai haver animação suficiente antes de voltarmos por este caminho –

interveio Rulf, dando uma cutucada no remo-leme. – Animação suficiente para vocês implorarem por tédio. Se sobreviverem a ela.

A Mãe Sol estava mergulhando em direção à copa das árvores quando pai Yarvi ordenou que o *Vento Sul* atracasse para passarem a noite, e Thorn enfim pôde puxar seu remo para dentro do barco, jogando-o rudemente sobre os joelhos de Brand e esfregando as palmas das mãos cheias de bolhas.

Tiraram o navio da água usando a corda de proa, tropeçando e fazendo força, o terreno tão pantanoso que era difícil dizer onde terminava o rio e começava a terra.

– Peguem um pouco de lenha para a fogueira! – gritou Safrit.

– Lenha seca? – perguntou Koll, chutando a madeira podre agarrada à margem.

– Ela tende a queimar com mais facilidade.

– Você não, Thorn. – Skifr estava apoiada num dos remos de reserva do navio, bem mais alto que ela. – De dia você pertence a Rulf, mas ao amanhecer e ao crepúsculo você é minha. Sempre que houver luz precisamos aproveitar qualquer chance de treinar.

Thorn olhou para o céu agourento, baixo sobre a terra agourenta.

– Você chama isso de luz?

– Seus inimigos vão esperar a manhã se puderem matá-la no escuro?

– Que inimigos?

Skifr estreitou os olhos.

– O verdadeiro lutador deve achar que todo mundo é inimigo.

Esse era o tipo de coisa que Thorn proclamava, emproada, para a mãe. Vindo de outra pessoa, não parecia nem um pouco engraçado.

– Quando descanso, então?

– Nas canções sobre os grandes heróis, você costuma ouvir falar de descanso?

Ela viu Safrit jogando pães chatos para a tripulação, e logo começou a salivar.

– Às vezes a gente ouve falar de comida.

– Treinar com o estômago cheio dá azar.

Até mesmo Thorn tinha pouca vontade de lutar depois de um longo dia competindo com Brand no remo. Mas achou que, quanto antes começassem, mais cedo terminariam.

– O que vamos fazer?

– Vou tentar acertar você. Você vai tentar não deixar.

– Com um remo?

– Por que não? Acertar e não ser acertada é a essência da luta.

– Eu nunca deduziria isso sozinha – grunhiu Thorn.

Ela nem ofegou quando a mão de Skifr saltou e a acertou no rosto. Estava ficando acostumada.

– Você será atingida e, quando for, a força do golpe não deve fazer você cambalear, a dor não deve fazer você ficar mais lenta, o choque não deve deixar você em dúvida. Você precisa aprender a golpear sem pena. Precisa aprender a golpear sem medo. – Skifr baixou o remo de modo que a pá ficou perto do peito

de Thorn. – Mas a aconselho a ficar fora do caminho. Se puder.

Ela tentou. Desviou-se, oscilou, saltou, rolou, depois tropeçou, derrapou, escorregou, debateu-se. A princípio, esperava passar em volta do remo e derrubar Skifr, mas logo descobriu que simplesmente ficar fora do caminho exigia toda a sua vontade e energia. O remo investia contra ela vindo de qualquer lugar, estalava na sua cabeça, nos ombros, cutucava as costelas, a barriga, fazia-a grunhir, ofegar e uivar ao receber uma rasteira.

O cheiro da comida de Safrit provocava sua barriga, que roncava, e os tripulantes comiam e bebiam, abrindo os dedos diante do calor do fogo, apoiando-se, tranquilos, nos cotovelos, observando, rindo, apostando quanto tempo ela iria durar. Até que o sol já era um brilho aquoso no horizonte a oeste e Thorn estava encharcada e coberta de lama da cabeça aos pés, latejando com hematomas. Cada respiração rasgava o peito arfante.

– Gostaria de ter a chance de bater em mim? – perguntou Skifr.

Se havia uma coisa que poderia deixar Thorn entusiasmada com a perspectiva de segurar um remo de novo, era a oportunidade de acertar Skifr com ele.

Só que a velha tinha outras ideias.

– Brand, traga-me aquela barra.

Ele raspou o resto de molho da tigela, levantou-se enrolado num cobertor e a trouxe lambendo os dentes. Era de ferro forjado rusticamente, mais ou menos do tamanho de uma espada, mas no mínimo cinco vezes mais pesada.

– Obrigada – disse Thorn, a voz venenosa de sarcasmo.

– O que posso fazer?

Thorn só conseguia pensar na ocasião em que ele exibira aquela mesma expressão impotente na praia abaixo de Thorlby quando Hunnan mandou três garotos matarem os sonhos dela.

– O que você sempre faz?

Sua raiva não era justa, talvez, mas ela não estava se sentindo muito justa. Não que alguém já houvesse sido justo com ela.

Brand franziu a testa e abriu a boca como se fosse lhe responder de forma ríspida, mas então pareceu pensar melhor e voltou para perto da fogueira, arrastando o cobertor apertado nos ombros encolhidos.

– Isso! – gritou Thorn às suas costas. – Vá sentar-se!

Era uma provocação débil, já que era o que ela adoraria fazer.

Skifr prendeu um escudo no braço.

– E então? Bata em mim.

– Com isso? – Precisava se esforçar só para levantar aquela porcaria. – Prefiro usar o remo.

– Para o guerreiro, tudo deve ser uma arma, lembra? – Skifr bateu com os nós dos dedos na testa de Thorn. – Tudo. O chão. A água. Aquela pedra. A cabeça de Dosduvoi.

– Hein? – grunhiu o gigante, erguendo os olhos.

– A cabeça de Dosduvoi seria uma arma temível, veja bem – disse Odda. – Dura feito rocha, totalmente sólida.

Houve alguns risos, mas Thorn não achou nada engraçado. O riso parecia

uma língua estrangeira enquanto ela sopesava aquele pedaço de ferro.

– Por ora, essa é a sua arma. Vai lhe dar força.

– Achei que eu não pudesse ganhar usando a força.

– Você pode perder devido à fraqueza. Se puder mover essa barra com velocidade suficiente para me atingir, sua espada será rápida como o raio e igualmente mortal. Comece. – Skifr arregalou bem os olhos e disse, numa imitação aguda da voz de Thorn: – Ou será que a tarefa não é justa?

Thorn trincou o maxilar com ainda mais força do que o usual, firmou os pés e, com um grunhido de luta, partiu para o trabalho. Não foi nem um pouco bonito. Bastaram alguns giros e seus braços estavam ardendo do pescoço até a ponta dos dedos. Ela girava atrás da barra, levantava grandes torrões de lama; um deles foi parar na fogueira e fez subir uma chuva de fagulhas, provocando um uivo de irritação dos tripulantes.

Skifr fazia sua dança entrecortada, desviando dos esforços desajeitados de Thorn com uma facilidade cheia de pena e deixando-a passar desengonçada, ocasionalmente derrubando a barra com um cutucão do escudo, gritando instruções que a garota mal conseguia entender, quanto mais seguir.

– Não, você está tentando ir na frente; você precisa seguir a arma. Não, mais pulso. Não, o cotovelo para dentro. A arma é parte de você! Não, em ângulo, em ângulo, assim. Não, o ombro para cima. Não, os pés mais afastados. Este é o seu terreno! Seja dona dele! Você é a rainha desta lama! Tente de novo. Não. Tente de novo. Não. Tente de novo. Não, não, não, não, não. Não!

Thorn deu um berro e jogou a barra na terra molhada. Skifr berrou de volta,

chocando-se contra ela com o escudo, e a jogou esparramada no chão.

– Nunca baixe a guarda! Esse é o momento em que você morre. Entendeu?

– Entendi – sibilou Thorn com os dentes trincados, sentindo gosto de sangue.

– Ótimo. Vejamos se sua mão esquerda tem mais habilidade.

Quando Skifr mandou parar, de má vontade, o Pai Lua estava sorrindo no céu e a estranha música dos sapos preenchia a noite. Sem contar um punhado de homens de vigia, a tripulação dormia a sono solto, enrolada em cobertores e peles e, nos casos mais sortudos, sacos de pele de foca, roncando como trovões e soltando um vapor de respiração na luz avermelhada da fogueira agonizante.

Safrit estava sentada com as pernas cruzadas, afagando o cabelo cor de areia de Koll, que dormia com a cabeça no seu colo; as pálpebras dele estremeciam no sonho. Ela estendeu uma tigela.

– Guardei um pouco para você.

Thorn deixou pender a cabeça, o rosto franzido com força. Contra o escárnio, a dor e a raiva, ela usava uma armadura forte, mas aquela migalha de gentileza provocou-lhe um soluço súbito.

– Vai ficar tudo bem – garantiu Safrit, dando um tapinha em seu joelho. – Você vai ver.

– Obrigada – sussurrou Thorn, em seguida sufocou as lágrimas e devorou o cozido frio, lambendo o molho dos dedos.

Pensou ter visto os olhos de Brand reluzindo no escuro enquanto ele se mexia para abrir espaço empurrando Odda, que pareceu miar feito um gatinho em meio ao sono intermitente. Nesse momento, Thorn teria dormido satisfeita

entre cadáveres, então se deixou cair no chão ainda quente do corpo de Brand sem ao menos se dar o trabalho de tirar as botas.

Estava quase dormindo quando Skifr envolveu-a gentilmente com o cobertor.

A raiva dos deuses

OS DIAS ERAM perdidos numa névoa de remos, madeira estalando e água batendo nos flancos do *Vento Sul*, os músculos da mandíbula de Thorn se contraindo a cada remada, os olhos de Rulf semicerrados como fendas enquanto ele olhava rio acima, a mão mirrada de pai Yarvi apertada na mão boa atrás das costas, as perguntas intermináveis de Koll e as broncas de Safrit, histórias contadas em volta da fogueira, sombras se mexendo no rosto cheio de cicatrizes dos tripulantes, os murmúrios constantes das instruções de Skifr e os estalos, grunhidos e pancadas dos treinos de Thorn enquanto Brand caía no sono.

Ele não podia dizer que gostava dela, mas tinha que admirar o modo como se mantinha firme, sempre lutando sem se importar com as chances, sempre se levantando por mais que fosse derrubada. Isso era coragem. Dava vontade de ser mais parecido com ela.

De vez em quando desembarcavam em povoados que não pertenciam a nenhuma terra e nenhum senhor. Cabanas de pescadores com teto de turfa amontoadas em curvas do rio, choupanas de barro que pastores compartilhavam com seus animais sob as copas da floresta silenciosa e que faziam parecer um palácio a casinha que Brand dividira com Rin, e lhe davam uma saudade melosa de casa. Pai Yarvi trocava produtos por leite, cerveja e cabritos ainda balindo, aparentemente conhecendo cada língua falada por homens ou animais, mas havia

poucos sorrisos dos dois lados. Ainda que sorrisos não custassem nada, seu suprimento era escasso lá no Divino.

Passavam por barcos que iam para o norte. Às vezes as tripulações eram soturnas e observadoras, às vezes gritavam cumprimentos cautelosos. Independentemente do que elas fizessem, Rulf mantinha os olhos atentos até os barcos estarem fora de vista, com o arco preto a postos numa das mãos – uma coisa temível, quase do tamanho de um homem, feito a partir dos grandes chifres estriados de algum animal que Brand nunca tinha visto nem queria ver.

– Eles pareceram bastante amistosos – disse Brand depois de um encontro quase alegre.

– Uma flecha disparada por um arqueiro sorridente mata você do mesmo modo – retrucou Rulf, pousando o arco ao lado do remo-leme. – Alguns desses tripulantes devem estar indo para casa com cargas valiosas, mas alguns fracassaram e estarão ansiosos para se dar bem tomando um navio gordo e vendendo seu belo par de remadores de popa como escravos.

Thorn virou a cabeça para Brand bruscamente.

– Eles só vão encontrar uma pessoa bonita no remo de popa neste barco.

– Você ficaria mais bonita se não fechasse tanto a cara – replicou Rulf, provocando uma carranca particularmente feia, como era sua intenção.

– Talvez a figura de proa do ministro mantenha os agressores à distância – disse Brand, guardando seu machado junto ao baú.

Thorn bufou, enfiando a espada na bainha.

– É mais provável que as nossas armas a postos façam isso.

– É – falou Rulf. – Até os homens que obedecem à lei se esquecem dos modos em lugares sem lei. Há um limite para o alcance do Ministério. Mas a autoridade do aço se estende a cada porto. Essa sua espada é boa, Thorn.

– Era do meu pai.

Depois de um momento de consideração, ela a ofereceu a ele.

– Deve ter sido um tremendo guerreiro.

– Ele foi um Escudo Escolhido – respondeu Thorn, estufando de orgulho. – Foi ele que me fez ter vontade de lutar.

Com um olhar de aprovação, Rulf examinou a lâmina, que já havia sido muito usada e contava com uma boa manutenção. Então franziu a testa para o botão, que era um pedaço de ferro torto e malcuidado.

– Não creio que este seja o primeiro botão.

Thorn olhou para as árvores emaranhadas, parecendo mastigar algo.

– Havia um botão melhor, mas está preso na corrente de Grom-gil-Gorm.

Rulf arqueou as sobrancelhas e fez-se um silêncio incômodo enquanto ele devolvia a espada.

– E você, Brand? Seu pai era lutador?

Brand cerrou o cenho em direção a uma garça que caminhava nos baixios da outra margem.

– Ele podia dar um soco ou dois.

Rulf estufou as bochechas, vendo que o assunto estava bem enterrado.

– Vamos remar, então!

Thorn cuspiu por cima da amurada, ajeitando as mãos no remo.

– Porcaria de remar. Juro, quando voltar a Thorlby, nunca mais vou pôr as mãos num remo.

– Uma vez um homem sábio me disse para dar uma remada de cada vez.

Pai Yarvi estava logo atrás deles. Ficar no remo de trás era ruim por diversos motivos, mas um dos piores era que você nunca sabia quem estaria atrás do seu ombro.

– Você já remou muito, é? – murmurou Thorn enquanto se curvava na remada seguinte.

– Ei! – Rulf chutou seu remo e a fez se encolher. – Reze para nunca ter que aprender o que ele sabe sobre remar.

– Deixe-a em paz. – Pai Yarvi sorriu, esfregando o pulso mirrado. – Não é fácil ser Thorn Bathu. E só vai ficar mais difícil ainda.

O Divino se estreitou e a floresta se fechou na escuridão nas margens. As árvores eram mais antigas e altas e lançavam raízes retorcidas na água, que fluía vagarosa, sustentando galhos nodosos. Assim, enquanto Skifr acertava Thorn com um remo, o resto da tripulação enrolou a vela e tirou o mastro, colocando-o ao comprido entre os baús, sobre cavaletes. Não podendo subir nele, Koll pegou sua faca e começou a esculpi-lo. Brand estava esperando garatujas infantis e ficou pasmo ao ver lindos animais, plantas e guerreiros entrelaçados se espalhando por toda a extensão.

– Seu filho tem talento – disse a Safrit quando ela veio distribuir a água.

– Todo tipo de talento, mas uma mente de mariposa. Não consigo mantê-la numa única coisa nem por um instante.

– Por que esse rio é chamado de Divino? – grunhiu Koll, recostando-se para olhar rio acima, girando a faca nos dedos sem parar e de algum modo provando o argumento da mãe. – Não vejo nada de santo nele.

– Ouvi dizer que é porque a Divindade Única o abençoou acima de todas as outras águas – respondeu Dosduvoi com uma voz ribombante.

Odda levantou uma sobrancelha para o bosque sombrio que os comprimia nas margens.

– Isso parece muito abençoado para você?

– Os elfos conheciam o verdadeiro nome desses rios – comentou Skifr, que tinha feito uma espécie de cama no meio da carga, para se deitar. – Nós os chamamos de Divino e Renegado porque isso é o mais perto a que nossas desajeitadas línguas humanas podem chegar.

À menção dos elfos, o bom humor sumiu; Dosduvoi murmurou uma prece à Divindade Única e Brand fez um sinal santo sobre o coração.

Odda foi menos devoto:

– Mijo nos elfos!

Em seguida, saltou de cima de seu baú, baixando as calças e lançando um arco amarelo por cima da amurada. Ouviram-se alguns risos, assim como alguns gritos de irritação dos homens que se molharam quando o vento soprou.

Um homem mijando costumava levar os outros a sentir necessidade e logo Rulf estava ordenando que o barco ficasse firme no meio da correnteza enquanto metade da tripulação ia para junto da amurada com o traseiro peludo à mostra. Thorn puxou seu remo para dentro, o que significava jogá-lo no colo de Brand, e

baixou as calças mostrando um pedaço das coxas brancas e musculosas. Não seria bom olhar, mas Brand achava difícil resistir, e acabou espiando com o canto do olho enquanto ela se retorcia e passava o traseiro por cima da lateral do navio.

– Estou espantado! – gritou Odda para ela, sentando-se outra vez.

– Por que eu mijo?

– Porque você mija sentada. Eu tinha certeza de que você escondia um pau aí embaixo.

Diante disso, soaram alguns risos nos bancos.

– Eu pensava o mesmo de você, Odda. – Thorn levantou as calças e fechou o cinto. – Acho que nós dois estamos decepcionados.

Uma gargalhada de verdade varreu o navio. Koll soltou um uivo e Rulf bateu na carranca, apreciando. Odda riu mais alto do que todos, jogando a cabeça para trás e mostrando os dentes limados. Safrit bateu nas costas de Thorn enquanto ela se sentava, rindo, em seu baú. Brand deu razão a Rulf: não havia nada de feio quando ela sorria.

O vento que molhou os colegas de Odda foi o primeiro de muitos. O céu escureceu e Aquela que Canta o Vento mandou uma canção fria em redemoinhos sobre o navio, provocando ondulações no calmo Divino e chicoteando o cabelo de Brand. Uma nuvem de pequenos pássaros brancos alçou voo com estardalhaço, um bando formado por milhares, girando e se entrecruzando no céu repleto de manchas negras.

Skifr enfiou uma das mãos na capa maltrapilha para remexer o conjunto de

runas, amuletos e símbolos sagrados pendurados no pescoço.

– Isso é mau presságio.

– Acho que vem uma tempestade por aí – murmurou Rulf.

– Já vi granizo do tamanho da cabeça de uma criança cair de um céu como esse.

– Devemos tirar o barco do rio? – perguntou pai Yarvi.

– Vamos emborcá-lo e ficar embaixo. – Skifr mantinha o olhar nas nuvens, como um guerreiro observando um inimigo que avança. – E depressa.

Atracaram o *Vento Sul* no trecho seguinte de cascalho, com Brand se encolhendo diante do vento que soprava mais frio, gotas de chuva graúdas ardendo ao bater no rosto.

Primeiro tiraram o mastro e a vela, depois suprimentos e baús, armas e escudos. Brand ajudou Rulf a soltar as figuras de proa e popa com cunhas e marreta, embrulharam-nas cuidadosamente num oleado enquanto Koll ajudava Thorn a enfiar os remos nos toletes para usá-los como alavancas na hora de levantar o navio. Pai Yarvi soltou os baús com reforço de ferro de suas correntes, e as veias no grande pescoço de Dosduvoi incharam com o esforço de levantá-los nos ombros. Rulf apontou o lugar e seis barris sólidos foram rolados e colocados em volta das pilhas de equipamentos. Com habilidade magistral, Odda usou uma pá para fazer buracos onde a proa e a popa altas iriam se acomodar.

– Tragam-no para cima! – gritou Rulf, e Thorn sorriu ao pular por cima da amurada.

– Você parece bem feliz com tudo isso – comentou Brand, ofegando ao

entrar na água fria.

– Prefiro levantar dez navios a treinar com Skifr – replicou a garota.

A chuva se intensificou, de modo que não fazia diferença se as pessoas estavam no rio ou não, todos encharcados, de barbas e cabelos grudados, roupas grudadas, rostos contraídos e molhados.

– Nunca viaje num navio que você não possa carregar! – rosnou Rulf com os dentes trincados. – Vamos! Vamos! Vamos!

A cada grito havia um coro de grunhidos, roncos, gemidos. Todos os homens e mulheres davam tudo de si, os tendões se destacando no pescoço de Safrit e os dentes sulcados de Odda à mostra num rosnado animal – até pai Yarvi puxava com a mão boa.

– Virem-no! – rugiu Rulf enquanto tiravam o barco da água. – Mas agora com cuidado! Como uma amante, não um lutador!

– Se eu tombá-lo como uma amante ganho um beijo? – gritou Odda.

– Eu beijo você com meu punho – sibilou Thorn entre dentes.

Tinha ficado escuro como o crepúsculo, e Aquele Que Fala o Trovão resmungou ao longe enquanto eles emborcavam o *Vento Sul*, com a proa e a popa se enterrando na terra pantanosa. Então o seguraram por baixo do corrimão da amurada, de cabeça para baixo, e o carregaram margem acima, as botas afundando na lama escorregadia.

– Calma! – gritou pai Yarvi. – Com cuidado! Um pouco na minha direção! Isso! E para baixo!

Baixaram o navio sobre os barris e Odda berrou e sacudiu a mão porque

havia ficado preso, mas esse foi o único ferimento. O *Vento Sul* estava firme, emborcado. Encharcados, doloridos e ofegantes, eles se enfiaram embaixo do casco e se agacharam no escuro.

– Bom trabalho – disse Rulf, a voz ecoando estranhamente. – Acho que ainda conseguiremos transformar esse bando de idiotas numa tripulação.

Ele deu um risinho e outros o acompanharam. Logo todo mundo gargalhava e dava tapinhas nas costas uns dos outros, abraçando-se, porque sabiam que tinham feito um bom serviço, cada um trabalhando para o outro, e estavam unidos por isso.

– É um salão nobre – comentou Dosduvoi, batendo na madeira acima da cabeça.

– E me sinto extremamente grato por ter um assim neste tempo – falou Odda.

Agora a chuva caía forte, em cortinas de água, escorrendo do corrimão do *Vento Sul,* que havia se transformado no beiral do telhado. Ouviam o trovão estalar perto e o vento uivava gélido ao redor dos barris. Koll se encolheu mais e Brand passou o braço em volta dele, como fazia com Rin quando eram crianças e não tinham teto. Sentiu Thorn pressionando-o do outro lado, a dureza de madeira do ombro dela encostada no seu, remexendo-se no ritmo da respiração. Ele quis passar o braço em volta dela também, mas não estava afim de tomar um soco.

Provavelmente deveria ter aproveitado a chance de dizer a Thorn que ele é que tinha procurado pai Yarvi. Que tinha perdido o lugar no grupo de ataque do rei por causa disso. Pelo menos poderia tê-la feito pensar duas vezes antes de

cutucá-lo de novo com o remo ou com insultos.

Porém, os deuses sabiam que ele não era bom em contar nada e, mais ainda, que ela não tinha facilidade para ouvir nada, e quanto mais tudo isso ficava no passado, mais difícil se tornava. Não parecia uma boa ação colocá-la em dívida com ele desse modo.

Por isso, ficou em silêncio e deixou o ombro de Thorn se comprimir contra o seu, depois sentiu-a se contrair quando algo pesado bateu no casco.

– Granizo – sussurrou Skifr.

As pancadas ficaram mais altas, e mais ainda, como golpes de machado em escudos. A tripulação olhava temerosa para cima ou se encolhia no chão, pondo as mãos na cabeça.

– Olhem isso.

Fror levantou uma pedra que rolou para baixo do barco, um pedaço de gelo pontudo e encalombado do tamanho de um punho. Na escuridão fora do navio, Brand podia ver o granizo batendo na terra molhada, quicando e rolando.

– Você acha que os deuses estão com raiva de nós? – perguntou Koll.

– Isso é chuva congelada – respondeu pai Yarvi. – Os deuses odeiam quem planeja mal e ajuda os que têm bons amigos, boas espadas e bom senso. Preocupem-se menos com o que os deuses podem fazer e mais com o que vocês podem, esse é o meu conselho.

Mesmo assim, Brand podia ouvir um monte de orações. Ele mesmo havia feito uma tentativa, mas nunca fora bom em escolher os deuses certos. Skifr, em particular, estava arengando em pelo menos três línguas, nenhuma das quais ele

entendia.

– Você está rezando à Divindade Única ou aos muitos deuses? – perguntou.

– A todos eles. E ao deus peixe dos banyas, aos espíritos das árvores dos shends, ao grande Thopal de oito braços que os alyuks acham que vai devorar o mundo no fim dos tempos. Amigos nunca são demais, hein, garoto?

– Eu... acho que sim.

Dosduvoi olhava triste para o aguaceiro.

– Eu passei para o culto da Divindade Única porque os sacerdotes disseram que ela me traria mais sorte.

– E como está indo? – perguntou Koll.

– Até agora não tive sorte. Mas talvez eu não tenha me dedicado o suficiente ao culto.

Odda cuspiu.

– É impossível se curvar o bastante para o gosto da Divindade Única.

– Nesse sentido, ela e avó Wexen são muito parecidas – murmurou Yarvi.

– A quem você está rezando? – murmurou Brand para Thorn, cujos lábios se moviam em silêncio enquanto ela apertava algo preso numa correia ao pescoço.

Ele viu os olhos brilhantes dela encarando-o.

– Eu não rezo.

– Por quê?

Thorn ficou quieta por um momento.

– Eu rezava pelo meu pai. Toda manhã e toda noite, a cada deus cujo nome aprendi. Dezenas de sacanas. Mesmo assim, ele morreu.

Ela lhe deu as costas e se remexeu, afastando-se e deixando a escuridão entre os dois.

A tempestade continuou soprando.

Preparada ou morta

– PELOS DEUSES – sussurrou Brand.

As ruínas élficas se apinhavam dos dois lados do rio, altas torres, blocos e cubos, vidro élfico quebrado, brilhando ao captar o sol aquoso.

O Divino corria tão largo ali que era quase um lago, dentes de pedra quebrados e dedos de metal mortos se projetando dos baixios. Tudo estava coberto de trepadeiras, com árvores brotando, atulhado de bosques de espinheiros antigos. Nenhum pássaro piava, nem mesmo um inseto zumbia sobre a água imóvel como vidro preto, apenas uma ondulação mínima na qual as pás dos remos mergulhavam com facilidade. Ainda assim, a pele de Thorn pinicava com a sensação de ser observada a partir de cada janela vazia.

Durante toda a vida fora alertada para ficar longe das ruínas élficas – era a única coisa em que o pai e a mãe concordavam sempre. Os homens se arriscavam diariamente a naufragar passando perto do litoral de Gettland para ficar distantes da assombrada ilha de Strokom, na qual o Ministério proibira qualquer pessoa de pisar. A doença espreitava por lá. A Morte também, e coisas piores do que ela, porque os elfos haviam utilizado uma magia poderosa o bastante para fragmentar a Divindade e destruir o mundo.

E ali estavam eles, quarenta pessoinhas num graveto oco, remando no meio das maiores ruínas élficas que Thorn já vira.

– Deuses – guinchou Brand outra vez, virando-se para olhar por cima do ombro.

Havia uma ponte adiante, se é que era possível chamar assim uma coisa naquela escala. A construção já devia ter atravessado o rio num único vão estonteante, a pista esguia esticada entre duas torres portentosas, cada uma fazendo com que a maior torre da cidadela de Thorlby parecesse uma anã. Mas a ponte tinha caído séculos antes, pedras do tamanho de casas pendendo de cabos de metal emaranhados, uma delas balançando suavemente com estalos levíssimos enquanto eles passavam remando por baixo.

Rulf apertava o remo-leme, a boca escancarada, olhando para uma das torres meio inclinada, agachando-se como se esperasse que ela caísse e esmagasse o navio minúsculo e sua tripulação de formigas.

– Se você precisa ser lembrado de como é pequeno – murmurou –, este é um bom local.

– É uma cidade inteira – sussurrou Thorn.

– A cidade élfica de Smolod. – Skifr estava recostada à vontade na plataforma do leme, olhando para as unhas como se as colossais ruínas élficas nem merecessem comentário. – Na época anterior à Fragmentação da Divindade, era o lar de milhares. Milhares de milhares. Brilhava com a luz da magia deles e o ar era carregado da canção de suas máquinas e da fumaça de suas fornalhas poderosas. – Ela soltou um longo suspiro. – Tudo perdido. Tudo passado. Mas isso acontece com todas as coisas, grandes ou pequenas. A Última Porta é a única certeza da vida.

Uma chapa de metal amassada se projetava do rio sobre postes enferrujados. Flechas estavam pintadas nela em tinta meio descascada, palavras grandes escritas em letras élficas impossíveis de decifrar. Parecia um alerta desagradável, mas Thorn não sabia de quê.

Rulf jogou um graveto por cima da amurada, viu-o flutuar para longe, avaliando a velocidade do barco, e assentiu relutante. Pela primeira vez não precisava gritar encorajamentos – ou melhor, insultos – para fazer o *Vento Sul* se mover num bom ritmo. O navio em si parecia sussurrar com as orações, os juramentos e sortilégios da tripulação, ditos em mais de dez línguas. Skifr, que tinha algo para cada deus e cada ocasião, deixou os céus em paz.

– Guardem as orações para mais tarde – disse ela. – Aqui não há perigo.

– Não há perigo? – guinchou Dosduvoi, fazendo desajeitadamente um sinal sagrado no peito e embolando seu remo com o do homem à frente.

– Passei muito tempo em ruínas élficas. Explorá-las tem sido um dos meus muitos ofícios.

– Alguns chamariam isso de heresia – comentou pai Yarvi, olhando por baixo das sobrancelhas.

Skifr sorriu.

– Heresia e progresso costumam ser muito parecidos. No Sul não temos ministério para se meter com essas coisas. Os ricos de lá pagam bem por uma ou duas relíquias élficas. A própria imperatriz Theofora tem uma bela coleção. Mas as ruínas do Sul foram muito reviradas e estão vazias. As ruínas em volta do Mar Despedaçado têm muito mais a oferecer. Algumas estão intocadas desde a

Fragmentação da Divindade. As coisas que podemos encontrar lá...

Seu olhar foi até o baú com reforços de ferro, preso por correntes perto do mastro, e Thorn pensou na caixa e na luz que vinha de dentro dela. Será que tinha sido desenterrada das profundezas proibidas de um lugar como aquele? Haveria ali magia capaz de fragmentar o mundo? Ela estremeceu.

Skifr apenas alargou o sorriso.

– Se vocês entrarem bem preparados nas cidades dos elfos, vão encontrar menos perigos do que nas cidades dos homens.

– Dizem que você é feiticeira.

Koll soprou um bocado de aparas de madeira de seu último trecho esculpido e levantou os olhos.

– Dizem? – Skifr arregalou tanto os olhos que as partes brancas apareciam ao redor da íris. – É difícil separar o verdadeiro do falso na trama do “dizem”.

– Você disse que conhece magia.

– E conheço. O bastante para causar bastante mal, porém não o bastante para fazer muito bem. Com a magia é assim.

– Você poderia me mostrar?

Skifr bufou.

– Você é jovem e grosseiro e não sabe o que pede, garoto.

Eles remavam à sombra de um amplo muro, a base afundada no rio, o topo quebrado numa confusão de metal retorcido. Fileiras e mais fileiras de grandes janelas bocejavam vazias.

– Os poderes que ergueram esta cidade também a transformaram em ruína –

continuou ela. – Existem riscos terríveis e custos terríveis. Sempre há custos. Você conhece o nome de quantos deuses?

– De todos – respondeu Koll.

– Então reze a eles para nunca ver magia. – Skifr franziu a testa para Thorn. – Tire as botas.

Thorn pestanejou.

– Por quê?

– Para ter uma merecida folga do remo.

Thorn olhou para Brand e ele deu de ombros. Juntos, os dois puxaram os remos para dentro e ela tirou as botas. Skifr despiu a capa, dobrou-a e colocou-a sobre o remo-leme. Depois pegou sua espada. Thorn nunca a vira ser desembainhada antes. Era comprida e estreita e tinha uma curva suave, a Mãe Sol brilhando num gume assassino.

– Está preparada, minha pombinha?

De repente a folga do remo não parecia tão atraente.

– Pronta para quê? – perguntou Thorn, numa vozinha.

– Um lutador ou está preparado ou está morto.

Num reflexo, Thorn levantou seu remo bruscamente e a lâmina de Skifr o atingiu, bem entre suas mãos.

– Você está louca! – gritou ela, recuando de forma atabalhoada.

– Você não é a primeira a dizer isso. – Skifr investiu à esquerda e à direita, fazendo Thorn saltar por cima do mastro abaixado. – Recebo isso como um elogio. – Ela sorriu, girando a espada para um lado e para outro enquanto os

remadores se encolhiam, temerosos, para fora do caminho. – Se você aceitar tudo como elogio, nunca poderá ser insultada.

Ela saltou à frente de novo e fez Thorn se espremer embaixo do mastro, com a respiração chiando ao ouvir a espada de Skifr bater contra ele uma, duas vezes.

– Minha escultura! – gritou Koll.

– Você pode continuar trabalhando! – rosnou Skifr.

Thorn tropeçou nas correntes que seguravam o baú com reforço de ferro e caiu no colo de Odda. Arrancando o escudo dele do suporte, bloqueou um golpe com as duas mãos, porém Skifr o arrancou dela e a fez cair de costas com um chute.

Thorn agarrou um rolo de corda e jogou-o no rosto da velha, saltou tentando pegar a espada de Fror, mas ele deu um tapa em sua mão.

– Encontre a sua!

– Está no meu baú! – guinchou ela, rolando por cima do remo de Dosduvoi e agarrando o gigante por trás, espiando por cima de seu ombro enorme.

– Que a Divindade me salve! – ofegou ele quando a espada de Skifr passou rente às suas costelas num dos lados e depois no outro, abrindo um buraco em sua camisa.

Thorn se desviava desesperadamente, cada vez com menos espaço enquanto a proa esculpida e pai Yarvi – que sorria observando aquela performance – ficavam implacavelmente mais próximos.

– Pare! – gritou Thorn, levantando a mão trêmula. – Por favor! Me dê uma chance!

– Os guerreiros furiosos das Terras Baixas param para os inimigos? Yilling, o Brilhante, para se você pedir por favor? Grom-gil-Gorm dá chances?

Skifr estocou de novo e Thorn saltou, passando por Yarvi. Equilibrou-se na tábua de cima do costado, deu um passo em desespero e saltou do navio sobre o cabo do remo da frente. Sentiu-o envergar sob seu peso, o remador fazendo força para mantê-lo nivelado. Passou para o outro, os dedos do pé envolvendo a madeira escorregadia, os braços abertos para se equilibrar. Hesitar, pensar, duvidar era a perdição. Só podia continuar correndo com grandes saltos, a água passando por baixo, os remos estalando e chacoalhando nos suportes e os gritos da tripulação ressoando em seus ouvidos.

Deu um berro de pura empolgação imprudente, o vento entrando numa golfada em sua boca aberta. Correr sobre os remos era um feito nobre, sempre cantado, mas raramente tentado. Porém, a sensação de triunfo teve vida curta. O *Vento Sul* tinha apenas dezesseis remos de cada lado e ela já estava chegando ao final. O último veio depressa, Brand estendendo a mão por cima da amurada, os dedos se esticando. Ela tentou agarrá-la em desespero, ele segurou sua manga...

O remo bateu com força na lateral da sua cintura, a manga rasgou e ela caiu de cabeça no rio. Voltou à superfície ofegando num jorro de bolhas.

– Um esforço digno de crédito! – gritou Skifr, parada na plataforma do leme com o braço em volta dos ombros de Rulf. – E nadar é um exercício ainda melhor do que remar! Vamos acampar alguns quilômetros à frente e esperar por você!

Thorn bateu furiosamente com a mão na água.

– Quilômetros?

Sua fúria não diminuiu a velocidade do *Vento Sul*. Talvez até o tenha feito ir mais depressa. Brand olhava da popa com aquela expressão desamparada, os braços ainda pendendo ao lado do corpo. Deu de ombros.

A voz de Skifr flutuou sobre a água:

– Vou segurar suas botas para você!

Rosnando palavrões, Thorn começou a nadar, deixando as ruínas silenciosas para trás.

Coçando um pouco

BRAND TOMBOU VIOLENTAMENTE, a espada de treino girando e escapulindo de sua mão. Rolou grunhindo encosta abaixo e parou de costas, com um gemido, as zombarias da tripulação ecoando nos ouvidos.

Ali deitado, olhando para o céu que escurecia, com os muitos hematomas latejando e a dignidade em farrapos, supôs que ela devia ter lhe dado uma rasteira. Mas não tinha percebido qualquer indício de que isso aconteceria.

Thorn cravou a ponta da espada no chão encalombado onde eles haviam montado o quadrado de treino e lhe ofereceu a mão.

– Foram três ou quatro seguidas?

– Cinco – grunhiu ele –, como você sabe muito bem.

Brand deixou-a levantá-lo. Nunca pudera se dar ao luxo de ter muito orgulho, e lutar com ela estava cobrando um preço enorme do pouco que restava.

– Pelos deuses, você ficou rápida. – Ele se contraiu ao arquear as costas, ainda sentindo a dor provocada pela bota de Thorn. – É igual a uma cobra, mas sem a misericórdia.

Thorn deu um sorriso mais largo e limpou um filete de sangue debaixo do nariz, o único dano que ele lhe causara em cinco disputas. Brand não pretendera dizer aquilo como elogio, porém estava claro que ela recebera assim, e Skifr também.

– Acho que o jovem Brand foi castigado o suficiente por hoje! – gritou a velha para a tripulação. – Deve haver entre vocês um herói coberto de argolas com coragem para testar minha pupila, não é?

Pouco tempo antes, eles teriam gargalhado diante da oferta. Homens que haviam atacado cada litoral amargo do Mar Despedaçado. Homens que tinham vivido pela espada e pelas disputas e chamavam a parede de escudos de lar. Homens que haviam derramado sangue suficiente para fazer flutuar um navio, lutando com uma garota de língua afiada.

Agora ninguém riu.

Durante semanas a observaram treinar como um demônio em todo tipo de clima, sendo derrubada e se levantando repetidamente até ficarem doloridos só de assistir. Durante meses tinham ido dormir embalados pelo choque das armas dela e acordado com seus gritos de guerra, em vez do crocitar de um corvo. Dia a dia a viram ficar mais rápida, forte e hábil. Terrivelmente hábil, agora, com machado e espada juntos, e Thorn estava captando aquele passo bêbado que Skifr fazia, de modo que nunca dava para saber onde ela ou suas armas estariam no instante seguinte.

– Não posso recomendar – disse Brand enquanto se abaixava, dolorido, ao lado da fogueira, pressionando com suavidade uma nova casca de ferida no couro cabeludo.

Thorn girou habilmente o machado de madeira em volta dos dedos, como alguém faria com um palito de dente.

– Nenhum de vocês tem coragem?

– Maldição, garota! – Odda saltou de perto da fogueira. – Vou mostrar o que um homem de verdade pode fazer!

O que Odda lhe mostrou foi o uivo que um homem de verdade solta quando uma espada de madeira o acerta direto na genitália, depois mostrou o melhor esforço que Brand já vira em um homem de verdade para comer o próprio escudo, depois mostrou a bunda enlameada de um homem de verdade enquanto se esparramava num espinheiro e caía numa poça.

Ele se apoiou nos cotovelos e soltou água pelo nariz, coberto de lama da cabeça aos pés.

– Já teve o suficiente?

– Eu já.

Dosduvoi se curvou lentamente para pegar a espada que Odda havia deixado cair e se empertigou, estufando o grande peito. A espada de madeira parecia minúscula em seu punho grosso feito um presunto.

Thorn projetou o queixo, fechando a cara.

– As árvores grandes caem com mais força.

Ela podia ser uma farpa na bunda do mundo, mas Brand se pegou sorrindo. Por piores que fossem as probabilidades, Thorn jamais recuava.

– Esta árvore ataca de volta – retrucou Dosduvoi enquanto assumia uma postura de luta, com as botas enormes bem separadas.

Odda sentou-se, segurando um braço ferido.

– Seria uma história diferente se as lâminas fossem afiadas, isso eu garanto!

– É – disse Brand. – Uma história curta, com você morrendo no final.

Safrit estava ocupada cortando o cabelo do filho, a tesoura brilhante fazendo clique clique.

– Pare de se mexer! – exclamou rispidamente. – Assim acaba mais depressa.

– O cabelo precisa ser cortado, Koll. – Brand pôs a mão no ombro do garoto. – Escute sua mãe.

Quase acrescentou *Você tem sorte por ter uma*, mas engoliu a frase. Certas coisas é melhor não dizer.

Safrit balançou a tesoura na direção de Brand.

– Já que estou com a mão na massa, vou dar uma aparada nessa sua barba.

– Desde que você não traga essa tesoura para perto de mim – falou Fror, alisando a trança ao lado de sua cicatriz.

– Guerreiros! – Safrit bufou. – Mais vaidosos do que donzelas! A maioria desses rostos deveria ficar longe do mundo, mas um garoto bonito como você não deveria estar escondido embaixo de todo esse mato.

Brand passou os dedos pela barba.

– Sem dúvida ela ficou mais densa nas últimas semanas. Para ser honesto, está começando a coçar um pouco.

Gritos de comemoração soaram quando Dosduvoi levantou sua espada bem alto e Thorn mergulhou entre suas pernas muito abertas e lhe deu um chute sonoro na bunda, fazendo o grandalhão cambalear.

Rulf coçou um bocado de picadas de inseto na lateral do pescoço.

– Todos estamos coçando um pouco.

– Não dá para evitar alguns passageiros numa viagem assim. – Odda deu

uma boa coçada na frente das calças. – Eles só estão se esforçando para encontrar o caminho mais rápido para o sul, como nós.

– Temem que esteja sendo preparada uma guerra contra o Rei Supremo dos piolhos e procuram aliados com os micuins – disse Safrit, dando um tapa num mosquito na nuca.

Seu filho espanou os cabelos cor de areia cortados, mas o resto ainda parecia revolto como sempre.

– Existem mesmo aliados por aqui?

– O príncipe de Kalyiv pode convocar tantos guerreiros que a poeira dos cavalos bloqueia a luz do sol – respondeu Odda.

Fror assentiu.

– E ouvi dizer que a Imperatriz do Sul tem tantos navios que pode fazer com eles uma ponte que atravessa o mar.

– Isso não tem a ver com navios nem cavalos – retrucou Brand, esfregando suavemente os calos na palma das mãos. – Tem a ver com o comércio pelo Divino. Escravos e peles vão numa direção, prata e seda vão na outra. E é a prata que vence guerras, tanto quanto o aço. – Ele percebeu que todos o olhavam e deixou o resto no ar, sem graça. – Pelo menos era o que Gaden costumava me dizer... na forja...

Safrit sorriu, brincando com os pesos pendurados no pescoço.

– São os mais calados que a gente precisa vigiar.

– Os poços parados são os mais fundos – disse Yarvi, com os olhos claros voltados para Brand. – Riqueza é poder. A riqueza da rainha Laithlin é a raiz da

inveja do Rei Supremo. Ele pode fechar o Mar Despedaçado aos nossos navios. Bloquear o comércio com Gettland. Com o príncipe de Kalyiv e a imperatriz do seu lado, ele também pode fechar o Divino, nos esganar sem desembainhar uma espada. Se tivermos os dois como aliados, a prata continua a fluir.

– Riqueza é poder – murmurou Koll, como se testasse as palavras para ver se eram verdadeiras, depois olhou para Fror. – Como você arranjou essa cicatriz?

– Fiz perguntas demais – respondeu o vansterlandês, sorrindo para a fogueira.

Safrit se inclinou para perto de Brand, puxando delicadamente sua barba, com a tesoura estalando. Era estranho ter alguém tão próximo, tratando-o com tanto cuidado, os dedos gentis em seu rosto. Ele sempre dizia a Rin que se lembrava da mãe, mas eram apenas histórias repetidas vezes sem fim, retorcidas até perder a forma, a ponto de ele se lembrar das narrativas, mas não das recordações em si. Era a irmã que sempre cortava seu cabelo. Brand tocou a adaga que ela havia feito, sentindo uma saudade súbita de casa. Da choupana pela qual os dois tinham trabalhado tanto, da luz do fogo no rosto de Rin. A preocupação o atingiu com tanta força que ele se encolheu com a dor.

Safrit recuou bruscamente.

– Cortei você?

– Não – respondeu Brand, rouco. – Só estou sentindo falta de casa.

– Tem alguém especial esperando, é?

– Só minha família.

– Um garoto bonito como você... Não acredito.

Enfim Dosduvoi fizera com que Thorn parasse de se desviar agarrando um punhado de seu cabelo revolto e agora segurava o cinto dela com a outra mão. Levantou-a como um fardo de feno e jogou-a numa vala.

– Alguns de nós somos amaldiçoados com azar no amor – comentou Rulf, lamentando, enquanto Skifr mandava parar a luta e olhava a pupila na vala. – Eu fiquei tempo demais longe da minha fazenda, e minha mulher se casou de novo.

– Azar no amor para você, talvez – murmurou Safrit, jogando um tufo da barba de Brand no fogo –, mas sorte para ela.

– Azar no amor é fazer um juramento de não ter amor nenhum. – Pai Yarvi suspirou. – Quanto mais velho fico, menos o cuidado carinhoso da avó Wexen parece uma boa troca.

– Eu tive uma esposa – revelou Dosduvoi, abaixando-se junto à fogueira e procurando cuidadosamente uma posição confortável para as nádegas machucadas. – Mas ela morreu.

– Não é azar se ela foi esmagada pelo seu corpanzil – provocou Odda.

– Isso não é engraçado – retrucou o gigante, mas, a julgar pelos risinhos, muitos tripulantes discordavam.

– Para mim, nada de esposa. Não acredito nelas.

– Duvido que elas acreditem em você também – replicou Safrit. – Mas sinto pena da sua mão, obrigada a ser sua amante por todo esse tempo.

Odda deu aquele seu sorriso lupino, os dentes limados brilhando à luz da fogueira.

– Não sinta. Minha mão é uma parceira sensível e está sempre bem-disposta.

– E, diferentemente do resto de nós, não é repelida por seu hálito monstruoso. – Safrit espanou alguns pelos soltos da barba agora curta de Brand e se recostou. – Acabou.

– Pode me emprestar a tesoura? – perguntou Skifr.

Safrit deu uma olhada na penugem grisalha dela.

– Parece que você não tem muito que cortar.

– Não é para mim.

A velha indicou Thorn, que havia se arrastado para fora da vala e vinha mancando, fazendo uma careta ao esfregar a cabeça dolorida, o cabelo solto e espetado em todos os ângulos.

– Acho que mais uma ovelha precisa ser tosquiada. Dosduvoi provou que o cabelo é um ponto fraco.

– Não.

A garota jogou no chão suas sofridas armas de madeira e ajeitou alguns fios de volta atrás das orelhas, um gesto estranho vindo de Thorn, que não parecia se importar nem um pouco com a própria aparência.

Skifr arqueou as sobrancelhas.

– Eu não imaginava que a vaidade fosse um dos seus pontos fracos.

– Fiz uma promessa à minha mãe – replicou Thorn, pegando um pão chato e enfiando metade na boca com dedos sujos.

Podia não ter vencido três homens de uma vez só, mas Brand não tinha dúvida de que ela poderia comer mais do que os três.

– Eu não tinha ideia de que você considerava tanto sua mãe – comentou

Skifr.

– Não considero. Ela sempre foi um pé no saco. Sempre dizendo qual era o modo certo de fazer as coisas, nunca como eu quero fazer. – Thorn arrancou um pedaço do pão com os dentes, como um lobo faria com uma carcaça, comendo e falando ao mesmo tempo, espalhando migalhas. – Sempre preocupada com o que as pessoas pensam de mim, com o que farão comigo, como eu posso me machucar, como posso envergonhá-la. Coma assim, fale assim, sorria assim, mije assim.

O tempo todo em que Thorn falava, Brand pensava na irmã, deixada sozinha sem ninguém para cuidar dela, e a raiva o dominou.

– Deuses – resmungou. – Será que existe alguma bênção que você não trate como maldição?

Thorn franziu a testa, as bochechas inchando enquanto comia.

– Como assim?

Ele cuspiu as palavras, subitamente enojado com ela:

– Você tem uma mãe que se importa e uma casa onde pode ficar em segurança, e mesmo assim arranja um modo de reclamar!

Isso provocou um silêncio bastante desconfortável. Pai Yarvi estreitou os olhos, Koll arregalou os dele e as sobrancelhas de Fror subiram com surpresa. Thorn engoliu devagar, chocada como se tivesse levado um tapa. Mais ainda, na verdade, pois levava tapas o tempo todo.

– Odeio *pessoas*, maldição – murmurou, pegando outro pão da mão de Safrit.

Seria melhor que Brand tivesse guardado a resposta para si, mas pela

primeira vez não conseguiu manter a boca fechada:

– Não se preocupe. – Ele puxou o cobertor por cima de um ombro e lhe virou as costas. – Elas sentem o mesmo por você.

Eles que se danem

O NARIZ DE Thorn se franziu com o cheiro de comida sendo feita, ela acordou, piscou e soube imediatamente que havia algo esquisito. Mal conseguia se lembrar da última vez que tinha acordado sem a ajuda carinhosa da bota de Skifr.

Talvez a bruxa velha tivesse um coração, afinal de contas.

Thorn sonhara com um cachorro lambendo a lateral de sua cabeça e agora, ao rolar para fora das cobertas, tentava afugentar as memórias. Talvez sonhos fossem mensagens dos deuses, mas, maldição, não conseguia captar o significado daquele.

Koll estava encurvado na margem do rio, murmurando enquanto lavava alguns potes.

– Bom dia – disse ela, espreguiçando-se portentosamente e quase gostando da ardência que lhe atravessava os braços e subia pelas costas. Nos primeiros dias mal tinha conseguido se mexer de manhã depois de tanto remar e treinar, mas agora estava ficando endurecida com o trabalho, rija feito corda e madeira.

Koll ergueu a cabeça e arregalou os olhos.

– É...

– Eu sei, Skifr me deixou dormir.

Ela sorriu, contemplando o rio. Pela primeira vez Divino parecia um nome adequado. O ano estava passando e a Mãe Sol já se mostrava brilhante e quente,

pássaros chilreando na floresta e insetos pairando preguiçosos sobre a água. Os galhos das árvores pendendo na margem estavam carregados de flores brancas. Thorn respirou fundo o perfume e exalou, cheia de felicidade.

– Tenho a sensação de que vai ser um dia ótimo.

Ela desgrenhou o cabelo de Koll, virou-se e quase trombou em Brand. Ele a encarou com aquela sua expressão impotente.

– Thorn, seu...

– Morra.

Durante metade da noite, ela ficara acordada pensando em insultos, mas quando chegou o momento, esse foi o melhor que conseguiu. Passou empurrando-o com o ombro e foi até as brasas da fogueira, onde a tripulação estava reunida.

– Comam bem – dizia Rulf. – Pode ser que hoje, mais tarde, a gente chegue aos árduos arrastos. Vocês vão precisar de toda a força que tiverem quando carregarmos... o...

Ele deixou o resto no ar, observando Thorn se aproximar e pegar uma tigela, olhando para dentro do pote.

– Não precisa parar por minha causa.

Todos a encaravam e isso começou a deixá-la nervosa.

Então Odda riu, cuspindo comida.

– Ela parece uma vassoura com metade das cerdas arrancadas!

– Um cordeiro tosquiado pela metade – opinou Dosduvoi.

– Um salgueiro com metade dos galhos arrancados – murmurou Fror.

– Gostei – disse Odda. – Isso aí tem poesia. Você deveria falar mais.

– Você deveria falar menos, as coisas são como são.

Uma brisa veio do rio, estranhamente fria ao roçar a lateral da cabeça de Thorn. Ela franziu a testa olhando para baixo e viu que tinha o ombro coberto de cabelos. Levou uma das mãos ao couro cabeludo, com medo do que poderia encontrar. Do lado direito, seu cabelo estava embolado na trança incompetente de sempre. O esquerdo eram apenas retalhos de penugem. As pontas dos dedos tremiam passando pelos calombos desconhecidos de seu crânio.

– Você dormiu sobre o lado direito. – Skifr se inclinou por cima do ombro dela, pegando um pedaço de carne do pote com o polegar comprido e o indicador. – Fiz o melhor que pude sem acordá-la. Você parece tão em paz quando dorme...

Thorn a encarou.

– Você disse que não iria me obrigar a fazer isso!

– Por isso eu mesma que fiz.

A velha sorriu como se tivesse feito um tremendo favor a Thorn. Isso é que dava pensar que a bruxa tinha coração e que o dia estava ótimo. A garota não sabia se chorava, berrava ou mordia o rosto de Skifr. Por fim, foi pisando firme na direção do rio, com as gargalhadas da tripulação ressoando nos ouvidos, trincando os dentes e segurando a cabeça meio emaranhada e meio careca.

A posse mais valiosa de sua mãe era um pequeno espelho emoldurado em prata. Thorn sempre a provocava dizendo que ela o amava porque era muito vaidosa, mas sabia o motivo verdadeiro: tinha sido um presente do seu pai,

trazido da Primeira Cidade muito tempo antes. Thorn sempre odiara se olhar nele. Seu rosto era comprido demais e as bochechas encovadas demais, o nariz pontudo demais e os olhos raivosos demais. Mas aceitaria de bom grado aquele reflexo em troca da paródia que a espiava da água parada na beira do rio.

Lembrou-se da mãe cantando baixinho enquanto penteava seu cabelo, o pai sorrindo, olhando para as duas. Recordou-se do riso e do calor de braços a envolvendo. Sua família. Seu lar. Apertou a bolsinha que usava e pensou como era digno de pena carregar os ossos dos dedos do pai pendurados no pescoço. Porém, era só o que lhe restava. Sacudiu a cabeça com amargura, fitando seu reflexo arruinado, e outro apareceu atrás – alto, magro e sem cor.

– Por que você me trouxe aqui? – perguntou ela, dando um tapa raivoso na água para expulsar os dois reflexos.

– Para transformar nossos inimigos em aliados – respondeu pai Yarvi. – Para levar ajuda a Gettland.

– Caso você não tenha notado, eu não levo jeito para fazer amigos.

– Todos temos deficiências.

– Por que me trouxe, então? Por que pagar a Skifr para me treinar?

O ministro se agachou ao lado dela.

– Você confia em mim, Thorn?

– Confio. Você salvou a minha vida. – Se bem que, fitando seus olhos claros, ela se perguntou até que ponto alguém deveria confiar num homem tão astuto. – E fiz um juramento. Que opção eu tenho?

– Nenhuma. Então confie em mim. – Ele olhou para os destroços do cabelo

dela. – Pode demorar um pouco a se acostumar, mas acho que isso combina com você. Estranha e feroz. Única.

Ela bufou.

– Que é incomum eu admito.

– Alguns de nós somos incomuns. Sempre achei que você gostasse de se destacar. Você parece prosperar com as zombarias, como uma flor cresce no esterco.

– É um trabalho mais difícil do que parece – murmurou ela. – Sempre arranjar uma cara de coragem.

– Isso eu sei, acredite.

Ficaram ali ao lado da água durante um tempo, em silêncio.

– Você me ajuda a raspar o outro lado?

– Acho que deve deixar assim.

– Assim? Por quê?

Yarvi meneou a cabeça na direção da tripulação.

– Porque eles que se danem.

– Eles que se danem – murmurou Thorn, pegando água com a mão e empurrando para trás o cabelo que ainda tinha. Para dizer a verdade, começava a gostar da ideia. Deixar assim, metade raspada, estranha e feroz, um desafio a todos que a olhassem. – Eles que se danem.

Soltou um riso roncado.

– Não é como se você fosse a única pessoa estranha nesta tripulação. E de qualquer modo... – Yarvi espanou um bocado dos fios cortados do ombro dela

usando a mão mirrada – o cabelo cresce de novo.

FOI UM DIA de trabalho árduo com o remo, lutando contra a correnteza furiosa enquanto o Divino se estreitava e as margens ficavam mais íngremes. Rulf franzia a testa ao enfiar o navio entre pedras espumando com água branca. Quando o crepúsculo flamejava, rosado, acima das montanhas cobertas de árvores, chegaram aos árduos arrastos.

Havia um povoado excêntrico junto à margem, onde não se viam duas casas iguais. Algumas eram de madeira, outras de pedra ou de turfa, como os montes funerários dos heróis mortos. Era o lar do povo do Mar Despedaçado que tinha parado a caminho do sul, de habitantes de Kalyiv e do Império que se detiveram rumo ao norte, de pessoas das tribos das florestas e também do Povo dos Cavalos, que interromperam as viagens para o leste ou o oeste. Sementes sopradas de meio mundo de distância e escolhidas, por alguma sorte estranha, para enraizar ali.

Quaisquer que fossem as roupas e os costumes, por mais que tivessem ficado afiados em arrancar moedas dos viajantes, pai Yarvi tinha o sangue da Rainha Dourada e sabia o melhor modo de despojá-los. Barganhava na língua de cada um, espantava-os ora com sorrisos encantadores, ora com uma inexpressividade pétrea, até estarem disputando a chance de lhe oferecer os menores preços. Quando enfim alugou oito grandes bois barbudos da chefe da aldeia, deixou-a piscando pasma com as poucas moedas na palma da mão.

– Pai Yarvi não é bobo – comentou Brand enquanto o olhavam fazer sua

magia cotidiana.

– É o homem mais esperto que já conheci – afirmou Rulf.

Havia um cemitério de madeira abandonada junto ao rio – roletes e patins de trenós, mastros e remos quebrados, até uma quilha velha e torta com algumas tábuas de costado ainda presas, os ossos de um navio que devia ter descido a montanha danificado demais e fora quebrado para usarem as peças. A tripulação se ocupou com machados e formões e, quando o Pai Lua começou a aparecer, eles estavam com o *Vento Sul* em terra, bons patins montados ao longo da quilha e toda a carga em duas carroças alugadas.

– Vamos treinar agora? – perguntou Thorn.

Ela observava a tripulação começar as brincadeiras usuais noturnas em volta da fogueira, Koll provocando ondas de gargalhadas ao imitar uma das histórias pouquíssimo prováveis de Odda.

Skifr espiou-a, um olho brilhando à luz fraca do dia.

– Está tarde e amanhã vamos ter trabalho duro. Você quer treinar?

Thorn empurrou algumas aparas de madeira com o pé.

– Talvez só um pouco?

– Ainda vamos transformar você numa matadora. Pegue as armas.

AO PRIMEIRO BRILHO do alvorecer, Rulf arrancou todos da cama a chutes, resmungando, a respiração soltando vapor em meio ao ar úmido.

– De pé, seus cagalhões! Este é o dia mais difícil da vida de vocês!

Não houvera dias fáceis desde a partida de Thorlby, mas o piloto estava

certo. Carregar um navio montanha acima é tão difícil quanto parece.

Gemendo, fizeram força com as cordas, rosnando usaram os remos que se projetavam do casco como suporte, apoiavam os ombros na quilha quando os patins se agarravam, seguravam uns aos outros num emaranhado esforçado, fedorento, desbocado. Mesmo com quatro bois atrelados na proa, logo todos estavam machucados por causa das quedas e em carne viva devido às cordas, chicoteados por gravetos e cheios de farpas.

Safrit ia à frente para tirar os galhos caídos da trilha. Koll entrava e saía de baixo da quilha com um balde de piche e banha de porco para manter os patins deslizando. Pai Yarvi gritava com os condutores dos bois na língua deles, e esses homens jamais usavam aguilhões, apenas falavam baixinho com os animais.

Morro acima, sempre morro acima, a trilha quase invisível e cheia de pedras e raízes. Alguns tripulantes rondavam armados entre as árvores em volta do navio, atentos a bandoleiros que pudessem emboscar e sequestrar pessoas para vender como escravos.

– Vender uma tripulação é muito mais lucrativo do que vender coisas para uma tripulação, isso é certo – afirmou Odda, soltando um suspiro sugestivo, como se falasse por experiência própria.

– Ou do que arrastar um navio por uma floresta – grunhiu Dosduvoi.

– Guardem o fôlego para quando tivermos que levantá-lo – disse Rulf entre os dentes trincados. – Vocês vão precisar.

Enquanto a manhã prosseguia, a Mãe Sol golpeava sem misericórdia e moscas gordas enxameavam em volta dos bois e da tripulação. O suor escorria

pela cabeça raspada de Thorn, pingava das sobrancelhas e encharcava a túnica a ponto de o tecido áspero deixar seus mamilos em carne viva. Muitos tripulantes tinham se despido até a cintura e alguns muito mais. Odda fazia força usando apenas as botas, com a bunda mais peluda já exibida por algum homem ou animal.

Thorn deveria estar atenta ao lugar onde punha os pés, mas seus olhos ficavam se voltando para Brand, do outro lado do barco. Os outros resmungavam, tropeçavam e soltavam palavrões; já ele continuava indo, os olhos adiante e o cabelo úmido grudado no maxilar, os músculos grossos dos ombros cobertos de suor trabalhando enquanto ele carregava todo aquele peso sem reclamar. Havia força ali. Força como o pai de Thorn tinha, sólida, silenciosa e tão segura quanto o Pai Terra. Lembrou-se das últimas palavras da rainha Laithlin para ela: *Os tolos alardeiam o que vão fazer. Os heróis fazem.* Thorn olhou de novo para Brand e se pegou desejando ser mais parecida com ele.

– É, concordo – murmurou Safrit, segurando o odre de água junto aos lábios rachados de Thorn para que ela pudesse beber sem soltar a corda. – É um rapaz bem-feito.

Thorn afastou o olhar bruscamente, deixou metade do gole entrar na traqueia e quase engasgou.

– Não sei do que você está falando.

– Claro que não. – Safrit passou a língua pela bochecha. – Deve ser por isso que você não fica olhando.

Certa hora passaram por um navio sendo carregado para o lado oposto por uma tripulação de homens suarentos das Terras Baixas e menearam a cabeça uns para os outros, mas não desperdiçaram o fôlego cumprimentando-se. Thorn não tinha fôlego para isso, o peito estava pegando fogo e cada músculo doía. Até as unhas dos pés doíam.

– Não sou grande entusiasta... de remar – rosnou ela –, mas sem dúvida prefiro... remar... a carregar um navio.

Com um último esforço, passaram o *Vento Sul* por uma crista teimosa e chegaram ao terreno plano, os patins parando com um rangido.

– Vamos descansar aqui por enquanto! – gritou pai Yarvi.

Houve um coro de gemidos de agradecimento e os homens amarraram as cordas nas árvores próximas, deixando-se cair entre as raízes nodosas.

– Graças aos deuses – sussurrou Thorn, apertando as costas doloridas com as mãos. – A descida vai ser mais fácil. Tem que ser.

– Acho que veremos quando chegarmos lá – disse Brand, protegendo os olhos da claridade.

O terreno ia baixando à frente, mas, indistinto na névoa, subia de novo, por encostas arborizadas, mais e mais alto, até uma crista acima até mesmo daquela onde estavam agora.

Thorn olhou para aquilo, o queixo caído numa incredulidade nauseada.

– Cada vez mais estou achando que ser apedrejada seria a opção menos dolorosa.

– Nunca é tarde para mudar de ideia – interveio pai Yarvi. – Temos poucos

confortos aqui, mas com certeza podemos encontrar pedras.

O homem que lutou contra um navio

FOI UMA TRIPULAÇÃO soturna e cansada que lutou para sair gemendo da cama, todos devastados por dores e hematomas do trabalho da véspera e prevendo um dia igualmente difícil. Nem mesmo Odda tinha piadas enquanto contemplava a longa queda pela encosta coberta de árvores, com algo que parecia água rebrilhando na distância nevoenta.

– Pelo menos é morro abaixo – disse Brand.

Odda bufou, dando-lhe as costas.

– Rá.

Logo Brand descobriu o significado da zombaria. Morro acima o desafio era arrastar o *Vento Sul*. Morro abaixo era impedir que ele saísse deslizando, logo um trabalho equivalente, porém muito mais perigoso. Na trilha sinuosa não havia espaço suficiente para qualquer ajuda dos bois, uma dúzia de tripulantes tinha envolvido trapos nas mãos feridas, enrolado as cordas nos antebraços em carne viva e nos ombros doloridos acolchoados com cobertores. Lutavam ao lado do navio, seis de cada lado. Faziam força para mantê-lo reto enquanto ele chacoalhava pela encosta encalombada. Koll se esgueirava à frente com seu balde, passando a gosma nos patins sempre que começavam a soltar fumaça.

– Firmes – resmungou Rulf, levantando a mão. – Firmes!

– É mais fácil falar do que fazer – gemeu Brand.

Ele havia recebido uma corda, claro. O problema de ser capaz de levantar coisas pesadas é que, quando há coisas pesadas precisando ser levantadas, as pessoas ficam de lado e sorriem para você. O garoto realizara alguns serviços difíceis para ganhar migalhas para ele e Rin, mas nunca tinha trabalhado tanto na vida, com o cânhamo encharcado de suor enrolado num antebraço, num ombro e depois no outro, cortando-o a cada passo, as pernas trêmulas, as botas deslizando na terra solta, nas folhas escorregadias e nas agulhas de pinheiros, tossindo com a poeira que Odda levantava adiante e se encolhendo com os palavrões de Dosduvoi atrás.

– Quando vamos chegar àquele rio maldito? – rosnou Odda por cima do ombro enquanto esperavam que uma árvore caída fosse retirada do caminho.

– Logo vamos poder fazer o barco flutuar no rio que está escorrendo de mim. – Brand sacudiu a cabeça e o suor voou em gotas graúdas de seu cabelo úmido.

– Assim que Safrit traz a água, ela sai das minhas costas e escorre pelo meu rego – disse Dosduvou. – Vai contar como conseguiu a cicatriz, Fror?

– Eu me cortei fazendo a barba! – gritou o vansterlandês do outro lado do navio. Após uma longa pausa, acrescentou: – Nunca se barbeie com um machado.

Thorn estava atrás, era um dos cinco que carregavam o mastro semiesculpido. Brand podia sentir os olhos dela às suas costas, afiados feito flechas, e supôs que a garota ainda estivesse furiosa com o que ele dissera sobre a mãe dela. Não a culpava. Não era Thorn que tinha ido embora deixando Rin para se virar sozinha. Parecia que, sempre que Brand perdia as estribeiras, era

dele próprio que sentia raiva. Sabia que deveria se desculpar, mas as palavras nunca lhe vinham facilmente. Às vezes passava dias escolhendo as certas para falar, porém, quando enfim abria a boca, as erradas saíam babando de imediato.

– Acho que eu ficaria melhor se nunca mais dissesse nenhuma palavra.

– Você não receberia nenhuma reclamação da minha parte – ouviu Thorn murmurar.

Estava se virando para lhe dar uma bronca da qual logo se arrependeria quando sentiu um repelão na corda, que o arrastou deslizando por um monte de folhas, mal conseguindo ficar de pé.

– Calma! – berrou Dosduvoi, e puxou sua própria corda com força.

Um nó deslizou com um barulho de chicote estalando, ele soltou um grito chocado e voou para trás.

Odda guinchou “Deuses!” enquanto era puxado de cara no chão, derrubando o homem seguinte, que largou a própria corda, a ponta solta estalando feito uma coisa viva.

Houve uma agitação de asas batendo de um pássaro que alçou voo e o *Vento Sul* saltou adiante, um dos homens do outro lado berrando quando a corda rasgou seus ombros e o fez girar, derrubando Fror de lado, o peso súbito arrastando o resto dos homens como pinos de boliche.

Brand viu Koll se inclinando para baixo do navio com seu balde de piche, olhando para cima horrorizado quando a proa alta estremeceu sobre ele. O menino tentou escapar e escorregou de costas sob a quilha que raspava o chão.

Não havia tempo para hesitação. Talvez isso fosse uma coisa boa. O pai de

Brand sempre lhe dissera que ele não era muito de pensar.

Ele saltou da trilha numa chuva de folhas velhas, arrastando a corda em volta da árvore mais próxima, uma criatura antiga de tronco grosso com raízes nodosas se agarrando profundamente na encosta.

As pessoas gritavam umas por cima das outras, tábuas gemiam, madeira estalava, mas Brand não ligou: pressionou uma bota contra a árvore e depois a outra. Com um grunhido, forçou as pernas e as costas para fora, inclinando-se contra a corda que atravessava os ombros, retesando-a de modo a estar na horizontal com relação ao tronco, como se fosse um galho.

Se ao menos fosse feito de madeira também! A corda ressoava como uma corda de harpa e os olhos dele se arregalavam com o esforço, o cânhamo raspando na casca, escorregando nas suas mãos, mordendo os braços. Trincou os dentes, fechou os olhos e agarrou os trapos em volta da corda. Apertou com a força com que a Morte aperta os agonizantes.

Era peso demais, mas uma vez que a carga está em cima de você, que opção existe?

Mais som de algo raspando em seus ouvidos enquanto o *Vento Sul* se deslocava e o peso aumentava mais e mais. Brand soltou um gemido lento, mas sabia que, se deixasse os joelhos, as costas ou os braços se curvarem, a corda iria dobrá-lo ao meio.

Abriu os olhos por um instante. A luz do sol cintilava entre as folhas. Havia sangue em seus punhos trêmulos. A corda soltava fumaça em volta do tronco. Vozes ecoavam distantes. Ele sibilou enquanto a corda se torcia, sibilava e

depois escorregava de novo, mordendo-o como se fosse uma serra.

Não podia soltar. Não podia fracassar com sua tripulação. Ossos estalando enquanto o cânhamo lhe cortava os ombros, os braços, as mãos. Certamente iria despedaçá-lo, a respiração entrecortada rasgando o peito e saindo num ronco entre os dentes trincados.

Não podia soltar. Não podia fracassar com sua família. Todo o corpo trêmulo, cada nervo de músculo pegando fogo com o esforço.

Não havia nada no mundo, a não ser ele e a corda. Nada além do esforço, da dor e da escuridão.

Então escutou a voz de Rin baixinha em seu ouvido:

– Solte.

Sacudiu a cabeça, gemendo, esforçando-se.

– Solte, Brand!

Um machado trovejou na madeira e ele estava caindo, o mundo dando uma cambalhota. Braços fortes o agarraram, o baixaram, fraco feito uma criança, frouxo como trapos.

Era Thorn, com a Mãe Sol atrás reluzindo na penugem num dos lados da cabeça.

– Cadê a Rin? – sussurrou ele, mas as palavras eram apenas um ruído rouco.

– Pode soltar.

– Hã.

Seus punhos ainda estavam cerrados. Foi necessário um esforço estupendo para fazer com que os dedos que pulsavam se abrissem o bastante para Thorn

começar a desenrolar a corda, o cânhamo escuro com sangue.

Ela se encolheu e berrou:

– Pai Yarvi!

– Desculpe – disse Brand.

– O quê?

– Eu não deveria ter dito aquilo... sobre sua mãe...

– Cale a boca, Brand. – Houve uma pausa, depois uma balbúrdia de vozes à distância, um pássaro lançando um trinado nos galhos acima. – O que dói de verdade é que estou começando a achar que você estava certo.

– Estava?

– Não fique empolgado. Duvido que vá acontecer de novo.

Havia pessoas reunidas em volta deles, silhuetas turvas olhando para baixo.

– Já viu algo assim?

– Ele segurou o peso todo por um momento.

– Um feito para ser cantado, sem dúvida.

– Já estou colocando num verso – falou Odda.

– Você salvou a minha vida – afirmou Koll, encarando-o com os olhos arregalados, sujo de piche até o rosto.

Safrit colocou o gargalo do odre nos lábios de Brand.

– O navio ia esmagá-lo.

– O navio poderia ter se destruído – observou Rulf. – Aí não conseguiríamos levar ajuda a Gettland.

– Nós é que precisaríamos de bastante ajuda.

Até mesmo engolir era árduo.

– Só... fiz o que qualquer um faria.

– Você me lembra um velho amigo nosso – comentou pai Yarvi. – Braço forte. Coração forte.

– Uma remada de cada vez – disse Rulf, com a voz meio embargada.

Brand olhou para o que o ministro estava fazendo e se sentiu nauseado. As queimaduras da corda subiam pelos braços como cobras vermelhas em volta de galhos brancos, em carne viva e sangrando.

– Dói?

– Só um formigamento.

– Só uma porcaria de formigamento! – berrou Odda. – Ouviram isso? O que rima com formigamento?

– Logo vai doer – garantiu pai Yarvi. – E deixar algumas cicatrizes.

– Marcas de um grande feito – murmurou Fror, que, em termos de cicatrizes, podia ser considerado um especialista. – Marcas heroicas.

Brand se encolheu quando Yarvi enrolou as bandagens em volta dos antebraços; agora os cortes ardiam, furiosos.

– Um herói e tanto – murmurou, enquanto Thorn o ajudava a se sentar. – Lutei contra uma corda e perdi.

– Não. – Pai Yarvi enfiou um alfinete nas bandagens e colocou a mão mirrada no ombro de Brand. – Você lutou contra um navio. E venceu. Coloque isto embaixo da língua. – Enfiou uma folha seca na boca de Brand. – Vai ajudar com a dor.

– O nó deslizou – disse Dosduvoi, piscando para a ponta esgarçada da sua corda. – Que tipo de azar tremendo é esse?

– O tipo que aflige quem não verifica os nós direito – respondeu pai Yarvi, olhando-o irritado. – Safrit, abra espaço para o Brand na carroça. Koll, fique com ele. Garanta que ele não seja levado a maiores heroísmos.

Safrit fez uma cama no meio dos suprimentos usando os cobertores da tripulação. Brand tentou dizer a ela que era capaz de andar, mas todos viam que não podia.

– Você vai ficar aí deitado e vai gostar! – exclamou ela rispidamente, apontando o dedo na sua cara.

E assim foi. Koll se empoleirou num barril ao lado dele e a carroça partiu sacolejando encosta abaixo, Brand se contraindo de dor a cada movimento brusco.

– Você salvou a minha vida – murmurou o garoto depois de um tempo.

– Você é rápido. Teria saído do caminho.

– Não teria, não. Eu estava olhando pela Última Porta. Deixe-me ao menos agradecer.

Os dois se encararam por um instante.

– É justo – disse Brand. – Aceito o agradecimento.

– Como você ficou tão forte assim?

– Trabalhando, acho. No cais. No remo. Na forja.

– Você trabalhou como ferreiro?

– Para uma mulher chamada Gaden. Ela ficou com a forja do marido quando

ele morreu e acabou virando uma ferreira duas vezes melhor do que ele. – Brand se lembrou da sensação da marreta, do tinir da bigorna, do calor do carvão. Nunca achara que sentiria falta, mas sentia. – É uma boa profissão, trabalhar com ferro. Honesta.

– Por que parou?

– Sempre sonhei em ser guerreiro. Ganhar um lugar nas canções. Participar de uma tripulação. – Brand olhou Odda e Dosduvoi discutindo sob o peso das cordas, Fror balançando a cabeça, e sorriu. – O que eu tinha em mente era uma tripulação mais digna do que essa, só que a gente precisa aceitar a família que tem. – A dor havia diminuído, mas parecia que a folha de Yarvi afrouxara sua língua. – Minha mãe morreu quando eu era pequeno. Disse para eu fazer o bem. Meu pai não queria que eu...

– Meu pai morreu – interrompeu Koll. – Há muito tempo.

– Bom, agora você tem pai Yarvi. E todos esses irmãos em volta. – Brand e Thorn se entreolharam por um instante antes de ela franzir a testa na direção das árvores. – E Thorn como irmã também, aliás.

Koll abriu seu sorriso ligeiro.

– É uma bênção e uma maldição misturadas.

– A maioria das bênçãos é assim. Ela é espinhenta, mas acho que lutaria até a morte por qualquer um de nós.

– Sem dúvida ela gosta de lutar.

– Gosta mesmo.

As rodas da carroça guinchavam, a carga chacoalhava, os tripulantes faziam

força berrando uns com os outros. Então Koll disse baixinho:

– Então você é meu irmão?

– Acho que sou. Se você me aceitar.

– Bem, poderia ser pior.

O garoto deu de ombros, como se isso não importasse muito. Mas Brand teve a sensação de que importava.

COM UM ÚLTIMO tranco o *Vento Sul* deslizou nas águas borbulhantes do Renegado, e soaram gritos roucos de comemoração.

– Conseguimos – disse Brand, quase não acreditando. – Conseguimos?

– É. Pode dizer aos seus netos que você carregou um navio pelos árduos arrastos. – Rulf enxugou o suor da testa com o antebraço grosso. – Mas ainda temos que remar um bocado hoje! – gritou, terminando rapidamente as comemorações. – Vamos colocar a carga e completar alguns quilômetros antes do pôr do sol!

– De pé, preguiçoso. – Dosduvoi tirou Brand da carroça e o deixou sobre as pernas ainda bambas.

Pai Yarvi estava falando com o líder dos carroceiros numa língua que só os deuses sabiam qual era, então os dois explodiram numa gargalhada e se deram um longo abraço.

– O que ele disse? – perguntou Brand.

– Cuidado com o Povo dos Cavalos – respondeu pai Yarvi –, porque eles são selvagens e perigosos.

Thorn fitou os bois, enfim livres do fardo.

– Não entendi a piada.

– Eu perguntei o que ele diz ao Povo dos Cavalos quando negocia com eles.

– O quê?

– Cuidado com o Povo dos Barcos, porque são selvagens e perigosos.

– Quem é o Povo dos Barcos? – perguntou Koll.

– Somos nós – respondeu Brand, fazendo uma careta enquanto subia a bordo do *Vento Sul*.

Cada junta e cada tendão estava doendo e ele foi andando curvado, arrastando os pés como um velho, até seu lugar na popa, deixando-se cair em seu baú no momento em que Thorn o posicionou para ele.

– Tem certeza de que consegue remar?

– Vou manter o ritmo com você – murmurou ele, mas parecia um esforço heroico simplesmente ficar sentado.

– Você mal consegue manter meu ritmo quando está saudável.

– Veremos se você consegue manter o meu ritmo, sua tira de cartilagem faladeira. – Rulf estava parado atrás deles. – Você está ocupando o meu lugar, garoto.

– Para onde eu vou?

Rulf assentiu para o remo-leme na plataforma acima deles.

– Achei que hoje à tarde você poderia pegar o leme.

Brand pestanejou.

– Eu?

– Acho que você merece.

Rulf lhe deu um tapa nas costas enquanto o ajudava a subir.

Grunhindo por causa da dor, Brand se virou, um dos braços em cima do remo-leme, e viu toda a tripulação olhando-o: Safrit e Koll com a carga, Odda, Dosduvoi e Fror nos remos, pai Yarvi de pé junto de Skifr perto da proa com a escultura do pombo e, mais além, o Renegado correndo para o sul, a Mãe Sol espalhando ouro na água.

Brand deu um sorriso largo.

– Gosto da vista daqui.

– Não se acostume – replicou Rulf.

De repente, toda a tripulação começou a bater nos remos, a socar, um trovão de carne em madeira. Um rufar de respeito. Por ele. Por ele, que, durante toda a vida, tinha sido nada.

– Para ser justa, foi incrível o que você fez lá em cima – falou Thorn, que exibia uma leve sugestão de sorriso, os olhos brilhando enquanto batia no remo. – Incrível.

Brand sentiu um orgulho inchando por dentro, como nunca havia sentido na vida. Percorrera uma longa estrada desde que fora deixado sozinho na praia abaixo de Thorlby. Podia não ter feito o juramento de guerreiro, mas tinha encontrado uma tripulação. Uma família. Desejou que Rin estivesse ali para testemunhar, e visualizou o rosto dela como se estivesse. Precisou fungar e fingir que estava com algo no olho. Sentia-se na luz, sem dúvida.

– Bom, não fiquem só batendo neles, seus sacanas preguiçosos! – gritou com

voz embargada. – Remem!

A tripulação gargalhou enquanto remava e o *Vento Sul* partiu facilmente pelo rápido Renegado, enfim seguindo a favor da correnteza, deixando os bois e seus carroceiros na margem, à espera de um novo fardo.

Tempos estranhos

A FLORESTA DEU lugar à estepe aberta. Terrivelmente aberta. Implacavelmente plana. Quilômetros e mais quilômetros de capim luxuriante, verde, oscilando.

Para Thorn, criada em meio aos morros, às montanhas e aos penhascos de Gettland, havia algo opressor em todo aquele vazio, em todo aquele espaço estendendo-se até o horizonte distante, distante.

– Por que ninguém planta nada aqui? – perguntou Koll, montado no mastro abaixado, o vento chicoteando as aparas de madeira de baixo de sua faca.

– O Povo dos Cavalos pasta aqui – respondeu Dosduvoi. – E eles não gostam de encontrar outras pessoas neste lugar.

Odda bufou.

– Eles gostam tão pouco que as esfolam vivas.

– Uma prática que o príncipe de Kalyiv ensinou a eles.

– Que ele aprendeu na Primeira Cidade – completou Fror, enxugando o olho torto com a ponta de um dedo.

– Mas eu soube que esse costume foi levado para lá por viajantes de Sagenmark – contrapôs Rulf.

– Que o aprenderam quando Bail, o Construtor, os atacou pela primeira vez – acrescentou Yarvi.

– Assim, os esfoladores são esfolados – observou Skifr, observando o vento

varrer o capim. – E as malditas lições andam em círculos, sempre se repetindo.

– Tudo bem. – Rulf examinou o rio adiante e atrás e a terra plana ao redor com olhos semicerrados mais firmes do que nunca. – Desde que não recebamos aulas.

– Por que vocês estão tão preocupados? – perguntou Thorn. – Não vemos navios há dias.

– Exatamente. Onde eles estão?

– Ali estão dois – avisou pai Yarvi, apontando rio abaixo.

Ele tinha olhos aguçados. Só quando chegaram muito mais perto, esforçando-se para enxergar por cima dos ombros, Thorn conseguiu ver o que eram os montes pretos na margem do rio. Esqueletos chamuscados de dois pequenos navios num amplo trecho de capim amassado. O círculo enegrecido de uma fogueira apagada. Uma fogueira igual à que eles usavam para esquentar as mãos toda noite.

– Não parece bom para as tripulações – murmurou Brand, que tinha uma queda por dizer o que os outros já haviam notado.

– Mortos – disse Skifr, animada. – Talvez alguns sortudos, ou azarados, tenham sido escravizados. O Povo dos Cavalos não é conhecido pela gentileza.

Odda franziu a testa para a vastidão de capim.

– Acha que vamos encontrá-los?

– Conhecendo minha sorte... – murmurou Dosduvoi.

– De agora em diante vamos procurar terreno elevado para acampar! – gritou Rulf. – E dobrar a guarda! Quero oito homens acordados o tempo todo!

E assim foi, com todo mundo nervoso, franzindo a testa para enxergar por cima da estepe e se espantando a cada som, que eles viram um navio remar rio acima.

Era mais ou menos do tamanho do *Vento Sul*, cerca de dezesseis remos de cada lado. A carranca era um lobo preto, por isso Thorn supôs que a tripulação fosse throvenlandesa. Pelas cicatrizes nos escudos presos na amurada, eram homens prontos para lutar. Talvez até ávidos por isso.

– Mantenham as armas perto! – gritou Rulf, com o arco de chifre já nas mãos.

Safrit ficou olhando nervosa enquanto os homens lutavam para manusear os remos e as armas ao mesmo tempo.

– Não deveríamos aplainar o caminho para o Pai Paz?

– Claro. – Pai Yarvi afrouxou sua espada na bainha. – Mas as palavras de um homem armado fazem isso com muito mais doçura. Olá! – gritou através da água.

Uma figura barbuda com cota de malha se levantou alta na proa do outro navio.

– Olá, amigos! – A saudação pareceria mais pacífica se o sujeito não tivesse homens com arcos retesados dos dois lados. – Nosso navio é o *Cão Negro*, subindo o Renegado vindo da Primeira Cidade!

– *Vento Sul*, descendo o Divino desde Roystock! – gritou Yarvi.

– Como foram os árduos arrastos?

– Trabalho sedento para quem carregou. – Yarvi levantou a mão aleijada. –

Mas eu passei bem.

O outro capitão gargalhou.

– Um líder deve compartilhar o trabalho de seus homens, só que, se pegar a parte fácil, eles perderão todo o respeito! Podemos nos aproximar?

– Podem, mas saibam que estamos bem armados.

– Nestas bandas, são os homens desarmados que provocam suspeitas.

O capitão sinalizou para sua tripulação, um grupo castigado pelo tempo, cheios de cicatrizes, barbas e brilhantes argolas-dinheiro, que habilmente levaram o *Cão Negro* para o meio da corrente, ao lado do *Vento Sul*, proa virada para popa.

De repente ele soltou uma gargalhada incrédula.

– Quem é esse velho desgraçado que você tem aí no leme? Se não for Rulf, o Malvado, eu sou uma peça de presunto! Tinha certeza de que você estava morto, e não perdi o sono por causa disso!

Rulf gargalhou também.

– É uma peça de presunto, e ainda por cima podre! Jenner, o Azul! Eu tinha certeza de que você estava morto e bebi um barril inteiro comemorando!

– Rulf, o Malvado? – murmurou Thorn.

– Faz muito tempo. – O velho piloto gesticulou, descartando o apelido, enquanto pousava seu arco. – Em geral as pessoas ficam menos malvadas com a idade.

A tripulação do *Cão Negro* jogou sua corda de proa por cima da água e, apesar de alguns palavrões por causa dos remos enganchados, os dois navios se

juntaram. Jenner se inclinou por cima e apertou o braço de Rulf, os dois homens rindo de orelha a orelha.

Thorn não sorriu e manteve a mão na espada de seu pai.

– Como diabos você se livrou daquela confusão em que o Jovem Halstam nos colocou? – perguntou Rulf.

Jenner tirou o elmo e jogou-o para seus homens, coçando um emaranhado de cabelos ralos e grisalhos.

– Sinto vergonha de dizer que me arrisquei com a Mãe Oceano e nadei para salvar a minha vida.

– Você sempre teve uma ótima sorte com as armas.

– Mesmo assim, levei uma flechada na bunda. Bom, apesar de ser um homem ossudo, fui abençoado com uma bunda carnuda e o mal não foi duradouro. Considerei que a flecha foi sorte, porque com ela eu me livrei de um colar de escravo.

Rulf passou a mão suavemente pelo pescoço e Thorn viu marcas que nunca havia notado ali, abaixo da barba.

– Tive menos sorte, mas, graças a pai Yarvi, sou um homem livre outra vez.

– Pai Yarvi? – Os olhos de Jenner se arregalaram. – O ministro de Gettland? Que já foi filho da Rainha Dourada Laithlin?

– O próprio – respondeu Yarvi, abrindo caminho entre os baús até a popa do barco.

– Então me sinto honrado, porque ouvi dizer que você é um homem astuto. – Jenner levantou as sobrancelhas, fitando Thorn. – Agora você tem mulheres

puxando seus remos?

– Eu pego qualquer um que mova meu barco – respondeu Rulf.

– Por que esse cabelo maluco, garota?

– Porque os outros que se danem – resmungou Thorn.

– Ah, ela é feroz! Esqueça o remo, acho que ela é capaz de quebrar um homem ao meio.

– Estou disposta a tentar – disse ela, nem um pouco lisonjeada.

Jenner exibiu os dentes amarelos e com várias falhas.

– Se eu fosse dez anos mais novo, agarraria a oportunidade, mas a idade trouxe cautela.

– Quanto menos tempo a gente tem, menos quer arriscar o que resta – concordou Rulf.

– Essa é a verdade. – Jenner balançou a cabeça. – Rulf, o Malvado, retornando do lado de lá da Última Porta, garotas puxando remos e os deuses sabem mais o quê. Tempos estranhos, sem dúvida.

– Que tempos não são? – questionou pai Yarvi.

– Isso também é verdade! – Jenner estreitou os olhos para o sol turvo. – Está chegando a hora do jantar. Vamos para a terra trocar notícias?

– Com trocar notícias você quer dizer beber? – perguntou Rulf.

– Quero, e bastante.

ENCONTRARAM UMA CURVA do rio que poderia ser defendida com facilidade, montaram uma guarda forte e uma grande fogueira, as chamas chicoteadas de

lado pelo vento incessante, fazendo chover fagulhas sobre a água. Então cada tripulação abriu um barril de cerveja e houve muita cantoria, cada vez mais desafinada. Narraram histórias cada vez mais inacreditáveis e provocaram uma animação cada vez mais ruidosa. Alguém inadvertidamente deu cerveja a Koll, que gostou bastante. Pouco depois, o garoto vomitou e caiu no sono, para a aversão profunda de sua mãe e diversão profunda de todos os outros.

A animação festiva nunca havia deixado Thorn contente. Apesar dos sorrisos, todo mundo mantinha as armas à mão e alguns homens sorriam quase tão pouco quanto ela. O piloto do *Cão Negro*, Crouch, com uma mecha branca na cabeça já meio calva, parecia nutrir algum ressentimento especial contra o mundo. Quando ele se levantou para mijar no rio, Thorn notou-o examinando meticulosamente o conteúdo do *Vento Sul*, sobretudo o baú reforçado com ferro.

– Não gosto da cara dele – murmurou para Brand.

Ele espiou-a por cima da borda da caneca.

– Você não gosta da cara de ninguém.

Ela nunca tivera objeção à aparência de Brand, mas guardou isso para si.

– Gosto da cara dele menos ainda do que da maioria. É uma daquelas pessoas que não têm nada além de olhares duros e palavras duras. A cara parece uma bunda espancada.

Brand sorriu dentro do copo de cerveja.

– Ah, eu odeio esse tipo de gente.

Thorn também não evitou sorrir.

– Entretanto, por baixo do meu exterior intimidador, tenho profundezas

escondidas.

– Muito bem escondidas – disse ele, erguendou o copo. – Mas talvez eu esteja começando a sondá-las.

– Ousadia sua, sondando uma garota sem ao menos pedir licença.

Ele espirrou cerveja pelo nariz, teve um ataque de tosse e precisou levar um tapa nas costas, dado por Odda, que aproveitou a chance para berrar seu verso malfeito contando como Brand havia segurado o navio. A encosta ficava mais íngreme, o perigo maior e o feito mais impressionante a cada narração, com Safrit rindo de orelha a orelha para Brand e dizendo:

– Ele salvou a vida do meu filho.

O único a questionar os fatos foi o próprio Brand, que se sentiria mais confortável sentado num espeto do que ouvindo todos aqueles elogios.

– Como estão as coisas no Mar Despedaçado? – perguntou Jenner quando a música cessou. – Faz um ano que não vemos nossa casa.

– Mais ou menos como estavam – respondeu Yarvi. – Avó Wexen faz exigências maiores ainda em nome do Rei Supremo. As últimas notícias são sobre impostos.

– Uma varíola para ele e sua Divindade Única! – exclamou Jenner rispidamente. – Um sujeito deveria ser dono do que pega, não ter que alugar de outro ladrão só porque tem uma cadeira maior.

– Quanto mais alguns homens têm, mais querem – retrucou Yarvi, e pessoas dos dois lados da fogueira murmuraram em assentimento.

– O Divino estava livre?

– Não encontramos problema – respondeu Rulf. – E o Renegado?

Jenner sugou as falhas nos dentes.

– O maldito Povo dos Cavalos está agitado feito besouros raivosos, atacando barcos e caravanas, queimando propriedades à vista de Kalyiv.

– Que tribo? – perguntou Yarvi. – Uzhaks? Barmeks?

Jenner o encarou, sem entender.

– Existem tribos?

– Todas com seus próprios costumes.

– Bom, na maior parte disparam o mesmo tipo de flechas, pelo que pude ver, e o príncipe de Kalyiv também não faz muita distinção entre elas. Está cansado das provocações e pretende dar uma lição sangrenta neles.

– É o melhor tipo – comentou Odda, mostrando os dentes limados.

– Só que ele não está planejando fazer isso com as próprias mãos.

– Os príncipes raramente fazem isso – retrucou Yarvi.

– Ele estendeu uma corrente atravessando o Renegado e não está deixando nenhuma tripulação de guerreiros passar até que nós, nortistas, o tenhamos ajudado a dar uma surra das boas no Povo dos Cavalos.

Rulf estufou o peito largo.

– Bom, ele não vai parar o ministro de Gettland.

– Você não conhece o príncipe Varoslaf, e nenhum homem sensato gostaria de conhecer. Não se pode saber o que aquele desgraçado careca fará de um momento para o outro. O único motivo para termos escapado foi porque inventei uma história, dizendo que ia espalhar a notícia e trazer mais guerreiros do Mar

Despedaçado. Se eu fosse vocês, voltaria conosco.

– Nós vamos em frente – replicou Yarvi.

– Então desejo a melhor sorte no clima para vocês, e esperemos que não precisem de sorte nas armas. – Jenner tomou longo gole. – Mas acho que vão precisar.

– Assim como qualquer um que atravessar os árduos arrastos. – Skifr estava deitada de costas, os braços atrás da cabeça, os pés descalços perto da fogueira. – Talvez vocês devam testar a de vocês enquanto podem.

– O que você tem em mente, mulher? – rosnou Crouch.

– Um teste amigável com armas de treino. – Skifr deu um bocejo enorme. – A pessoa que estou treinando derrotou todo mundo da nossa tripulação e precisa de novos oponentes.

– Quem é essa pessoa? – perguntou Jenner, olhando para Dosduvoi, que parecia uma montanha em meio às sombras tremeluzentes.

– Ah, não – disse o gigante. – Não sou eu.

Thorn fez sua cara de coragem, ergueu-se e entrou na luz da fogueira.

– Eu.

Houve silêncio. Então Crouch deu uma gargalhada incrédula, logo acompanhado por outros.

– Essa coisinha com metade do cabelo?

– A garota consegue ao menos levantar um escudo?

– Acho que consegue levantar uma agulha. Preciso de alguém para costurar um furo na minha meia!

– Você vai precisar de alguém para costurar um buraco em você quando ela terminar – resmungou Odda.

Um garoto que devia ter cerca de um ano a mais do que Thorn implorou a chance de dar a primeira surra nela. As duas tripulações se juntaram num círculo ruidoso com tochas iluminando a disputa, gritando insultos e encorajamentos, fazendo apostas em seus respectivos colegas. O adversário era grande, com pulsos grossos e ferocidade no olhar. O pai de Thorn sempre dizia: *O medo é uma coisa boa. O medo mantém você cautelosa. O medo mantém você viva.* Isso era bom, porque o coração de Thorn batia tão forte que ela achou que o crânio pudesse explodir.

– Quer apostar nessa migalha de nada? – gritou Crouch, quebrando uma das suas argolas ao meio com uma machadinha e apostando-a contra Thorn. – É melhor jogar logo seu dinheiro no rio! Aceita um pedaço disso aqui?

Jenner coçou a barba em silêncio, de modo que suas argolas chacoalharam.

– Gosto de deixar o meu dinheiro onde está.

O nervosismo desapareceu no momento em que as lâminas de madeira se chocaram pela primeira vez e Thorn soube que iria bater muito no garoto. Esquivou-se do segundo golpe, desviou o terceiro para o lado e deixou o rapaz passar tropeçando. Ele era forte, mas partia para cima dela com raiva, às cegas, com o peso totalmente desequilibrado. Thorn se agachou para evitar um golpe giratório, quase rindo de sua inépcia, puxou o escudo dele para baixo e o golpeou no rosto com um estalo agudo. O garoto caiu sentado com força na terra, piscando como um idiota, com sangue escorrendo do nariz.

– Você é a tempestade – ela ouviu Skifr murmurar acima dos gritos de comemoração. – Não espere por eles. Faça-os temer. Faça-os duvidar.

Ela saltou gritando para o homem seguinte no instante em que Jenner pediu que a luta começasse, lançou-o contra seus amigos chocados, golpeou sua barriga com a espada de treino e fez uma mossa no elmo com um golpe sonoro do machado de madeira. Ele tropeçou bêbado por um momento enquanto a tripulação do *Vento Sul* gargalhava, tentando levantar a borda do escudo de novo acima das sobrancelhas.

– Os homens acostumados a lutar na parede de escudos tendem a só pensar adiante. O escudo vira um ponto fraco. Use os flancos.

O homem seguinte era baixo, mas grosso como um tronco de árvore, cauteloso e atento. Ela deixou-o empurrá-la para trás com o escudo por tempo suficiente para as vaias da tripulação do *Cão Negro* se transformarem em aplausos. Então ficou viva, fintou à esquerda e saltou à direita, levantou a espada bem alto e, quando ele ergueu o escudo, puxou seu tornozelo com o machado. Arrastou-o guinchando e deixou a ponta da espada fazendo cócegas na garganta do sujeito.

– Isso, nunca esteja onde eles esperam. Sempre ataque. Ataque primeiro. Ataque por último.

– Seus cães inúteis! – vociferou Crouch. – Sinto vergonha de ser um de vocês!

Em seguida, pegou a espada caída, segurou um escudo com uma flecha pintada e entrou no círculo.

Ele era malicioso, rápido e esperto, só que ela era mais rápida e esperta e muito mais maliciosa. Além disso, Skifr ensinara a Thorn truques com os quais Crouch jamais sonhara. Ela dançou ao redor dele, cansou-o, desferiu uma saraivada de golpes até que o piloto mal sabia para que lado estava virando. Por fim, a garota deslizou em volta de uma estocada e acertou a bunda dele com a parte achatada da espada; o estalo deve ter sido escutado em Kalyiv.

– Esse teste não foi justo – rosnou ele enquanto se levantava.

Estava claro que desejava desesperadamente esfregar as nádegas, que ardiam, mas se obrigou a não fazer isso.

Thorn deu de ombros.

– O campo de batalha não é justo.

– No campo de batalha lutamos com aço, garota. – Ele jogou a espada de treino no chão. – O resultado seria diferente com lâminas de verdade.

– Verdade. Em vez de cuidar de um orgulho ferido e de um traseiro ferido, você estaria com tripas se derramando da bunda aberta.

A tripulação do *Vento Sul* gargalhou e Jenner tentou acalmar seu piloto com uma oferta de mais cerveja, mas ele a descartou com raiva.

– Deixe-me pegar meu machado e vamos ver, sua puta!

Os risos pararam. Thorn repuxou o lábio e cuspiu aos pés dele.

– Pegue seu machado, sua porca velha, estou preparada!

– Não – disse Skifr, passando o braço pelo peito de Thorn. – Vai chegar a hora de você encarar a morte. Não é agora.

– Rá – zombou Crouch. – Covardes!

Thorn rosnou, mas Skifr puxou-a de volta outra vez, com os olhos semicerrados.

– Você é um homem vazio, piloto, apenas vento.

Odda passou por ela.

– Longe de ser vazio, ele está cheio de cagalhões até o cocuruto – bradou ele, e Thorn ficou surpresa ao ver uma faca brilhando na mão do colega. – Nunca tive um companheiro de remo mais corajoso, fosse homem ou mulher. Se soltar outro insulto, eu mesmo vou matá-lo.

– Você precisaria ser mais rápido do que eu – ribombou Dosduvoi, jogando seu cobertor de lado e se levantando.

– E do que eu.

Brand estava ao lado dela, a mão coberta pela bandagem em cima de sua bela adaga.

Muitos dedos faziam cócegas nas armas em ambos os lados e – com a cerveja, o orgulho ferido e a prata perdida – as coisas logo poderiam ficar muito feias. Porém, antes do primeiro soco, pai Yarvi saltou agilmente entre as duas tripulações eriçadas.

– Todos temos inimigos suficientes, não precisamos criar outros entre nossos amigos! O sangue derramado aqui seria sangue desperdiçado! Vamos transformar o punho em mão aberta. Vamos dar o dia ao Pai dos Pombos. Aqui!

Ele enfiou a mão no bolso e jogou uma coisa brilhante para Crouch.

– O que é isso? – rosnou o piloto.

– Prata da rainha Laithlin, com o rosto dela gravado.

O ministro podia ter dedos a menos, mas os que tinha eram mesmo rápidos. Moedas giraram e brilharam à luz da fogueira enquanto ele as jogava para a tripulação do *Cão Negro.*

– Não queremos sua caridade – rosnou Crouch, ainda que muitos de seus colegas de remo já estivessem de joelhos para pegá-las.

– Considere isso um adiantamento em face do que a rainha irá pagar quando vocês se apresentarem em Thorlby. Ela e seu marido, o rei Uthil, estão sempre procurando homens ousados e bons lutadores. Especialmente os que não têm muito amor pelo Rei Supremo.

Jenner levantou seu copo.

– À linda e generosa rainha Laithlin, então! – Enquanto sua tripulação comemorava e enchia os copos, ele acrescentou baixinho: – E ao seu ministro esperto. – E mais baixinho ainda, com uma piscadela para Thorn: – Para não mencionar sua formidável remadora de popa.

Em poucos instantes, as duas tripulações estavam novamente trocando histórias, descobrindo antigos camaradas em comum, discutindo qual era a melhor lâmina, enquanto Safrit arrastava o filho pela orelha e enfiava a cabeça dele no rio. Crouch foi deixado sozinho com seu ressentimento, de pé com os punhos nos quadris, olhando furioso para Thorn.

– Tenho a sensação de que você fez um inimigo – murmurou Brand, embainhando a adaga.

– Ah, eu vivo fazendo isso. Como é que pai Yarvi diz? Os inimigos são o preço do sucesso. – Ela passou um braço pelos ombros dele, o outro pelo de

Odda, e abraçou os dois com força. – O chocante é que, além disso, eu fiz alguns amigos.

Um dia vermelho

– ESCUDOS! – GRITOU RULF.

Brand foi tomado pelo pânico e arrancado dos sonhos felizes com sua casa, saltando do conforto dos cobertores para um alvorecer gelado cor de sangue.

– Escudos!

Os tripulantes estavam saindo atabalhoadamente da cama, trombando uns nos outros, atarantados como ovelhas assustadas, meio vestidos, meio armados, meio acordados. Um homem chutou as brasas da fogueira enquanto passava correndo e fez as fagulhas voarem. Outro berrou ao tentar se enfiar na cota de malha, enrolado com as mangas.

– Armem-se!

Thorn estava ao lado dele. Ultimamente o lado não raspado da cabeça dela era um caos – tranças, emaranhados e mechas emboladas presas com anéis de prata feitos a partir de moedas –, mas suas armas estavam azeitadas e brilhantes de tão polidas e ela exibia uma expressão dura. Brand sentiu-se mais corajoso ao vê-la assim. Os deuses sabiam: ele precisava de bravura. Precisava de bravura e precisava mijar.

Tinham acampado no único morro de uma área de vários quilômetros, uma pequena colina de topo plano numa curva do rio, com pedregulhos se projetando dos flancos, algumas árvores mirradas agarrando-se ao cume. Brand correu para

a crista leste, onde a tripulação estava se reunindo, olhou encosta abaixo e por cima do chapado oceano de capim que se estendia até o nascer do sol. Enquanto arrancava o sono dos olhos com os dedos trêmulos, viu figuras ao longe, cavaleiros fantasmagóricos tremeluzindo na névoa do amanhecer.

– Povo dos Cavalos? – perguntou com a voz rouca.

– Uzhaks, acho. – Pai Yarvi protegeu os olhos claros contra a Mãe Sol, uma mancha sangrenta no horizonte distante. – Mas eles vivem no litoral do Mar Dourado. Não sei o que os trouxe aqui.

– Um desejo profundo de nos matar? – sugeriu Odda, enquanto os cavaleiros tomavam forma saindo da penumbra, o sol vermelho brilhando em metal, na ponta das lanças, em espadas curvas e em elmos feitos para parecerem cabeças de animais.

– Quantos são? – murmurou Thorn, os músculos do maxilar se remexendo no lado raspado da cabeça.

– Oitenta? – Fror olhava-os calmamente, como se observasse um vizinho tirando ervas daninhas do jardim. – Noventa? – Abriu uma bolsa e cuspiu nela, começou a mexer em algo dentro com a ponta de um dedo. – Cem?

– Deuses – sussurrou Brand.

Agora podia ouvir o som de cascos enquanto o Povo dos Cavalos circulava mais perto, soltando gritos, uivos e estranhos trinados que ecoavam na planície. Escutava o chacoalhar e os rosnados da tripulação que preparava o equipamento de guerra e invocava seus deuses escolhidos pedindo sorte nas armas. Um cavaleiro se aproximou, o cabelo comprido balançando ao vento, para testar uma

flecha. Brand se encolheu, mas foi apenas um disparo para avaliar a distância, um disparo de provocação, e a flecha caiu no capim da metade da encosta.

– Um velho amigo certa vez me disse que, quanto maiores as chances contrárias, maior a glória – disse Rulf, tangendo a corda de seu arco com os dedos calejados e fazendo-o zumbir, furioso.

Dosduvoi tirou o oleado da lâmina de seu enorme machado.

– As chances de morrer também aumentam.

– Mas quem quer conhecer a Morte quando estiver velho, ao lado do fogo?

Os dentes de Odda brilharam com cuspe enquanto ele dava seu sorriso louco.

– Não parece algo muito ruim. – Fror enfiou a mão em sua bolsa e retirou-a coberta de tinta azul, pressionou a palma no rosto, deixando uma grande marca. – Mas estou preparado.

Brand não estava. Segurou o escudo que Rin havia pintado com um dragão – isso parecia ter acontecido cem anos antes, a meio mundo de distância. Segurou o cabo do machado com as palmas ainda doloridas das queimaduras da corda sob as bandagens. Os homens do Povo dos Cavalos estavam em movimento constante, a tropa se dividindo e se juntando outra vez, fluindo pela planície como um rio veloz, sempre se aproximando, um estandarte branco estendendo-se embaixo de um crânio chifrudo. Ele captou vislumbres de rostos bravios, rostos bestiais, rostos bélicos, dentes à mostra e olhos se revirando. Eram tantos!

– Pelos deuses – sussurrou.

Será que havia mesmo escolhido aquilo, em vez de uma vida boa, segura, tediosa na forja de Gaden?

– Skifr! – chamou pai Yarvi em voz baixa e urgente.

A velha estava sentada atrás deles, de pernas cruzadas embaixo de uma árvore, franzindo a testa para a fogueira morta como se a solução dos problemas pudesse estar escondida nas brasas.

– Não! – retrucou ela rispidamente por cima do ombro.

– Flechas! – berrou alguém, e Brand as viu, lascas pretas voando alto, desviando-se com o vento.

Uma caiu perto dele, as penas estremecendo. Qualquer mudança na brisa podia ter feito aquela coisinha de madeira e metal atravessar seu peito. Ele teria morrido sob um céu sangrento e jamais reveria a irmã, o cais ou as estrumeiras de Thorlby. Até mesmo coisas que você sempre odiou parecem maravilhosas quando você se lembra delas numa situação assim.

– Montem uma parede, seus cães preguiçosos! – rugiu Rulf, e Brand se enfiou entre Odda e Fror, madeira e metal raspando enquanto eles travavam os escudos juntos, o da esquerda com a borda à frente do seu, o da direita atrás do seu.

Ele havia feito isso mil vezes no quadrado de treino. Os braços e pernas se moviam de forma automática, o que era ótimo, já que sua mente estava enevoada. Homens com lanças e arcos se apinhavam atrás, batendo nas costas da primeira fileira e rosnando encorajamentos, os sem escudos esperando para matar qualquer um que atravessasse, para bloquear as brechas quando homens caíssem. Quando homens morressem. Porque homens morreriam ali, naquele dia, em breve.

– E ainda por cima vieram antes do café da manhã, os desgraçados! – vociferou Odda.

– Se eu quisesse matar um homem, desejaria que ele estivesse com fome – grunhiu Fror.

O coração de Brand batia como se fosse arrebentar o peito, os joelhos trêmulos com a necessidade de fugir, o maxilar trincado com a necessidade de se manter firme. De ficar com sua tripulação, seus irmãos, sua família. Mexeu os ombros para sentir os demais comprimidos contra ele. Deuses, precisava mijar.

– Como você conseguiu a cicatriz? – sussurrou.

– Isto é hora? – rosnou Fror.

– Eu gostaria de morrer sabendo algo sobre o meu companheiro ao lado.

– Muito bem. – O vansterlandês deu seu sorriso louco, o olho bom branco no meio daquela impressão palmar azul. – Quando você estiver morrendo eu conto.

Pai Yarvi se agachou à sombra da parede de escudos, gritando palavras na língua do Povo dos Cavalos, dando chance ao Pai Paz, mas nenhuma resposta veio além das flechas estalando em madeira, passando por cima. Alguém gritou quando teve a perna atingida.

– Hoje a Mãe Guerra governa – murmurou Yarvi, sopesando sua espada curva. – Ensine a eles como usar o arco, Rulf.

– Flechas! – gritou o piloto, e Brand deu um passo atrás, pondo o escudo em ângulo para abrir uma fenda por onde o disparo seria feito.

Rulf se aproximou ao seu lado com o arco preto totalmente retesado, dessa vez com a corda gemendo de fúria. Brand sentiu no rosto o vento da flecha

passando enquanto travava a borda do escudo com a de Fror.

Um uivo agudo soou quando a flecha encontrou o alvo e a tripulação gargalhou e zombou, pôs as línguas para fora e exibiu os rostos bravios, os rostos bestiais, os rostos bélicos. Brand não sentia muita vontade de rir. Sentia vontade de mijar.

O Povo dos Cavalos era conhecido por se aproximar e recuar rapidamente, enganando os inimigos e cansando-os com arcos. Contudo, uma parede de escudos bem montada é difícil de ser rompida apenas com flechas, e aquele arco de chifre de Rulf era ainda mais temível do que parecia. Com a altura da pequena colina, o piloto tinha um alcance maior e, apesar dos anos que haviam passado por ele, sua mira era mortal. Disparou flechas assobiando sobre a encosta, calmo como água parada, paciente como pedra. Mais duas vezes a tripulação comemorou, quando Rulf derrubou um cavalo e depois mandou um cavaleiro para fora da sela, rolando pelo capim. Os outros recuaram para longe do alcance do seu arco e começaram a se juntar.

– Eles não podem vir por trás de nós por causa do rio. – Pai Yarvi passou entre eles para olhar por cima do escudo de Odda. – Nem podem usar os cavalos no meio das pedras, e nós temos o terreno mais alto. Minha mão esquerda escolheu um lugar bom.

– Não é minha primeira dança – disse Rulf, mandando outra flecha. – Eles virão a pé e vão se chocar contra nossa parede como a Mãe Oceano contra as pedras.

As pedras não sentem dor. As pedras não derramam sangue. As pedras não

morrem. Brand ficou nas pontas dos pés para espiar por cima da parede e viu os uzhaks deslizando das selas, preparando-se para um ataque. Eram tantos! A tripulação do *Vento Sul* estava em menor número, numa relação de dois para um, segundo sua contagem. Talvez pior ainda.

– O que eles querem? – sussurrou Brand, apavorado com o medo na própria voz.

– Há um tempo para se perguntar o que um homem quer – respondeu Fror, sem qualquer temor. – E há um tempo para rachar a cabeça do sujeito. Esta é a segunda opção.

– Vamos segurá-los aqui! – berrou Rulf. – E, quando eu gritar para empurrar, vamos mandar esses desgraçados encosta abaixo. Empurrem, cortem, pisoteiem e guardem a misericórdia para outro dia, ouviram? Flecha!

Os escudos se separaram e Brand vislumbrou homens correndo. Rulf disparou sua flecha morro abaixo, contra as costelas do que estava mais perto, deixou-o engatinhando, gemendo, implorando aos amigos enquanto eles continuavam passando.

– Firmes agora, rapazes! – ordenou Rulf, jogando de lado seu arco e levantando uma lança. – Firmes!

Ao redor, homens rosnavam, cuspiam e murmuravam orações à Mãe Guerra, a respiração ecoando na floresta à frente. Algumas gotas de chuva caíam, uma garoa sobre elmos e bordas de escudos, e Brand sentiu mais vontade de mijar do que nunca.

– Ah, Divindade verdadeira! – exclamou Dosduvoi, enquanto todos ouviam

os passos rápidos dos inimigos, os uivos e gritos de guerra chegando mais perto ainda. – Todo-poderosa! Divindade onisciente! Esmague esses pagãos!

– Eu mesmo vou esmagar os desgraçados! – bradou Odda.

Brand ofegou com o impacto, cambaleou meio passo atrás, depois para a frente, colocando todo o peso no escudo, as botas escorregando no capim molhado. Metal retiniu, chacoalhou e bateu em madeira. Uma tempestade de metal. Algo sibilou contra a borda do escudo e ele se desviou, lascas atingiram o rosto, uma voz áspera diabólica guinchando do outro lado.

O olho mutilado de Fror se arregalou enquanto ele berrava versos da Canção de Bail:

– Mão de ferro! Cabeça de ferro! Coração de ferro! – Ele golpeou cegamente com a espada por cima da parede de escudos. – Sua morte está chegando, cantavam os cem!

– Sua morte está chegando – rugiu Dosduvoi. Tremenda hora para poesia, mas outros repetiram o grito, com fogo na garganta, fogo no peito, fogo nos olhos enlouquecidos. – Sua morte está chegando!

Não disseram se era a morte do Povo dos Cavalos ou a deles. Não importava. A Mãe Guerra havia aberto suas asas de ferro sobre a planície, sombreando cada coração. Fror golpeou de novo e acertou Brand acima do olho com o botão da espada, fazendo seu ouvido zumbir.

– Empurrem! – gritou Rulf.

Brand trincou os dentes enquanto empurrava, escudo raspando em escudo. Viu um homem cair gritando quando uma lança passou por baixo da barreira,

rasgando sua perna, e continuou empurrando mesmo assim. Escutou uma voz do outro lado. Sacudiu-se para cima, golpeando com o machado por cima do escudo, e de novo, um grunhido e um gorgolejo, a lâmina acertando alguma coisa. Uma lança passou raspando na borda do seu escudo e um homem uivou. Fror deu uma cabeçada em alguém, o nariz estalou contra sua testa. Homens rosnavam e soltavam perdigotos, estocando e empurrando, todos embolados uns com os outros.

– Morra, desgraçado, morra!

Um cotovelo acertou o queixo de Brand e o fez sentir gosto de sangue. Lama espirrou no seu rosto, deixando-o meio cego, e ele tentou afastá-la piscando. Rosnou, xingou, empurrou, escorregou, cuspiu sal e empurrou de novo. A encosta estava a favor e eles conheciam o serviço. Lentamente, mas com segurança, a parede começou a se mover, empurrando os inimigos para trás, forçando-os morro abaixo, para o lugar de onde tinham vindo.

– Sua morte está chegando, cantavam os cem!

Brand viu um remador mordendo o pescoço de um uzhak. Viu Koll esfaqueando um homem caído. Viu Dosduvoi fazer um homem rolar com um giro de seu escudo. Viu a ponta de uma lâmina sair das costas de um homem. Algo ricocheteou no rosto de Brand e ele ofegou. A princípio achou que fosse uma flecha, depois percebeu que tinha sido um dedo.

– Empurrem, eu mandei! Empurrem!

Pressionaram mais, um inferno de corpos rosnando, espremidos demais para usar o machado. Ele o deixou cair, forçou o braço para baixo e pegou a adaga

que Rin havia forjado.

– Mão de ferro! Coração de ferro!

A sensação do cabo da adaga o fez pensar no rosto dela, iluminado pelo fogo em sua pequena choupana. Aqueles desgraçados estavam entre ele e a irmã, e a fúria borbulhou por dentro. Viu um rosto, ásperas argolas de metal no cabelo trançado. Levantou o escudo bruscamente, fez uma cabeça saltar para trás, golpeou por baixo da borda, metal guinchando, acertou de novo, a mão quente e pegajosa. O homem caiu e Brand passou por cima dele, tropeçando e pisando, arrastado por Odda, que cuspia entre os dentes trincados.

– Sua morte está chegando!

Quantas vezes tinha ouvido aquela canção, ofegante, murmurando as palavras, sonhando em reivindicar seu posto na parede de escudos, em obter a própria glória? Era com isso que havia sonhado? Não existia habilidade ali, apenas sorte cega, nenhuma competição de nobres campeões, apenas uma disputa de loucuras, sem espaço para truques, esperteza ou mesmo coragem, a não ser que isso equivalesse a ser carregado impotente pelo jorro da batalha como uma tempestade leva madeira boiando. Talvez fosse.

– Matem-nos!

O barulho era horrível, um clamor de metal chacoalhando, madeira batendo e homens xingando no máximo volume, com as vozes entrecortadas. Sons que Brand não conseguia entender. Sons que não tinham significado. A Última Porta estava escancarada para todos e cada um a enfrentava do melhor modo.

– Sua morte está chegando!

A chuva se intensificava, as botas rasgando o capim e revirando a terra vermelha até virar lama. Brand estava cansado e dolorido, mas parar era impossível. Pelos deuses, como precisava mijar! Algo se chocou contra seu escudo, quase o arrancando de seu braço. Uma lâmina rubra passou junto de sua orelha e ele viu Thorn ao lado.

A lateral do rosto dela estava suja de sangue e a garota sorria. Sorria como se estivesse em casa.

O júbilo da batalha

THORN ERA UMA matadora. Isso ninguém poderia negar.

O trecho de capim ensanguentado e pisoteado pelas botas atrás da parede de escudos móvel era seu terreno e, para qualquer um que pisasse ali, ela era a Morte.

Com pancadas mais ruidosas do que o granizo no casco do *Vento Sul*, a parede de escudos foi descendo a colina, empurrando, golpeando, esmagando homens e arrastando-os entre os escudos, devorando-os como uma serpente faminta. Um tentou se levantar e ela o golpeou nas costas com a espada do pai; o rosto ensanguentado do sujeito estava tomado pelo pânico e pela dor enquanto ele caía.

Deveria ter sido mais difícil do que com uma espada de treino, porém era muitíssimo mais fácil: aço bem leve, afiado, braço bem forte e rápido. Suas armas tinham mente própria. Mentes implacáveis, fixadas no assassinato.

Ela era uma matadora. Skifr tinha dito isso, e ali estava a prova, escrita em sangue na pele dos inimigos. Desejou que o pai se encontrasse ali. Talvez o fantasma dele estivesse por perto, instigando-a junto ao ombro. Desejou que Hunnan estivesse ali, para que ela enfiasse o rosto do mestre de armas no sangue que derramava. Para que pudesse desafiá-lo a negar-lhe um lugar. Poderia matá-lo também.

O Povo dos Cavalos não entendia esse modo de lutar e partia como um enxame confuso para a parede de escudos, em duplas e trios, e a própria coragem era o que os prejudicava. Thorn viu um deles inclinar uma lança desajeitadamente por cima dos escudos, tentando acertar Brand. Ela saltou adiante, enganchou o machado nas costas dele, a lâmina afiada se cravando fundo no ombro, e o puxou por entre os escudos para seus braços.

Os dois cambalearam num abraço, agarrando-se, o cabelo comprido do homem na boca de Thorn, atingindo-se com joelhos e cotovelos. Pai Yarvi cortou a parte de trás das pernas dele e a garota gritou, soltando o machado. Cravou-o na lateral do crânio do uzhak, arrancando o elmo e fazendo-o rolar quicando pela colina arruinada.

Tinha ouvido o pai falar do júbilo da batalha. O júbilo vermelho com que a Mãe Guerra favorece seus filhos prediletos. Thorn escutara as histórias dele com os olhos arregalados e a boca seca ao lado do fogo. A mãe dizia que não eram histórias para os ouvidos de uma menina, mas ele se inclinava para perto e contava num sussurro áspero, tão próximo que ela sentia o hálito quente no rosto. Ouvia-o falar do júbilo da batalha, e agora o sentia.

O mundo ardia, chamejava, dançava, a respiração dilacerando sua garganta, queimando como uma fornalha, enquanto ela corria até o fim do muro de escudos, que agora se flexionava, torcia, ameaçando se partir. Dois uzhaks haviam subido entre as pedras no flanco da colina e passaram ao redor de Dosduvoi. Ela acertou um deles na lateral da cintura, dobrando-o ao meio. A lança do outro pareceu se mover lentamente, como se cruzasse um mar de mel, e

Thorn gargalhou. Esgueirando-se ao redor, decepou-lhe as pernas com o machado e o fez cair girando.

Uma flecha passou por ela e Dosduvoi puxou Thorn para trás do seu escudo, que já tinha duas outras cravadas perto da borda. A parede estava se dobrando no centro, rostos retorcidos dos homens que se esforçavam para mantê-la intacta. Houve um estalo violento, um tripulante caiu babando dentes e a parede se rachou. Um uzhak enorme estava na abertura, usando uma máscara feita de uma mandíbula de morsa, com as duas presas do lado do rosto risonho. Bufava feito um touro enquanto girava um enorme porrete cheio de dentes usando as duas mãos, fazendo os homens cambalearem, alargando a brecha mais ainda.

Thorn não sentia medo. Só o júbilo da batalha, mais feroz do que nunca.

Correu para o gigante, o sangue fluindo nas veias feito a Mãe Oceano. Os olhos ensandecidos do sujeito se viraram para Thorn, que se abaixou, deslizou de lado entre suas grandes botas, virou-se e golpeou quando o porrete bateu no chão atrás dela, acertando-o na parte de trás das pernas, que exibiram manchas pretas de sangue pisado enquanto ele tombava de joelhos. Fror avançou e o acertou com golpes violentos, um, dois, três, a mão azul em seu rosto cheia de pintas vermelhas.

Thorn viu o Povo dos Cavalos se dispersar, correndo encosta abaixo na direção da planície aberta e dos cavalos que esperavam. Levantou as armas bem alto e gritou, ardendo até a ponta dos dedos. O fantasma do pai instigava-a e ela saltou atrás dos inimigos que fugiam, como um cão de caça atrás de lebres.

– Façam ela parar! – gritou Rulf.

Alguém a puxou de volta. Ela xingava e se debatia, o cabelo ainda emaranhado em volta do rosto. Era Brand, com a barba raspando em sua bochecha e o braço esquerdo embaixo do dela para manter o escudo atravessado à frente. Atrás dos uzhaks que corriam, Thorn viu outros avançando furtivos pelo capim, arcos retesados e rostos ansiosos. Um monte deles. Logo após o júbilo da batalha que ia diminuindo, uma onda de medo varreu-a.

– Fechem a parede! – ordenou Rulf, com cuspe voando entre os dentes.

Os homens recuaram devagar, arrastando os pés juntos, fechando as brechas, os escudos bamboleando e chacoalhando, a luz do dia piscante entre eles. Thorn ouviu flechas estalando na madeira de tília, viu uma girar ricocheteando na borda do escudo de Brand e passando por cima do ombro dele. Odda estava caído com uma cravada na lateral da cintura, cuspindo palavrões enquanto se arrastava morro acima.

– Para trás! Para trás! Firmes agora!

Ela pegou Odda por baixo dos braços e começou a arrastá-lo. Ele grunhia, chutava e soprava bolhas sangrentas. Caiu com o amigo por cima, quase se cortou com o próprio machado, lutou para se levantar e continuou arrastando-o. Então Koll apareceu para ajudar e os dois o puxaram de volta até a crista do morro, a parede de escudos se esgueirando atrás. De volta ao lugar onde haviam estado alguns loucos instantes antes, com o rio às costas e a planície se estendendo adiante.

Thorn ficou parada, atônita, entorpecida, sem saber quantos tripulantes haviam morrido. Três? Quatro? Todo mundo tinha arranhões e alguns estavam

muito feridos. Não sabia se também estava. Não sabia de quem era o sangue grudado nela. E, pela aparência daquela flecha, não achava que Odda tivesse grandes chances. Naquele momento, não depositava grandes esperanças em nada. Através das aberturas entre os escudos golpeados, podia ver a encosta pisoteada cheia de pessoas caídas, algumas ainda se movendo, gemendo, tateando as feridas.

– Empurro até o outro lado ou arranco? – perguntou Safrit rispidamente, ajoelhada junto de Odda, apertando com força a mão sangrenta do homem.

Pai Yarvi apenas olhou para baixo e coçou o rosto esguio, a ponta dos dedos deixando riscas vermelhas na bochecha.

A fúria tinha ido embora como se nunca tivesse existido, o fogo interior se transformara em cinzas. O pai de Thorn jamais lhe dissera que o júbilo da batalha dura pouco e deve ser pago duplamente. Apertou a bolsinha com os ossos dos dedos dele, mas não havia conforto naquilo. Viu o sangue escorrendo dos ferimentos, os homens gemendo e a matança que tinham causado. A matança que ela causara.

Ela era uma matadora, não havia como negar.

Curvou-se como se tivesse levado um soco na barriga e tossiu um vômito ralo no capim, empertigou-se, trêmula, com o mundo brilhante demais, os joelhos totalmente bambos e os olhos marejados.

Ela era uma matadora. E queria a mãe.

Notou que Brand a olhava por cima do ombro, o rosto todo arranhado num dos lados, o pescoço sujo do sangue que se espalhava pela gola da camisa e as

bandagens em frangalhos balançando em volta da adaga vermelha na mão.

– Você está bem? – perguntou ele, rouco.

– Não sei – respondeu ela, e sentiu ânsias de vômito outra vez. Se tivesse comido alguma coisa, poderia não parar jamais.

– Precisamos chegar ao *Vento Sul* – disse alguém numa voz esganiçada de pânico.

Pai Yarvi balançou a cabeça.

– Eles iriam fazer chover flechas da margem.

– Precisamos de um milagre – sussurrou Dosduvoi, os olhos voltados para o céu rosa.

– Skifr! – gritou Yarvi, e a velha se encolheu como se uma mosca a incomodasse, murmurando e encurvando os ombros. – Skifr, precisamos de você!

– Eles estão voltando! – berrou alguém na parede precária de escudos.

– Quantos? – indagou Yarvi.

– Mais do que da última vez! – respondeu Rulf, pondo uma flecha no arco preto.

– Quantos a mais?

– Muito mais!

Thorn tentou engolir, mas pela primeira vez não encontrou saliva. Sentia-se tão fraca que mal conseguia erguer a espada do pai. Koll levava água aos guerreiros, que bebiam rosnando e contraindo-se por causa dos ferimentos.

Fror bochechou a água e a cuspiu.

– É hora de vender caro nossa vida, então. Sua morte está chegando!

– Sua morte está chegando – murmuraram alguns homens, porém agora era mais um lamento do que um desafio.

Thorn escutava o Povo dos Cavalos se aproximando, os gritos de guerra e os passos rápidos na encosta. Ouvia os rosnados da tripulação preparando-se para receber a carga e, por mais fraca que estivesse, trincou os dentes e sopesou o machado e a espada sujos de vermelho. Foi na direção da parede. De volta para aquele trecho de lama pisoteada atrás dela, ainda que esse pensamento lhe desse qualquer coisa, menos júbilo.

– Skifr! – chamou pai Yarvi.

Com um berro de raiva, a velha saltou de pé, jogando a capa longe.

– Que se dane!

Ela se pôs a entoar um cântico, a princípio baixo e grave, mas que depois se elevou. Passou por Thorn cantando palavras que a garota não entendia, nunca tinha ouvido iguais. Mas supôs que não fosse língua humana.

Eram palavras élficas, e aquilo era magia élfica. A magia que havia despedaçado a Divindade e fragmentado o mundo. Todos os pelos do corpo de Thorn se eriçaram como se um vento gelado começasse a assolá-la.

Skifr continuou cantando, em voz mais aguda, rápida e louca, e nas tiras em volta do corpo pegou dois pedaços de metal encalombados e cheios de ranhuras. Deslizou um para dentro do outro com um estalo que parecia um cadeado se fechando.

– O que ela está fazendo? – perguntou Dosduvoi, mas pai Yarvi segurou-o

com a mão mirrada.

– O que ela deve fazer.

Skifr segurou a relíquia élfica com o braço estendido.

– Saiam do caminho!

A parede de escudos oscilante se partiu ao meio e Thorn olhou pela abertura. Ali estava o Povo dos Cavalos, uma massa arrastando-se, serpenteando entre os corpos caídos, saltando rápidos e implacáveis com a morte nos olhos.

Houve um estrondo feito um trovão bem perto, um clarão de luz, e o uzhak mais próximo foi lançado rolando pela colina, como se tivesse levado um peteleco de um dedo gigante. Outro estrondo, um murmúrio incrédulo brotou da tripulação e outro homem caiu girando como um brinquedo de criança, o ombro pegando fogo.

O canto uivado de Skifr ficou mais e mais agudo, com lascas de metal brilhante saltando da relíquia élfica em sua mão e caindo enfumaçadas no capim aos seus pés. Homens gemiam, ofegavam e apertavam talismãs, com mais medo dessa feitiçaria do que dos uzhaks. Seis trovões soaram pela planície e arruinaram seis homens, que pegaram fogo. O resto do Povo dos Cavalos correu guinchando de terror.

– Grande Divindade – sussurrou Dosduvoi, fazendo um sinal sagrado sobre o coração.

Então houve silêncio. O primeiro em muito tempo. Só o sussurro do vento no capim e os estalos ásperos da respiração de Odda. Havia um cheiro parecido com o de carne queimada. Uma das lascas que tinham caído fizera o capim pegar

fogo. Skifr avançou, séria, e apagou a chama com a bota.

– O que você fez? – sussurrou Dosduvoi.

– Falei o nome da Divindade – respondeu Skifr. – Escrito em fogo e capturado em runas élficas antes da Fragmentação do Mundo. Arranquei a Morte de seu lugar ao lado da Última Porta e mandei que ela me obedecesse. Mas sempre há um preço a pagar.

Ela foi até onde Odda estava caído, pálido junto a uma das árvores mirradas. Safrit se mantinha curvada junto dele, procurando tirar a flecha.

– O nome da Divindade tem sete letras – disse, e apontou aquele pedaço de metal mortífero para ele. – Sinto muito.

– Não! – exclamou Safrit, tentando se colocar entre os dois, mas Odda a empurrou de lado delicadamente.

– Quem quer morrer velho? – Ele exibiu seu sorriso louco, as linhas limadas nos dentes vermelhas de sangue. – A Morte espera por todos nós.

Houve outro estalo ensurdecedor e Odda arqueou as costas, tremendo, depois ficou imóvel, a fumaça subindo de um buraco enegrecido em sua cota de malha.

Skifr ficou parada olhando para baixo.

– Eu disse que mostraria magia a vocês.

Não é como nas canções

– ELES ESTÃO FUGINDO.

O vento chicoteava o cabelo de Thorn em volta do rosto ensanguentado enquanto ela observava os uzhaks e os cavalos sem cavaleiros, agora pontos cada vez menores no oceano de capim.

– Não posso culpá-los – murmurou Brand, vendo Skifr enrolar sua capa em volta do corpo e sentar-se de novo com as pernas cruzadas. Ela segurava os símbolos sagrados em volta do pescoço, olhando irritada para as brasas da fogueira.

– Nós lutamos bem – comentou Rulf, mas sua voz parecia oca.

– Mãos de ferro. – Fror assentiu, tirando a tinta do rosto com um trapo molhado. – Uma vitória digna de ser cantada.

– Ganhamos, de qualquer modo – replicou pai Yarvi.

Ele pegou um dos pedaços de metal que Skifr havia deixado no capim e virou-o para um lado e para outro, fazendo-o rebrilhar ao sol. Era uma coisa oca, ainda soltando um pouco de fumaça. Como aquilo podia ter tamanho alcance e matar um homem?

Safrit franzia a testa na direção de Skifr enquanto limpava as mãos.

– Nós vencemos usando artes negras.

– Vencemos. – Pai Yarvi deu de ombros. – Dos dois modos de terminar uma

luta, este é o melhor. Que o Pai Paz derrame lágrimas por causa dos métodos. A Mãe Guerra sorri com os resultados.

– E quanto ao Odda? – murmurou Brand.

O homenzinho parecera invencível, mas havia passado pela Última Porta. Não haveria mais piadas.

– Ele não teria sobrevivido à flecha – respondeu Yarvi. – Era ele ou todos nós.

– Uma aritmética implacável – comentou Safrit, comprimindo os lábios.

O ministro replicou, sem olhar para ela:

– Essas são as contas que um líder deve fazer.

– E se essa feitiçaria trouxer uma maldição sobre nós? – perguntou Dosduvoi. – E se nos arriscamos a uma segunda Fragmentação da Divindade? E se...

– Nós vencemos.

A voz de pai Yarvi saiu fria e afiada como aço. Ele cerrou o punho em volta daquele pedaço de metal élfico, os nós dos dedos brancos.

– Agradeça por sua vida a qualquer deus em que acredite, se souber como. Depois ajude com os corpos.

Dosduvoi fechou a boca e se afastou, balançando a cabeçorra.

Brand se esforçou para abrir os dedos doloridos e deixou o escudo cair, o dragão pintado por Rin todo cheio de marcas, a borda brilhante com novos arranhões, as bandagens da mão sujas de sangue. Pelos deuses, o corpo inteiro estava com hematomas, esfolado, dolorido. Mal tinha forças para ficar de pé,

quanto mais para discutir qual teria sido a coisa boa a fazer. Quanto mais experiências vivia, menos certezas de qual poderia ser a coisa boa carregava. Havia uma ardência no pescoço. Quando tocou a região, sentiu-a úmida. Um arranhão, não sabia dizer se feito por amigo ou inimigo. Os ferimentos doem igualmente, não importa quem os provoque.

– Arrumem-nos com dignidade – estava dizendo pai Yarvi – e derrubem aquelas árvores para fazer piras.

– Para aqueles desgraçados também?

Koll apontou para os homens do Povo dos Cavalos, espalhados sangrentos encosta abaixo. Vários tripulantes revistavam os corpos em busca de qualquer coisa valiosa.

– Eles também.

– Por que o trabalho de queimá-los?

Rulf agarrou o garoto pelo braço.

– Porque, se derrotamos mendigos aqui, não somos melhores do que mendigos. Se derrotamos grandes homens, somos maiores ainda.

– Você está ferido? – perguntou Safrit.

Brand a encarou como se ela estivesse falando numa língua estrangeira.

– O quê?

– Sente-se.

Não foi difícil obedecer: ele sentia os joelhos tão fracos que já estava quase desabando. Olhou através do topo da colina batida pelo vento enquanto alguns deixavam as armas de lado e começavam a arrastar os cadáveres para enfileirá-

los. Outros cortavam árvores mirradas para fazer uma grande pira. Safrit se inclinou sobre Brand, sondando o corte no pescoço com dedos fortes.

– Não é fundo. Há muita coisa pior.

– Eu matei um homem – murmurou ele, mais para si mesmo. Parecia estar cantando vantagem, mas certamente esse não era o caso. – Um homem que tinha esperanças, preocupações e família.

Rulf se agachou ao lado dele, coçando a barba grisalha.

– Matar um homem não é algo nem um pouco leve como os bardos fazem a gente acreditar. – Ele pôs a mão paternal no ombro de Brand. – Você se saiu bem hoje.

– Foi? – murmurou Brand, esfregando as mãos cobertas pelas bandagens. – Fico imaginando quem ele era, o que o trouxe aqui e por que tivemos que lutar. Fico vendo o rosto dele.

– Isso deve continuar até você mesmo atravessar a Última Porta. Esse é o preço da parede de escudos, Brand. – Rulf estendeu uma espada para ele. Uma boa espada, com prata no punho e uma bainha manchada pelo longo uso. – Era de Odda. Ele gostaria que você ficasse com ela. Um guerreiro de verdade deve ter uma espada de verdade.

Brand havia sonhado em ter sua própria espada, mas agora só de olhá-la ficou nauseado.

– Não sou guerreiro.

– É, sim.

– Um guerreiro não tem medo.

– Um idiota não tem medo. Um guerreiro fica de pé apesar do medo. Você ficou de pé.

Brand repuxou as calças úmidas.

– Fiquei de pé e me mijei.

– Não foi o único.

– Nas canções o herói nunca se mija.

– É, bom... – Rulf apertou o ombro dele e se levantou. – É por isso que aquilo são canções e isto aqui é a vida.

Quando eles partiram, a Mãe Sol estava alta sobre a estepe, a fumaça da pira subindo lentamente. Ainda que o sangue tivesse sumido do céu e deixado apenas um azul límpido e lindo, continuava numa crosta escura debaixo das unhas de Brand, nas bandagens e no pescoço que latejava. Ainda era um dia vermelho. Ele sentia que todos os dias dali em diante seriam vermelhos.

Quatro remos estavam ao lado do mastro e as cinzas dos homens que os haviam puxado já criavam um redemoinho sobre a planície. Skifr sentou-se, pensativa, no meio da carga, com o capuz abaixado. Os remadores mais próximos procuravam ficar o mais distantes dela possível sem cair do barco.

Brand fitou Thorn enquanto se acomodavam para remar. Ela olhou de volta, o rosto pálido e encovado como o de Odda ao empilharem a madeira em volta dele. O rapaz tentou sorrir, mas sua boca não conseguia encontrar a forma certa.

Tinham lutado na parede. Tinham ficado de pé diante da Última Porta. Tinham encarado a Morte e deixado uma colheita para a Mãe dos Corvos. Independentemente do que mestre Hunnan dissera, agora os dois eram

guerreiros.

Mas não era como nas canções.

Do que Gettland precisa

KALYIV ERA UMA massa esparramada infeccionando uma das margens do Renegado e se espalhando feito uma doença lamacenta na outra, o céu brilhante manchado com a fumaça de incontáveis fogueiras e salpicado de aves de rapina.

O salão do príncipe ficava num morro baixo acima do rio, com cavalos dourados esculpidos nas enormes traves do telhado, cercado por um muro que parecia a meio caminho entre pedras desmoronadas e barro empilhado. Apinhada ao redor havia uma confusão de construções de madeira envolvidas por uma cerca de troncos grossos, com as lanças dos guerreiros brilhando na passarela superior. Do lado de fora, um caos de tendas, iurtas, carroças, barracos e moradias temporárias terrivelmente precárias se estendia em todas as direções na paisagem enegrecida.

– Deuses, isso é enorme – murmurou Brand.

– Deuses, isso é feio – replicou Thorn.

– Kalyiv é uma bexiga se enchendo aos poucos – comentou Skifr, tirando meleca do nariz. Avaliou o resultado, depois limpou os dedos com tanta delicadeza no ombro do remador mais próximo que ele nem notou. – Na primavera, o lugar se enche de nortistas, habitantes do Império e gente do Povo dos Cavalos, vindos do outro lado da estepe em bandos para comerciar. No verão, ela racha a pele e derrama sujeira na planície. No inverno, todos se

mudam e o lugar encolhe de novo até virar nada.

– Sem dúvida fede como uma bexiga – grunhiu Rulf, franzindo o nariz.

Duas torres enormes e grossas, feitas de troncos portentosos, tinham sido erguidas dos dois lados do rio. Uma teia de correntes estava estendida entre elas, os elos de ferro preto todos espetados, curvando-se sob o peso da água espumante e embolados com lixo e madeira trazida pelo rio, interrompendo todo o tráfego pelo Renegado.

– O príncipe Varoslaf fez uma tremenda pesca com sua rede de ferro – observou pai Yarvi.

Thorn nunca tinha visto tantas embarcações. Elas balouçavam no rio, atulhavam o cais, puxadas para as margens em fileiras compactas, despidas dos mastros. Havia navios de Gettland, de Vansterland e Throvenland, de Yutmark e das Ilhas. Havia navios estranhos que deviam ter vindo do sul, de cascos escuros e bojudos demais para a viagem pelos árduos arrastos. Havia até mesmo duas altas galeras, cada uma com três fileiras de remos, fazendo o *Vento Sul* parecer um anão deslizando para o porto.

– Olhem aqueles monstros – sussurrou Brand.

– Navios do Império do Sul – informou Rulf. – Tripulações de trezentos homens.

– São as tripulações que ele quer – explicou pai Yarvi. – Para lutar sua guerra tola contra o Povo dos Cavalos.

Thorn estava muito pouco satisfeita com a ideia de lutar contra mais homens do Povo dos Cavalos. Ou mesmo de ficar em Kalyiv durante o verão. Nas

histórias do pai, o cheiro era muito melhor.

– Você acha que ele vai querer nossa ajuda?

– Certamente vai, e nós queremos a dele. – Yarvi franziu a testa, olhando na direção do salão do príncipe. – A questão é se ele vai exigir.

Varoslaf havia exigido de muitos outros. O porto estava apinhado de homens do Mar Despedaçado com expressões azedas, encalhados em Kalyiv até que o príncipe optasse por afrouxar as correntes do rio. Ficavam à toa em grupos carrancudos em volta de tendas meio frouxas e embaixo de toldos podres, jogavam dados viciados e bebendo cerveja ruim. Xingavam em grande volume e encaravam tudo com olhos endurecidos, em particular os recém-chegados.

– É melhor que Varoslaf encontre inimigos para esses homens logo – murmurou Yarvi enquanto desembarcavam do *Vento Sul*. – Antes que eles encontrem alguns mais próximos.

Fror assentiu amarrando a corda de proa.

– Nada é mais perigoso do que guerreiros à toa.

– Todos estão olhando para nós.

As bandagens de Brand tinham sido retiradas naquela manhã e ele ficava cutucando, nervoso, as cascas das feridas provocadas pela corda, que serpenteavam pelos braços.

Thorn lhe deu uma cotovelada de leve.

– Talvez sua fama de herói vá à nossa frente, Carregador de Navio.

– É mais provável que seja a de pai Yarvi. Não gosto disso.

– Então finja que gosta – replicou ela, ostentando sua cara mais corajosa e

enfrentando cada olhar com um desafio. Ou com o máximo de desafio que conseguia, em meio ao vento quente que soprava areia em seus olhos e batia a camisa contra as costas suadas.

– Pelos deuses, isso fede – disse Brand, sufocando, quando saíram do cais que estalava e pisaram no Pai Terra.

Thorn não poderia discordar nem se conseguisse respirar. As ruas tortas estavam cheias de bosta torrando ao sol, cães remexendo lixo, animais mortos espetados em paus ao lado das portas.

– Eles estão vendendo isso? – murmurou Brand.

– Estão ofertando – respondeu pai Yarvi. – Para que seus deuses possam ver quais casas fizeram sacrifícios e quais não fizeram.

– E aquilo?

Thorn indicou com a cabeça várias carcaças esfoladas pendentes de um mastro erguido no meio de uma praça, balançando suavemente e cheias de moscas.

– Selvagens – murmurou Rulf, franzindo a testa.

Com uma reviravolta desagradável no estômago, Thorn percebeu que os corpos brilhantes tinham formato de homens.

– Povo dos Cavalos?

Pai Yarvi balançou a cabeça, sério.

– Vansterlandeses.

– O quê?

Os deuses sabiam que poucas pessoas gostavam menos dos vansterlandeses

do que Thorn, mas ela não podia ver motivo para o príncipe de Kalyiv esfolá-los.

Yarvi indicou algumas letras riscadas numa placa de madeira.

– Uma tripulação que desafiou os desejos do príncipe Varoslaf e tentou ir embora. Assim, outros homens do Mar Despedaçado são desencorajados a seguir o exemplo deles.

– Deuses – sussurrou Brand, num volume pouco acima do zumbido das moscas. – Gettland quer a ajuda de um homem que faz isso?

– Nossos desejos e nossas necessidades podem ser coisas bem diferentes.

Uma dúzia de homens armados estava abrindo caminho pelo caos das docas. O príncipe podia estar em guerra contra o Povo dos Cavalos, mas seus guerreiros não pareciam muito diferentes dos uzhaks que Thorn tinha matado mais acima no Renegado. Havia uma mulher no meio deles, muito alta e magra, com moedas penduradas numa echarpe de seda enrolada em volta do cabelo negro.

Ela parou diante deles e fez uma reverência graciosa, com uma sacola pendurada no pescoço esguio.

– Sou serviçal de Varoslaf, o Grande Príncipe de Kalyiv.

– Prazer, eu sou...

– Você é pai Yarvi, ministro de Gettland. O príncipe me ordenou que o levasse ao seu salão.

Yarvi e Rulf se entreolharam.

– Devo me sentir honrado ou atemorizado?

A mulher fez outra reverência.

– Aconselho os dois e, além disso, que esteja preparado.

– Percorri um longo caminho para ter uma audiência e não vejo motivo para me demorar. Vá na frente.

– Vou escolher alguns homens para ir com você – rosnou Rulf, mas pai Yarvi balançou a cabeça.

– Vou levar Thorn e Brand. Ir com pouca companhia, e com jovens, é um gesto de confiança no anfitrião.

– Você confia em Varoslaf? – murmurou Thorn enquanto os homens do príncipe se reuniam em volta.

– Posso fingir que confio.

– Ele vai saber que você está fingindo.

– Claro. Os bons modos são construídos sobre esses alicerces tortos.

Thorn olhou para Brand, que a encarou com aquela sua expressão desamparada.

– Tenha cuidado – disse Skifr em seu ouvido. – Mesmo segundo os padrões da estepe, Varoslaf é conhecido como um homem implacável. Não se coloque nas mãos dele.

Thorn fitou as grandes correntes estendidas no rio, depois os corpos pendurados balançando, e só conseguiu dar de ombros.

– Agora estamos todos nas mãos dele.

O SALÃO DO príncipe de Kalyiv parecia ainda maior por dentro, o interior feito a partir dos troncos de grandes árvores ainda enraizadas na terra socada, raios de sol cheios de poeira flutuando investiam das janelas lá no alto. Havia um grande

buraco para o fogo, porém as chamas ardiam baixas e o recinto repleto de ecos parecia quase frio depois do calor do exterior.

Varoslaf era muito mais novo do que Thorn imaginara. Apenas alguns anos mais velho do que Yarvi, talvez, mas sem um único fio de cabelo na cabeça e no queixo, nem mesmo nas sobrancelhas, todo liso feito um ovo. Não estava num patamar elevado, mas sentado num banco diante do buraco da fogueira. Não era um homem grande, não usava joias e não havia arma aparente. Não tinha uma carranca terrível no rosto, apenas um vazio pétreo. Thorn não conseguiria descrevê-lo de modo a torná-lo temível a algum ouvinte; no entanto, ele era temível. E cada vez mais, quanto mais os três se aproximavam.

Quando ela e Brand pararam dos dois lados de pai Yarvi, a doze passos do banco do príncipe, Thorn temia Varoslaf mais do que qualquer pessoa que ela já havia encontrado.

– Pai Yarvi. – A voz dele era seca e sussurrante como papel velho e provocou um arrepio suado nas costas de Thorn. – Ministro de Gettland. Enorme é nossa honra por sua visita. Bem-vindos a Kalyiv, Encruzilhada do Mundo. – Seu olhar foi de Brand até Thorn e voltou a Yarvi. Ele acariciou as orelhas de um cachorro enorme enrodilhado junto aos pés do banco. – É um elogio um homem da sua estatura chegar diante de mim com tão pouca companhia.

Thorn se sentia mesmo um tanto solitária. Além daquele cachorro que mais parecia um urso, havia muitos guardas espalhados no salão, com arcos, espadas curvas, lanças compridas e armaduras estranhas.

Se Yarvi sentia algum espanto reverente, não deu sequer um indício.

– Sei que não me faltará nada na sua presença, grande príncipe.

– Não mesmo. Ouvi dizer que você está acompanhado daquela feiticeira, Scarayoi, a Caminhante das Ruínas.

– O senhor é bem informado, como deve ser um grande senhor. Nós a chamamos de Skifr, mas ela está conosco.

– No entanto, você a mantém longe do meu salão. – O riso de Varoslaf saiu áspero feito um latido. – Isso também foi bem avaliado. E quem são esses jovens deuses?

– Os remadores de popa da minha tripulação. Thorn Bathu, que matou seis uzhaks numa escaramuça no Renegado, e Brand, que segurou todo o peso do nosso navio nos ombros quando atravessamos os árduos arrastos.

– Matadora de Uzhaks e Carregador de Navios... – disse Varoslaf. Brand se remexeu, desconfortável, enquanto o príncipe examinava os dois. – Alegro-me em ver tamanha força, habilidade e coragem em gente tão jovem. Quase podemos acreditar em heróis, não é, pai Yarvi?

– Quase.

O príncipe virou a cabeça bruscamente na direção de uma serviçal magra feito uma vara de salgueiro.

– Um presente para as lendas de amanhã.

Ela tirou algo da sacola pendurada no pescoço e colocou na palma da mão de Brand, depois fez o mesmo com Thorn. Era uma moeda grande e áspera com a estampa grosseira de um cavalo empinado. Uma moeda de ouro vermelho. Thorn engoliu em seco, tentando julgar quanto havia ali, e supôs que jamais

tivera um valor tão alto nas mãos.

– O senhor é generoso demais, grande príncipe – falou Brand, rouco, fitando a moeda com olhos arregalados.

– Grandes feitos merecem recompensas de grandes homens. Ou então por que elevar os homens? – O olhar de Varoslaf se voltou para Yarvi, sem piscar. – Se eles são seus remadores de popa, que maravilhas os outros podem realizar?

– Ouso dizer que alguns deles poderiam fazer o resto de seu ouro desaparecer diante dos seus olhos.

– Nenhuma boa tripulação deixa de ter alguns homens ruins. Nem todos podemos ser justos, hein, pai Yarvi? Especialmente nós, que governamos.

– Ter poder significa ter um ombro sempre nas sombras.

– É mesmo. Como vai a joia do Norte, sua mãe, a rainha Laithlin?

– Ela não é mais minha mãe, grande príncipe. Abri mão da minha família quando fiz o juramento para o Ministério.

– Que costumes estranhos têm vocês, do Norte. – O príncipe afagou preguiçosamente as orelhas do cachorro. – Acho que os elos de sangue não podem ser cortados com uma palavra.

– As palavras certas podem cortar mais fundo do que espadas, em especial os juramentos. A rainha está grávida.

– Um herdeiro para o Trono Negro? É uma notícia rica como ouro nestes tempos infelizes.

– O mundo se regozija, grande príncipe. Ela fala frequentemente sobre o desejo de visitar Kalyiv de novo.

– Rezo para que não seja tão cedo! Meu tesouro ainda guarda as feridas da última visita.

– Talvez possamos forjar um acordo que cicatrize essas feridas e faça o seu tesouro se avolumar ainda mais.

Uma pausa. Varoslaf olhou para a mulher, que se sacudiu levemente, as moedas da echarpe brilhando na testa.

– Foi por isso que veio de tão longe, pai Yarvi? Para fazer meu tesouro se avolumar?

– Vim procurar ajuda.

– Ah, você deseja a generosidade de grandes homens.

Outra pausa, e Thorn sentiu que um jogo estava sendo disputado entre aqueles dois. Um jogo de palavras, mas não menos hábil do que os exercícios no quadrado de treino. E mais perigoso ainda.

– Só diga qual é o seu desejo – continuou Varoslaf. – Desde que não busque aliados contra o Rei Supremo em Skekenhouse.

O sorriso de pai Yarvi não se alterou nem pelo equivalente a um fio de cabelo.

– Eu deveria saber que seus olhos aguçados enxergariam imediatamente o âmago da questão, grande príncipe. Eu, a rainha Laithlin e o rei Uthil tememos que a Mãe Guerra possa abrir suas asas por todo o Mar Despedaçado, apesar dos nossos esforços. O Rei Supremo tem muitos aliados e nós queremos equilibrar a balança. Os que prosperam com o comércio pelo Divino e pelo Renegado talvez tenham que escolher um lado...

– No entanto, eu não posso. Como você viu, tenho meus próprios problemas e nenhuma ajuda para conceder.

– Posso perguntar se o senhor tem ajuda para conceder ao Rei Supremo?

O príncipe estreitou os olhos.

– Ministros têm vindo para o Sul com essa pergunta.

– Não sou o primeiro?

– Mãe Scaer esteve aqui há menos de um mês.

Diante disso, pai Yarvi fez uma pausa.

– A ministra de Grom-gil-Gorm?

– Em nome da avó Wexen. Veio diante de mim com uma dúzia de guerreiros do Rei Supremo e me alertou a não navegar no Mar Despedaçado. Quase podemos dizer que fez ameaças. – O cachorro levantou a cabeça e soltou um rosnado longo, com um fio de baba escorrendo dos dentes e batendo no chão. – Aqui, no meu salão. Fiquei bastante tentado a mandar esfolá-la em praça pública, mas... isso não pareceu diplomático.

Ele acalmou o cachorro com um sibilo ínfimo.

– Então mãe Scaer foi embora sem ser esfolada?

– A pele dela não caberia em mim. Ela rumou para o sul num navio com a proa do Rei Supremo, em direção à Primeira Cidade. Ainda que eu prefira os seus modos aos dela, temo que só possa lhe fazer a mesma promessa.

– E qual foi?

– De ajudar igualmente todos os meus bons amigos do Mar Despedaçado.

– Ou seja, não ajudar.

O príncipe de Kalyiv sorriu, enregelando Thorn mais do que com a carranca.

– Você é conhecido por ser um homem muito inteligente, pai Yarvi. Tenho certeza de que não precisa de ajuda para decifrar o que digo. Sabe onde estou. Entre o Povo dos Cavalos e as grandes florestas. Entre o Rei Supremo e a Imperatriz. Na Encruzilhada do Mundo, rodeado de perigos.

– Todos temos perigos a enfrentar.

– Mas um príncipe de Kalyiv precisa ter amigos no leste, no oeste, no norte e no sul. Um príncipe de Kalyiv prospera com o equilíbrio. Um príncipe de Kalyiv precisa manter um pé em cada soleira.

– Quantos pés o senhor tem?

O cachorro levantou as orelhas e soltou outro rosnado. O sorriso de Varoslaf sumiu lentamente, como neve derretendo.

– Um conselho: pare com essa conversa sobre guerra, pai Yarvi. Retorne a Gettland e aplaine o caminho para o Pai Paz, como creio que um ministro sábio deveria fazer.

– Eu e minha tripulação estamos livres para deixar Kalyiv, grande príncipe?

– Forçar o ministro de Uthil a ficar contra a vontade dele? Não seria diplomático também.

– Então agradeço humildemente sua hospitalidade e seu conselho bem-intencionado e recebido com apreço. Mas não podemos voltar. Precisamos prosseguir com toda a pressa para a Primeira Cidade e buscar ajuda lá.

Thorn olhou para Brand e o viu engolir em seco. Ir para a Primeira Cidade, a meio mundo de casa. Sentiu um tremor de empolgação com esse pensamento. E

um tremor de medo.

Varoslaf apenas bufou com desdém.

– Desejo sorte. Porém, temo que não receberão nada da Imperatriz. Ela ficou mais devota ainda na velhice e não fará negócio com quem não cultua a Divindade Única. A única coisa que ela mais anseia do que o blá-blá-blá dos sacerdotes é sangue derramado. Isso e relíquias élficas. Mas seria necessária a maior relíquia já desenterrada para obter o favor dela.

– Ah, grande príncipe, onde eu poderia encontrar algo do tipo?

Pai Yarvi se curvou profundamente, todo inocência e humildade.

Mas Thorn viu o sorriso astuto no canto da boca do ministro.

III

A Primeira Cidade

Sorte

NAQUELA JORNADA, AS decepções haviam se empilhado mais alto que Brand. Uma quantidade de coisas tristemente distintas das histórias sussurradas e das canções entoadas em Thorlby. E um bocado de coisas que as pessoas costumavam deixar de fora.

Os vastos lodaçais na foz do Renegado, para começo de conversa – nuvens de insetos, assombrando bancos de lama fétida onde eles acordavam em manhãs cinzentas encharcados de água de pântano e inchados por causa das picadas, que coçavam.

O longo litoral do Mar Dourado, por exemplo – povoadozinhos malignos com pequenas cercas malignas onde pai Yarvi discutia em línguas estranhas com pastores cujo rosto parecia feito de couro, de tão bronzeados. Praias de pedrinhas onde a tripulação fazia círculos de tochas e vigiava a noite toda, espantada diante de cada som, certa de que bandoleiros espreitavam logo além da luz.

A lembrança da batalha contra o Povo dos Cavalos rondava na esteira deles, o rosto do homem que Brand havia matado vagando em seus pensamentos, o martelar de aço em madeira encontrando-o no sono.

– Sua morte está chegando!

Ele acordava bruscamente na escuridão pegajosa e encontrando nada além das pancadas rápidas do coração e o estrilo vagaroso dos grilos. Nas canções não

havia nada sobre arrependimentos.

As canções também silenciavam sobre o tédio, a saudade, a preocupação com a irmã, a nostalgia chorosa de coisas que ele sempre tinha pensado que odiava. Os brados intermináveis de Skifr, o treino interminável de Thorn e as surras intermináveis que ela dava em todos os tripulantes, especialmente em Brand. As respostas intermináveis de pai Yarvi para as perguntas intermináveis de Koll sobre plantas, ferimentos, política, história e o caminho do Pai Lua pelo céu. As escoriações, a doença, a queimadura de sol, o calor, as moscas, a sede, os corpos fedorentos, o fundilho gasto da calça, o racionamento de Safrit, a dor de dente de Dosduvoi, os mil modos como Fror ganhou sua cicatriz, a comida ruim e as bundas com bosta escorrendo, as eternas discussões mesquinhas, o medo constante de cada pessoa que eles viam e, o pior, a certeza de que, para chegar em casa, teriam que sofrer cada quilômetro daquilo tudo outra vez.

É, houvera uma série de frustrações, durezas, dores e decepções naquela viagem.

Mas a Primeira Cidade excedia todas as expectativas.

Era construída num amplo promontório que se projetava por quilômetros nos estreitos, coberta de mar a mar com construções de pedra branca, torres orgulhosas e tetos íngremes, pontes altas e muralhas fortes dentro de muralhas fortes. O Palácio da Imperatriz ficava no ponto mais alto, cúpulas brilhantes atulhadas dentro de uma fortaleza tão gigantesca que poderia abrigar a totalidade de Thorlby com espaço de sobra para duas Roystocks.

Todo o lugar chamejava com luzes vermelhas, amarelas e brancas. Eram

tantas que tingiam as nuvens azuis da tarde com um rosa receptivo e criavam milhões de reflexos dançando no mar, onde navios das nações do mundo inteiro enxameavam como abelhas ansiosas.

Talvez eles tivessem visto construções maiores lá em cima no silêncio do Divino, mas aquilo não era uma ruína élfica, mas trabalho só de homens; não era uma tumba desmoronada de glórias perdidas, mas um lugar de grandes esperanças e sonhos loucos explodindo de vida. Mesmo tão distante, Brand podia ouvir o chamado da cidade, um zumbido na extremidade dos seus sentidos que dava coceira na ponta dos dedos.

Koll havia subido pelo mastro meio esculpido até se agarrar à verga para enxergar melhor e agora começava a balançar os braços e a gritar feito um maluco. Lá embaixo, Safrit segurava a cabeça, murmurando:

– Desisto. Desisto. Ele pode mergulhar para a morte se quiser. Desça daí, idiota!

– Você já viu alguma coisa assim? – sussurrou Brand.

– Não há nada igual – respondeu Thorn, com um sorriso doido no rosto mais magro e forte do que nunca.

Tinha uma comprida cicatriz pálida atravessando o cabelo curto do lado raspado da cabeça, e argolas de ouro vermelho combinando com a prata no cabelo embolado, feitas a partir da moeda que Varoslaf lhe dera. Era uma ostentação infernal usar ouro na cabeça, dissera Rulf, mas Thorn dera de ombros e retrucara que era um lugar tão bom quanto qualquer outro para guardar o dinheiro.

Brand mantinha a sua moeda numa bolsa pendurada no pescoço. Significava uma vida nova para Rin e ele não planejava perder isso por nada.

– Ali está ela, Rulf! – gritou pai Yarvi, passando entre os remadores sorridentes para ir à plataforma do leme. – Tenho um bom pressentimento.

– Eu também – disse o piloto, com uma teia de rugas felizes rachando a pele no canto dos olhos.

Skifr franziu a testa para os pássaros que circulavam no céu.

– Pressentimentos bons, talvez, porém presságios ruins.

Seu humor jamais havia se recuperado totalmente da batalha no Renegado.

Pai Yarvi ignorou-a.

– Vamos falar com Theofora, a Imperatriz do Sul. Daremos a ela o presente da minha mãe e veremos o que veremos. – Ele se virou para a tripulação, abrindo os braços, a capa esfarrapada balançando na brisa. – Fizemos um caminho longo e perigoso, amigos! Cruzamos meio mundo! Mas o fim da estrada está adiante!

– O fim da estrada – murmurou Thorn, enquanto a tripulação comemorava, lambendo os lábios rachados como se estivesse bêbada e a Primeira Cidade fosse uma grande jarra de cerveja no horizonte.

Brand sentiu uma empolgação infantil e jogou água de seu cantil em Thorn. Borrifos brilhantes voaram para todo lado quando ela atirou o recipiente longe com um tapa e chutou o amigo de cima do baú.

– Basta, seus bárbaros – disse Rulf, enfiando o pé entre os dois e os separando. – Agora vocês estão num local civilizado! De agora em diante,

esperamos um comportamento civilizado.

O CAIS ERA um enorme tumulto.

As pessoas empurravam, puxavam e trombavam umas nas outras, sob a luz espalhafatosa das tochas, a multidão movendo-se como uma coisa viva enquanto brigas irrompiam, punhos e até lâminas surgiam de repente. Na frente de um portão havia um círculo de guerreiros vestidos com malhas estranhas que pareciam escamas de peixe, rosnando para a turba e ocasionalmente batendo nela com o cabo das lanças.

– Achei que fosse um lugar civilizado – murmurou Brand enquanto Rulf guiava o *Vento Sul* para um molhe.

– O lugar mais civilizado do mundo – falou pai Yarvi. – Se bem que isso significa que as pessoas preferem esfaquear as outras pelas costas, não pela frente.

– Desse jeito há menos chance de ficar com sangue no belo manto – disse Thorn, olhando um homem correr por um molhe na ponta dos pés, as saias de seda levantadas acima dos tornozelos.

Um barco enorme e bojudo, com as tábuas verdes de podridão, estava adernando feio no porto, metade dos remos fora da água, evidentemente com carga demais e passageiros em pânico apinhados junto à amurada. Enquanto Brand puxava seu remo, dois deles saltaram – ou foram empurrados – e caíram no mar se debatendo. Havia uma névoa de fumaça no ar e um odor de madeira queimada, porém mais forte ainda era o cheiro de pânico, intenso como fedor de

feno e contagioso como a peste.

– Isso tem cara de má sorte! – gritou Dosduvoi no momento em que Brand saltava no cais atrás de Thorn.

– Não acredito muito em sorte – replicou pai Yarvi. – Só em bom e mau planejamento, só em inteligência e tolice.

Ele foi até um nortista grisalho com barba fendida e amarrada atrás do pescoço que contraía o rosto com ar malicioso enquanto um navio bem parecido com os deles era carregado.

– Um bom dia para... – começou o ministro.

– Não acho! – berrou o homem acima da balbúrdia. – E você não vai encontrar muitos que concordem.

– Somos do *Vento Sul* e viemos de Kalyiv pelo Renegado.

– Sou Ornulf, capitão do *Mãe Sol*. – Ele meneou a cabeça para a embarcação gasta pelo tempo. – Vim de Roystock há dois anos. Estávamos comerciando com os alyuks na primavera e tínhamos a melhor carga que você já deve ter visto: especiarias, garrafas, contas e tesouros que nossas mulheres chorariam só de ver. – Ele balançou a cabeça com amargura. – Tínhamos um armazém na cidade e ele pegou fogo ontem à noite. Foi-se tudo. Perdemos tudo.

– Sinto muito. Mesmo assim, os deuses deixaram a vida de vocês.

– E estamos indo embora deste maldito lugar antes de perdermos isso também.

Yarvi franziu a testa ao ouvir um berro feminino particularmente arrepiante.

– As coisas são sempre assim?

– Vocês não souberam? A imperatriz Theofora morreu ontem à noite.

Brand e Thorn se entreolharam. Ela fez uma careta e coçou a cicatriz no couro cabeludo.

A notícia sugou um bocado do vigor que existira na voz de pai Yarvi.

– Quem governa, então?

– Ouvi dizer que a sobrinha dela, Vialine, de 17 anos, foi coroada como a trigésima quinta Imperatriz do Sul nesta manhã. – Ornulf bufou. – Mas não recebi convite para esse feliz acontecimento.

– Quem governa, então? – perguntou Yarvi outra vez.

Os olhos do homem se viraram para o lado.

– Por ora, a turba. As pessoas estão aproveitando para acertar contas enquanto a lei dorme.

– Pelo que vejo, as pessoas adoram um bom acerto de contas por aqui – disse Rulf.

– Ah, elas acumularam isso durante gerações. Ouvi dizer que foi assim que o incêndio começou, algum mercador se vingando de outro. Juro que poderiam ensinar uma coisa ou duas sobre antigos ressentimentos a avó Wexen.

– Eu não apostaria nisso – murmurou pai Yarvi.

– O tio da jovem imperatriz, o duque Mikedas, vem tentando assumir o controle. A cidade está cheia dos seus guerreiros. Ele diz que estão aqui para manter as coisas em ordem, enquanto as pessoas se acostumam.

– A tê-lo no poder?

Ornulf resmungou.

– Achei que você fosse novo por aqui.

– Aonde quer que a gente vá – murmurou o ministro –, os poderosos são os poderosos.

– Talvez esse duque traga ordem – disse Brand com esperança.

– Parece que seriam necessárias quinhentas espadas só para trazer ordem ao cais – observou Thorn, estreitando os olhos para o caos.

– O duque não tem escassez de espadas – explicou Ornulf –, mas ele não gosta dos nortistas. Se você tem uma licença do Rei Supremo, está num mar de rosas, porém o resto de nós vai embora antes que sejamos taxados até não restar nada, ou coisa pior.

Yarvi comprimiu os lábios.

– Eu e o Rei Supremo não somos grandes amigos.

– Então vá para o Norte, amigo, enquanto ainda pode.

– Se for para o Norte agora, você vai parar nas redes do príncipe Varoslaf – avisou Brand.

– Ele ainda está pescando tripulações? – Ornulf segurou a barba fendida com as duas mãos, como se fosse arrancá-la da mandíbula. – Maldição, tantos lobos! Como é que um ladrão honesto vai ganhar a vida?

Yarvi lhe entregou algo e Brand viu um brilho de prata.

– Se ele tiver bom senso, vai se apresentar à rainha Laithlin de Gettland e dizer que o ministro dela o mandou.

Ornulf olhou para a palma, depois para a mão mirrada de Yarvi, depois para cima, perplexo.

– Você é pai Yarvi?

– Sou. – A fileira de guerreiros tinha começado a se espalhar a partir do portão, empurrando as pessoas à frente como se não houvesse aonde ir. – E vim para uma audiência com a imperatriz.

Rulf deu um suspiro pesado.

– A não ser que Theofora consiga ouvir você através da Última Porta, será com essa tal de Vialine que precisaremos falar.

– A imperatriz morre logo quando aparecemos... – Brand se inclinou para perto e murmurou: – O que você acha da sorte agora?

Pai Yarvi suspirou fundo enquanto observava uma carroça carregada ser jogada do cais para o mar, o cavalo ainda atrelado escoiceando loucamente, os olhos revirados de horror.

– Acho que seria bom ter um pouco.

Por trás do trono

– ESTOU PARECENDO UMA palhaça – disse Thorn rispidamente enquanto serpenteava pelas ruas apinhadas atrás de pai Yarvi.

– Não, não. Os palhaços fazem as pessoas rirem.

Ele a obrigara a tomar banho e tinha posto um pouco de erva de cheiro amargo na água quentíssima para matar os piolhos. Ela se sentia tão em carne viva sob as roupas novas roçando a pele quanto os homens esfolados no cais de Kalyiv. Safrit havia cortado metade de seu cabelo até voltar a ficar quase raspado, depois golpeou o lado embolado com um pente de osso, mas desistiu, irritada, assim que lhe quebrou três dentes. Dera a ela uma túnica cor de sangue com costura dourada junto à gola, tão fina e macia que ela parecia estar usando nada. Quando Thorn exigiu suas roupas velhas de volta, Safrit apontou para um monte de trapos queimando na rua e perguntou se a garota tinha certeza.

Thorn podia ser mais alta do que ela, o equivalente a uma cabeça, mas ao seu modo Safrit era tão implacável quanto Skifr e não admitia ser contrariada. A jovem acabou com pulseiras de prata tilintando nos braços e um colar de contas de vidro vermelhas dando várias voltas no pescoço. O tipo de coisa que faria sua mãe entrelaçar as mãos de orgulho ao ver a filha usando, mas que para Thorn sempre haviam parecido tão confortáveis quanto correntes de escravo.

– As pessoas daqui esperam certo... – Yarvi balançou a mão aleijada na

direção de um grupo de homens de pele escura cujas sedas tinham lascas brilhantes de espelho costuradas – ... teatro. Elas vão achar você temível de um modo fascinante. Ou fascinante de um modo temível. Você está com a aparência exata.

– Ahn.

Thorn sabia que estava com cara de idiota porque, quando enfim emergiu em todo o seu absurdo perfumado, Koll deu um risinho, Skifr estufou as bochechas e Brand apenas a encarou em silêncio como se tivesse visto um morto andar. O rosto de Thorn ardeu de humilhação e, depois disso, praticamente não parou mais.

Um homem de chapéu alto olhou-a passar, boquiaberto. Ela gostaria de lhe mostrar a espada do pai, mas os estrangeiros não tinham permissão de portar armas na Primeira Cidade. Por isso, ela se inclinou para perto e bateu os dentes. Acabou se mostrando uma arma mais do que eficiente para fazê-lo guinchar de medo e se afastar às pressas.

– Por que você não fez nenhum esforço para melhorar a aparência? – perguntou Thorn, alcançando Yarvi.

Ele parecia ter um jeito especial para deslizar sem ser percebido na confusão de pessoas enquanto ela precisava abrir caminho com os ombros, deixando atrás uma trilha de raiva.

– Eu fiz. – O ministro espanou sua capa preta e simples, sem qualquer traço de adorno. – No meio dessa multidão espalhafatosa, vou me destacar com minha simplicidade humilde, um digno serviçal do Pai dos Pombos.

– Você?

– Eu disse que me pareceria com um, não que seria um. – Pai Yarvi balançou a cabeça ao vê-la repuxar os fundilhos apertados demais da calça nova. – Honestamente, Brand estava certo quando disse que não há bênção que você não trate como maldição. A maioria das pessoas agradeceria por ter roupas novas e boas. Eu não posso levar você ao palácio fedendo como um mendigo, posso?

– Por que está me levando ao palácio?

– Eu deveria ir sozinho?

– Poderia levar alguém que não falasse a pior coisa no pior momento: Safrit, Rulf, ou mesmo Brand. Ele tem uma daquelas caras em que as pessoas confiam.

– Ele tem uma daquelas caras das quais as pessoas se aproveitam. Não quero desconsiderar os gigantescos talentos diplomáticos de Safrit, Rulf ou Brand, mas sempre há a chance de a jovem imperatriz Vialine se afeiçoar a uma mulher da idade dela.

– A mim? As pessoas nunca se afeiçoam a mim! – Thorn se lembrou do desprezo das garotas de Thorlby, dos olhares ferozes e do riso venenoso. Mesmo já tendo matado oito homens, estremeceu ao pensar. – Principalmente as da minha idade.

– Aqui vai ser diferente.

– Por quê?

– Porque você vai manter a língua quieta e sorrir com doçura.

Thorn levantou as sobrancelhas.

– Isso não tem muito a ver comigo. Tem certeza?

Os olhos semicerrados de Yarvi se viraram para ela.

– Ah, tenho. Agora espere.

O queixo de Thorn caiu ao ver seis monstros estranhos atravessando a rua, cada um deles preso ao de trás por uma corrente de prata, pescoços do tamanho de um homem, oscilando lamentosos.

– Estamos muito longe de Gettland – murmurou ela, olhando os animais bambolearem entre prédios brancos tão altos que a rua torta entre eles parecia um cânion sombreado.

Lembrou-se das pedras úmidas e escuras de Gettland, da névoa matinal sobre a cinzenta Mãe Oceano, sua respiração soltando vapor no frio do alvorecer, encolhida perto do fogo para se esquentar na noite longa, a voz da mãe murmurando a oração noturna. Parecia outra vida. Outro mundo. Um mundo do qual Thorn jamais havia pensado que sentiria falta.

– É, estamos – concordou Yarvi, caminhando rapidamente pelo calor pegajoso e fedorento da Primeira Cidade.

Thorn sabia que o ano estava terminando, mas o outono ali era muito mais quente do que o auge do verão em Thorlby.

Pensou nos muitos quilômetros que tinham viajado. Nos meses remando. No esforço brutal nos árduos arrastos. No perigo constante da estepe. Para não mencionar a presença soturna do príncipe Varoslaf no caminho.

– A imperatriz pode nos dar alguma ajuda, mesmo que queira?

– Talvez não em aço, mas sem dúvida em prata.

Yarvi murmurou um pedido de desculpas em alguma língua desconhecida

enquanto rodeava um grupo de mulheres com véus escuros e cujos olhos pintados seguiram Thorn como se ela é que fosse estranha.

– As chances em casa ainda seriam remotas. – Thorn contou os inimigos nos dedos calejados: – Os homens do Rei Supremo em Yutmark, os inglings, os terra-baixenses, os vansterlandeses, os insulares...

– Talvez você fique surpresa em saber que eu já havia pensado nisso.

– E só temos os throvenlandeses do nosso lado.

Yarvi bufou.

– Essa aliança é como leite deixado ao ar livre no calor do meio-dia.

– Hein?

– Não vai durar.

– Mas o rei Fynn disse...

– O rei Fynn é um saco de tripas inchado com pouca autoridade até mesmo no próprio reino. Só a vaidade dele cria uma conexão conosco e, no devido tempo, ela vai derreter diante da fúria da avó Wexen, como neve sob a Mãe Sol. Aquele truquezinho só nos garantiu um pouco de tempo.

– Então... estamos sozinhos.

– Meu tio Uthil ficaria sozinho contra o mundo e insistiria que a resposta está no aço.

– Isso soa corajoso.

– Sem dúvida.

– Mas... não é sábio.

Yarvi lhe deu um sorriso.

– Estou impressionado. Esperava que você aprendesse a lutar, mas nunca a ser prudente. Mas não se preocupe: espero encontrar outros modos de aumentar as nossas chances.

ASSIM QUE ATRAVESSARAM as altíssimas portas de bronze do palácio, Thorn passou do embaraço por estar vestida como uma princesa à vergonha por estar vestida como uma camponesa. Ali as escravas pareciam rainhas, os guardas pareciam heróis lendários. O salão em que foram recebidos estava apinhado de cortesãos engastados de joias, tão coloridos, pomposos e, pelo que Thorn percebia, inúteis quanto os pavões que vagavam nos jardins imaculados lá fora.

Ela teria se encolhido, satisfeita, tentando se esconder, mas havia crescido nos últimos meses e agora estava mais alta do que pai Yarvi, que era maior que boa parte das pessoas. Além disso, calçava botas novas de sola grossa que lhe aumentavam ainda mais a altura. Como sempre, só podia se empertigar, levantar o queixo e exibir a expressão mais corajosa, por mais que a covarde que havia por trás estivesse suando na absurda túnica vermelha.

O duque Mikedas estava sentado acima deles num trono dourado sobre um patamar bem elevado, uma das pernas pendurada casualmente num dos braços esculpidos, a armadura fabulosa coberta com arabescos dourados. Era um daqueles homens bonitos que se acha mais belo do que é, com pele morena, olhos brilhantes, cabelo preto e barba prateada.

– Meus cumprimentos, amigos, e *bem-vindos* à Primeira Cidade! – Ele deu um sorriso vitorioso, mas que só gerou em Thorn a suspeita mais profunda. –

Como está o meu domínio da sua língua?

Pai Yarvi fez uma reverência profunda e Thorn o acompanhou. *Curve-se quando eu me curvar*, dissera ele, e isso parecia significar sempre que possível.

– Impecável, Sua Graça. Uma bem-vinda e impressionante...

– Lembre-me o nome deles outra vez, tenho uma memória *péssima* para os nomes.

– Ele é pai Yarvi, ministro de Gettland.

A mulher que falava era alta, magra e muito pálida, o cabelo raspado. Pulseiras élficas chacoalhavam nos braços tatuados, aço antigo, ouro e cristal quebrado brilhando. Thorn repuxou os lábios e, no último instante, lembrou-se de não cuspir no piso muito polido.

– Mãe Scaer – disse Yarvi. – Toda vez que nossos caminhos se cruzam é um novo deleite.

Era a ministra de Vansterland, que sussurrava no ouvido de Grom-gil-Gorm e fora mandada para o Sul pela avó Wexen para alertar o príncipe Varloslaf a não navegar pelo Mar Despedaçado.

– Eu gostaria de poder dizer o mesmo, mas nenhum dos nossos três encontros foi totalmente agradável. – Ela virou os olhos de um azul gélido na direção de Thorn. – Essa mulher eu não conheço.

– Na verdade vocês se conheceram em Skekenhouse. Ela é Thorn Bathu, filha de Storn Headland.

Thorn ficou um tanto gratificada ao ver os olhos de mãe Scaer se arregalarem.

– O que você andou dando para ela comer?

– Fogo e pedra de amolar – respondeu Yarvi, sorrindo –, e ela tem um tremendo apetite. Agora é uma guerreira provada, testada contra os uzhaks.

– Que guerreiros curiosos você tem! – O duque Mikedas parecia estar mais se divertindo do que impressionado, e os cortesãos deram risinhos servis. – Eu gostaria de vê-la lutando contra um homem da minha guarda pessoal.

– Que tal dois? – disse Thorn rispidamente, antes mesmo de perceber que sua boca estava aberta. A voz não parecia a sua, um desafio áspero ecoando alto e selvagem nas paredes de mármore engastadas com prata.

O duque apenas gargalhou.

– Maravilhoso! A exuberância dos jovens! Minha sobrinha é igual. Acha que tudo pode ser feito, apesar da tradição, apesar do sentimento dos outros, apesar das... *realidades.*

Yarvi fez outra mesura.

– Aqueles que governam, e os que estão ao lado deles, devem sempre pensar nas realidades.

O duque balançou o dedo.

– Já gostei de você.

– Na verdade, creio que temos uma amiga em comum.

– É?

– Ebdel Aric Shadikshirram.

O duque arregalou os olhos. Baixando a perna, ele se inclinou à frente.

– Como ela está?

– Lamento dizer que passou pela Última Porta, Sua Graça.

– Morreu?

– Foi morta por um escravo traiçoeiro.

– Divindade misericordiosa. – O duque afrouxou o corpo. – Ela era uma mulher singular. Eu a pedi em casamento, sabe. Na época, eu era jovem, claro, mas... – Ele balançou a cabeça, pasmo. – Ela *recusou*.

– Era de fato uma mulher singular.

– Os anos escorrem como água entre nossos dedos. Parece que foi ontem... – O duque deu um suspiro longo e seu olhar se endureceu. – Mas vamos ao que interessa.

– Claro, Sua Graça. – Pai Yarvi fez outra reverência, parecendo uma marionete desengonçada que não conseguia manter a cabeça firme. – Vim como emissário da rainha Laithlin e do rei Uthil, de Gettland, e peço audiência com Sua Radiância, Vialine, Imperatriz do Sul.

– Hummm. – O duque se apoiou num cotovelo e coçou a barba, infeliz. – Onde fica Gettland mesmo?

Thorn trincou os dentes, mas a paciência de pai Yarvi era forjada em aço.

– Gettland fica no litoral ocidental do Mar Despedaçado, Sua Graça, ao norte da terra do Rei Supremo em Skekenhouse.

– Há tantos países pequeninos lá em cima que só um erudito conhece todos!

Os cortesãos deram risinhos agudos e educados. Thorn sentiu uma vontade enorme de socá-los.

– Eu gostaria de poder honrar *todos* os suplicantes com uma audiência, mas

você deve entender que estamos numa época difícil.

Yarvi fez uma mesura.

– Claro, Sua Graça.

– Precisamos domar muitos inimigos e tranquilizar muitos amigos! Cuidar de tantas alianças, e algumas... são menos importantes do que outras, sem querer desrespeitar.

Seu sorriso brilhante irradiava desrespeito da mesma forma que um queijo velho fede.

Yarvi fez outra reverência.

– Claro, Sua Graça.

– A imperatriz Vialine não é uma mulher... – ele fez um gesto para Thorn como se apontasse para um cavalo pouco promissor em seu estábulo – *desse* tipo. É pouco mais do que uma menina. Impressionável. Inocente. Tem muito que aprender sobre como as coisas *são* de fato. Você deve entender que preciso ser cauteloso. Que preciso ser paciente. Para uma nação tão grande e diversificada como a nossa, a passagem de um governante para outro é sempre... *turbulenta.* Mas mandarei chamá-lo no devido tempo.

Yarvi fez uma mesura.

– Claro, Sua Graça. Posso perguntar quando?

O duque descartou isso com um floreio dos dedos longos.

– No devido tempo, pai, é...

– Yarvi – sibilou mãe Scaer.

Thorn não era diplomata, mas teve a forte impressão de que “no devido

tempo” significava “nunca”.

Mãe Scaer os esperava do lado de fora, no corredor ladeado por estátuas, acompanhada por dois guerreiros seus: um vansterlandês carrancudo e um terra-baixense com um rosto que parecia uma laje de pedra. Thorn estava de péssimo humor e se eriçou imediatamente, porém ambos não estavam dispostos a ser suplantados por um olhar. Nem a chefe deles.

– Estou surpresa em vê-lo aqui, pai Yarvi.

– E eu estou surpreso em vê-la, mãe Scaer – replicou ele, ainda que nenhum dos dois parecesse nem um pouco admirado. – Nós nos encontramos a meio mundo de nosso lugar de direito. Achei que você estaria ao lado do seu rei, Grom-gil-Gorm. Ele precisa que você fale pelo Pai Paz, antes que a Mãe Guerra o arraste para a ruína contra Gettland.

O olhar de mãe Scaer se tornou mais gélido ainda, se é que era possível.

– Eu estaria com ele caso avó Wexen não tivesse me escolhido para esta missão.

– Uma grande honra. – Uma curva levíssima no canto da boca de Yarvi sugeria que aquilo era o mais próximo de uma sentença de exílio, e os dois sabiam disso. – Você deve ter mesmo agradado a avó Wexen para merecer essa tarefa. Falou a favor do seu país? Defendeu o seu rei e seu povo, como um ministro deve fazer?

– Quando faço um juramento, eu o cumpro – disse Scaer com rispidez. – Um ministro leal vai aonde sua avó pede.

– Assim como um escravo leal.

– Nisso você é o especialista. Seu pescoço ainda dói da argola?

O sorriso de Yarvi ficou tenso.

– As cicatrizes estão bem curadas.

– Estão? – Scaer se inclinou para perto, arreganhando os dentes. – Se eu fosse você, retornaria ao Mar Despedaçado antes de ganhar mais algumas.

Ela passou esbarrando em Yarvi. O vansterlandês e Thorn trocaram mais uma carranca demorada antes de ele se afastar.

– Ela é encrenca na certa – sussurrou a garota.

– É.

– E é próxima do duque.

– É.

– E foi mandada para cá antes de nós.

– É.

– Então... avó Wexen adivinhou o que você iria fazer muito antes da execução.

– É.

– Tenho a sensação de que, desse jeito, não vamos conseguir uma audiência.

Yarvi olhou-a com azedume.

– Está vendo? Você é uma diplomata, afinal de contas.

Velhos amigos

PELOS DEUSES, AGORA ela era rápida. Só por lutar com ela, Brand era um lutador duas vezes melhor, desde a partida de Thorlby, mas a diferença entre os dois só aumentava. Sentia-se como um porco pesado e desajeitado, sempre três passos atrás. Sozinho, não tinha absolutamente nenhuma chance, não importando o terreno. Mesmo com dois amigos ao lado, parecia estar em menor número. Cada vez menos ela ficava na defensiva, cada vez mais era ela a caçadora e eles, as presas impotentes.

– Koll – gritou Brand, virando a cabeça –, vá pela esquerda!

Começaram a se espalhar no pátio do palácio meio desmoronado que Yarvi encontrara para eles, tentando encurralá-la, tentando induzi-la a passar pelos espaços entre eles.

– Dosduvoi, vá...

Tarde demais, Brand percebeu que Thorn havia atraído o grandalhão para o único canto claro do pátio e Dosduvoi se encolheu quando a Mãe Sol golpeou subitamente seus olhos.

Thorn partiu para cima dele feito um raio, fez com que ele cambaleasse com um golpe violento do machado no escudo, enfiou a espada por baixo e acertou a ponta em sua pança considerável. Recuou gargalhando enquanto Brand golpeava o ar onde ela estivera um instante antes, certificando-se de que uma das colunas

descascadas que cercavam o pátio estivesse entre ela e Koll.

– Ah, pelos deuses – chiou Dosduvoi, dobrando-se e apertando a barriga.

– Você promete – disse Skifr, andando lentamente ao redor deles com as mãos cruzadas às costas. – Mas não deixe seu ímpeto arrebatá-la. Trate cada luta como se fosse a última. Cada inimigo como se fosse o pior. O lutador sábio aparenta ser menos do que é, por pior que seja o oponente.

– Obrigado – falou Brand, ofegante, entre os dentes trincados, tentando enxugar um fio de suor do ombro.

Deuses, estava quente. Às vezes parecia não haver um sopro de vento em qualquer lugar daquela cidade amaldiçoada.

– Meu pai costumava dizer para nunca ficarmos orgulhosos. – Os olhos de Thorn iam de Brand a Koll enquanto os dois tentavam encurralá-la num canto. – Dizia que os grandes guerreiros começam a acreditar nas próprias canções e a pensar que só algo grandioso poderia matá-los. Mas algo pequeno pode matar qualquer um.

– Um arranhão infeccionado – sugeriu Safrit, observando com as mãos no quadril.

– Uma tira de escudo esgarçada – grunhiu Brand, tentando manter o olhar nas armas de Thorn, mas o colete justo que ela usava causava certa distração.

– Escorregar em bosta de ovelha – complementou Koll, com estocadas rápidas contra Thorn, mas lhe dando a chance de acertar um golpe violento em seu escudo e deslizar em volta dele, retornando ao espaço aberto.

– Seu pai parece um homem sensato – comentou Skifr. – Como ele morreu?

– Num duelo contra Grom-gil-Gorm. Segundo todos os relatos, ele ficou orgulhoso.

Thorn mudou de direção num instante e, por mais que Koll estivesse se tornando ágil, ela era muito mais. Ágil como um escorpião e menos misericordiosa. Seu machado acertou a perna do garoto e fez com que o membro se dobrasse. Ele ofegou, cambaleando de lado. A espada de Thorn acertou a cintura de Koll, que caiu rolando no pátio com um grito de desespero.

Porém, a situação deu uma oportunidade a Brand. Mesmo desequilibrada, ela conseguiu afastar a espada dele, fazendo-a acertar com força seu ombro. Pelos deuses, ela era dura na queda, nem se encolhera. Brand acertou-a com o escudo, empurrou-a rosnando de costas contra a parede, a borda arrancando uma chuva de reboco solto. Os dois cambalearam numa disputa desajeitada e, por um momento, ele teve certeza de que a dominara. Contudo, mesmo enquanto Brand a forçava para trás, ela conseguiu torcer o pé por trás do pé do amigo e rosnou, mudando o peso do corpo e lhe dando uma rasteira.

Os dois caíram com força, ele por baixo. Deuses, ela era forte. Era como Bail lutando contra a grande enguia na canção, porém provavelmente com um resultado pior.

– Você deveria estar matando-o! – gritou Skifr. – Não copulando com ele! Isso você pode fazer na hora de folga.

Os dois rolaram embolados e pararam com Thorn por cima, arreganhando os dentes enquanto tentava enfiar o antebraço embaixo do maxilar de Brand para sufocá-lo, ele agarrando o cotovelo dela, fazendo força para torcê-lo para longe,

os dois rosnando no rosto um do outro.

Estavam tão perto que os olhos dela se turvaram, virando um só. Tão perto que Brand podia ver cada gota de suor na testa dela. Tão perto que o peito dela o comprimia a cada respiração rápida, quente, agridoce.

E por um momento foi como se não estivessem lutando, mas fazendo outra coisa.

Então a porta pesada se abriu com um tremor e Thorn saltou de cima dele rapidamente, como se tivesse levado um tapa.

– Outra vitória? – perguntou pai Yarvi de forma ríspida, passando pela soleira com Rulf, que franzia a testa logo atrás.

– Claro – respondeu Thorn, como se não houvesse nada em sua mente a não ser dar uma surra em Brand. O que mais haveria?

Brand se levantou espanando as roupas, fingindo que a pele não estava ardendo do rosto aos pés. Fingindo que estava encurvado por causa de uma cotovelada nas costelas, e não devido ao inchaço lá embaixo. Fingindo que tudo estava como sempre. Mas algo havia mudado naquele dia em que ela entrara no pátio com as roupas novas. Ela era a mesma, mas muito, muito diferente, a luz enfatizando a lateral de sua carranca e fazendo um olho brilhar. Ele não conseguiu falar e ficou apenas encarando-a. Tudo havia desmoronado subitamente. Ou talvez tudo tenha se encaixado. Ela não era mais apenas sua amiga, sua rival ou sua companheira de remo, uma tripulante. Ainda era, mas também alguém que o empolgava e fascinava, e, sobretudo, matava-o de medo. Algo tinha mudado no modo como ele a enxergava e agora, quando a olhava,

não conseguia ver mais nada.

Dormiam no piso do mesmo cômodo. Isso não parecera nem um pouco estranho na chegada ali, já que dormiam um em cima do outro havia meses. Só que agora ele ficava acordado durante metade da noite quente e pegajosa pensando em quão perto ela estava, ouvindo os sons intermináveis da cidade e tentando identificar sua respiração lenta. Pensando em como seria fácil estender a mão e tocá-la...

Percebeu que estava olhando de soslaio para a bunda dela outra vez e se obrigou a baixar os olhos para o chão.

– Deuses – articulou a palavra, mas não tinha ideia de a qual deus deveria rezar pedindo ajuda para resolver um problema assim.

– Bom, fico extremamente feliz porque alguém está vencendo – comentou Yarvi.

– Não teve sorte no palácio? – indagou Brand, rouco, ainda encurvado e desesperado por uma distração.

– Não há sorte nenhuma no palácio – disse Rulf.

– Outro dia desperdiçado. – Yarvi desabou num banco, os ombros caídos. – Teremos sorte se houver outra oportunidade de sermos insultados pelo duque Mikedas, quanto mais por sua sobrinha.

– Achei que você não acreditasse em sorte – falou Thorn.

– Neste momento só me resta esperar que ela acredite em mim.

Brand nunca vira pai Yarvi abalado. Mesmo quando lutaram contra o Povo dos Cavalos, ele sempre pareceu ter certeza do que fazer. Agora o garoto se

perguntou se não teria sido uma máscara, que estava começando a rachar. Pela primeira vez tinha a consciência dolorosa de que Yarvi era apenas alguns anos mais velho do que ele e precisava carregar o destino de Gettland – e tinha apenas uma das mãos boa.

– O que será que estão fazendo em Thorlby agora? – murmurou Koll, pensativo, sacudindo a perna dolorida.

– Está chegando a época da colheita, acho – respondeu Dosduvoi, que havia arregaçado as mangas para verificar os hematomas.

– Campos dourados com cevada oscilando – disse Skifr.

– Um monte de comerciantes chegando às feiras. – Safrit brincou com os pesos de mercadora pendurados no pescoço. – As docas apinhadas de navios. Pessoas ganhando dinheiro.

– A não ser que as plantações tenham sido queimadas pelos ataques dos vansterlandeses – interveio Yarvi. – E que os mercadores tenham sido retidos em Skekenhouse pela avó Wexen. Os campos cobertos de restolho preto e as docas vazias. Ela já pode ter atiçado os terra-baixenses. Os inglings também, liderados por Yilling, o Brilhante. Milhares marchando contra Gettland.

Brand engoliu em seco, pensando em Rin e em sua choupana frágil do lado de fora da muralha.

– Você acha?

– Não. Ainda não. Mas logo, talvez. O tempo se esvai e eu não faço nada. Sempre há um modo. – O ministro fitou o chão, os dedos bons remexendo na unha do polegar torto. – Meia guerra é travada com palavras, é vencida com

palavras. Quando são certas e ditas para as pessoas certas. Mas eu não tenho uma coisa nem outra.

– Vai dar certo – murmurou Brand, querendo ajudar mas sem saber como.

– Eu gostaria de enxergar um modo. – Yarvi pôs as mãos no rosto pálido, a mão ruim parecendo um brinquedo torto ao lado da boa. – Precisamos da porcaria de um milagre.

Houve uma batida forte à porta. Skifr levantou uma sobrancelha.

– Por acaso estamos esperando visita?

– Não temos muitos amigos na cidade – disse Thorn.

– Você não tem muitos amigos em lugar nenhum – observou Brand.

– Pode ser que mãe Scaer tenha mandado um grupo de boas-vindas – arriscou Yarvi.

– Armas – rosnou Rulf, e jogou a espada para Thorn, que a pegou no ar.

– Pela Divindade, fico feliz em lutar contra qualquer um que não seja Thorn – disse Dosduvoi, tomando uma lança.

Brand desembainhou a espada que tinha sido de Odda, o aço apavorante de tão leve depois da espada de treino. Ao menos o medo havia resolvido rapidamente o problema dentro da sua calça.

A porta estremeceu com mais pancadas, e não era uma porta fina.

Koll se esgueirou até lá e ficou nas pontas dos pés para olhar pelo buraco de vigia.

– É uma mulher – sussurrou ele. – Parece rica.

– Sozinha? – perguntou Yarvi.

– Sim, estou sozinha – disse uma voz abafada através da porta. – E sou amiga.

– É exatamente o que um inimigo diria – comentou Thorn.

– Ou um amigo – acrescentou Brand.

– Os deuses sabem que estamos precisando de um – observou Rulf, mas ainda assim pôs uma flecha em seu arco preto.

– Abra – falou Yarvi.

Koll puxou o trinco, como se ele pudesse queimá-lo, e saltou para longe, com uma faca em cada mão. Brand se agachou atrás do escudo, esperando que uma saraivada de flechas passasse pela entrada em arco.

A porta se abriu rangendo lentamente e um rosto apareceu na fresta. Um rosto feminino, de pele escura e olhos escuros, o cabelo preto preso no alto, frouxo e torcido, com alfinetes cravejados de joias. Tinha uma pequena cicatriz no lábio superior e um pedacinho de dente branco aparecia quando sorria.

– *Toc*, *toc* – disse ao passar e fechar a porta.

Usava uma capa comprida de linho fino e uma corrente de ouro no pescoço, cada elo trabalhado para parecer um olho. Ergueu uma sobrancelha diante de todo aquele aço afiado e levantou devagar as mãos.

– Ah, eu me rendo.

Rulf deu um uivo sonoro e jogou o arco no chão. Correu até a mulher e abraçou-a forte.

– Sumael! – exclamou, apertando-a com força. – Pelos deuses, como senti sua falta!

– E eu a sua, Rulf, seu velho desgraçado – chiou ela, dando-lhe um tapa nas costas, depois gemendo quando ele a levantou do chão. – Suspeitei ao saber que um navio chamado *Vento Sul* havia atracado. Belo toque, por sinal.

– Isso nos lembra de onde viemos – comentou Yarvi, esfregando o pescoço com a mão boa.

– Pai Yarvi... – falou Sumael, soltando-se do abraço do piloto. – Olhe só para você. Perdido no mar e precisando desesperadamente de que alguém ache o rumo.

– Certas coisas nunca mudam. Você parece... próspera.

– Você parece péssimo.

– Certas coisas nunca mudam.

– Nenhum abraço para mim?

Ele deu uma fungada, quase um soluço.

– Estou preocupado, pensando que, se fizer isso, não vou soltar nunca mais.

Sumael se aproximou, os olhares dos dois fixos um no outro.

– Vou correr o risco.

Ela o abraçou, ficando na ponta dos pés para apertá-lo. Ele apoiou a cabeça no ombro dela e lágrimas brilharam em suas bochechas encovadas.

Brand olhou para Thorn, que deu de ombros.

– Acho que agora sabemos quem é Sumael.

– ENTÃO ESTA é a embaixada de Gettland? – Sumael cutucou um pedaço de reboco cheio de mofo, que caiu da parede e se espalhou nas tábuas empoeiradas.

– Você tem bom olho para uma barganha.

– Sou filho da minha mãe – respondeu Yarvi. – Ainda que ela não seja mais minha mãe. – O salão meio desmoronado onde estavam comendo poderia abrigar quarenta pessoas sentadas, mas a maioria da tripulação havia se dispersado e o lugar tinha um eco vazio. – O que está fazendo aqui, Sumael?

– Além de encontrando velhos amigos? – Ela se recostou na cadeira e apoiou uma bota manchada, que não combinava em nada com as roupas finas, sobre o tampo riscado da mesa. – Ajudei meu tio a construir um navio para a imperatriz Theofora, e uma coisa levou à outra. Para irritação de vários cortesãos, ela me tornou inspetora da frota.

Uma mecha de cabelo caiu sobre o rosto de Sumael. Ela projetou o lábio inferior e soprou-a de volta.

– Você sempre levou jeito para barcos. – Rulf estava sorrindo para ela como se uma filha predileta tivesse voltado inesperadamente para casa. – E para irritar as pessoas.

– Os barcos da imperatriz estavam apodrecendo no porto de Rugora, mais adiante no litoral, onde por acaso Vialine, a sobrinha de Theofora, estava sendo instruída. – Aquela mecha de cabelo se soltou de novo e ela voltou a soprá-la. – Ou aprisionada, dependendo do ponto de vista.

– Aprisionada? – perguntou Brand.

– Por aqui há pouca confiança dentro da família real. – Sumael deu de ombros. – Mas Vialine queria entender a frota. Ela quer aprender sobre tudo. Nós ficamos amigas, acho. Quando Theofora adoeceu e Vialine foi chamada de

volta à Primeira Cidade, pediu que eu viesse com ela e... – Ela levantou a corrente de olhos com a ponta de um dedo e deixou-a cair. – Por alguma estranha magia, acabei virando conselheira da Imperatriz do Sul.

– O talento flutua até o topo – disse Rulf.

– Como os cagalhões – grunhiu Thorn.

Sumael abriu um sorriso torto.

– Você deve boiar um bocado, então.

Brand gargalhou e Thorn lhe lançou um olhar irritado que o fez parar.

– Então você está do lado direito da mulher mais poderosa do mundo? – perguntou Rulf, balançando a cabeça careca.

– Mas não sozinha. – A mecha caiu de novo e Sumael sacudiu a cabeça, irritada, soltando os alfinetes do cabelo. – Há um conselho com dezenas de pessoas, e a maioria é fiel ao duque Mikedas. Vialine pode ser imperatriz no nome, mas ele é quem tem poder, sem a menor intenção de compartilhá-lo.

– Ele não compartilhou nada conosco – disse Yarvi.

– Ouvi dizer. – O cabelo caiu numa cortina preta por cima de metade do rosto dela, deixando à mostra apenas um olho brilhante. – Pelo menos vocês saíram com a cabeça em cima do pescoço.

– Você acha que vamos permanecer assim se continuarmos aqui?

O olhar de Sumael foi até Thorn.

– Isso depende da diplomacia de vocês.

– Eu posso ser diplomática – rosnou ela.

Sumael apenas abriu um sorriso mais largo. Ela parecia imune à intimidação.

– Você me lembra uma capitã de navio com quem Yarvi e eu navegamos.

O ministro explodiu numa gargalhada, assim como Rulf. Thorn permaneceu carrancuda.

– Isso é um insulto ou um elogio?

– Um pouco de cada. – Yarvi se inclinou adiante, os cotovelos na mesa e a mão mirrada apertada na outra. – O Rei Supremo está se preparando para a guerra, Sumael. Quem sabe, a guerra já pode até ter começado.

– Que aliados vocês têm? – indagou ela, levantando o cabelo com as duas mãos e prendendo-o com um nó.

– Menos do que precisamos.

– Certas coisas nunca mudam, hein, Yarvi? – Sumael prendeu os alfinetes de novo com dedos ágeis. – O duque não é tão chegado à Divindade Única como Theofora era, mas ainda assim ele pretende honrar a aliança com a avó Wexen. Ele sabe escolher o lado vitorioso.

– Veremos. Preciso falar com a imperatriz.

Sumael estufou as bochechas.

– Posso tentar. Porém, não tenho como prometer mais do que uma audiência.

– Você não me deve nada.

Ela sustentou o olhar dele enquanto colocava o último alfinete, com a joia da ponta reluzindo.

– Não é uma questão de dívidas. Não entre nós.

Yarvi parecia apanhado entre o riso e o choro. Por fim, recostou-se e deu um suspiro entrecortado.

– Achei que nunca mais veria você.

Sumael abriu um sorriso, com aquele pouquinho de dente branco aparecendo, e Brand descobriu que estava começando a gostar dela.

– E...?

– Fico feliz por estar errado.

– Eu também.

A mecha caiu de novo no rosto dela. Sumael franziu a testa, vesga por um momento, e a soprou de volta.

Esperanças

THORN FOI PASSANDO no meio de uma multidão que resmungava a caminho de um templo de orações. Ali havia templos demais e gente demais entrando neles para rezar.

– Cultuar essa tal Divindade Única toma um bocado de tempo – grunhiu Brand, tentando usar os ombros largos para abrir caminho pela confusão.

– Os Deuses Altos e os Deuses Pequenos têm os próprios negócios para resolver. A Divindade Única só parece se importar em se intrometer nos negócios de todo mundo.

– E sinos! – Brand se retraiu ao ouvir outro badalar sonoro vindo de uma torre branca logo acima. – Se eu nunca mais ouvir a porcaria de um sino, não vou reclamar. – Ele se inclinou para perto e sussurrou: – Eles enterram os mortos sem queimar. Enterram. No chão. Sem queimar.

Thorn franziu a testa para o pátio coberto de mato ao lado do templo, atulhado de pedras que serviam de marcos, tortas como dentes de mendigo, cada uma com um cadáver embaixo apodrecendo, supôs ela. Centenas. Milhares. Um poço mortuário bem no meio da cidade.

Ela estremeceu, suando, e apertou a bolsinha que guardava os ossos dos dedos do pai.

– Cidade maldita.

O pai podia ter adorado falar daquele lugar, mas ela estava começando a odiá-lo. Era grande demais, o tamanho era esmagador. Barulhento demais, a ponto de a pessoa não conseguir pensar direito. Quente demais, uma cidade sempre pegajosa e fedendo, dia e noite. Lixo, moscas, podridão e mendigos por toda parte, aquilo a deixava tonta. Pessoas demais, todas passando direto, ninguém se conhecendo nem querendo nada uns dos outros a não ser arrancar algum lucro.

– Deveríamos ir para casa – murmurou Thorn.

– Nós acabamos de chegar.

– É a melhor hora de sair de um lugar que a gente odeia.

– Você odeia tudo.

– Nem tudo.

Ela olhou de soslaio e pegou Brand a espiando. Sentiu de novo aquelas cócegas na barriga enquanto ele desviava o olhar rapidamente.

Por acaso Brand não estava com a expressão perplexa e desamparada, mas com outra, que agora ela via o tempo todo. Olhos fixos e brilhantes nela por trás de alguns fios desgarrados do cabelo. Quase ávidos. Quase apavorados. Alguns dias antes, quando estavam comprimidos juntos no chão, perto demais, acontecera... alguma coisa, que fez o sangue subir ao rosto dela, e não só ao rosto. Nas entranhas ela não tinha dúvidas. Logo abaixo das entranhas, mais ainda. Porém, as dúvidas se apinhavam em sua cabeça como os fiéis nos templos na hora das orações.

Será que ela poderia simplesmente perguntar? *Sei que nos odiávamos, mas*

comecei a pensar que posso gostar um tanto de você. Há alguma chance de você gostar de mim? Deuses, parecia absurdo. Durante toda a vida afastara as pessoas; não tinha ideia de como atraí-las. E se ele a olhasse como se ela fosse louca? O pensamento se escancarava como um buraco aos seus pés. *Como assim, gostar? Gostar de verdade?* Será que ela deveria apenas segurá-lo e beijá-lo? Praticamente não pensava em mais nada. Mas e se um olhar fosse apenas um olhar? E se fosse como sua mãe dizia: qual homem iria querer alguém tão estranha, difícil e do contra como ela? Não alguém como Brand, bonito, benquisto, como um homem deveria ser, e que poderia ter qualquer uma que desejasse...

De repente, o braço dele estava em volta dela, levando-a de costas para uma porta. De súbito, o coração de Thorn estava na boca, ela até mesmo soltou um guincho de menininha enquanto ele se comprimia contra ela. Em seguida, todo mundo estava correndo para as laterais da rua no momento em que cavalos passavam fazendo barulho, com plumas nos arreios se sacudindo, armaduras douradas brilhando e cavaleiros altos de elmos elevados não se importando nem um pouco com quem se encolhia dos dois lados. Sem dúvida eram homens do duque Mikedas.

– Alguém poderia se machucar – murmurou Brand, franzindo a testa na direção deles.

– É – concordou ela, rouca. – Alguém poderia.

Estava enganando a si mesma. Só podia estar. Eles eram amigos, companheiros de remo. Era só isso que precisavam ser. Por que arruinar isso

pressionando por algo que ela não poderia ter, não merecia... então viu o olhar dele, e havia aquela maldita expressão de novo, que acelerava seu coração como se ela tivesse remado por um trecho difícil. Brand se afastou bruscamente, deu um meio sorriso desajeitado e continuou andando enquanto a multidão voltava a se comprimir atrás dos cavaleiros.

E se ele sentisse o mesmo que ela, querendo pedir, mas com medo, sem saber como? Cada conversa parecia perigosa como uma batalha. Dormir no mesmo cômodo era uma tortura. Quando haviam jogado os cobertores no chão pela primeira vez, eram simplesmente companheiros de remo, rindo das condições da grande ruína que Yarvi tinha comprado, com a luz do dia aparecendo através do telhado. Mas agora ela só fingia dormir enquanto pensava como ele estava perto, e às vezes achava que Brand também fingia, podia jurar que seus olhos estavam abertos, observando-a. Mas nunca tinha certeza. A ideia de dormir ao lado dele a deixava arrasada, assim como a de não dormir ao lado dele.

Você... *gosta* de mim? Gosta? *Gosta?*

A coisa toda era uma charada maldita numa língua que ela não sabia falar.

Brand estufou as bochechas e enxugou o suor da testa, sem dúvida sem perceber o problema que estava causando.

– Acho que vamos embora assim que fizermos um acordo com a imperatriz.

Thorn tentou engolir o nervosismo e falar normalmente, o que quer que isso significasse.

– Acho que isso não vai acontecer.

Brand deu de ombros, calmo, sólido e confiante como sempre.

– Pai Yarvi vai arranjar um modo.

– A inteligência de pai Yarvi é evidente, mas ele não é feiticeiro. Se você tivesse ido ao palácio, se tivesse visto a cara do duque...

– Então Sumael vai dar um jeito para ele.

Thorn bufou.

– Pela luz que ela projeta na vida de todo mundo, parece que a Mãe Sol se enfiou no cu daquela mulher.

– Não projeta na sua, pelo jeito.

– Não confio nela.

– Você não confia em ninguém.

Ela quase disse “confio em você”, mas conteve a resposta no último instante e soltou um grunhido.

– E Rulf confia nela – continuou Brand. – Confia a própria vida, pelo que me disse. Pai Yarvi também, e ele não é nem um pouco do tipo que confia.

– Eu gostaria de saber mais sobre o que aconteceu entre aqueles três – disse Thorn. – Tem alguma história aí.

– Às vezes a gente é mais feliz sabendo menos.

– Isso é você. Eu, não.

Ela o pegou olhando-a de novo, quase ávido, quase apavorado. Sentiu aquela coceira no fundo do estômago. Teria iniciado de novo uma discussão louca consigo mesma se não tivessem chegado à feira.

Uma das feiras, aliás. A Primeira Cidade tinha dezenas, cada uma tão grande quanto Roystock. Lugares de agitação e barulho ensandecido, cidades de

barracas atulhadas de pessoas de todas as formas e cores. Grandes balanças tilintavam, ábacos chacoalhavam e preços eram gritados em todas as línguas acima dos balidos, cacarejos e grasnidos dos animais. Havia um fedor sufocante de comida sendo feita, temperos de doçura enjoativa, esterco fresco e só os deuses sabiam o que mais. Tudo mais. Tudo que existia para ser vendido no mundo. Fivelas e sal. Tecido púrpura e ídolos. Peixes monstruosos de olhos tristes. Thorn fechou os olhos com força e obrigou-os a se abrir, mas a loucura de todas as cores ainda borbulhava diante dela.

– Só carne – disse Thorn, em tom lamentoso, sopesando a bolsa de pai Yarvi. – Só queremos carne. – Safrit nem havia pedido um tipo determinado. Ela se desviou de uma mulher com avental manchado que passou segurando uma cabeça de cabrito embaixo do braço. – Por onde diabos começamos?

– Espere aí. – Brand tinha parado junto a uma barraca onde um mercador de pele escura vendia fios de contas de vidro e estava levantando um deles para que a Mãe Sol brilhasse através do vidro amarelo. – Bonitos, não são? O tipo de coisa que as garotas gostam de receber como presente.

Thorn deu de ombros.

– Não sou especialista em coisas bonitas. Nem em garotas, por sinal.

– Você é uma, não é?

– É o que minha mãe me diz. – Ela acrescentou baixinho: – Há controvérsias.

Ele levantou outro colar, agora verde e azul.

– De qual você gosta mais? – Ele deu um sorriso de viés. – Para dar de presente?

Thorn sentiu um formigamento na barriga, mais forte do que nunca. Parecia que ia vomitar. Se algum dia fosse ter uma prova, era agora. Um presente. Para ela. Não era algo que escolheria, mas com sorte aquilo poderia ser a próxima coisa. Se escolhesse as palavras certas. O que dizer? Deuses, o que dizer? De repente sua língua parecia ter o dobro do tamanho.

– De qual eu gosto mais ou...

Ela ficou encarando-o e deixou a cabeça tombar de lado, tentou suavizar a voz. Cativante, o que quer que isso significasse. Não fora suave mais do que três vezes na vida, cativante jamais, e a voz saiu num rosnado desajeitado:

– Qual eu *quero*?

O olhar perplexo agora.

– Quer dizer, qual você gostaria que fosse levado como presente? Se estivesse em Thorlby.

Apesar do calor sufocante, um frio se espalhou, começando no peito de Thorn e se esgueirando lentamente até a ponta dos dedos. Não era para ela. Era para alguém em Thorlby. Claro que sim. Ela se deixara ser levada pelo ímpeto, apesar dos alertas de Skifr.

– Não sei – respondeu, tentando dar de ombros como se não fosse nada. – Como eu iria saber?

Ela se virou, o rosto queimando, enquanto Brand discutia preços com o vendedor. Desejou que o chão se abrisse e a devorasse sem ser queimada antes, como acontecia com os mortos sulistas.

Imaginou para quem seriam aquelas contas. Não que houvesse tantas garotas

assim em Thorlby com a idade apropriada. Era bem provável que Thorn a conhecesse, que a menina houvesse rido dela, apontado para ela, zombado dela. Uma das bonitas com quem sua mãe dizia para ser mais parecida. Uma que sabia costurar, sorrir e usar uma chave pendurada ao pescoço.

Achou que tivesse se tornado forte. Tapas, socos e golpes de escudo praticamente não doíam, então como aquilo podia doer? Mas todos têm falhas em sua armadura. Pai Yarvi podia ter impedido que a apedrejassem, mas, de modo casual, Brand a esmagava com apenas um colar de contas.

Ele ainda estava sorrindo quando o colocou num bolso.

– Acho que ela vai gostar.

O rosto de Thorn se retorceu. Nem ao menos ocorreu a Brand que a amiga acharia que as contas eram para ela. Nem ao menos lhe ocorreu pensar em Thorn como ela passara a pensar nele. Era como se todas as cores tivessem sumido do mundo. Havia passado boa parte da vida sentindo-se envergonhada, idiota e feia, mas nunca tanto assim.

– Sou uma bosta idiota – sibilou.

Brand pestanejou.

– Hein?

Dessa vez o rosto desamparado. A tentação de socá-lo era quase avassaladora, mas ela sabia que a culpa não era de Brand. Não era culpa de ninguém, só dela, e bater jamais resolve coisa alguma. Tentou fazer cara de coragem, porém não conseguiu encontrá-la naquele momento. Só queria ir embora. Ir a qualquer lugar. Deu um passo e parou bruscamente.

O vansterlandês carrancudo que estivera ao lado de mãe Scaer no palácio bloqueava seu caminho, a mão direita escondida numa capa enrolada que, ela não tinha dúvida, escondia uma lâmina. Havia um homenzinho com cara de rato ao lado dele e Thorn podia sentir alguém se movendo à esquerda. Era o grandalhão das Terras Baixas, supôs.

– Mãe Scaer quer trocar uma palavra com você – disse o vansterlandês, mostrando os dentes, que não eram nem um pouco bonitos. – Seria melhor se você viesse com calma.

– Melhor ainda: nós vamos seguir nosso caminho com calma – retrucou Brand, puxando o ombro de Thorn.

Ela se desvencilhou, a vergonha ardente transformada em fúria gélida num instante. Precisava machucar alguém e aqueles idiotas haviam chegado no momento certo.

Certo para ela. Errado para eles.

– Não vou fazer nada com calma.

Ela jogou uma das moedas de pai Yarvi para o homem da barraca mais próxima, coberta de ferramentas e tábuas.

– Para que é isso? – perguntou ele, pegando-a no ar.

– Pelos danos – respondeu Thorn.

Em seguida, tomou um martelo e jogou-o de baixo para cima, fazendo-o ricochetear no crânio do vansterlandês, que tombou para trás, totalmente perplexo.

Agarrou uma jarra pesada em outra barraca e a acertou na cabeça dele antes

que o sujeito pudesse se equilibrar, molhando os dois com vinho. Segurou-o enquanto ele caía e acertou os restos serrilhados da alça da jarra no rosto dele.

Por puro instinto, Thorn se desviou de uma faca, recuando a cintura de modo que a lâmina passou direto, os olhos arregalados acompanhando o metal brilhante. O homem com cara de rato tentou esfaqueá-la de novo e ela girou de lado, saltou por cima de uma barraca, cujo dono vociferou por causa das mercadorias. Levantou-se segurando uma tigela de tempero, jogou-o no rosto do Rato numa nuvem laranja de cheiro doce. Ele tossiu, cuspiu, procurou acertá-la às cegas. Thorn usou a tigela como escudo; a lâmina se enterrou na madeira e ela lhe arrancou da mão.

O Rato tentou lhe dar um soco desajeitado mas a garota passou o braço por dentro, sentiu o punho dele roçar no rosto enquanto se aproximava e lhe dava uma joelhada na barriga, depois chutou de novo entre as pernas e o fez guinchar. Agarrou-lhe o rosto, arqueando-se para trás, e deu uma cabeçada com toda a força naquela cara de rato. O choque deixou-a tonta por um momento, mas não tanto quanto ele, que tombou de quatro, babando sangue. Ela o chutou nas costas com um movimento selvagem, enterrando-o numa avalanche de peixes lustrosos quando uma mesa desabou.

Thorn se virou e viu Brand sendo forçado para trás, sobre uma barraca cheia de frutas. O grandalhão das Terras Baixas tentava cravar uma faca no rosto dele e a língua de Brand aparecia entre os dentes, os olhos vesgos encarando a ponta brilhante.

Quando se está treinando, lutando contra os companheiros de remo, sempre

há uma pequena contenção. Agora não era o caso. Segurou o pulso grosso do terra-baixense e puxou o braço dele para trás, gritando ao lhe dar um soco violento no cotovelo. Houve um estalo e o braço do homem se dobrou para o lado errado, a lâmina tombando da mão frouxa. Ele berrou e Thorn o acertou no pescoço exatamente como Skifr havia ensinado. O homem caiu com espasmos na barraca seguinte, fazendo peças de cerâmica quebradas voarem.

– Venha! – cuspiu ela, mas não restava ninguém contra quem lutar, só os vendedores chocados, os espectadores apavorados e uma mãe tapando os olhos da filha. – Ir com calma, é? – berrou ela, erguendo o pé para pisar na cabeça do terra-baixense.

– Não!

Brand segurou-a por baixo dos braços e a arrastou em meio aos destroços. As pessoas se afastavam rapidamente para lhes dar espaço enquanto eles meio andavam, meio corriam para a entrada de uma rua lateral.

– Você os matou? – perguntou ele, a voz esganiçada.

– Se tive sorte – rosnou Thorn, soltando-se. – Por quê? Você planejava comprar colares de contas para eles, é?

– O quê? Nós viemos comprar carne, não criar cadáveres! – Fizeram uma curva às pressas, passaram por um grupo de mendigos surpresos e pelas sombras de um beco podre, a agitação sumindo lá atrás. – Não queremos causar problemas para pai Yarvi. Além disso, não quero que você seja apedrejada, se for possível.

Thorn percebeu que ele estava certo, e isso a deixou com mais raiva do que

nunca.

– Você é tão covarde! – sibilou, o que certamente não era justo, mas ela não estava se sentindo muito justa naquela hora.

Havia alguma coisa coçando em seu olho e ela pôs a mão, que ficou toda vermelha.

– Você está sangrando – disse Brand estendendo a mão. – Aqui...

– Tire a mão de mim!

Ela o empurrou contra a parede, onde ele quicou, então o empurrou mais forte. Brand se encolheu e ergueu a mão diante de Thorn, que se manteve parada com os punhos fechados. Estava confuso, magoado e assustado.

Era uma expressão que lhe causava um formigamento por dentro, mas não de um modo bom. Ali Thorn viu suas malditas esperanças idiotas tão torcidas e quebradas quanto o braço do sujeito das Terras Baixas, mas a culpa era apenas dela. Não deveria ter se permitido acreditar, mas as esperanças são como erva daninha: por mais que sejam arrancadas, continuam brotando.

Thorn soltou um rosnado de frustração e foi andando pelo beco.

Ruínas

ELE HAVIA ARRUINADO tudo.

Brand se encostou na parede meio desmoronada do pátio, entre Rulf e pai Yarvi, observando Thorn dar uma surra em Fror. Desde que haviam chegado à Primeira Cidade, tinha passado metade do tempo vigiando-a. Mas agora fazia isso com um desejo lamentoso de um órfão diante da barraca do padeiro, provocando-se com a visão de delícias que sabia que jamais seriam suas. Um sentimento que Brand conhecia bem demais. Um sentimento que tinha esperado nunca mais experimentar.

Houvera algo de bom entre eles. Amizade, no mínimo. Uma amizade construída por um tempo longo e difícil.

Como o pateta atabalhoado que era, ele arruinara aquilo.

Tinha voltado para o quarto dos dois e as coisas de Thorn haviam sumido. Ela passara a dormir com Safrit e Koll sem dizer por quê. Não lhe dirigira a palavra uma única vez desde o dia na feira. Devia ter notado o modo como ele a encarava, adivinhado o que ele estava pensando. Não que Brand fosse bom em esconder, mas, a julgar pela maneira como ela o olhava agora, ou melhor, como *não* o olhava, Thorn devia sentir aversão à ideia que ele acalentava. Claro que sim.

Por que alguém como ela – tão forte, astuta e confiante – iria querer um

pateta feito Brand? Qualquer um via de cara que Thorn era especial e ele não era nada – e nunca seria nada, como o pai dele dizia. Um imbecil encolhido que implorava por migalhas, revirava o lixo, arrastava sacos no cais em troca de uma ninharia e ficava grato por isso.

Não sabia como tinha feito aquilo, mas havia encontrado um modo de frustrar todo mundo. Sua tripulação. Sua família. Ele próprio. Thorn. Arruinara tudo.

Koll puxou o trinco da porta e Sumael entrou no pátio. Estava acompanhada por duas pessoas: uma pequena serviçal com capa e capuz e um homem de ombros grandes com uma carranca atenta e uma cicatriz atravessando a sobrancelha grisalha.

A serviçal puxou o capuz para trás. Era magra, de cabelo escuro, com olhos inquietos que não perdiam qualquer detalhe ao observar a luta. Se é que aquilo poderia ser chamado de luta. Fror era um dos melhores guerreiros da tripulação, mas Thorn levou apenas mais alguns segundos para derrubá-lo. Ao fim, ela nem estava ofegando.

– Estou acabado – gemeu ele, apertando as costelas com uma das mãos enquanto levantava a outra, pedindo misericórdia.

– Bastante encorajador – comentou Skifr, segurando a lâmina de madeira do machado de Thorn antes que ela pudesse acertá-lo de novo. – Estou deliciada pelo modo como você está lutando hoje, minha pombinha. Sem dúvidas, sem consciência, sem misericórdia. Quem será o próximo a enfrentá-la?

Dosduvoi e Koll acharam os cantos do pátio subitamente fascinantes. Brand

ergueu as mãos, impotente, quando o olhar de Skifr pousou nele. No humor em que Thorn estava, ele não tinha certeza de que sairia vivo da luta. A velha deu um suspiro.

– Acho que você não tem mais nada a aprender com seus companheiros de remo. Chegou a hora de um oponente mais difícil. – Ela tirou a capa e jogou-a sobre as costas de Fror. – Como conseguiu essa cicatriz, vansterlandês?

– Beijei uma garota de língua muito afiada – grunhiu ele, arrastando-se na direção da parede.

– Mais uma prova de que romances podem ser mais poderosos do que uma luta de espadas – disse Skifr, e Brand só pôde concordar. Ela pegou uma espada e um machado de madeira. – Agora, minha pombinha, vamos ver de fato o que você aprendeu...

– Antes de começarem – interrompeu Sumael –, eu...

– A guerra de dentes vermelhos não espera por nada!

Skifr saltou, as armas se projetando rápidas e mortais como serpentes dando o bote. Thorn rodou e se retorceu enquanto desviava e aparava os golpes. Brand mal conseguia contar quantos golpes esmagadores elas trocaram no tempo que ele demorou para respirar uma vez. Oito? Dez? As duas se separaram tão bruscamente quanto haviam se encontrado, andando em círculos. Thorn serpenteava entre as colunas meio agachada, Skifr seguia meio de lado, emproada, as armas girando devagar.

– Ah, isso é incrível – murmurou Rulf, com um sorriso largo.

Fror se encolheu, esfregando as costelas.

– Com certeza é muito mais divertido do que lutar contra ela.

O companheiro carrancudo de Sumael murmurou algo baixinho e pai Yarvi sorriu.

– O que ele disse? – sussurrou Brand.

– Que a garota é extraordinária.

Brand bufou.

– Isso é óbvio.

– Muito bem! – exclamou Skifr. – Mas não espere que eu lhe dê uma brecha. Não sou de presentear ninguém.

– Então eu mesma vou abrir!

Thorn saltou adiante tão rápido que Brand cambaleou para trás. O machado e a espada da garota relampejaram em círculos, mas Skifr se torceu e girou, de algum modo encontrando um caminho entre eles e se afastando para a segurança.

– Por favor – falou Sumael, mais alto. – Eu preciso...

– Não há lugar para “por favor” no campo de batalha! – berrou Skifr, desferindo outra saraivada ofuscante de golpes, madeira batendo em madeira, levando Thorn para o canto do pátio.

Depois sua lâmina bateu na pedra quando Thorn se agachou, rolou para longe e se levantou girando. Skifr ofegou ao tombar para trás, com a espada de Thorn errando a ponta de seu nariz pela largura de um dedo.

Koll fez um som de incredulidade. Pai Yarvi estufou as bochechas com os olhos brilhantes. Rulf balançou a cabeça careca sem acreditar.

– Nunca vi algo assim.

– Excelente – falou Skifr com os olhos semicerrados. – Fico feliz em ver que meu conhecimento não foi desperdiçado. – Em seguida, girou o machado nos dedos tão rapidamente que ele virou um borrão. – Excelente mesmo, mas você vai descobrir...

– Parem! – gritou Sumael, atraindo todos os rostos para ela. – Quero apresentar Sua Radiância, Vialine, Princesa do Renegado, Grã-Duquesa de Napaz, Terror dos Alyuks, Protetora da Primeira Cidade e Trigésima Quinta Imperatriz do Sul.

Por um momento, Brand achou que fosse uma piada. Então viu pai Yarvi se abaixar sobre um dos joelhos, e todas as outras pessoas no pátio fizeram o mesmo. Qualquer sugestão de riso morreu rapidamente.

– Deuses – sussurrou Brand, também se ajoelhando.

– Desculpe – lamentou-se Thorn, rouca, imitando a todos.

A imperatriz deu um passo adiante.

– Não precisa se desculpar. Foi uma demonstração bastante instrutiva.

Ela falava a Língua com sotaque forte, mas sua voz era intensa e cheia de confiança.

– Sua Radiância... – começou Yarvi.

– Estou tão radiante assim? – A imperatriz gargalhou. Era um riso franco, amistoso, que ecoou no pátio. – Eu preferiria que falássemos de modo simples. Tenho muito poucas conversas simples no palácio. A não ser com Sumael, claro.

– Às vezes acho a fala de Sumael um pouquinho simples demais. – Pai Yarvi

espanou os joelhos enquanto se levantava. – Estamos muito honrados com sua visita.

– Eu é que deveria me sentir honrada. Vocês viajaram meio mundo para falar comigo, afinal de contas. Eu odiaria não poder caminhar alguns metros desde o portão do meu palácio para falar com vocês.

– Então tentarei não desperdiçar seu tempo, imperatriz. – O ministro deu um passo na direção dela. – A senhora entende a política do Mar Despedaçado?

– Sei um pouco. Sumael me contou mais.

Yarvi deu outro passo.

– Acho que em breve a Mãe Guerra irá abrir suas asas sangrentas sobre todos os litorais de lá.

– E você quer a minha ajuda. Mesmo que rezemos para deuses diferentes? Mesmo que minha tia tenha feito uma aliança com o Rei Supremo?

– A aliança era dela, não sua.

A imperatriz cruzou os braços, dando um passo de lado. Ela e o ministro começaram a circular um ao outro cautelosamente – parecia o que Thorn e Skifr haviam feito alguns segundos antes.

– Por que eu deveria forjar uma nova com Gettland?

– Porque a senhora deseja favorecer o lado vencedor.

Vialine sorriu.

– Você é ousado demais, pai Yarvi.

– O rei Uthil diria que não existe isso de ousado *demais*.

– Gettland é uma nação pequena cercada por inimigos...

– Gettland é uma nação rica cercada por pobres. A rainha Laithlin garantiu que isso acontecesse.

– A Rainha Dourada... – murmurou Vialine. – A fama dela como mercadora se espalhou até aqui. É verdade que ela encontrou um modo de colocar ouro e prata em papel?

– Encontrou. Uma das suas muitas maravilhas, segredos que ela compartilharia de boa vontade com seus aliados.

– Então você me oferece ouro e prata?

– O Rei Supremo não oferece nada além de orações.

– O ouro e a prata são tudo para você, pai Yarvi?

– O ouro e a prata são tudo para todo mundo. Alguns de nós têm o suficiente até mesmo para fingir que não.

A imperatriz ofegou levemente.

– A senhora pediu honestidade. – Yarvi estalou os dedos na direção de Thorn e ela se levantou. – Mas, por acaso, minha mãe mandou outra coisa que não é feita de ouro nem prata. Um presente, trazido por uma jornada longa e difícil pelo Divino e pelo Renegado, dos cantos mais escuros do Mar Despedaçado.

Ele tirou a caixa preta de dentro do casaco e a entregou a Thorn.

– Uma relíquia élfica? – perguntou a imperatriz, amedrontada e curiosa ao mesmo tempo.

Seu serviçal se aproximou dela, com uma carranca mais profunda ainda.

Thorn estendeu a caixa desajeitadamente. As duas podiam ter mais ou menos a mesma idade, mas, ao lado dela, Vialine parecia uma criança. Sua cabeça mal

chegava ao peito de Thorn, quanto mais ao ombro. Como se percebesse como as duas formavam uma dupla estranha, a guerreira se abaixou sobre um dos joelhos para segurar o presente num ângulo mais adequado, as letras élficas gravadas na tampa brilhando ao captar a luz.

– Desculpe.

– Não precisa. Eu gostaria de ser alta.

Vialine abriu a caixa e aquela luz clara irradiou novamente. Seus olhos se arregalaram. Brand sentiu Rulf se enrijecer ao lado, ouviu Koll ofegar de espanto, Fror murmurar uma oração sem fôlego. Ele já tinha visto a luz, mas ainda assim se esticou, querendo enxergar o que produzia aquilo, mas a tampa da caixa bloqueava a visão.

– É linda – sussurrou a imperatriz, estendendo a mão. Ofegou ao tocar o que havia dentro, a luz em seu rosto mudando de branco para rosa e de volta, enquanto ela recolhia a mão. – Grande Divindade! Isso ainda funciona?

– Funciona – respondeu Skifr. – Ela sente a senhora, imperatriz, e muda para combinar com seu humor. Foi trazida das ruínas élficas de Strokom, onde nenhum homem pisou desde a Fragmentação da Divindade. Pode não haver outra igual em todo o mundo.

– Isso é... seguro?

– Nenhuma maravilha pode ser totalmente segura. Mas esta é bastante segura.

Vialine fitou o interior da caixa, os olhos arregalados refletindo a claridade.

– É um presente grandioso demais para mim.

– Como um presente pode ser grandioso demais para a Imperatriz do Sul? – questionou Yarvi, dando um passo gentil na direção dela. – Com isso em seu braço, a senhora ficará de fato radiante.

– É lindo para além das palavras. Mas não posso aceitar.

– É um presente dado livremente...

Vialine olhou-o através dos cílios.

– Eu pedi para falar com honestidade, pai Yarvi. – Ela fechou a caixa com um estalo, apagando a luz. – Não posso ajudá-lo. Minha tia Theofora fez promessas que não posso quebrar. – Ela levantou bem alto o punho pequeno. – Sou a pessoa mais poderosa do mundo! – Então riu e deixou-a pender. – E não posso fazer nada. Não posso fazer nada com relação a nada. Meu tio tem um acordo com mãe Scaer.

– Um governante deve arar seu próprio sulco – retrucou Yarvi.

– Falar é fácil, pai Yarvi. O solo aqui é muito pedregoso.

– Eu poderia ajudá-la a cavar.

– Gostaria que você pudesse. Sumael diz que você é um homem bom.

– Acima da média. – Sumael tinha um pequeno sorriso no canto da boca. – Conheci homens piores que tinham as duas mãos.

– Mas você não pode me ajudar. Ninguém pode.

Vialine pôs o capuz e, com um último olhar na direção de Thorn – ainda ajoelhada no meio do pátio com a caixa na mão –, virou-se para sair.

– Lamento, mas não posso ajudar.

Não era o que todos haviam esperado. Porém, é o que acontece com as

esperanças.

Uma porcaria de diplomata

SKIFIR PARTIU PARA cima dela outra vez, mas agora Thorn estava preparada. A velha grunhiu, surpresa, quando o machado da pupila atingiu sua bota e a fez cambalear. Ela aparou o golpe seguinte, mas ele a fez estremecer, e o seguinte arrancou a espada de sua mão, jogando-a de costas.

Mesmo no chão, Skifr era perigosa. Chutou poeira no rosto de Thorn, rolou e arremessou o machado com precisão mortal. Porém, Thorn estava preparada para isso também: acertou-o no ar com o seu e mandou-o quicando para um canto. Arreganhando os dentes, encurralou Skifr contra uma coluna, a ponta da espada fazendo cócegas no pescoço suado da velha.

Skifr levantou as sobrancelhas grisalhas.

– Auspicioso.

– Eu venci! – berrou Thorn, sacudindo as armas cheias de mossas em direção ao céu.

Fazia meses desde que ela ousara ter esperanças de derrotar Skifr. Aquelas manhãs intermináveis sendo espancada com o remo enquanto a Mãe Sol nascia, aqueles crepúsculos intermináveis tentando acertá-la com a barra de ferro à luz do Pai Lua, os socos, tapas e escorregões intermináveis na lama. Mas ela havia conseguido.

– Eu venci!

– Você a venceu – concordou pai Yarvi, assentindo devagar.

Skifr se encolheu enquanto ficava de pé.

– Você derrotou uma avó que passou do auge há muito tempo. Desafios mais sérios virão. Mas... você se saiu bem. Ouviu. Trabalhou. Tornou-se mortal. Pai Yarvi estava certo...

– Quando é que estou errado?

O sorriso do ministro desapareceu ao ouvir uma batida à porta. Ele virou a cabeça na direção de Koll e o garoto puxou o trinco.

– Sumael – disse Yarvi, sorrindo como sempre que ela visitava. – O que traz você...

Ela estava ofegando ao passar pela soleira.

– A imperatriz deseja falar com você.

Os olhos de pai Yarvi se arregalaram.

– Vou imediatamente.

– Você, não. – Ela estava olhando direto para Thorn. – Você.

BRAND HAVIA PASSADO a maior parte da vida sentindo-se deslocado. Mendigo entre os ricos. Covarde entre os corajosos. Idiota entre os inteligentes. Mas uma visita ao palácio da imperatriz abriu novas possibilidades de inadequação incapacitante.

– Deuses – sussurrava a cada vez que virava outra esquina atrás de Thorn e Sumael em algum novo corredor de mármore, numa escadaria dourada ou câmara gigantesca, cada qual mais opulenta do que a anterior.

Seguiu na ponta dos pés por um corredor iluminado por velas do tamanho de um homem. Dezenas delas deixadas acesas para o caso de alguém passar. Cada uma valeria mais do que Brand em Thorlby. Tudo tinha joias ou prata, era forrado de lambris ou pintado. Ele olhou para uma cadeira marchetada com uma dúzia de tipos de madeira e pensou que ela devia ter custado mais do que tudo que ele já tivera na vida. Imaginou se estaria sonhando, mas sabia que não tinha imaginação suficiente.

– Esperem aqui – ordenou Sumael quando chegaram a uma sala redonda no topo de uma escada. Cada pedaço das paredes de mármore era tão bem esculpido quanto o mastro de Koll, com cenas de alguma história. – Não toquem em nada.

Ela deixou Brand a sós com Thorn. Era a primeira vez desde o dia na feira.

E veja só no que deu.

– Tremendo lugar – murmurou ele.

De costas para Brand, Thorn virou a cabeça para exibir uma leve carranca.

– Foi para isso que pai Yarvi mandou você? Para falar o que qualquer um pode ver?

– Não sei por que ele me mandou. – O silêncio gélido se estendeu. – Sinto muito se eu arrastei você para trás. No outro dia. Você é muito melhor lutadora, eu deveria ter deixado você assumir a liderança.

– Você deveria – disse ela, sem olhá-lo.

– Só... parece que você está com raiva de mim, e o que quer que eu...

– Essa parece a hora certa?

– Não. – Ele sabia que era melhor não dizer determinadas coisas, mas não

conseguia suportar a ideia de que ela o odiasse. Precisava tentar resolver a situação. – Eu só...

Thorn o pegou olhando-a, como tinha feito dezenas de vezes nas semanas anteriores, mas agora o rosto dela se retorceu.

– Apenas cale a porcaria da boca! – rosnou ela, branca de fúria, parecendo a ponto de fazer a boca de Brand sangrar.

Ele fitou o chão, tão polido que dava para ver o próprio rosto encarando-o, perdido e abalado. Não teve nada a dizer. O que se pode falar diante disso?

– Se vocês terminaram, pombinhos – disse Sumael junto à porta –, a imperatriz está esperando.

– Ah, nós terminamos, sim – afirmou Thorn de modo ríspido, e se afastou dele.

Sumael deu de ombros para Brand, e dois guardas com a testa franzida fecharam a porta logo após sua passagem, com um clique que parecia definitivo.

Os JARDINS PARECIAM ter saído de um sonho, todos iluminados em cores estranhas pelo crepúsculo púrpura e pelas luzes móveis das tochas, as chamas tremeluzindo em gaiolas cheias de carvão que lançavam fagulhas dançantes a cada sopro de vento. Nada era como os deuses haviam feito, tudo era torturado pelas mãos do homem. Grama aparada cuidadosamente, como o queixo raspado de um apaixonado. Árvores podadas em formas que não eram naturais, curvando-se sob o peso de flores desabrochadas e de perfume doce. Pássaros piando nos galhos retorcidos, e Thorn se perguntou por que eles não voavam

para longe, até ver que todos estavam amarrados aos poleiros com correntes de prata finas feito teias de aranha.

Caminhos de pedras brancas serpenteavam entre estátuas de mulheres, exageradamente sérias e esguias, segurando pergaminhos, livros, espadas. Imperatrizes do passado, supôs Thorn, e todas imaginando por que aquele horror de cabelos raspados pela metade tivera permissão de andar entre elas. Os guardas pareciam ter a mesma pergunta. Um monte deles, cada espada e lança brilhante como espelho deixando-a com a percepção aguda de como estava desarmada. Seguiu Sumael ao redor de um poço em forma de estrela, a água cristalina caindo em murmúrios de uma fonte esculpida em forma de serpentes enroladas, e chegou aos degraus de uma construção pequena e estranha, uma cúpula sobre colunas com um banco curvo embaixo.

No banco estava sentada Vialine, Imperatriz do Sul.

Ela havia passado por uma transformação tremenda desde que visitara a casa meio desmoronada de pai Yarvi. Seu cabelo se enroscava num penteado brilhante, preso com fios de ouro e cheio de joias penduradas. O corpete era bordado com espelhos minúsculos que brilhavam em azul e rosa com o sol que já se punha, vermelho e laranja com as chamas das tochas. Nas extremidades de uma risca de tinta escura por cima do osso do nariz, seus olhos brilhavam mais do que tudo.

Thorn não tinha certeza se já havia se sentido tão inadequada.

– O que eu digo?

– Ela é só uma pessoa – respondeu Sumael. – Fale como se ela fosse uma

pessoa.

– Que diabo eu sei sobre falar com uma pessoa?

– Apenas seja sincera. – Sumael deu um tapa nas costas de Thorn e a fez tropeçar adiante. – Agora.

Thorn chegou ao degrau de baixo.

– Sua Radiância – cumprimentou-a, rouca, tentando se abaixar sobre um dos joelhos e percebendo que isso não poderia ser feito numa escada.

– Vialine. E, por favor, não se ajoelhe. Há uma semana eu não era grande coisa. Essa situação ainda me deixa nervosa.

Thorn se imobilizou, desajeitada, na metade do movimento e oscilou de volta até uma posição meio curva, insegura.

– Sumael disse que a senhora me...

– Qual é o seu nome?

– Thorn Bathu, Sua...

– Vialine, por favor. Thorn é autoexplicativo: espinho... E Bathu?

– Meu pai teve uma famosa vitória no dia em que nasci.

– Ele era um guerreiro?

– Um dos grandes. – Thorn levou a mão desajeitadamente à bolsinha pendurada no pescoço. – Foi o Escudo Escolhido de uma rainha de Gettland.

– E sua mãe?

– Minha mãe... deseja que eu não fosse eu. – Sumael dissera para ela ser sincera, afinal de contas.

– Minha mãe foi um general que morreu numa batalha contra os alyuks.

– Bom para ela – falou Thorn, e instantaneamente reconsiderou: – Mas... não para a senhora. – Estava cada vez pior. – Acho, Sua Radiância...

Ela parou num silêncio mortificado. Porcaria de diplomata.

– Vialine. – A imperatriz deu um tapinha no banco ao seu lado. – Sente-se comigo.

Thorn subiu ao pequeno pavilhão, rodeou uma mesa onde se via uma bandeja de prata com frutas perfeitas, em quantidade suficiente para alimentar um exército, e chegou a um corrimão da altura da cintura.

– Deuses – ofegou.

Mal havia notado quantas escadas tinha subido, mas agora percebia que estavam no terraço do palácio. Até os jardins lá embaixo, a altura era como a de um penhasco. A Primeira Cidade se estendia sob o céu que ia escurecendo, um labirinto louco de construções, luzes piscando na tarde azulada, tantas quanto as estrelas no céu. A distância, além do espelho preto do estreito, outros agrupamentos de luzes. Outras cidades, outros povoados. Estranhas constelações, fracas ao longe.

– E tudo isso é seu – sussurrou Thorn.

– E nada disso é meu.

Havia algo no maxilar retesado de Vialine, no queixo projetado orgulhosamente, que pareceu familiar a Thorn. Algo que tinha visto no espelho de sua mãe, muito tempo antes. A imperatriz também devia estar acostumada a fazer cara de coragem.

– Imagino que seja um tremendo peso.

Os ombros de Vialine deram a impressão de se afrouxar um pouco.

– É um certo fardo.

– Imperatriz, eu não sei nada de política. – Thorn se empoleirou no banco de um modo que esperava ser respeitoso, o que quer que isso significasse. Nunca se sentira muito confortável sentada, a não ser junto a um remo. – Não sei nada de nada. Seria melhor a senhora falar com pai Yarvi.

– Não quero falar de política.

Thorn ficou sentada, num incômodo que chegava a pinicá-la.

– Então...

– Você é uma mulher.

Vialine se inclinou adiante, as mãos cruzadas no colo e o olhar fixo no rosto de Thorn. Numa proximidade que a desarmava. Mais perto do que Thorn estava acostumada a ficar de qualquer pessoa, quanto mais uma imperatriz.

– É o que minha mãe diz – murmurou. – Há controvérsias...

– Você luta contra homens.

– É.

– Você derrota homens.

– Às vezes...

– Sumael disse que você derrotou três homens de uma vez só! Atripulação inteira respeita você. Pude ver isso no rosto de cada um deles. Eles *temem* você.

– Se respeitam, não sei. Eles temem, talvez, Sua...

– Vialine. Nunca vi uma mulher lutar como você. Posso? – Antes que Thorn pudesse responder, a imperatriz pôs a mão em seu ombro e o apertou. Seus olhos

se arregalaram. – Santa Divindade, você parece feita de madeira! Deve ser forte demais. – Para alívio de Thorn, a outra deixou a mão pender, olhando-a, pequena e morena no mármore entre as duas. – Eu não sou.

– Bom, não se derrota um homem forte usando força – replicou Thorn.

Os olhos da imperatriz se viraram rapidamente para ela, brancos no meio daquela tinta preta, com as chamas das tochas reluzindo nos cantos.

– Com o quê, então?

– A senhora precisa ser mais rápida para atacar, precisa ser mais dura e mais inteligente, precisa ter em mente atacar sempre e precisa lutar sem honra, sem consciência, sem piedade. – Eram palavras de Skifr, e só então Thorn percebeu como as aprendera completamente, como as assimilara, quanto a velha lhe ensinara. – Pelo menos foi o que me disseram.

Vialine estalou os dedos.

– Foi por *isso* que mandei chamar você. Para aprender a lutar contra homens fortes. Não com espadas, mas os princípios são os mesmos. – Ela apoiou o queixo nas mãos, um gesto estranhamente de menina numa mulher que governava meio mundo. – Meu tio quer que eu não passe de uma figura de proa para o navio dele. Menos, até. A figura de proa ao menos vai na quilha.

– Nossos navios têm uma na popa também.

– Maravilhoso. Ele quer que eu seja essa então. Que fique sentada no trono e sorria enquanto ele faz as escolhas. Porém, eu me recuso a ser marionete dele. – Vialine fechou o punho e bateu na mesa, praticamente sem fazer sequer o minúsculo garfo de pegar frutas chacoalhar na bandeja. – Eu me recuso, ouviu?

– Ouvi, mas... não sei se o fato de eu ouvir fará muita diferença.

– Não. São os ouvidos do meu tio que eu preciso abrir. – A imperatriz olhou irritada para o jardim escurecido. – Eu o enfrentei no conselho hoje. Você deveria ter visto o rosto dele. O choque teria sido menor se eu o tivesse esfaqueado.

– A senhora só pode ter certeza disso quando o esfaquear.

– Santa Divindade, eu gostaria! – Vialine sorriu para ela. – Aposto que ninguém trata você como marionete, não é? Aposto que ninguém ousa! Olhe só para você. – Ela exibia uma expressão que Thorn não estava acostumada a ver, quase... de admiração. – Você é, sabe...

– Feia? – murmurou Thorn.

– Não!

– Alta?

– Não. Bom, é, mas quero dizer *livre.*

– Livre?

Thorn deu uma bufada incrédula.

– Não é?

– Fiz um juramento de servir a pai Yarvi. De fazer o que ele achar necessário. Para compensar... o que eu fiz.

– O que você fez?

Thorn engoliu em seco.

– Matei um garoto. O nome dele era Edwal e acho que ele não merecia morrer, mas... mesmo assim eu o matei.

Vialine era apenas uma pessoa, como Sumael afirmara, e apesar das roupas e do palácio, ou talvez por causa deles, havia algo em seu olhar tranquilo, sério, que puxava as palavras para fora.

– Todos estavam decididos a me apedrejar, mas pai Yarvi me salvou. Não sei por quê, mas salvou. Foi Skifr que me ensinou a lutar. – Thorn sorriu enquanto levava os dedos ao lado raspado da cabeça, pensando em como se considerava forte na época e em como era fraca. – Nós lutamos contra o Povo dos Cavalos no Renegado. Matei alguns, depois fiquei nauseada. E lutamos contra homens na feira outro dia. Eu e Brand. Não sei se os matei, mas queria. Estava com raiva por causa daquele colar de contas... acho... – Ela deixou a frase no ar, percebendo que tinha dito muito mais do que deveria.

– Colar? – questionou Vialine, o nariz pintado se franzindo em confusão.

Thorn pigarreou.

– Não se preocupe com isso.

– Acho que a liberdade pode ser perigosa – disse a imperatriz.

– Também acho.

– Talvez nós olhemos para os outros e só vejamos as coisas que não temos.

– Acho que sim.

– Talvez, no fundo, todos nos sintamos fracos.

– Concordo.

– Mas ainda assim você luta contra homens e vence.

Thorn suspirou.

– Nisso eu venço.

Vialine contou com os dedos pequenos:

– Então: rapidez em atacar, esperteza e agressão sem consciência, honra nem piedade.

Thorn levantou as mãos vazias.

– Isso me deu tudo que eu tenho.

A imperatriz gargalhou. Um riso sonoro vindo de uma mulher tão pequena, alto e jubiloso, com a boca escancarada.

– Gosto de você, Thorn Bathu!

– Então a senhora está se juntando a um grupo pequeno. Às vezes parece que ele se encolhe o tempo todo. – Thorn pegou uma caixa e segurou-a entre as duas. – Pai Yarvi me deu uma coisa para entregar à senhora.

– Eu disse que não poderia aceitar.

– Ele disse que eu precisava lhe dar mesmo assim.

Thorn mordeu o lábio enquanto abria a caixa e a luz pálida irradiava, mais estranha e mais linda na escuridão que se adensava. As bordas perfeitas da pulseira élfica reluziam como lâminas de adagas, metal brilhando, polido e facetado, piscando à luz de lampiões, círculos concêntricos escuros movendo-se nas profundezas impossíveis de uma peça maior central. Uma relíquia de outro mundo. De mil anos antes. Uma coisa ao lado da qual os tesouros inestimáveis do palácio pareciam badulaques insignificantes, inúteis como lama.

Thorn tentou falar com uma voz suave, persuasiva, diplomática, porém saiu mais áspera do que nunca:

– Pai Yarvi é um homem bom. Um homem muito inteligente. A senhora

deveria falar com ele.

– Eu já falei. – Vialine fitou os olhos de Thorn. – E você deveria ter cuidado. Pai Yarvi é um homem como o meu tio, acho. Eles não dão nenhum presente sem esperar algo em troca. – Ela fechou a caixa com um estalo e depois a pegou da mão de Thorn. – Mas vou aceitar isso, se é o que você quer. Agradeça a pai Yarvi, mas diga que não posso lhe dar mais nada.

– Vou dizer.

Thorn contemplou o jardim, que mergulhava na penumbra, procurando algo mais para falar, e notou que no lugar onde a guarda estivera, ao lado da fonte, havia apenas sombras. Todos tinham sumido. Ela e a imperatriz estavam sozinhas.

– O que aconteceu com seus guardas?

– Isso é estranho – disse Vialine. – Ah! Mas ali estão outros.

Thorn contou seis homens subindo os degraus na outra extremidade do jardim. Seis soldados imperiais, totalmente armados e com armaduras, andando depressa e de forma ruidosa em meio às poças de luz laranja das tochas, em direção à casinha da imperatriz. Outro homem os acompanhava. Um homem com ouro no peitoral, prata no cabelo e um sorriso mais brilhante do que ambos os metais.

Era o duque Mikedas. Ao vê-las, ele deu um aceno lépido.

Thorn teve uma sensação estranha, como se suas tripas estivessem se esvaindo. Estendeu a mão para a bandeja de prata e deslizou a pequena faca de cortar frutas entre os dedos. Era uma arma digna de pena, mas muito melhor do

que nenhuma.

Levantou-se quando os soldados contornaram rapidamente a fonte e passaram entre duas estátuas. Sentiu Vialine ficar de pé enquanto eles se espalhavam. No momento em que a brisa soprou nos carvões reluzentes e a luz incidiu sobre o rosto de um dos homens, Thorn o reconheceu. Era o vansterlandês contra quem havia lutado no mercado, com cortes e hematomas roxos numa bochecha e um machado pesado na mão.

O duque Mikedas fez uma reverência profunda, mas a boca estava franzida numa expressão de divertimento, e seus homens não fizeram qualquer mesura. Vialine falou em sua língua e o tio respondeu, gesticulando preguiçosamente na direção de Thorn.

– Sua Graça – disse a gettlandesa entre dentes. – Que honra.

– Peço desculpas – respondeu ele na Língua. – Eu estava dizendo a Sua Radiância que simplesmente *não podia* perder sua visita. É de fato um presente encontrar as duas sozinhas!

– Como assim? – perguntou Vialine.

O duque ergueu as sobrancelhas bem alto.

– Intrusos nortistas chegaram à Primeira Cidade! *Bárbaros* de Guttland, seja lá qual for o nome. Decididos a exportar suas quinquilharias para as nossas terras! Tentaram enfiar uma cunha entre nós e nosso aliado, o Rei Supremo, que aceitou nossa Divindade Única em seu coração. Quando falharam... – Ele balançou a cabeça, sério. – Mandaram uma *assassina* ao palácio. Uma matadora abominável, esperando predar a inocente boa natureza de minha sobrinha idiota.

– Acho que está falando de mim, não é? – rosnou Thorn.

– Ah, *demônio* em forma de mulher! Mais ou menos em forma de mulher, na verdade; você é muito... musculosa para o meu gosto. Lembro que você queria colocar dois dos meus guardas à prova, não foi? – Mikedas sorriu, e o tempo todo seus homens se esgueiravam à frente, o aço brilhando ao captar a luz. – Como se sente diante de seis deles?

Sempre aparente ser menos do que é. Thorn se encolheu, curvou os ombros, fez-se pequena e medrosa, ainda que uma calma estranha tivesse baixado sobre ela. Como se a Última Porta não se escancarasse junto aos seus calcanhares. Parecia assistir à cena de fora. Avaliava as distâncias, observava o terreno, as estátuas, as tochas, a mesa, as colunas, os degraus, a queda longa atrás delas.

– Uma imperatriz não deveria correr tantos riscos com a própria segurança – disse o duque. – Mas não desanime, querida sobrinha, vou vingar você!

– Por quê? – sussurrou Vialine.

Thorn podia senti-la perto, e isso era útil. Duas garotas fracas, apavoradas e impotentes. Às costas ela apertou com força o cabo da faca minúscula. Para o guerreiro, tudo deve ser uma arma.

O lábio do duque se repuxou.

– Porque você está se mostrando um pé no saco. Todos gostamos de uma jovem com espírito, não é? – Ele projetou o lábio inferior e balançou a cabeça, desapontado. – Mas há um limite.

O pai de Thorn costumava dizer: *Se você pretende matar, mate, não fale.* O duque não era um matador; só tagarelava, contava vantagem e saboreava o

poder, dando tempo a Thorn para avaliar o inimigo, para escolher a melhor oportunidade.

Achou que o próprio duque era uma ameaça pequena. Ele usava espada e adaga, mas ela duvidava de que as armas fossem sacadas. Só que os outros conheciam o serviço. Espadas boas nas mãos, escudos bons nos braços e adagas boas nos cintos. Boas armaduras também, malha em escamas brilhando ao crepúsculo, mas com brechas no pescoço, na parte interna dos cotovelos, na parte de trás dos joelhos. Era onde deveria atacar.

Ela sozinha contra sete. Quase gargalhou. Chances absurdas. Impossíveis. Mas eram as únicas que tinha.

– Theofora jamais podia fazer o que lhe mandavam – continuou o duque. – Afinal de contas, era uma égua velha demais para aprender a obediência. Eu havia esperado que uma imperatriz de 17 anos pudesse ser controlada. – Ele deu um suspiro. – Mas alguns potros simplesmente recusam os arreios. Escoiceiam, mordem e se recusam a ser montados. É melhor destruí-los antes que derrubem o dono. O trono passará para sua prima Asta. – Ele mostrou aqueles dentes perfeitos. – Ela tem 4 anos. Essa é uma mulher com quem é possível trabalhar! – Enfim se cansando da própria astúcia, mandou dois de seus homens à frente com um gesto indolente. – Vamos acabar logo com isso.

Thorn observou-os. Um tinha um nariz grande quebrado frequentemente. O outro tinha o rosto cheio de marcas e buracos, sorrindo de um modo um tanto desinteressado. Espadas sacadas, mas não erguidas, enquanto chegavam ao primeiro degrau. Não se podia culpá-los por estarem confiantes. Estavam tão

confiantes que nem sequer consideraram que ela iria lutar.

E Thorn lutaria.

– Cuidado, Sua Graça – alertou o vansterlandês. – Ela é perigosa.

– Ah, por favor... – zombou o duque. – Ela não passa de uma garota. Achei que vocês, nortistas, eram fogo e...

Os sábios esperam seu momento, como pai Yarvi dissera com frequência, mas nunca o deixam passar. O narigudo deu o passo seguinte, estreitando os olhos quando a luz das tochas do pavilhão cintilou neles, depois se espantou quanto Thorn saltou adiante e cortou sua garganta com a faca de frutas.

Ela cortou num ângulo que fez o sangue espirrar no rosto do sujeito bexiguento, que se encolheu. Só um instante, mas o suficiente para Thorn pegar a adaga da cintura do narigudo que tombava para trás e cravá-la por baixo da borda do elmo do outro, entre o pescoço e a clavícula, enfiando-a até o cabo.

Plantou a bota no peito do homem enquanto ele soltava um gemido estrangulado e chutou-o, fazendo-o cair do primeiro degrau e se embolar com os outros dois que vinham em seguida. Pegou a espada dele, cortando a mão na lâmina mas soltando-a de seu punho frouxo, os dedos sangrentos em volta da cruzeta de modo a segurá-la como uma adaga. Gritou ao levantá-la rapidamente, raspando a borda do escudo do homem seguinte e pegando-o por baixo do maxilar, a ponta em ângulo atravessando-lhe o rosto e derrubando seu elmo.

Ele girou para trás soltando um guincho, o sangue borbulhando entre os dedos apertados, trombando no duque. Mikedas ofegou e o empurrou nos arbustos, fitando os pingos pretos em seu peitoral como se fossem uma afronta

pessoal.

O narigudo estava cambaleando para trás feito um bêbado, parecendo mais surpreso ainda do que antes, tentando desesperadamente segurar o pescoço no lugar mas com todo o lado esquerdo do corpo escurecido de sangue. Thorn achou que já podia tirá-lo da mente.

Cuidar de três tão depressa era uma ótima sorte nas armas, porém a surpresa fora sua única vantagem. A contagem ainda era de quatro contra uma.

– Maldição! – berrou o duque, limpando a capa suja de sangue. – Matem-nas!

Thorn recuou arrastando os pés, usando de escudo uma coluna perto do lado esquerdo, o olhar saltando para um lado e para outro enquanto os homens se aproximavam, agora com escudos, espadas e machados a postos, aço duro e olhos duros reluzindo vermelhos à luz das tochas. Podia escutar Vialine atrás, quase gemendo a cada respiração.

– Brand! – gritou Thorn a plenos pulmões. – Brand!

Fúria

BRAND ESTAVA OLHANDO a jarra de água na mesa e as taças ao lado, pensando que deviam estar ali para as visitas mas não ousando tocá-las, mesmo sentindo tanta sede quanto uma pessoa perdida no deserto escaldante.

E se aquilo estivesse ali para visitantes melhores do que ele?

Remexeu-se num esforço inútil para desgrudar a camisa da pele pegajosa. Pelos deuses, o calor interminável o sufocava mesmo quando a noite ia chegando. Foi até a janela, fechou os olhos e respirou fundo, sentindo a brisa quente no rosto e desejando que fosse o vento salgado de Thorlby.

Imaginou o que Rin estaria fazendo agora. Revirou os olhos para o céu crepuscular e fez uma oração ao Pai Paz para mantê-la bem. Na ânsia de ser um guerreiro, encontrar uma tripulação e fazer uma nova família, havia se esquecido da família que tinha. Era um homem confiável, sem dúvida: todos podiam confiar que estragaria tudo. Soltou um suspiro fundo.

E então ouviu, debilmente. Era como alguém chamando seu nome. A princípio achou que estivesse sonhando, depois ouviu de novo e teve certeza. Parecia Thorn. Pelo modo como as coisas estavam entre os dois, ela não iria chamá-lo sem motivo.

Empurrou a porta, pensando em chamar os guardas.

Mas eles haviam sumido. Só o corredor vazio, degraus sombreados na outra

extremidade. Pensou ter ouvido uma luta, sentiu uma pontada de preocupação. Metal e gritos, seu nome de novo.

Começou a correr.

THORN AGARROU A bandeja de prata, as frutas rolando, e jogou-a berrando contra o vansterlandês, que se abaixou atrás do grande machado, tropeçando para longe enquanto a peça ricocheteava em seu ombro e girava caindo nos arbustos.

Passarinhos amarrados batiam asas, piavam e se agitavam num pânico impotente. Thorn não estava muito melhor do que eles, encurralada atrás das colunas do pavilhão como se aquilo fosse uma jaula. Ao lado do vansterlandês havia dois soldados ainda de pé: um alto e magro com um braço muito longo, um baixo e gordo com o pescoço grosso feito uma árvore. O duque espreitava atrás, apontando para Thorn com sua adaga e gritando em voz rachada. Era um homem inteligente, talvez, mas acostumado a que tudo acontecesse como ele queria.

– Sujei os seus sapatos de sangue, foi? – rosnou ela. – Seu velho desgraçado.

Thorn agarrou uma tocha, arrancou-a da base ignorando as fagulhas que se espalharam em seu braço, ardentes.

O pescoçudo saltou na direção dela e Thorn bloqueou a espada com a sua. Golpeou-o e arrancou lascas do escudo, afastou-se, tentando ganhar espaço para pensar em algo, escorregou nas frutas caídas no escuro e bateu contra a mesa. Uma espada acertou sua perna. A carne da coxa esquerda, acima do joelho. Soltou uma espécie de ganido contido enquanto o soldado alto recolhia a espada,

preparando-se para estocar.

Você será atingida e, quando for, a força do golpe não deve fazer você cambalear, a dor não deve fazer você ficar mais lenta, o choque não deve deixar você em dúvida. Ela atirou a tocha no soldado alto e ele levantou o escudo bem a tempo, recuando pelos degraus enquanto os carvões vermelhos caíam em suas costas numa chuva de poeira reluzente.

Ela se abaixou por instinto, a espada do pescoçudo assobiando e batendo com ruído na coluna mais próxima, fazendo lascas de mármore voarem, as sombras lutando e tremulando, desviando, golpeando a toda a volta. Thorn girou para atingi-lo, mas sua perna não tinha força nenhuma, a espada ricocheteou no ombro coberto pela armadura e só o conteve por um instante.

Ela viu o próprio sangue brilhando negro à luz das tochas, uma trilha de pingos e manchas levando à ponta da espada do homem alto. Viu o rosto do duque retorcido de fúria. Ouviu a imperatriz gritando algo por cima do corrimão, pedindo socorro. Mas não havia nenhum. O pescoçudo estava com o pé da frente no degrau de cima, os olhos duros fixos nela por cima do escudo. O alto tentava espanar os carvões da capa que queimava.

Thorn precisava lutar enquanto ainda tinha sangue para lutar. Precisava atacar, e tinha que ser agora.

Afastou-se da mesa em meio aos golpes desferidos pelo pescoçudo e saltou pelos degraus, por cima de um corpo caído. Sua coxa ferida cedeu quando ela aterrissou, mas Thorn estava preparada para isso, rolou por baixo da espada do homem alto, o vento da lâmina roçando seu cabelo, e parou em cima da coxa

boa, dando um corte com a espada ao passar.

Pegou o alto atrás do joelho e ele grunhiu, tentando se virar e caindo de quatro na frente dela. Thorn ergueu a espada, arqueando-se para trás, e baixou-a com toda a força no elmo dele. A força do golpe se irradiou por seu braço com tanta força que fez os dentes zumbirem e a lâmina se despedaçar, lascas de aço voando longe. Mas deixou uma mossa enorme. Uma perna do homem alto chutou loucamente enquanto ele tombava de cara no chão, a boca aberta num bocejo silencioso. Thorn se apoiou numa estátua, com a espada quebrada ainda na mão.

Sorte nas armas, teria dito Odda, porque o vansterlandês escolheu esse momento para brandir o machado, que a errou por um fio de cabelo, a lâmina pesada arrancando um enorme pedaço de mármore. Thorn o empurrou para longe com a tocha, fazendo algumas últimas fagulhas voarem na brisa. Sua perna latejava, pulsava sem qualquer força.

O pescoçudo veio cautelosamente na direção dela, com o escudo levantado. *Sempre há um modo*, costumava dizer pai Yarvi, mas Thorn não conseguia enxergá-lo. Estava ferida demais. As chances contrárias eram enormes. Apertou a espada quebrada com força, arreganhou os dentes, mostrou a ele seu rosto mais corajoso. Sentia cheiro de flores. Flores e sangue.

– Sua morte está chegando – sussurrou.

Vialine berrou, saltando por entre as colunas em cima das costas do sujeito baixo, agarrando-o em volta do pescoço de touro, segurando o pulso da mão da espada. Ele tentou jogá-la longe, balançando o escudo, o que lhe deu uma

brecha. Thorn mergulhou contra ele, o joelho esquerdo dobrado, a dor golpeando a perna, mas agarrou-lhe a armadura ao cair e se puxou para cima. Ela rosnou e cravou a lâmina quebrada por baixo do queixo do sujeito. Ele falou sangue e a imperatriz guinchou quando os dois desabaram em cima dela.

Thorn rolou bem a tempo, desviando do machado pesado do vansterlandês, que passou como um raio, atravessou a malha do pescoçudo e se cravou no peito dele. A guerreira meio se levantou, meio mancou, enquanto ele lutava para soltar o machado, a respiração queimando no peito arfante.

– Brand! – gritou com a voz falha.

Ouviu um passo atrás, girou e viu um clarão de metal. O duque lhe deu um soco no rosto, sua cabeça virando-se bruscamente, mas era um soco fraco, mal a fez cambalear.

Ela agarrou o peitoral dourado dele.

– Isso é o seu melhor? – sibilou, mas as palavras eram sangue, babando pelo queixo.

Havia algo em sua boca. Algo frio e duro atravessando a língua. Foi então que percebeu que ele a esfaqueara. A adaga tinha atravessado seu rosto e a mão dele ainda apertava o cabo.

Os dois se encararam na escuridão, incrédulos com o que havia acontecido. Não conseguiam acreditar que ela ainda estivesse de pé. Então, à luz das tochas, Thorn viu os olhos dele se endurecerem.

Sentiu a lâmina se mexer na boca enquanto ele tentava soltá-la. Deu uma joelhada na lateral do duque com a perna ferida, torceu a cabeça, arrancando o

cabo sangrento da mão frouxa dele. Empurrou-o desajeitadamente, cambaleando de lado quando o vansterlandês girou a arma, o machado raspando em seu ombro e arrancando uma chuva de folhas dos arbustos. Ela mancou retornando para a fonte.

Todo mundo tem um plano até começar a sangrar, e agora ela sangrava. Sua perna estava quente com o sangue, o rosto pegajoso. Nenhum plano. Bufou e soprou uma névoa vermelha.

Segurou o cabo da adaga e arrancou-a do rosto. Saiu bem fácil. Mas talvez um dente tivesse saído junto. Pelos deuses, ela estava tonta. A perna havia parado de latejar. Só estava entorpecida. Entorpecida e úmida, seu joelho tremia. Podia ouvi-lo se sacudindo dentro das calças encharcadas de sangue.

Zonza.

Sacudiu a cabeça, tentando afastar a tontura, mas isso só piorou as coisas, o jardim turvo tombando para um lado e depois para outro.

O duque Mikedas havia sacado a espada, estava arrastando o corpo do pescoçudo para alcançar a imperatriz.

Thorn balançou a adaga, mas ela era pesada demais. Como se houvesse uma bigorna pendurada na ponta. As tochas relampejavam, tremeluziam e dançavam.

– Ora, vamos... – disse numa voz áspera, porém sua língua estava inchada, não conseguia formar as palavras.

O vansterlandês sorriu, encurralando-a de novo contra a fonte.

Ela tropeçou, agarrou algo, o joelho dobrando, mas ficou de pé.

Ajoelhou-se na água. Peixes nadando no escuro.

Vialine gritou de novo. Estava ficando rouca de tanto gritar.

O vansterlandês balançou o machado para trás e para a frente e a lâmina grande refletia a luz e deixava manchas cor de laranja na visão turva de Thorn.

A imperatriz tinha dito para não se ajoelhar, mas ela não conseguia ficar de pé.

Podia ouvir a própria respiração, chiando, chiando.

Não soava muito bem.

Deuses, ela estava cansada.

– Brand – murmurou.

ELE SUBIU A escada correndo.

Captou o vislumbre de um jardim escuro, um caminho de pedras brancas entre árvores floridas e estátuas, e homens mortos, espalhados nas sombras em volta de uma fonte iluminada por tochas...

Viu Thorn ajoelhada nela, apoiada numa pedra molhada esculpida na forma de serpentes, com uma adaga na outra mão. O rosto dela estava em frangalhos, todo vermelho, as roupas, rasgadas e grudadas no corpo, a água rósea de sangue.

Havia um homem junto dela, com um machado na mão. O vansterlandês da feira.

Brand fez um som parecido com uma chaleira fervendo. Um som que nunca tinha feito e nunca ouvira um homem fazer.

Partiu pelo caminho como um touro furioso e, quando o vansterlandês se virou, de olhos arregalados, Brand se chocou contra ele, arrancando-o do chão

como o vendaval do norte carrega uma folha e mandando-o com toda a força contra uma estátua.

Os dois bateram nela com tanta força que o mundo pareceu estremecer. Com tanta força que os dentes de Brand chacoalharam. Com tanta força que a estátua se quebrou na cintura e a parte de cima caiu em pedaços poeirentos na grama.

Brand poderia ter ouvido o gemido entrecortado do vansterlandês se não fosse o sangue martelando no crânio como a Mãe Oceano num dia de tempestade, cegando-o, ensurdecendo-o. Agarrou a cabeça do homem com as duas mãos e bateu-a contra o pedestal de mármore, duas vezes, três, quatro, as lascas de mármore voando até o crânio dele ficar torto, amassado e achatado. Brand jogou-o, arruinado, no caminho de pedras.

Thorn estava caída contra a fonte, o rosto com todas as cores erradas, a pele parecendo de cera e riscada de sangue, as bochechas rasgadas e a boca e o queixo pretos.

– Fique longe! – berrou alguém.

Era um homem mais velho usando peitoral dourado com uma camada de suor brilhante no rosto. Estava segurando a imperatriz Vialine, com uma espada cravejada de joias junto ao pescoço dela, mas era uma arma longa demais para a tarefa.

– Sou o duque Mikedas! – gritou, como se o nome fosse um escudo.

Mas um nome é apenas um nome. Os lábios de Brand se repuxaram e ele deu um passo à frente, o rosnado saindo quente feito fogo de dragão. Chutou um cadáver para fora do caminho.

O duque afastou a espada do pescoço de Vialine e apontou-a, frouxa, na direção de Brand.

– Estou avisando, fique...

A imperatriz agarrou a mão dele e mordeu-a, soltando-se enquanto ele gritava. O duque ergueu a espada, mas Brand já o atacava, fazendo aquele som de novo, aquele som berrado, agudo, gorgolejante, sem pensar em fazer o bem nem em se manter na luz, nem em nada além de despedaçar aquele homem com as próprias mãos.

A espada raspou a cabeça dele e ricocheteou no ombro. Talvez tenha cortado, talvez não, porém Brand não se importou. Seus braços se fecharam com força em volta do duque, como um cadeado se trancando. Mikedas era um homem grande, mas Brand já havia segurado o peso de um navio nos ombros. Levantou o duque como se ele fosse feito de palha.

Deu quatro passos rápidos, atravessando o gramado escuro, içando o duque cada vez mais alto.

– Você não pode... – guinchou Mikedas, e então Brand jogou-o no espaço.

Ele trombou no corrimão de pedra. Pareceu flutuar durante um momento contra o céu crepuscular, atônito, a espada ainda na mão. Seu berro se transformando num gorgolejo com tosse, e ele despencou para fora das vistas.

– Pela Divindade – disse Valine.

Houve um som de esmagamento lá embaixo quando seu tio bateu no chão, então um longo estardalhaço de metal.

Depois silêncio.

Dívidas e promessas

Os olhos de Thorn se abriram, mas estava escuro.

A escuridão do outro lado da Última Porta?

Tentou se mexer e ofegou de dor.

A única coisa boa na morte era que a dor acabava, não era?

Sentiu bandagens atravessando-lhe o rosto, lembrou-se do choque quando a adaga do duque Mikedas atravessou sua boca, soltou um gemido enferrujado, a garganta seca feito ossos velhos.

Estreitou os olhos na direção de uma fresta de claridade, empurrou desajeitadamente os cobertores e, devagar, muito devagar, baixou as pernas, tudo machucado, espancado e esfaqueado por cãibras. Gemeu tentando colocar o peso na perna esquerda, a dor pegando fogo na coxa, esgueirando-se pelas costas, descendo pelo joelho.

Saltitou e arrastou os pés, apoiando-se na parede. Deuses, a dor na perna, e quando se retraiu por causa disso, deuses, a dor no rosto, mas quando gemeu, deuses, a dor no peito, na garganta, nos olhos enquanto as lágrimas escorriam. Conseguiu chegar àquele feixe de luz que vinha de baixo de uma porta, abriu-a tateando.

Continuou arrastando os pés com uma das mãos levantada para proteger os olhos doloridos. Uma vela grossa, com alfinetes compridos, cravejados de joias,

cravados na cera. Viu reboco descolando, roupas caídas lançando sombras compridas nas tábuas, as dobras escuras de uma cama desarrumada...

Imobilizou-se. Costas nuas de pele escura, músculos esguios se mexendo. Ouviu um grunhido lento, uma voz de mulher e uma de homem juntas, e Thorn viu um braço claro subir por aquelas costas, um braço longo, definhado, e na extremidade havia a mão encolhida com apenas um cotoco de dedo.

– Hã – fez ela, com os olhos arregalados, e a cabeça da mulher girou.

Cabelo preto sobre o rosto, uma cicatriz no lábio superior e uma nesga de dente branco aparecendo. Sumael, com pai Yarvi por baixo.

– Hã.

Thorn não conseguia ir em frente, não conseguia voltar. Olhou para o chão, ardendo de dor e embaraço, tentando engolir, mas sentindo que jamais teria saliva de novo no buraco dolorido da boca.

– Você acordou.

Pai Yarvi saiu da cama e vestiu a calça.

“Acordei?”, ela queria perguntar, mas só saiu “hã”.

– Volte para a cama antes que a perna comece a sangrar.

O ministro passou o braço em volta dela e começou a ajudá-la a saltitar e arrastar os pés de volta para a soleira escura.

Thorn não conseguia deixar de olhar por cima do ombro enquanto passavam pela porta, viu Sumael estendida, nua, como se nada pudesse ser mais comum, espiando de lado através dos olhos franzidos.

– Está sentindo dor? – perguntou pai Yarvi, baixando-a na cama.

– Hã – grunhiu ela.

Água fez barulho caindo num copo, uma colher chacoalhou enquanto ele misturava alguma coisa.

– Beba isto.

O gosto era pior do que horrível e a boca rasgada, a língua inchada e a garganta seca queimavam com aquilo, mas ela lutou para engolir e, depois, pelo menos conseguiu formar palavras.

– Eu pensei – disse ela, rouca, enquanto Yarvi colocava as pernas em cima da cama e verificava as bandagens em volta da coxa – que você tivesse feito... um juramento.

– Fiz juramentos demais. Preciso violar alguns para manter outros.

– Quem decide quais você mantém?

– Vou manter o meu primeiro. – Ele fechou os dedos da mão boa, formando um punho. – Vingar-me dos assassinos do meu pai.

Ela estava ficando tonta.

– Achei... que você já tivesse feito isso... há muito tempo.

– De alguns. Não de todos. – Yarvi puxou os cobertores para cima dela. – Agora durma, Thorn.

Os olhos dela se fecharam.

– NÃO SE levante.

– Sua Radiância...

– Pelo amor da Divindade: *Vialine*.

A imperatriz tinha alguns arranhões no rosto, mas nenhum outro sinal de seu entrevero com a Morte.

– Eu deveria...

Thorn se encolheu ao tentar se sentar. Vialine pôs a mão no ombro dela e, com delicadeza mas firmeza, empurrou-a de volta na cama.

– Não se levante. Considere isso um édito imperial. – Pela primeira vez, Thorn decidiu não insistir. – Está muito machucada?

Ela pensou em dizer que não, mas a mentira não seria convincente. Deu de ombros, e até mesmo isso doía.

– Pai Yarvi disse que vou me curar.

A imperatriz baixou os olhos como se ela é que estivesse sentindo dor, a mão ainda no ombro de Thorn.

– Você vai ficar com cicatrizes.

– Elas são esperadas num guerreiro.

– Você salvou a minha vida.

– Eles teriam me matado primeiro.

– Então salvou a vida de nós duas.

– Ouvi dizer que Brand fez a parte dele.

– E eu agradeci a ele. Mas não agradeci a você. – Vialine inspirou e expirou fundo. – Dissolvi a aliança com o Rei Supremo. Mandei pássaros para avó Wexen. Avisei que, não importa a que deuses nós rezamos, o inimigo de Gettland é meu inimigo, e o amigo de Gettland é meu amigo.

Thorn pestanejou.

– A senhora é generosa demais.

– Agora posso me dar a esse luxo. Meu tio governava um império dentro do império, mas, sem ele, esse império falso se esvaiu como fumaça ao vento. Aceitei seu conselho. Atacar rapidamente e sem piedade. Os traidores estão sendo retirados do meu conselho. Da minha guarda. – Sua expressão era dura, e naquele instante Thorn ficou feliz por ser uma das aliadas de Vialine. – Alguns fugiram da cidade, mas vamos caçá-los.

– A senhora será uma grande imperatriz – afirmou Thorn.

– Se meu tio me ensinou alguma coisa é que uma imperatriz só será tão boa quanto as pessoas que estão ao redor dela.

– A senhora tem Sumael e...

Vialine apertou seu ombro e a encarou com aquela expressão séria, penetrante.

– Você ficaria?

– Ficaria?

– Como minha guarda-costas, talvez? No Norte as rainhas têm guarda-costas, não é? Como vocês os chamam?

– Escudo Escolhido – sussurrou Thorn.

– Como o seu pai era. Você se mostrou mais do que qualificada.

Um Escudo Escolhido. E da Imperatriz do Sul. Estar ao lado da mulher que governava meio mundo. Thorn levou a mão à bolsa pendurada no pescoço, sentiu os ossos dentro, imaginando o orgulho do pai ao ouvir aquilo. Que canções poderiam ser entoadas nas estalagens enfumaçadas, nas casas estreitas e

no alto Salão dos Deuses de Thorlby?

Com esse pensamento, uma onda de saudade de casa a inundou, tão forte que ela quase sufocou.

– Preciso voltar. Sinto falta dos penhascos cinzentos. Sinto falta do mar cinzento. Sinto falta do *frio*. – As lágrimas brotaram e ela piscou para afastá-las. – Sinto falta da minha mãe. E fiz um juramento.

– Nem todos os juramentos devem ser mantidos.

– Nós mantemos um juramento não pelo juramento, mas por nós mesmos. – Palavras do seu pai, sussurradas havia muito tempo junto ao fogo. – Eu gostaria de ser capaz de me dividir ao meio.

Vialine sugou o ar entre os dentes.

– Meia guarda-costas não serviria para mim. Mas eu sabia qual seria a sua resposta. Você não é uma pessoa a ser contida, Thorn Bathu, nem com uma corrente de ouro. Talvez um dia você volte por vontade própria. Até lá, tenho um presente para você. Só pude encontrar um que fosse digno do serviço que você prestou a mim.

Ela pegou algo que lançou uma luz pálida sobre seu rosto, provocou uma fagulha em seus olhos e fez Thorn prender a respiração. A pulseira élfica que Skifr havia trazido das profundezas de Strokom, onde nenhum homem ousara pisar desde a Fragmentação da Divindade. O presente que o *Vento Sul* tinha carregado por toda a longa jornada pelo Divino e pelo Renegado. Algo grandioso demais para ser usado por uma imperatriz.

– Para mim? – Thorn se retorceu na cama num esforço de se afastar daquilo.

– Não! Não, não, não!

– É minha e eu posso dá-la; é merecida e dada de livre vontade.

– Não posso aceitar...

– Ninguém recusa algo da Imperatriz do Sul. – A voz de Vialine agora era pétrea. Ela levantou o queixo e olhou de maneira feroz para Thorn, com uma autoridade que não admitiria ser contrariada. – Que mão?

Thorn estendeu a esquerda em silêncio. Vialine enfiou a pulseira élfica e fechou-a com um estalo definitivo, a luz da peça central se intensificando, mudando para um branco azulado, o metal perfeito como uma joia lapidada reluzindo, círculos concêntricos se mexendo lentamente por trás do vidro. Thorn olhou para aquilo com uma mistura de espanto e horror. Uma relíquia além de qualquer preço. Linda além de qualquer palavra. Agora em seu pulso ridículo e ossudo, com a magnificência bizarra de um diamante num monte de esterco.

Vialine sorriu e enfim soltou o ombro dela.

– Fica bem em você.

A TESOURA FAZIA clique-clique no lado esquerdo da cabeça de Thorn e o cabelo caía no ombro, na perna coberta de bandagens, nas pedras do pátio.

– Você se lembra da primeira vez que cortei seu cabelo? – perguntou Skifr. – Você uivou feito um filhote de lobo!

Thorn pegou um tufo de cabelo e soprou-o dos dedos.

– Parece que a gente se acostuma com qualquer coisa.

– Com trabalho suficiente. – Skifr jogou a tesoura de lado e espanou o cabelo

solto. – Com suor, sangue e treino suficientes.

Thorn passou a língua em volta do interior estranho de sua boca, áspero com os pontos, e se inclinou adiante para cuspir saliva rosa.

– Sangue eu posso lhe dar. – Fez uma careta ao esticar a perna, a pulseira élfica relampejando num roxo furioso com a dor. – Mas agora pode ser difícil treinar.

Skifr sentou-se com um braço em volta dos ombros de Thorn, esfregando a mão em seu próprio cabelo curto.

– Nós já treinamos pela última vez, minha pombinha.

– O quê?

– Preciso cuidar de alguns negócios. Ignorei meus filhos, filhas, netos e netas por muito tempo. E só os idiotas mais desgraçados ousariam negar que fiz o que pai Yarvi me pediu, que tornei você fatal. Ou ajudei-a a se tornar fatal, pelo menos.

Thorn encarou Skifr, sentindo um vazio.

– Você vai embora?

– Nada dura para sempre. Mas isso significa que posso lhe dizer coisas que não podia antes. – Skifr envolveu-a num abraço apertado e com cheiro estranho. – Tive 22 alunos no total e nunca senti tanto orgulho quanto sinto de você. Nenhum trabalhou tão duro. Nenhum aprendeu tão depressa. Nenhum teve tanta coragem. – Ela se recostou, segurando Thorn com o braço esticado. – Você se mostrou forte por dentro e por fora. Uma companheira leal. Uma lutadora temível. Você ganhou o respeito de seus amigos e o temor dos inimigos. Exigiu

isso. *Impôs* isso.

– Mas... – murmurou Thorn, muito mais abalada pelos elogios do que pelos golpes. – Ainda tenho tanta coisa para aprender...

– Um guerreiro nunca termina de aprender. Mas as melhores lições são as que damos a nós mesmos. É hora de você se tornar a professora. – Skifr estendeu seu machado, com letras em cinco línguas gravadas na lâmina serrilhada. – Isto é para você.

Thorn tinha sonhado em possuir uma arma daquelas. Digna da canção de um herói. Pegou-a, entorpecida, colocou-a no colo e fitou a lâmina brilhante.

– *Para o guerreiro, tudo deve ser uma arma* – murmurou. – O que vou fazer sem você?

Skifr se inclinou para mais perto, os olhos brilhantes, e apertou-a com força.

– Qualquer coisa! Tudo! Não sou uma profetisa ruim e prevejo grandes coisas para você! – Sua voz ficou mais e mais aguda, mais e mais alta, e ela apontou um dedo em forma de garra na direção do céu. – Vamos nos encontrar de novo, Thorn Bathu, do outro lado da Última Porta, se é que não deste, e vou me empolgar com as histórias de seus grandes feitos e me estufar de orgulho porque representei um pequeno papel neles!

– Vai mesmo! – exclamou Thorn, fungando para segurar as lágrimas.

Ela havia desprezado aquela mulher estranha. Ela a odiara e temera, xingando seu nome por todo o Divino e o Renegado. E agora a amava como se fosse uma mãe.

– Fique bem, minha pombinha. Mais ainda: esteja preparada.

A mão de Skifr saltou, mas Thorn agarrou-a pelo pulso antes que a velha pudesse lhe dar um tapa e segurou-a trêmula entre as duas.

Skifr deu um sorriso largo.

– E sempre ataque primeiro.

PAI YARVI SORRIU tirando as bandagens.

– Bom. Muito bom. – Ele comprimiu suavemente a carne dolorida das bochechas dela com a ponta dos dedos. – Você está se curando bem. Já está andando.

– Já estou cambaleando feito uma bêbada.

– Você tem sorte, Thorn. Muita sorte.

– Sem dúvida. Nem toda garota consegue ser esfaqueada na cara.

– E por um duque de sangue real, ainda por cima!

– Os deuses sorriram para mim, sem dúvida.

– Poderia ter sido no olho. Poderia ter sido no pescoço. – Ele começou a banhar o rosto dela com uma flanela que cheirava a ervas amargas. – Em geral, eu prefiro ficar com cicatrizes a morrer. Você não?

Thorn empurrou a língua para dentro do buraco salgado onde estivera o dente que faltava. Era difícil pensar em si mesma como sortuda.

– Como estão as cicatrizes? Diga a verdade.

– Elas vão demorar para curar, mas acho que vão curar bem. Uma estrela no lado esquerdo e uma flecha no direito. Deve haver algum significado nisso. Skifr poderia dizer, ela tem um bom olho para identificar portentos...

Thorn não precisava de Skifr para ver o futuro do seu rosto.

– Vou ficar monstruosa, não vou?

– Conheço pessoas com deformidades mais feias. – Yarvi pôs a mão mirrada embaixo do nariz dela e deixou o dedo comprido balançar para um lado e para o outro. – Da próxima vez, evite a lâmina.

Ela bufou.

– Falar é fácil. Você já lutou contra sete homens?

Gotas escorreram na tigela fumegante enquanto ele torcia a flanela, a água ficando um pouco rosada.

– Nunca pude derrotar nem mesmo um.

– Vi você vencer uma luta uma vez.

Ele fez uma pausa.

– Viu?

– Quando você era rei, vi você lutar contra Keimdal no quadrado. – Ele a encarou por um momento, pela primeira vez apanhado desprevenido. – E, quando você perdeu, pediu para lutar com ele de novo e mandou o Escudo Escolhido de sua mãe no lugar. E Hurik espremeu a cara de Keimdal na areia, por você.

– Um guerreiro luta – murmurou Yarvi. – Um rei ordena.

– Um ministro também.

Ele começou a passar algo no rosto dela que fez os pontos arderem.

– Agora me lembro de você. Uma garota de cabelo escuro observando.

– Mesmo na época, você era um homem muito inteligente.

– Eu precisava ser.

– Sua viagem à Primeira Cidade acabou se saindo melhor do que qualquer um poderia esperar.

– Graças a você. – Ele desenrolou um pedaço de bandagem. – Você fez o que nenhum diplomata poderia conseguir, transformou a Imperatriz do Sul numa aliada. Quase o bastante para me deixar feliz por não tê-la apedrejado. E você tem sua recompensa.

Ele deu um tapinha na pulseira élfica, cuja luz fraca irradiava através da manga da blusa.

– Eu a devolveria se pudesse abri-la.

– Skifr disse que ela não pode ser aberta. Mas deveria usá-la com orgulho. Você mais do que a mereceu. Posso não ser mais o filho da minha mãe, porém ainda tenho o sangue dela. Eu me lembro das minhas dívidas, Thorn. Assim como você se lembra das suas.

– Tive muito tempo para me lembrar nos últimos dias. Estive me recordando de Throvenland.

– Outra aliança que ninguém teria esperado.

– Você tem o hábito de obtê-las. Estive pensando no homem que envenenou a água.

– O homem que você matou?

Thorn fitou os olhos azul-claros do ministro.

– Ele estava seguindo suas ordens?

O rosto de pai Yarvi não demonstrou surpresa nem confirmação ou negação.

Ele enrolou as bandagens na cabeça de Thorn como se ela não tivesse falado nada.

– Um homem muito inteligente – continuou ela – que precisa de aliados e conhece o temperamento instável do rei Fynn poderia ter armado uma coisa daquelas.

Ele enfiou um alfinete delicadamente nas bandagens para firmá-las.

– E uma garota de cabeça quente, um espinho na bunda do mundo, sem saber de nada, poderia ser apanhada nas engrenagens.

– Isso poderia acontecer.

– Você também não é desprovida de inteligência. – Pai Yarvi guardou cuidadosamente as bandagens e a faca em sua bolsa. – Mas deve saber que um homem muito inteligente nunca deixa suas tramas à mostra. Nem mesmo para os amigos. – Ele lhe deu um tapinha no ombro e se levantou. – Guarde suas mentiras com o mesmo cuidado com que guarda seus grãos para o inverno, era o que minha velha mestra costumava dizer. Agora descanse.

– Pai Yarvi? – Ele se virou, um vulto preto no retângulo claro da porta. – Se eu não tivesse matado aquele envenenador... quem teria bebido a água?

Silêncio, então. Como a luz vinha de trás dele, Thorn não podia ver seu rosto.

– É melhor que certas perguntas não sejam feitas, Thorn. E certamente é melhor que não sejam respondidas.

– RULF ESTÁ reunindo a tripulação de novo. – Brand afastou um pouco de poeira

invisível com o bico da bota. – Poucos homens novos, na maioria as mesmas caras antigas. Koll disse que mal pode esperar para começar a esculpir o outro lado do mastro. E Dosduvoi está pensando em pregar a palavra da Divindade Única no Norte. Fror também está conosco.

Thorn encostou um dedo nas bandagens.

– Acho que agora as pessoas vão começar a perguntar como eu ganhei as cicatrizes, não é?

– Marcas de heroína – disse Brand, coçando as que serpenteavam por seus antebraços. – Marcas de um grande feito.

– Não é que minha aparência já tenha sido meu ponto mais forte, não é? – Outro silêncio incômodo. – Pai Yarvi disse que você matou o duque Mikedas.

Brand se encolheu como se a lembrança não fosse nem um pouco agradável.

– O chão o matou. Eu só apresentei os dois.

– Você não parece orgulhoso.

– Não. Não sei se fui tocado pela Mãe Guerra como você. Não tenho a sua...

– Fúria?

– Eu ia dizer coragem. Raiva eu tenho suficiente. Apenas gostaria de não ter.

– Pai Yarvi disse que você me carregou de volta. Que você salvou a minha vida.

– Só o que um companheiro de remo faria.

– Mesmo assim, obrigada.

Ele olhou para o chão, mordendo o lábio, e finalmente olhou para ela.

– Desculpe. Por tudo que fiz. Por... – Ele estava de novo com aquele ar

desamparado. Em vez de querer abraçá-lo, Thorn teve vontade de lhe dar um soco. – Desculpe.

– A culpa não é sua – retrucou ela com a voz áspera. – As coisas são assim.

– Eu gostaria que fossem diferentes.

– Eu também. – Ela estava cansada demais, dolorida demais, ferida demais por dentro e por fora para tentar tornar a situação agradável. – A gente não pode se obrigar a gostar de alguém, não é?

– Acho que não – disse ele numa vozinha humilde que a fez querer mais ainda lhe dar um soco. – Nós dois passamos por muita coisa juntos. Espero que ainda possamos ser amigos.

A voz dela se tornou fria. Fria e afiada como uma lâmina. Era isso ou começaria a chorar, o que nunca teria se permitido fazer.

– Não pense que isso vai funcionar para mim, Brand. Não vejo como vai simplesmente voltar a ser como era.

A boca de Brand se retorceu, lamentoso. Como se ele é que estivesse ferido. Bem provável que se tratasse de culpa e ela esperava que doesse. Esperava que doesse tanto quanto doía nela.

– Isso é com você – Brand lhe deu as costas. – Eu estarei por perto. Se você precisar de mim.

A porta se fechou e Thorn arreganhou os dentes. Isso fez seu rosto doer e ela sentiu lágrimas nos olhos, mas afastou-as com força. Não era justo. Não era nem um pouco justo, porém Thorn entendeu que o amor era ainda menos justo do que o campo de batalha.

Enganar a si mesma já lhe causara problemas demais. Ela precisava arrancar aquelas esperanças antes que se enraizassem. Precisava matar as sementes – assim que conseguisse sair mancando para encontrar Rulf e pedir um remo diferente a fim de puxar no caminho até em casa.

Eles lhe deviam pelo menos isso, não era?

Estranhos companheiros

– ENTÃO VOCÊ VAI embora? – perguntou Sumael, os passos pesados ecoando no corredor.

– Em menos de uma semana – respondeu pai Yarvi. – Como está, talvez não consigamos chegar em casa antes que o Divino congele. Você poderia vir conosco. Não finja que não sente falta das neves do Norte.

Ela gargalhou.

– Ah, em cada dia ensolarado aqui eu desejo estar congelada quase até a morte outra vez. Você poderia ficar conosco. Não gosta do sol do Sul?

– Sou um pouco pálido demais. Não consigo me bronzear, só me queimo. – Ele deu um suspiro entrecortado. – E tenho um juramento a cumprir.

O sorriso dela sumiu.

– Não achei que você levasse seus juramentos tão a sério.

– Este eu levo.

– Você fragmentaria o mundo para cumpri-lo?

– Espero que não seja preciso.

Sumael bufou.

– Você sabe como são as esperanças.

– Sei – murmurou Brand.

Teve a sensação de que havia duas conversas acontecendo ao mesmo tempo.

Uma à vista e outra oculta. Contudo, nunca fora muito bom com as conversas nem com coisas que não podia ver, por isso ficou em silêncio.

Sumael abriu um portão com um rangido de dobradiças enferrujadas, degraus ásperos descendo para a escuridão.

– Ela está aí embaixo.

A passagem abobadada no fundo estava coberta de mofo e algo se afastou às pressas da luz bruxuleante da tocha de Brand.

– Apenas venha atrás de mim – disse Yarvi.

Brand assentiu, cauteloso.

– O que mais eu faria?

Pararam diante de uma abertura com grades. Brand viu olhos brilhando nas sombras e chegou perto, levantando a tocha.

Mãe Scaer, ex-ministra de Vansterland, ex-emissária da avó Wexen, estava sentada, encostada numa parede de pedra cheia de musgo, a cabeça raspada inclinada de lado, os antebraços tatuados sobre os joelhos e as mãos compridas pendendo. Tinha cinco pulseiras élficas amontoadas num pulso, ouro, vidro e metal polido brilhando. Antigamente Brand ficaria pasmo ao vê-las, mas pareciam coisas insignificantes, espalhafatosas diante da que Thorn usava agora.

– Ah, pai Yarvi! – Scaer estendeu uma perna comprida na direção deles, as correntes chacoalhando, presas numa tira de ferro em volta do tornozelo despido. – Veio contar vantagem?

– Talvez um pouco. Pode me culpar? Afinal de contas, você conspirou para assassinar a imperatriz Vialine.

Mãe Scaer sibilou.

– Não tive participação nisso. Avó Wexen me mandou aqui para impedir que aquela bexiga inchada de arrogância, o duque Mikedas, fizesse alguma idiotice.

– E esse foi o resultado? – questionou Yarvi.

Mãe Scaer levantou um pedaço de corrente para mostrar a eles e deixou-o cair no colo.

– Você deveria saber melhor do que ninguém: um bom ministro dá o melhor conselho que pode, mas no fim o governante faz o que quer. Você trouxe este aí para me amedrontar? – Os olhos azuis de mãe Scaer se viraram para Brand e, mesmo através das barras, ele sentiu um arrepio. – Ele não é amedrontador.

– Pelo contrário, eu o trouxe aqui para deixar você confortável. A minha amedrontadora ganhou um arranhão matando sete homens quando salvou a imperatriz e arruinou todos os seus planos.

Brand preferiu não observar que ele havia matado dois dos homens. Não sentia orgulho disso e estava com a sensação de que essa não era a história que todo mundo queria contar.

– Mas ela está se curando muito bem – continuou Yarvi. – Talvez possa amedrontar você mais tarde.

Mãe Scaer desviou o olhar.

– Nós dois sabemos que não existe mais tarde para mim. Eu deveria ter matado você em Amwend.

– Você queria deixar minhas tripas para os corvos, eu lembro. Mas Grom-gil-Gorm disse: por que matar o que você pode vender?

– Foi o primeiro erro dele. E cometeu um segundo quando confiou em você.

– Bom, como o rei Uthil, Gorm é um guerreiro, e os guerreiros preferem a ação ao pensamento. É por isso que precisam de ministros. É por isso que ele precisa tanto do seu conselho. Suspeito que esse tenha sido o motivo por que avó Wexen a arrancou do lado dele com tanta ansiedade.

– Agora ele não receberá mais a minha ajuda – disse mãe Scaer. – Você, avó Wexen e o duque Mikedas se certificaram disso.

– Ah, não sei. Vou voltar pelo Divino esta semana. De volta ao Mar Despedaçado. – Yarvi projetou os lábios e bateu neles com o indicador. – Levar uma passageira para Vulsgard não seria muito problemático, hein, Brand?

– Não muito – respondeu o garoto.

Yarvi arqueou as sobrancelhas como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer:

– Será que poderíamos arranjar espaço para mãe Scaer?

– Nós perdemos uma mulher misteriosa e careca. – Brand deu de ombros. – Temos espaço para outra.

A ministra de Gorm franziu a testa – interessada, mas não querendo deixar isso transparecer.

– Não brinque comigo, garoto.

– Nunca fui muito bom em brincar – retrucou Brand. – Tive uma infância curta.

Mãe Scaer alongou lentamente os membros compridos e se levantou, os pés descalços batendo nas pedras úmidas ao andarem em direção às barras até

retesarem as correntes. Depois, inclinou-se mais um pouco, as sombras se movendo nas reentrâncias de seu rosto magro.

– Está me oferecendo a vida, pai Yarvi?

– Eu a encontrei nas minhas mãos e não tenho uso melhor para ela.

– Ahn. – Mãe Scaer levantou as sobrancelhas bem alto. – Que isca saborosa. E não há um anzol nela, imagino.

Yarvi se inclinou para perto das barras também, de modo que o rosto dos dois ministros não estavam separados por mais do que 30 centímetros.

– Quero aliados.

– Contra o Rei Supremo? Que aliados eu poderia levar para você?

– Há um vansterlandês na nossa tripulação. É um homem bom. Forte no remo. Forte na parede de escudos. Não acha, Brand?

– Forte no remo. – Brand se lembrou de Fror gritando a Canção de Bail morro acima no Renegado. – Forte na parede.

– Vê-lo lutar ao lado de homens de Gettland me fez perceber de novo como somos parecidos – continuou Yarvi. – Rezamos aos mesmos deuses, sob o mesmo céu. Cantamos as mesmas canções, na mesma língua. E ambos lutamos sob o jugo cada vez mais pesado do Rei Supremo.

O lábio de mãe Scaer se repuxou.

– E você libertaria Vansterland das amarras, é?

– Por que não? Se ao mesmo tempo eu puder livrar Gettland também... Não gostei de usar o colar de escravo de uma capitã de galera. Também não gosto de ser escravo de um velho idiota e babão em Skekenhouse.

– Uma aliança entre Gettland e Vansterland? – Brand balançou a cabeça, sombrio. – Nós lutamos desde antes de um Rei Supremo existir. Desde antes de existir Gettland. É loucura, sem dúvida.

Yarvi se virou para olhá-lo, com um alerta na expressão.

– O limite entre a loucura e a inteligência sempre foi muito tênue.

– O garoto está certo. – Mãe Scaer passou os braços entre as barras e se pendurou nelas como um bêbado apoiado num velho amigo. – Há rixas antigas entre nós, e ódios profundos...

– Há brigas mesquinhas entre nós, e a ignorância rasa. Deixe as palavras de ira para os guerreiros, mãe Scaer, você e eu sabemos que não é assim. Avó Wexen é a nossa verdadeira inimiga. Foi ela que arrancou você do seu lugar para fazer um serviço de escrava. Ela não se importa nem um pouco com Vansterland, Gettland ou qualquer um de nós. Só se importa com o próprio poder.

Mãe Scaer deixou a cabeça tombar de lado, os olhos azuis se semicerrando.

– Você jamais vencerá. Ela é forte demais.

– O duque Mikedas era forte demais, e tanto seu poder quanto seu crânio estão em ruínas.

Os olhos dela se estreitaram mais ainda.

– O rei Uthil jamais concordará.

– Deixe que eu me preocupo com o rei Uthil.

Mais ainda.

– Grom-gil-Gorm jamais concordará.

– Não se subestime, mãe Scaer, não duvido que seus poderes de persuasão

sejam formidáveis.

Os olhos agora eram apenas fendas azuis.

– Menos do que os seus, pai Yarvi. – Subitamente, ela arregalou os olhos e passou as mãos pelas barras tão depressa que Brand se encolheu para trás e quase largou a tocha. – Aceito sua oferta.

Pai Yarvi segurou a mão dela e, mais forte do que parecia, mãe Scaer puxou-o para perto.

– Você sabe que não posso prometer nada.

– Hoje em dia me interesso menos por promessas do que antigamente. O melhor modo de dobrar algo à nossa vontade é oferecer o que a pessoa quer, não fazê-la prestar um juramento. – Yarvi soltou a mão, torcendo-a. – Vai estar frio no Divino, à medida que o ano se aproxima do fim. Eu levaria alguma roupa quente na bagagem.

Enquanto partiam para a escuridão, pai Yarvi pôs a mão no ombro de Brand.

– Você se saiu bem.

– Praticamente não falei nada.

– Não. Mas o orador sábio aprende primeiro quando ficar em silêncio. Você ficaria surpreso ao ver quantas pessoas espertas jamais aprendem essa lição.

Sumael estava esperando por eles junto ao portão.

– Conseguiu o que queria?

Yarvi parou diante dela.

– O que eu queria e muito mais do que merecia. Mas agora parece que preciso deixar tudo para trás.

– O destino pode ser cruel.

– Geralmente é.

– Você poderia ficar.

– Você poderia ir.

– Mas, no fim, todos devemos ser o que somos. Sou conselheira de uma imperatriz.

– Sou ministro de um rei. Nós dois temos nossos fardos.

Sumael deu um sorriso.

– E quando a gente tem um fardo...

– É melhor carregá-lo do que chorar.

– Vou sentir saudade, Yarvi.

– Vai ser como se eu deixasse para trás o melhor pedaço de mim.

Os dois se encararam por mais um momento, então Sumael respirou fundo.

– Boa sorte na viagem.

Com isso, ela se foi, empertigada.

Então o rosto de pai Yarvi se retorceu e ele se apoiou no portão como se fosse cair. Brand estava prestes a lhe oferecer a mão, mas o sábio aprende primeiro quando ficar em silêncio. Logo o ministro se levantou sem ajuda.

– Reúna a tripulação, Brand. Temos um longo caminho pela frente.

IV

GRANDES FEITOS

Despedidas

THORN PUXOU O remo gentilmente do suporte e fez uma última carícia com a ponta dos dedos na madeira polida pelo suor.

– Adeus, amigo.

Porém, o remo se mostrou indiferente. Com um suspiro de adeus, ela jogou seu baú de viagem no cais, e saltou atrás dele.

A Mãe Sol sorria para Thorlby num céu límpido. Thorn fechou os olhos e inclinou o rosto para trás, sorrindo enquanto a brisa salgada beijava as bochechas marcadas pelas cicatrizes.

– É assim que o clima deveria ser – sussurrou, lembrando-se do calor sufocante da Primeira Cidade.

– Olhe só para você. – Rulf parou de amarrar a corda de proa para balançar a cabeça careca, espantado. – É difícil acreditar como você cresceu desde que se sentou no meu remo de popa. E não apenas no tamanho.

– De menina para mulher – disse pai Yarvi, descendo do *Vento Sul*.

– De mulher para heroína – completou Dosduvoi, tomando Thorn num abraço esmagador. – Lembra-se daquela tripulação de throvenlandeses entoando uma canção sobre você no Divino? A diaba que matou dez guerreiros e salvou a Imperatriz do Sul! Uma mulher que solta fogo pelas ventas e parece um relâmpago!

– Com uma cauda de serpente, não era? – grunhiu Fror, piscando o olho menor para ela.

– Passei todo esse tempo olhando para a sua bunda e nunca notei a cauda... Ai! – gritou Koll quando sua mãe lhe deu um cascudo.

Dosduvoi ainda estava rindo por causa dos throvenlandeses.

– A cara dos sujeitos quando perceberam que você estava sentada bem na frente deles!

– E imploraram para lutar contra você. – Rulf riu também. – Idiotas.

– Nós avisamos – grunhiu Fror. – O que você disse, Safrit?

– "Ela pode não soltar fogo pelas ventas, mas ainda assim vocês vão se queimar."

– E ela surrou um depois do outro e jogou o capitão no rio! – exclamou Koll, saltando no corrimão do navio e se equilibrando com os braços abertos.

– Por sorte ele não se afogou, com todo aquele gelo – comentou Rulf.

Apesar do calor, Thorn estremeceu diante da lembrança.

– Deuses, estava frio lá no Divino.

O gelo havia chegado cedo, estalando contra a quilha, e apenas uma semana ao norte dos árduos arrastos, bloqueara o rio. Por isso, eles emborcaram o *Vento Sul*, o transformaram de novo num salão e viveram ali encolhidos como um rebanho de inverno durante dois meses gelados.

Thorn ainda treinava tão duro como se escutasse a voz de Skifr. Mais duro, talvez. Lutava contra Dosduvoi, Fror, Koll e Rulf. Mesmo vendo-o observar, jamais pedia a Brand que a enfrentasse.

Ainda acordava na hora em que Skifr a teria acordado. Mais cedo, talvez. Fitava a escuridão gelada através do vapor da respiração e o via deitado, o peito se mexendo lentamente, e desejava poder se largar ao lado dele no calor, como costumava fazer. Em vez disso, obrigava-se a sair no frio cortante, os dentes trincados por causa da dor na perna, enquanto corria por um deserto branco, a pulseira élfica reluzindo num frio branco em seu pulso, a fumaça da fogueira como a única alteração no amplo céu pálido.

Tinha o que sempre quisera. Não importava o que Hunnan e os outros como ele poderiam dizer, ela se provara uma guerreira, com um lugar favorecido na tripulação de um ministro e canções sobre seus grandes feitos. Havia mandado uma dúzia de homens para o outro lado da Última Porta. Recebera um prêmio inestimável da mulher mais poderosa do mundo. E ali estava a colheita.

Mil quilômetros de um nada solitário.

Thorn sempre fora mais feliz na própria companhia. Agora estava tão enjoada dela quanto todo mundo. Por isso, parou nas docas de Thorlby e abraçou Safrit com força, puxou Koll do corrimão e desgrenhou seu cabelo revolto enquanto ele se retorcia sem graça, depois beijou a careca de Rulf e segurou Dosduvoi e Fror num abraço que mais parecia uma luta, fedorento de suor. Quando conhecera o gigante carrancudo e o vansterlandês, eram imundos feito esterco e apavorantes feito lobos, mas acabaram ficando íntimos como irmãos.

– Maldição, vou sentir falta de vocês, seus desgraçados horríveis.

– Quem sabe? – disse mãe Scaer, ainda estendida em meio aos suprimentos, onde havia passado a maior parte da viagem para casa. – Talvez nossos

caminhos se cruzem de novo em pouco tempo.

– Espero que não – murmurou Thorn, que em seguida fitou os rostos familiares e fez uma última tentativa. – Como ganhou essa cicatriz, Fror?

O vansterlandês abriu a boca como se fosse fazer uma das suas piadas. Sempre tinha uma preparada, afinal. Seu olhar saltou para as bochechas marcadas de Thorn e ele hesitou, pensativo. Respirou longamente e a encarou.

– Eu tinha 12 anos. Os gettlandeses chegaram antes do amanhecer. Pegaram a maioria dos moradores para escravizá-los. Minha mãe fugiu e a mataram. Tentei fugir e o líder deles me cortou com a espada. Me deixou para morrer, com nada mais do que essa cicatriz.

Ali estava a verdade, então, e era bem feia. Porém, havia algo no olhar de Fror que fez os pelos na nuca de Thorn se eriçarem. Sua voz falhou um pouco quando ela fez a pergunta:

– Quem era o líder?

– Eles o chamavam de Headland.

Thorn olhou para a espada que estava usando. A espada que fora do seu pai.

– Foi esta espada, então?

– Os deuses preparam receitas estranhas.

– Mas você navegou com gettlandeses! Lutou ao meu lado. Mesmo sabendo que eu era filha dele?

– E fico feliz por isso. – Fror deu de ombros. – A vingança só anda em círculos. Ela parte do sangue e volta ao sangue. A Morte espera por todos nós. Você pode seguir seu caminho curvada sob um fardo de raiva. Eu fiz isso durante

muitos anos. Você pode deixar que a raiva a envenene. – Ele respirou fundo, depois soltou um suspiro. – Ou pode deixar pra lá. Fique bem, Thorn Bathu.

– Você também – murmurou ela, sem saber o que dizer. Sem saber o que pensar.

Deu uma última olhada para o *Vento Sul*, agora acomodado no cais, a pintura descascando nos pombos brancos da proa e da popa. Aquele navio fora seu lar durante um ano. Seu melhor amigo e seu pior inimigo, cada tábua e cada rebite eram familiares. Parecia diferente da embarcação em que haviam zarpado. Golpeado pelo clima, com cicatrizes, amadurecido. Um pouco como Thorn. Ela meneou a cabeça para a nau uma última vez, em respeito, pôs o baú no ombro, virou-se...

Brand estava bem atrás, perto o suficiente para que Thorn quase sentisse o hálito dele, as mangas arregaçadas exibindo as cicatrizes que serpenteavam nos antebraços, mais forte, mais quieto e mais bonito do que nunca.

– Acho que ainda vou vê-la – disse Brand.

Seu olhar estava fixo nela, brilhando atrás daquelas mechas sobre o rosto. Parecia que Thorn havia passado a maior parte dos seis meses anteriores tentando não pensar nele, o que era tão ruim quanto pensar, acrescentando-se a frustração de não conseguir. Era difícil esquecer alguém quando a pessoa está três remos à sua frente. O ombro dele se movendo com as remadas. O cotovelo no remo. Uma nesga do rosto quando ele olhava para trás.

– É – murmurou ela, baixando os olhos para o chão. – Acho que sim.

Thorn o rodeou, seguiu pelas pranchas bambas do cais e se afastou.

Talvez fosse difícil abandonar a situação assim depois de tudo pelo que haviam passado. Talvez fosse covardia. Mas ela precisava deixá-lo para trás, deixar a decepção, a vergonha e a idiotice junto com ele. Quando algo precisa ser feito, não há nada a ganhar com o adiamento, a não ser dor.

Maldição, ela estava começando a falar igual a Skifr.

Esse pensamento lhe agradou.

Thorlby estava mudada. Tudo muito menor do que em suas lembranças. Mais cinzento. Mais vazio. Os cais nem de longe estavam tão apinhados quanto antes, um número lamentável de pescadores trabalhando com os peixes que se debatiam, as escamas relampejando em prata. Guerreiros montavam guarda junto ao portão, mas eram jovens, o que fez Thorn se perguntar em que o resto estava ocupado. Conhecia um, do quadrado de treino, e os olhos dele se arregalaram até ficarem do tamanho de canecas enquanto ela passava com um andar afetado.

– É ela? – Thorn ouviu alguém murmurar.

– Thorn Bathu – sussurrou uma mulher, a voz abafada como se falasse um feitiço.

– Aquela sobre quem andam cantando?

Sua lenda marchava à sua frente, dava para acreditar? Então Thorn se empertigou, exibiu seu rosto de maior coragem e deixou o braço esquerdo balançar, com a pulseira élfica brilhando. Brilhando ao sol, brilhando com luz própria.

Subiu pela Rua das Bigornas e os clientes se viraram, olhando. As

marteladas cessaram enquanto os ferreiros espiavam e Thorn assobiou a canção que aqueles throvenlandeses haviam entoado, sobre uma diaba que tinha salvado a Imperatriz do Sul.

Por que não? Ela merecia, não é?

Percorreu os becos íngremes que havia descido com pai Yarvi quando ele a levou das masmorras da cidadela até Skekenhouse, até Kalyiv, até a Primeira Cidade. Isso parecia ter acontecido cem anos antes, pensou ao entrar numa rua estreita onde cada pedra era familiar.

Escutou murmúrios atrás de si e viu que atraíra um pequeno bando de crianças, espiando pasmas da esquina. Como as que seguiam seu pai em Thorlby. Como ele costumava fazer, Thorn lhes deu um aceno alegre e, em seguida, arreganhou os dentes e sibilou, dispersando-os aos berros.

Skifr sempre dizia que a história anda em círculos.

A casa estreita, o degrau gasto no meio, a porta que o pai cortara mal, tudo como antes, mas de algum modo isso a deixou nervosa. Seu coração estava martelando quando ela estendeu a mão para abri-la, mas no último momento cerrou o punho e bateu. Ficou parada esperando, sem jeito, como uma mendiga diante da própria porta, os dedos apertando a bolsinha pendurada no pescoço, pensando no que Fror havia lhe contado.

Talvez o pai não tivesse sido o herói que ela sempre considerara. Talvez a mãe também não fosse a vilã. Talvez ninguém fosse totalmente uma coisa nem outra.

Foi sua mãe que atendeu. Quem mais? Era estranho vê-la parecendo a

mesma depois de tudo que havia acontecido, apenas um ou outro fio de cabelo grisalho. Por um momento, Thorn sentiu-se criança de novo, grudando um rosto corajoso em cima da raiva e do medo.

– Mãe...

Ela tentou domar o lado emaranhado da cabeça, puxando as argolas de ouro e prata amarradas no cabelo embolado. Um esforço idiota, já que não poderia pentear aquela floresta nem com um machado. Imaginou o que a língua de sua mãe golpearia primeiro: a loucura do cabelo, a feiura das cicatrizes, as roupas maltrapilhas ou...

– Hild!

Seu rosto se iluminou de júbilo e ela abraçou Thorn, apertando-a com tanta força que a fez ofegar. Então afastou-a com os braços esticados e olhou-a de cima a baixo, sorrindo, e em seguida a segurou de novo.

– Desculpe: Thorn...

– Pode me chamar de Hild, se quiser. – Thorn deu um riso roncado. – É bom ouvir você me chamar assim.

– Você não gostava.

– Muita coisa mudou neste ano.

– Aqui também. Guerra contra os vansterlandeses, o rei doente e avó Wexen impedindo que os navios entrem no porto... mas haverá tempo para isso mais tarde.

– É.

Thorn fechou a porta lentamente e se encostou nela. Só então percebeu como

estava cansada. Tão cansada que quase deslizou, caindo de bunda ali mesmo na entrada.

– Eu a esperava há semanas. Estava começando a me preocupar. Bom, comecei a me preocupar no dia em que você partiu...

– Ficamos presos no gelo.

– Eu deveria saber: seria preciso mais de meio mundo para manter minha filha longe. Você cresceu. Pelos deuses, como você cresceu!

– Não vai falar nada sobre o meu cabelo?

Sua mãe estendeu a mão e prendeu uma maçaroca de cabelo solto atrás da orelha de Thorn, em seguida tocou a cicatriz do rosto delicadamente com a ponta dos dedos.

– Só me importa que você esteja viva. Ouvi algumas histórias loucas sobre... Pai Paz, o que é isso?

A mãe segurou o pulso de Thorn e levantou-o, a luz da pulseira élfica incidindo em seu rosto, os olhos reluzindo com reflexos dourados.

– Isso... – murmurou Thorn. – É uma longa história.

Recepções

BRAND DISSE QUE iria ajudar a descarregar o navio.

Talvez porque essa fosse a coisa boa a fazer. Talvez porque ainda não suportasse deixar a tripulação. Talvez porque estivesse apavorado com a ideia de ver Rin. Apavorado com a ideia de ela ter sofrido enquanto ele estava longe. Apavorado com a ideia de a irmã culpá-lo.

Portanto, disse que, desde que não precisasse levantar o navio, iria ajudá-los a descarregar, e falou a si mesmo que essa era a coisa boa a fazer. Afinal de contas, não há muitas coisas boas que não tenham um pedacinho de egoísmo em algum lugar.

Quando a carga terminou e metade da tripulação já tomava seu rumo, Brand abraçou Fror, Dosduvoi e Rulf e eles riram de coisas que Odda dissera na descida do Divino. Riram enquanto a Mãe Sol mergulhava na direção dos morros atrás de Thorlby, as sombras se adensando nas figuras esculpidas que subiam por todo o mastro.

– Você fez um tremendo trabalho, Koll – elogiou Brand.

– É a história da nossa viagem.

Koll havia mudado bastante desde que tinham partido, rápido e agitado como sempre, porém com a voz mais profunda, as feições mais duras, as mãos mais firmes, que agora passava delicadamente sobre as árvores, os rios, os navios e as

imagens gravadas, entrelaçadas de forma maravilhosa.

– Thorlby está aqui na base, o Divino e o Renegado correm para cima deste lado e para baixo do outro, a Primeira Cidade está no topo do mastro. Aqui atravessamos o Mar Despedaçado. Aqui Brand sustenta o navio. Aqui conhecemos Jenner, o Azul.

– Garoto esperto, não é? – disse Safrit, abraçando-o com força. – Ainda bem que você não caiu da porcaria da verga e não arrebentou os miolos.

– Seria uma grande perda – murmurou Brand, contemplando o mastro com mais espanto do que nunca.

Koll apontou para outras figuras.

– Skifr manda a Morte através da planície. O príncipe Varoslaf acorrenta o Renegado. Thorn luta contra sete homens. Pai Yarvi faz o trato com a imperatriz e... – Ele se inclinou para perto e, com sua faca muito gasta, fez mais alguns cortes numa imagem ajoelhada na base e soprou as aparas. – Aqui estou eu agora, terminando. – Deu um passo atrás, sorrindo. – Pronto.

– É uma obra de mestre – comentou pai Yarvi, passando a mão mirrada nos relevos. – Estou pensando em mandar colocá-lo no pátio da cidadela, para que todo gettlandês possa ver os grandes feitos realizados em nome deles, e esculpi-lo não é o menor.

Então os sorrisos se esvaíram, deixando-os com os olhos marejados, porque todos percebiam que a viagem havia acabado e a pequena família estava se separando. Pessoas cujos caminhos se entrelaçaram tão firme numa grande jornada seguiriam estradas próprias, espalhadas como folhas num vendaval até

locais distantes, e estava nas mãos caprichosas dos deuses definir se esses caminhos se cruzariam de novo algum dia.

– Azar – murmurou Dosduvoi, balançando a cabeça devagar. – A gente encontra amigos e eles saem da nossa vida. Muito, muito azar...

– Ah, pare de arengar sobre azar, seu idiota enorme! – exclamou Safrit rispidamente. – Meu marido teve o azar de ser sequestrado por traficantes de escravos, mas nunca parou de lutar para voltar para mim, nunca desistiu da esperança, morreu lutando até o fim pelos companheiros de remo.

– Isso mesmo – concordou Rulf.

– Salvou a minha vida – disse pai Yarvi.

– Para que você pudesse salvar a minha e a do meu filho. – Safrit apertou o braço de Dosduvoi, fazendo as argolas de prata no pulso dele chacoalharem. – Olhe tudo que você tem! Sua força, sua saúde e sua riqueza, e amigos que talvez um dia voltem para a sua vida!

– Quem sabe com quem você vai cruzar neste caminho torto até a Última Porta? – murmurou Rulf, coçando a barba, pensativo.

– Isso é sorte, maldição, não azar! – disse Safrit. – Louve qualquer deus que você queira a cada dia que tiver.

– Nunca pensei assim antes – murmurou Dosduvoi, a testa franzida em reflexão. – Vou começar a pensar nas minhas bênçãos. – Ele rearrumou com cuidado as argolas-dinheiro no grande pulso. – Assim que eu tiver jogado uma rodada nos dados. Ou duas.

Com isso, foi na direção da cidade.

– Alguns homens nunca aprendem – falou Safrit, observando-o com as mãos no quadril.

– Nenhum aprende – replicou Rulf.

Brand estendeu a mão para ele.

– Vou sentir sua falta.

– E eu vou sentir a sua – afirmou o piloto, segurando seu braço. – Você é forte no remo, forte na parede de escudos e forte aí também. – Ele bateu no peito de Brand e se inclinou para perto. – Mantenha-se na luz, hein, garoto?

– Vou sentir falta de todos vocês.

Brand olhou na direção de Thorlby, na direção em que Thorn tinha ido, e precisou engolir o nó na garganta. Ela fora embora praticamente sem dizer uma palavra, como se ele fosse um nada, um ninguém. Isso doía.

– Não se preocupe. – Safrit pôs a mão no ombro dele e o apertou. – Há várias outras garotas por aí.

– Não muitas como ela.

– Isso é ruim? – perguntou mãe Scaer. – Eu conheço uma dúzia de garotas em Vulsgard que arrancariam os olhos umas das outras por um rapaz como você.

– Isso é bom? – questionou Brand. – Pensando bem, prefiro ter uma mulher com olhos.

Mãe Scaer estreitou os dela, o que o deixou mais nervoso ainda.

– É por isso que você escolhe a que vencer.

– Sempre sensata – disse pai Yarvi. – É hora de nos deixar, mãe Scaer. – Ele franziu a testa para os guerreiros junto ao portão da cidade. – Acho que os

vansterlandeses estão menos populares ainda em Thorlby.

Ela resmungou.

– A Mãe dos Corvos dança na fronteira de novo.

– Então é nossa tarefa, como ministros, falar pelo Pai dos Pombos e transformar o punho em mão aberta.

– Essa aliança que você planeja... – Scaer coçou, infeliz, a cabeça raspada – de lavar mil anos de sangue... não é um feito pequeno.

– Mas que valerá a pena ser cantado.

– Os homens preferem cantar sobre ferimentos, idiotas como são. – Os olhos dela eram fendas azuis encarando os de Yarvi. – E temo que você costure um ferimento para abrir outro mais fundo. Porém, dei minha palavra e farei o que puder.

– O que mais poderia ser feito?

As pulseiras élficas chacoalharam no braço comprido de mãe Scaer enquanto Yarvi apertava a mão dela, em despedida. Então o olhar dele foi até Brand, frio e firme.

– Obrigado por toda a sua ajuda, Brand.

– Só fiz o que o senhor me pagou para fazer.

– Mais do que isso, acho.

– Então só estava tentando fazer o bem, talvez.

– Pode chegar um tempo em que eu precise de um homem que não esteja tão preocupado com o bem maior, apenas com o bem. Será que poderia chamá-lo?

– Seria uma honra, pai Yarvi. Eu lhe devo. Por me dar um lugar.

– Não, Brand, eu é que lhe devo. – O ministro sorriu. – E espero pagar em breve.

BRAND ATRAVESSOU A colina, passando entre as tendas, as choupanas e os barracos malfeitos que brotavam do lado de fora dos portões como cogumelos depois da chuva. Muito mais do que existiam antes. Devido à guerra contra os vansterlandeses, as pessoas tinham fugido das casas mais próximas da fronteira para se amontoar em volta das muralhas de Thorlby.

A luz dos lampiões brilhava através de frestas no adobe, vozes pairando na noite, um fragmento de música triste ecoando em algum lugar. Passou por uma grande fogueira, os rostos franzidos dos muito velhos e dos muito novos iluminados por fagulhas em redemoinhos. O ar tinha um cheiro forte de fumaça, esterco e corpos sem banho. O fedor azedo de sua infância, que nesse momento era doce. Ele sabia que aquele não seria seu lar por muito tempo.

Enquanto caminhava, sentiu a bolsa se mexendo por baixo da camisa. Agora estava pesada. Ouro vermelho do príncipe Varoslaf e ouro dourado da imperatriz Vialine – e boa prata com o rosto da rainha Laithlin gravado. O bastante para uma bela casa à sombra da cidadela. O bastante para Rin jamais sentir falta de nada. Ele estava sorrindo ao abrir a porta da choupana.

– Rin, eu...

Pegou-se olhando para um grupo de estranhos. Um homem, uma mulher e quantas crianças? Cinco? Seis? Todos espremidos em volta do buraco do fogo, onde ele costumava esquentar os pés, sem nenhum sinal de Rin.

– Quem diabos são vocês?

O medo se apossou de Brand e ele pôs a mão na adaga.

– Está tudo bem! – O homem levantou as mãos. – Você é Brand?

– Claro que sou. Onde está minha irmã?

– Você não sabe?

– Se eu soubesse estaria perguntando? Onde está Rin?

ERA UMA BELA casa à sombra da cidadela.

Casa de uma mulher rica, feita de boa pedra cinzelada com um segundo andar inteiro e uma cabeça de dragão esculpida na empena do telhado. Uma casa agradável com luz receptiva se derramando dos postigos para a noite. Uma casa bonita com um riacho gorgolejando por um canal íngreme ao lado e por baixo de uma ponte estreita. Uma casa bem cuidada com porta recém-pintada de verde, onde estava pendurado um pedaço de ardósia em forma de espada, balançando suavemente na brisa.

– Aqui?

Com frequência, Brand havia subido as ruas íngremes carregando caixotes e barris até a casa dos ricos, conhecia a rua. Mas nunca estivera naquela casa, não tinha ideia do motivo para sua irmã estar ali dentro.

– Aqui – respondeu o homem, e bateu na porta com os nós dos dedos.

Brand ficou parado, imaginando que tipo de pose faria. Quando a porta se abriu, foi pego de surpresa, meio torto.

Rin estava mudada. Mais ainda do que ele, talvez. Agora parecia uma adulta,

mais alta, o rosto mais fino, o cabelo escuro cortado curto. Tinha uma bela túnica, com bordado elaborado em volta da gola, como uma mercadora rica usaria.

– Você está bem, Hale? – perguntou ela.

– Melhor – disse o homem. – Recebemos uma visita.

Ele saiu do caminho para que a luz incidisse sobre o rosto de Brand.

– Rin... – começou ele, rouco, sem saber o que falar. – Eu...

– Você voltou! – Ela se atirou quase com força suficiente para derrubá-lo e o apertou quase com força suficiente para fazê-lo vomitar. – Só vai ficar aí parado no degrau, olhando? – Ela o puxou pela porta. – Dê lembranças aos seus filhos! – gritou para Hale.

– Com prazer!

Rin fechou a porta com um chute e tirou o baú de Brand do ombro dele. Enquanto o colocava no chão de ladrilhos, uma corrente de prata pendeu, com uma chave de prata brilhando.

– De quem é essa chave? – murmurou ele.

– Você acha que eu iria me casar enquanto você estava fora? É minha chave, das minhas fechaduras. Está com fome? Com sede? Eu tenho...

– De quem é esta casa, Rin?

Ela deu um sorriso torto.

– É sua. É minha. É nossa.

Brand a encarou.

– Mas... como foi...

– Eu disse que ia fazer uma espada.

Os olhos de Brand se arregalaram.

– Deve ter sido uma espada digna de canções.

– O rei Uthil achou que sim.

Brand ficou ainda mais perplexo.

– O rei Uthil?

– Encontrei um novo modo de fundir o aço. Um modo mais quente. A primeira lâmina rachou quando nós a esfriamos, mas a segunda aguentou. Gaden disse que precisávamos dá-la ao rei. O rei se levantou no Salão dos Deuses e falou que o aço era a resposta, e que aquele era o melhor que já tinha visto. Parece que agora ele anda com ela. – Rin deu de ombros, como se o patronato do rei Uthil não fosse uma grande honra. – Depois disso, todos queriam que eu fizesse uma espada. Gaden afirmou que não podia ficar comigo. Que eu deveria ser a mestra, e ela, a aprendiz. – Rin voltou a encolher os ombros. – Abençoada por Aquela que Golpeia a Bigorna, como costumávamos dizer.

– Deuses – sussurrou Brand. – Eu ia mudar a sua vida. E você fez isso sozinha.

– Você me deu a chance. – Rin segurou o pulso dele, franzindo a testa para as cicatrizes. – O que aconteceu?

– Nada. A corda escorregou quando estávamos passando nos árduos arrastos.

– Acho que há mais coisa nessa história.

– Tenho histórias melhores.

O lábio de Rin se crispou.

– Desde que não sejam com Thorn Bathu.

– Thorn impediu que a Imperatriz do Sul fosse morta pelo tio! A Imperatriz do Sul!

– Já ouvi essa. Estão cantando por toda a cidade. Algo sobre ela ter derrotado doze homens sozinha. Depois eram quinze. Devem ter sido vinte na última vez que ouvi. E ela jogou um duque de um telhado, botou uma horda de homens do Povo dos Cavalos para correr, ganhou uma relíquia élfica e levantou um navio, pelo que ouvi dizer. Levantou um navio!

Rin bufou. Brand arqueou as sobrancelhas.

– Acho que as canções têm o costume de exagerar a verdade.

– Você pode contar a verdade mais tarde. – Rin pegou o lampião e levou Brand por outra porta, com uma escada subindo para as sombras. – Venha ver seu quarto.

– Eu tenho um quarto? – murmurou Brand, os olhos se arregalando mais do que nunca.

Com que frequência ele havia sonhado com isso? Quando não tinham um teto sobre a cabeça, comida ou um amigo no mundo além de um ao outro.

Ela passou o braço pelos ombros dele e a sensação foi de estar em casa.

– Você tem um quarto.

Ideias erradas

– ACHO QUE PRECISO de uma espada nova.

Thorn suspirou, colocando a do pai delicadamente sobre a mesa. A luz da forja captava os muitos arranhões, brilhando nas mossas fundas. Estava quase torta de tanto ser amolada, o couro amarrado no cabo raspado até soltar fiapos oleosos, o botão de ferro barato se soltando.

A aprendiz deu um olhar rápido para a espada, e para a própria Thorn nem mesmo isso.

– Acho que você está certa.

Ela usava uma túnica de couro cheia de partes queimadas, luvas até o cotovelo, braços e ombros à mostra cobertos de suor, os músculos duros estremecendo enquanto virava um pedaço de metal nos carvões em brasa.

– É uma boa espada. – Thorn passou os dedos pelo aço cheio de marcas. – Foi do meu pai. Já trabalhou muito. No tempo dele e no meu.

A aprendiz nem ao menos assentiu. Tinha modos duros, mas Thorn também, por isso tentou não se ressentir muito.

– Seu mestre está aí? – perguntou.

– Não.

Thorn esperou algo mais, em vão.

– Quando ele vai voltar?

A garota apenas bufou, tirou o metal dos carvões, examinou-o e enfiou-o de volta, sibilando numa chuva de fagulhas.

Thorn decidiu recomeçar:

– Estou procurando o espadeiro da Rua Seis.

– Cá estou – disse a garota, ainda franzindo a testa para o trabalho.

– Você?

– Sou eu que faço espadas na Rua Seis, não sou?

– Pensei que você fosse mais... velha.

– Parece que pensar não é o seu ponto forte.

Thorn passou um momento se perguntando se deveria ficar chateada, mas decidiu deixar pra lá. Estava tentando fazer isso com mais frequência.

– Você não é a primeira que diz isso. Só que não é comum uma garota fazer espadas.

Então a garota levantou a cabeça. Olhos ferozes, cintilando à luz da forja através do cabelo grudado no rosto bem delineado. Havia algo tremendamente familiar nela, mas Thorn não conseguia descobrir o quê.

– Quase tão incomum quanto uma garota usá-las.

– Bom argumento – concordou Thorn, estendendo a mão. – Eu sou...

A ferreira tirou a lâmina meio trabalhada de dentro da forja, o metal reluzente passando tão perto que Thorn precisou recolher a mão.

– Sei quem você é, Thorn Bathu.

– Ah. Claro.

Thorn supôs que a fama estivesse correndo à sua frente. Só agora começava

a ver que isso nem sempre era bom.

A garota pegou uma marreta e Thorn observou-a golpear a lâmina, viu-a tocar a música da bigorna, como dizem os ferreiros, e foi uma tremenda lição. Golpes curtos, rápidos, sem esforço desperdiçado, autoridade total, controle total, cada um tão perfeito quanto uma estocada da espada de um mestre, a poeira reluzente se espalhando do metal. Thorn sabia muito mais sobre o uso de espadas do que sobre a arte de fazê-las, mas até um idiota veria que aquela jovem conhecia o serviço.

– Dizem que você faz as melhores espadas de Thorlby – tentou Thorn mais uma vez.

– Faço as melhores espadas do *Mar Despedaçado* – retrucou a garota, erguendo o aço de modo que o brilho atingiu seu rosto brilhante de suor.

– Meu pai sempre me disse para nunca ficar orgulhosa.

– Não é uma questão de orgulho. É só um fato.

– Você faria uma para mim?

– Não. Acho que não.

Os melhores em seu ofício às vezes deixam de lado as amenidades, mas aquilo estava ficando estranho.

– Eu tenho dinheiro.

– Não quero o seu dinheiro.

– Por quê?

– Porque não gosto de você.

Em geral, Thorn não era lenta em reagir a um insulto, porém aquele foi tão

inesperado que ela estava desprevenida.

– Bom... acho que há outras espadas para encontrar.

– Sem dúvida.

– Então vou encontrar uma.

– Espero que encontre uma bem comprida. – A ferreira se inclinou para soprar cinza do metal com os lábios franzidos. – Então você vai poder enfiá-la no rabo.

Thorn pegou sua velha espada, pensou seriamente em dar uma pancada na cabeça da garota com a parte chata. Por fim, decidiu não fazer nada disso e se virou para a porta. Antes que ela alcançasse a maçaneta, a garota falou de novo:

– Por que você tratou meu irmão daquele jeito?

Ela era louca. Só podia ser.

– Quem é a porcaria do seu irmão?

A garota franziu a testa.

– Brand.

O nome sacudiu Thorn como um chute na cabeça.

– Não, o Brand que foi comigo no...

– Que outro Brand? – Ela cutucou o próprio peito com o polegar. – Eu sou Rin.

Agora Thorn viu a semelhança, o que a abalou mais ainda.

– Eu não sabia que Brand tinha uma irmã... – alegou ela, com um guincho culpado.

Rin deu um riso de escárnio.

– Por que saberia? Só passou um ano no mesmo barco que ele.

– Ele nunca me contou!

– Você perguntou?

– Claro! Mais ou menos. – Thorn engoliu em seco. – Não.

– Um ano longe. – Rin enfiou a lâmina com raiva de novo nos carvões. – E, no momento em que me viu, sabe sobre o que ele começou a falar?

– É...

Ela começou a golpear o fole como Thorn costumava golpear a cabeça de Brand no quadrado de treino.

– Thorn Bathu correu em cima dos remos no meio de uma ruína élfica. Thorn Bathu salvou a vida dele na parede de escudos. Thorn Bathu fez uma aliança que consertou o mundo. Quando eu estava a ponto de morder o rosto dele se ouvisse seu nome mais uma vez, o que você acha que ele me contou em seguida?

– É...

– Thorn Bathu mal falou uma palavra com ele durante todo o caminho de volta e o descartou como se fosse um furúnculo. Vou lhe dizer uma coisa, Thorn Bathu me parece uma bela megera, depois de tudo que ele fez. Então, não, não sinto muita vontade de fazer uma espada para...

– Espere aí – interrompeu Thorn rispidamente. – Você não tem a menor ideia do que aconteceu entre mim e seu irmão.

Rin soltou o fole e a encarou, irritada.

– Esclareça-me.

– Bom...

A última coisa de que Thorn precisava era arrancar aquela casca de ferida outra vez, justo quando havia uma chance de deixá-la sarar. Não admitiria que cometera um erro idiota e se queimara, e que se obrigara a não olhar para Brand, falar com Brand nem ter nada a ver com Brand em cada momento de cada dia.

– Você entendeu tudo ao contrário, só isso!

– É estranho como as pessoas sempre têm a ideia errada a seu respeito. Com que frequência isso precisa acontecer antes que você comece a pensar que talvez elas tenham razão?

Rin tirou o ferro da forja e colocou-o de novo na bigorna.

– Você não me conhece – rosnou Thorn, apertando o fole com alguma raiva também. – Não sabe o que passei.

– Sem dúvida todos tivemos nossas lutas – disse Rin, levantando a marreta. – Mas alguns de nós podemos chorar por elas numa casa grande pela qual nosso papai pagou.

Thorn indicou a bela ferraria nova atrás da bela casa perto da cidadela.

– Ah, vejo que você e Brand mal estão conseguindo se sustentar!

Rin se imobilizou, os músculos inchando nos ombros. Ela a encarou com raiva. Com tanta raiva que Thorn deu um passo atrás, fitando cautelosamente aquela marreta que pairava.

Então Rin jogou-a no chão, tirou as luvas e atirou-as na mesa.

– Venha comigo.

– MINHA MÃE morreu quando eu era pequena.

Rin a levara para fora da muralha. Contra o vento, onde o fedor do lixo de Thorlby não incomodava o bom povo da cidade.

– Brand se lembra um pouco dela. Eu, não.

Alguns montes de lixo tinham sido cobertos havia anos e se transformado em colinas cobertas de capim. Alguns estavam abertos, fétidos, deixando escapar ossos, conchas, trapos e bosta de homens e animais.

– Segundo Brand, ela dizia para ele fazer o bem.

Um cachorro sarnento lançou um olhar cheio de suspeitas para Thorn, como se a considerasse uma concorrente, e voltou a farejar a podridão.

– Meu pai morreu lutando contra Grom-gil-Gorm – murmurou Thorn, tentando igualar azar com azar.

Para ser honesta, sentia-se meio enjoada. Pela aparência daquele lugar, pelo fedor, e pelo fato de mal saber que ele existia, porque os escravos da mãe sempre levavam o lixo que elas produziam para longe.

– Eles o colocaram no Salão dos Deuses – acrescentou.

– E você ganhou a espada dele.

– Menos o botão – grunhiu Thorn, tentando não respirar pelo nariz. – Gorm ficou com ele.

– Você tem sorte por ter alguma coisa do seu pai. – Rin não parecia incomodada com o fedor. – Nós não recebemos grande coisa do nosso. Ele gostava de uma bebida. Aliás, de *uma*, não: de todas. Foi embora quando Brand tinha 9 anos. Saiu um dia de manhã e talvez nós tenhamos ficado melhor sem

ele.

– Quem ficou com vocês? – perguntou Thorn em voz baixa, tendo a sensação de que perderia feio na competição da má sorte.

– Ninguém. – Rin deixou a informação se assentar por um instante. – Na época, havia um bom número de crianças como nós morando aqui.

– Aqui?

– A gente revirava o lixo. Às vezes encontrava alguma coisa para comer. Às vezes encontrava alguma coisa para vender. Nos invernos... – Rin se contraiu e estremeceu. – Os invernos eram difíceis.

Thorn só pôde ficar parada, piscando, sentindo frio, ainda que o verão estivesse chegando. Sempre achara que havia passado por dificuldades. Agora ficava sabendo que, enquanto tinha ataques de fúria em casa porque a mãe não a chamava pelo nome que preferia, crianças remexiam o esterco em busca de ossos para mastigar.

– Por que está me contando isso?

– Porque Brand não disse e você não perguntou. A gente mendigava. Eu roubava. – Rin deu um sorrisinho amargo. – Mas Brand dizia que precisava fazer o bem. Por isso trabalhava. Trabalhava no cais e nas forjas. Trabalhava em qualquer lugar onde lhe dessem serviço. Trabalhava feito um burro de carga e mais de uma vez foi espancado como se fosse um. Eu ficava doente e ele cuidava de mim, eu ficava doente de novo e ele cuidava de mim de novo. Vivia sonhando em ser guerreiro, ter um lugar numa tripulação, uma família sempre em volta. Por isso foi para o quadrado de treino. Precisou implorar e pegar

equipamento emprestado, mas foi. Ia trabalhar antes do treino e ia trabalhar depois e, mesmo depois disso, se alguém precisasse de ajuda, ele estava lá para ajudar. Sempre dizia que, se você fizesse o bem, as pessoas iam fazer o bem para você. Ele era um garoto bom. E virou um homem bom.

– Eu sei – grunhiu Thorn, sentindo toda a dor de volta, mais forte do que nunca, devido à culpa que crescia com ela agora. – Ele é o melhor homem que já conheci. Isso não é novidade para mim, maldição.

Rin a encarou.

– Então como pôde tratá-lo desse jeito? Se não fosse por ele, eu teria atravessado a Última Porta, você também, e esse é o agradecimento...

Thorn podia ter errado com relação a algumas coisas, podia não ter sabido algumas outras e olhado tanto para o umbigo que ficara cega para o que se encontrava bem debaixo do seu nariz, mas havia um limite para o que aceitaria.

– Espere aí, irmã secreta do Brand. Sem dúvida você abriu meus olhos mais do que nunca, mostrando que sou uma sacana egoísta. Mas eu e ele éramos companheiros de remo. Numa tripulação você fica com o homem que está ao lado. É, ele estava sempre ali para me ajudar, mas eu estava ali para ele e...

– Não estou falando disso! De antes. Quando você matou aquele garoto, Edwal.

– O quê? – Thorn sentiu-se mais enjoada ainda. – Eu me lembro muito bem daquele dia e tudo que o Brand fez foi ficar lá parado.

Rin a encarou, boquiaberta.

– Vocês ao menos conversaram durante todo esse ano?

– Não sobre Edwal, com certeza!

– Claro que não falaram. – Rin fechou os olhos e sorriu como se entendesse tudo. – Ele nunca iria receber o agradecimento que merece, o imbecil teimoso. Ele não contou a você.

Thorn não entendeu nada.

– Contou o quê, porcaria?

– Ele procurou pai Yarvi. – Rin segurou Thorn pelo ombro, gentil mas firme, e deixou as palavras saírem. – Ele contou o que aconteceu na praia. Mesmo sabendo o que isso iria lhe custar. Mestre Hunnan descobriu. Ele perdeu o lugar no ataque feito pelo rei, o posto de guerreiro, tudo que havia esperado na vida.

Thorn fez um som estranho. Um estalo sufocado na garganta. O som que uma galinha faz ao ter o pescoço torcido.

– Brand procurou pai Yarvi – disse ela, rouca.

– Foi.

– Brand salvou a minha vida. E perdeu o posto por causa disso.

– Foi.

– E eu zombei dele por causa disso, e o tratei como um idiota por todo o caminho pelo Divino e o Renegado, ida e volta.

– Foi.

– Por que ele não *disse* simplesmente, maldição...

E foi então que Thorn viu algo brilhando dentro da gola da túnica de Rin. Estendeu a mão, passou o dedo trêmulo por aquilo e puxou-o para a luz.

Contas. Contas de vidro, azuis e verdes.

O colar que Brand havia comprado naquele dia na Primeira Cidade. O colar que Thorn tinha pensado que fosse para ela, depois para alguma namorada em Thorlby. Agora via que era para a irmã que ela nunca se incomodara em perguntar se ele tinha.

Thorn fez aquele som esganiçado de novo, porém mais alto.

Rin a encarou como se ela fosse louca.

– O quê?

– Sou uma merda idiota.

– Hein?

– Onde ele está?

– Brand? Na minha casa. Na nossa casa...

– Desculpe. – Thorn já estava recuando. – Mais tarde falo com você sobre a espada!

Ela se virou e começou a correr para o portão.

ELE ESTAVA MELHOR do que nunca. Ou talvez ela simplesmente o visse de outro modo, sabendo o que sabia.

– Thorn. – Brand pareceu surpreso ao vê-la e ela não podia culpá-lo. Então ele pareceu preocupado. – O que foi?

Ela devia estar com aparência pior do que a usual e desejou não ter corrido por todo o caminho ou pelo menos esperado até recuperar o fôlego e enxugar o suor da testa. Mas estivera evitando aquilo por tempo demais. Era hora de encarar, suada ou não.

– Falei com sua irmã.

Ele pareceu mais preocupado.

– Sobre o quê?

– Sobre o fato de você ter uma irmã, para começo de conversa.

– Isso não é segredo.

– Podia não ser.

Brand pareceu mais preocupado ainda.

– O que ela contou?

– Que você salvou a minha vida. Quando matei Edwal.

Ele se retraiu.

– Eu disse para ela não contar nada!

– Bom, não deu certo.

– Acho que é melhor você entrar. Se quiser.

Brand saiu do caminho e Thorn o acompanhou, entrando num corredor sombreado, o coração batendo mais forte do que nunca.

– Não precisa agradecer – acrescentou ele.

– Preciso, sim.

– Eu não estava tentando fazer nada de nobre, só... algo bom. Não tinha certeza, demorei demais e fiz uma tremenda confusão...

Ela deu um passo na direção dele.

– Você procurou pai Yarvi?

– Procurei.

– Pai Yarvi salvou a minha vida?

– Salvou.

– Você perdeu o seu posto por causa disso?

Ele remexeu a boca como se procurasse um modo de negar, mas não conseguiu.

– Eu ia contar a você, mas...

– Não sou uma pessoa muito fácil de se lidar.

– E eu não sou muito bom em falar. – Ele empurrou o cabelo para trás e coçou a cabeça, como se ela doesse. – Não queria que você se sentisse em dívida comigo. Não seria justo.

Thorn pestanejou.

– Então... você não apenas arriscou tudo por minha causa, mas manteve segredo de modo que eu não me sentisse mal.

– É um modo de dizer... talvez.

Brand a encarou por baixo das sobrancelhas, os olhos reluzindo nas sombras. Aquela expressão, como se não houvesse nada que ele preferisse olhar. E, por mais que tentasse arrancar aquelas esperanças, elas brotaram num tumulto, e o desejo veio mais forte do que nunca.

Thorn deu mais um passo pequeno na direção dele.

– Sinto muito.

– Não precisa.

– Mas eu quero me desculpar. Pelo modo como tratei você. No caminho de volta. No caminho de ida também. Desculpe, Brand. Nunca lamentei mais algo na vida. Na verdade nunca lamentei nada. Preciso trabalhar nisso. Só... tive a

ideia errada com relação a... uma coisa.

Ele ficou parado, em silêncio. Esperando. Olhando. Sem dar nenhuma porcaria de ajuda.

Apenas diga. Como podia ser tão difícil? Ela havia matado homens. Era só dizer.

– Eu parei de falar com você... porque... – Pôr as palavras para fora era como tirar bigornas de dentro de um poço. – Eu... gosto... – Era como se ela cambaleasse num lago congelado, sem saber se o próximo passo poderia fazê-la mergulhar na morte fria. – Eu sempre... gostei... – Ela não conseguiu acrescentar "de você". Não conseguiria enunciar "de você" nem se fosse uma questão de vida ou morte. Fechou os olhos com força. – O que estou tentando dizer é... Epa!

Abriu os olhos bruscamente. Ele havia tocado seu rosto, a ponta dos dedos roçando a cicatriz.

– Você pôs a mão em mim.

Era a coisa mais idiota que ela já falara, e ainda por cima com uma espécie de ferocidade. Os dois podiam ver que ele estava com a mão encostada em Thorn. Ela não parecia ter parado ali por acaso.

Brand recolheu a mão bruscamente.

– Eu pensei...

– Não! – Ela segurou seu pulso e guiou a mão de volta. – Quero dizer... sim.

As pontas dos dedos dele estavam quentes contra seu rosto, os dela deslizando pelas costas da mão dele, comprimindo-a ali, e a sensação... Pelos deuses.

– Isso está acontecendo, não é?

Ele chegou um pouco mais perto, o pomo de adão subindo e descendo enquanto engolia em seco.

– Acho que sim.

Brand estava olhando para sua boca. Parecendo que havia algo realmente interessante ali e ela não tinha certeza se já sentira tanto medo.

– O que vamos fazer? – Ela descobriu que falara com a voz esganiçada, cada vez mais aguda. – Quero dizer, eu sei o que *fazemos*... acho.

Deuses, isso era mentira, ela não tinha a mínima ideia. Desejou que Skifr tivesse lhe ensinado um pouco menos sobre espadas e um pouco mais sobre as artes do amor ou sabe-se lá o quê.

– Quer dizer, o que nós fazemos *agora* que sabemos que, você sabe...

Ele passou o polegar gentilmente sobre os lábios dela.

– Cale a boca, Thorn.

– Certo – sussurrou ela, percebendo que estava com a mão levantada entre os dois, como se fosse empurrá-lo.

Thorn costumava empurrar as pessoas, ele em particular, e forçou a mão a pousar de forma suave no peito dele. Esperou que Brand não sentisse que ela tremia.

Ele chegou mais perto e Thorn foi subitamente tomada por uma ânsia de correr para aquilo, depois por uma ânsia de rir. Emitiu um gorgolejo idiota ao conter o riso, e então os lábios dele tocaram os seus. Com delicadeza, apenas roçando, para um lado, depois para o outro. Ela se deu conta de que estava com

os olhos abertos e fechou-os com força. Não conseguia pensar no que fazer com as mãos. Ficou rígida por um momento, como se fosse feita de madeira, mas as coisas começaram a se suavizar.

A lateral do nariz de Brand cutucou o dela, fazendo cócegas.

Thorn prendeu o lábio dele entre os seus, puxou-o, subiu com aquela mão por seu peito e passou-a em volta do pescoço. Puxou-o mais para perto, os dentes se chocaram desajeitadamente e os dois se separaram.

Não era um grande beijo, na verdade. Nem um pouco como havia imaginado, mas deixou seu corpo quente. Talvez fosse só por causa da corrida, porém ela já correra um bocado na vida e nunca tinha sentido isso.

Abriu os olhos e ele a estava olhando. Aquela expressão por entre os fios de cabelo sobre o rosto. Não era o primeiro beijo que ela dera, mas os outros tinham parecido brincadeira de criança. Aquele era tão diferente quanto uma batalha em comparação com o quadrado de treino.

– Ah – fez ela. – Isso... não foi muito ruim.

Soltou a mão dele e segurou um punhado da camisa, começou a puxá-lo de volta, captou o sorriso no canto da boca de Brand e sorriu também...

Houve um chacoalhar do lado de fora da porta.

– Rin – murmurou Brand.

Como se fosse o sinal de largada de uma disputa, os dois começaram a correr. Dispararam pelo corredor como ladrões apanhados com a boca na botija, embolando-se numa escada, rindo feito idiotas enquanto entravam num quarto e Brand fechava a porta atabalhoadamente, encostando-se nela como se houvesse

uma dúzia de vansterlandeses furiosos do lado de fora.

Os dois se encolheram nas sombras, com a respiração acelerada.

– Por que nós corremos? – sussurrou ele.

– Não sei.

– Você acha que ela pode nos ouvir?

– E se puder? – perguntou Thorn.

– Não sei.

– Então este é o seu quarto, é?

Ele se empertigou, sorrindo feito um rei que tivesse conquistado uma vitória.

– Eu tenho um quarto.

– Um tremendo cidadão distinto – disse ela, girando, observando o lugar.

Não levou muito tempo para examinar tudo. Havia uma cama de estrado num canto, com o velho cobertor gasto de Brand por cima, o baú aberto em outro e a espada que tinha sido de Odda encostada na parede. Fora isso, apenas tábuas nuas, paredes nuas e um monte de sombras.

– Já se perguntou se você não andou exagerando com a mobília?

– Ainda não está pronto.

– Nem está começado – replicou ela, terminando o círculo virada para ele.

– Se não era com isso que você estava acostumada no palácio da imperatriz, não vou retê-la.

Ela bufou.

– Eu vivi embaixo de um barco com quarenta homens. Acho que posso suportar isto durante um tempo.

O olhar dele estava fixado nela enquanto Thorn se aproximava. Aquela expressão. Um pouquinho ávida, um pouquinho apavorada.

– Vai ficar, então?

– Não tenho nada urgente para fazer.

E estavam se beijando de novo, dessa vez com mais intensidade. Ela não se preocupava mais com a irmã de Brand, nem com sua mãe, nem com nada. Não tinha nada na mente além da boca dos dois. Pelo menos a princípio. Mas logo outras partes começaram a chamar a atenção. Ela imaginou o que estaria cutucando seu quadril, baixou a mão até lá para verificar. Ao perceber o que era, precisou se afastar, de tanto que se sentia idiota, apavorada, quente, excitada, nem sabia direito o que sentia.

– Desculpe – murmurou ele, curvando-se, e levantando uma perna como se quisesse esconder o volume, parecendo ridículo demais enquanto ela soltava uma gargalhada.

Brand pareceu magoado.

– Não tem graça.

– Tem um pouco.

Thorn segurou o braço de Brand e puxou-o para perto, depois enganchou a perna em volta da dele. Brand ofegou quando ela o fez tropeçar, derrubando-o de costas com força, ficando por cima, montada. Era um território familiar, de certa forma, mas agora tudo era diferente.

Comprimiu o quadril contra o de Brand, balançando-se para trás e para a frente, a princípio de forma suave, depois não tanto. Estava com a mão embolada

no cabelo dele, puxando-lhe o rosto, a barba pinicando seu queixo, as bocas abertas comprimidas juntas, de modo que sua cabeça parecia cheia da respiração ofegante de Brand, quente em seus lábios.

Agora se esfregava nele, gostando um bocado da sensação, depois ficou apavorada por gostar, então decidiu simplesmente deixar pra lá e se preocupar mais tarde. Grunhia a cada respiração e uma pequena parte dela pensava que estava parecendo bem idiota, porém uma muito maior não se importava. Uma das mãos dele deslizou por suas costas, por baixo da camisa, a outra subindo pelas costelas, uma a uma, fazendo-a estremecer. Thorn se afastou, ofegante, encarando-o, apoiada em um cotovelo.

– Desculpe – sussurrou ele.

– Pelo quê?

Thorn abriu a camisa com um movimento único e tentou tirá-la, mas a manga ficou presa na pulseira élfica. Por fim, ela a soltou e jogou longe.

Sentiu-se idiota por um momento, sabia que não era nem um pouco como uma mulher deveria ser, sabia que era pálida, dura e toda feita de cartilagens. Mas ele não pareceu nem um pouco decepcionado: deslizou as mãos pelas laterais de seu corpo e pelas costas, puxou-a para baixo, beijando-a, mordiscando seus lábios. A bolsinha com os dedos do pai caiu no olho dele e Thorn empurrou-a para trás do ombro com um tapa. Começou a abrir a camisa dele, desajeitada com os botões como se tivessem o tamanho de cabeças de alfinetes, subindo com a mão pela barriga de Brand, através dos pelos do peito, a pulseira reluzindo em ouro suave refletido no canto dos olhos dele.

Brand segurou sua mão.

– Nós não precisamos... você sabe...

Sem dúvida não precisavam, sem dúvida existiam cem razões contrárias... Nesse momento, ela não conseguiu pensar em nenhuma para a qual desse a mínima importância.

– Cale a boca, Brand.

Soltou a mão e começou a abrir o cinto dele. Não sabia o que estava fazendo, mas conhecia alguns tremendos idiotas que já tinham feito aquilo.

Não podia ser tão difícil assim.

Mais ou menos sozinho

TINHAM DORMIDO ABRAÇADOS, mas não por muito tempo. Brand nunca conhecera alguém que se sacudisse tanto durante a noite. Ela se retorceu e teve espasmos, estremeceu, chutou e rolou até acordá-lo e empurrá-lo para fora da própria cama.

Ele acabou sentado em seu baú, a tampa polida até um lustro confortável por centenas de quilômetros de seu traseiro remando. Ficou olhando-a.

Ela havia parado quieta de rosto para baixo, com os braços abertos, uma tira de luz do sol da janela estreita incidindo em ângulo sobre as costas, uma das mãos pendendo da cama e a pulseira élfica lançando um brilho fraco no chão. Uma perna comprida saindo de baixo do cobertor, uma cicatriz franzida na coxa, o cabelo cheio de argolas de prata e ouro embolado sobre o rosto, de modo que ele só podia ver metade de um olho fechado e um pedacinho de rosto com aquela marca em forma de flecha.

A princípio, Brand ficou sentado com um sorriso idiota na cara, ouvindo-a roncar. Pensando em como ela havia roncado em seu ouvido durante toda a viagem pelo Divino e pelo Renegado. Pensando em como gostava de escutar aquilo. Praticamente incapaz de acreditar na sorte por ela estar ali, agora, nua, em sua cama.

Então começou a se preocupar.

O que as pessoas pensariam ao descobrir que eles haviam feito aquilo? O que

Rin iria dizer? O que a mãe de Thorn diria? E se viesse uma criança? Ouvira dizer que isso não era muito provável, mas acontecia, não era? Cedo ou tarde Thorn iria acordar. E se ela não o quisesse mais? Como poderia querê-lo mais? E, espreitando no fundo da mente, a preocupação mais sombria de todas: e se ela acordasse e ainda o quisesse?

– Deuses – murmurou, piscando para o teto, mas eles haviam respondido às suas orações, não? Ele não podia rezar pedindo ajuda para tirá-la dali.

Com uma roncada particularmente forte, Thorn se sacudiu, espreguiçou-se, cerrando os punhos com força, esticando os dedos dos pés, todos os músculos estremecendo. Expeliu ranho por uma narina, enxugou-a com as costas da mão, esfregou os olhos com as costas da outra e afastou o cabelo embolado do rosto. Imobilizou-se de repente e sua cabeça girou, com os olhos arregalados.

– Bom dia – cumprimentou ele.

Thorn o encarou.

– Então não foi sonho?

– Acho que não. – Talvez um pesadelo.

Os dois se encararam por um longo momento.

– Quer que eu vá embora? – perguntou ela.

– Não! – respondeu ele, alto e ansioso demais. – Não. Você quer ir?

– Não.

Ela se sentou devagar, puxando o cobertor em volta dos ombros, os joelhos encalombados virados para ele, e deu um bocejo enorme.

– Por quê? – pegou-se dizendo Brand.

Thorn parou na metade do movimento, com a boca aberta, e ele acrescentou:

– Parece que a noite passada não correu muito bem, não foi?

Ela se encolheu como se ele tivesse lhe dado um tapa.

– O que eu fiz de errado?

– Você? Não! Você não... É de mim que estou falando. – Ele não tinha certeza do que dizia, mas ainda assim sua boca continuou enunciando palavras. – Rin contou a você, não contou?

– O quê?

– Que meu próprio pai não me queria. Que minha própria mãe não me quis.

Ela franziu a testa.

– Achei que sua mãe tivesse morrido.

– É a mesma porcaria, não é?

– Não. Não é.

Ele não estava escutando.

– Eu cresci revirando o lixo. Precisava mendigar para dar comida à minha irmã. Carreguei ossos como um escravo.

Ele não pretendia dizer nada daquilo. Jamais. Porém, as palavras simplesmente saíam.

Thorn fechou a boca com um estalo.

– Eu sou uma imbecil, Brand. Mas que tipo de imbecil eu seria se o considerasse menos por causa disso? Você é um homem bom. Um homem de confiança. Todo mundo que o conhece acha isso. Koll adora você. Rulf respeita você. Até pai Yarvi gosta de você, e ele não gosta de ninguém.

Brand pestanejou.

– Eu nunca falo nada.

– Mas ouve quando as pessoas falam! E é bonito e bem-feito, como Safrit nunca se cansava de me dizer.

– É?

– Ela e mãe Scaer passaram uma tarde inteira falando da sua bunda.

– Hein?

– Você poderia ter qualquer mulher que desejasse. Especialmente agora que não mora num lixão. O mistério é por que me quis.

– Hein?

Ele nunca havia sonhado que ela teria dúvidas. Sempre parecia segura de tudo.

Mas Thorn apertou o cobertor em volta dos ombros e fitou os pés descalços, a boca retorcida de nojo.

– Eu sou uma egoísta.

– Você é... ambiciosa. Gosto disso.

– Sou amarga.

– É engraçada. Gosto disso também.

Ela esfregou suavemente o rosto marcado por cicatrizes.

– Sou feia.

Então a raiva ardeu dentro dele, tão quente que o pegou de surpresa.

– Quem disse essa porcaria? Primeiro, quem disse está errado. Segundo, vou arrancar os dentes dessa pessoa.

– Eu mesma posso arrancar. Esse é o problema. Eu não sou... você sabe. – Ela tirou uma das mãos de baixo do cobertor e coçou a lateral raspada da cabeça. – Não sou como uma garota deveria ser. Ou uma mulher. Nunca fui. Não sou boa em...

– O quê?

– Sorrir ou, não sei... costurar.

– Não preciso que costurem nada.

Brand se levantou do baú e se ajoelhou diante dela. Suas preocupações haviam sumido. As coisas tinham dado errado antes e ele não deixaria que fossem arruinadas de novo. Não por falta de tentativa.

– Eu quis você desde a Primeira Cidade. Desde antes, talvez. – Brand estendeu a mão e colocou-a sobre a dela, em cima da cama. Desajeitado, talvez, mas sincero. – Só nunca pensei que teria você. – Ele a encarou, procurando as palavras certas. – Olhar você e pensar que também me quer me faz sentir... como se tivesse ganhado.

– Ganhado uma coisa que ninguém mais iria querer – murmurou ela.

– O que me importa o que os outros querem? – questionou ele, a raiva ardendo outra vez e fazendo-a erguer os olhos. – Se eles são idiotas e não veem que você é a melhor mulher do Mar Despedaçado, isso é sorte minha, não é?

Ele ficou em silêncio e sentiu-se corar; teve certeza de que havia arruinado tudo outra vez.

– Essa deve ter sido a melhor coisa que alguém já me disse. – Ela estendeu a mão e afastou o cabelo do rosto dele. Seu toque era suave como pluma. Brand

não havia percebido que ela podia ser tão suave. – Ninguém nunca me diz nada gentil, mas ainda assim...

O cobertor escorregou de seu ombro nu e ele pousou a mão ali, deslizando-a pelo lado do corpo e pelas costas, pele beijando pele, quente, lisa, os olhos dela se fechando, e os dele...

Uma pancada ecoou na casa. Alguém batendo na porta da frente, batidas que não deveriam ser ignoradas. Brand ouviu o trinco abrindo, vozes murmurando.

– Deuses – falou Thorn, com os olhos arregalados. – Pode ser minha mãe.

Eles não tinham se movido tão depressa nem quando o Povo dos Cavalos veio atacando pela estepe. Pegaram as roupas e as jogaram um para o outro, vestindo-as atabalhoadamente, ele abotoando tudo errado porque a observava passar a calça de costas pela bunda com o canto do olho.

– Brand? – disse a voz de Rin.

Os dois se imobilizaram, ele com uma bota calçada, ela sem nenhuma. Brand gritou, esganiçado:

– Hein?

– Você está bem? – Rin estava subindo a escada.

– Estou!

– Está sozinho? – Agora do lado de fora da porta.

– Claro! – Ao perceber que ela poderia entrar, acrescentou, culpado: – Mais ou menos.

– Você é o pior mentiroso de Gettland. Thorn Bathu está aí com você?

Brand se encolheu.

– Mais ou menos.

– Ela está aí ou não está? Você está aí, Thorn Bathu?

– Mais ou menos? – disse Thorn para a porta, com uma vozinha.

Uma pausa longa.

– Era mestre Hunnan.

O nome foi como um balde de água fria descendo pela calça de Brand.

– Ele disse que chegou um pombo com notícias de um ataque em Halleby e, como todos os homens foram lutar no Norte, está reunindo os que restam. Alguns que estão treinando, alguns feridos, alguns que não passaram no teste. Todos vão se encontrar na praia.

– Ele me quer? – gritou Brand com um tremor na voz.

– Ele disse que Gettland precisa de você. E que, para qualquer homem que cumprir com o próprio dever, haverá um posto de guerreiro.

Um posto de guerreiro. Sempre ter irmãos junto ao ombro. Sempre ter pelo que lutar. Manter-se na luz. Num instante, as cinzas de sonhos antigos que pareciam apagadas durante meses chamejaram quentes e luminosas outra vez. Com a mesma velocidade ele decidiu.

– Já vou descer! – berrou, o coração batendo forte subitamente. Ouviu os passos da irmã se afastarem.

– Você vai com aquele desgraçado? – questionou Thorn. – Depois do que ele fez com você? Do que ele fez comigo?

Brand tirou o cobertor da cama.

– Não é por ele. É por Gettland.

Ela bufou.

– É por você.

– Certo, é por mim. Eu não mereço?

O maxilar dela se remexeu por um tempo.

– Notei que ele não perguntou por mim.

– Você o teria seguido? – perguntou Brand, colocando seus poucos pertences no cobertor e fazendo uma trouxa.

– Claro que sim. Depois teria arrebentado a cara dele a chutes.

– Talvez por isso ele não tenha perguntado por você.

– Hunnan não perguntaria por mim nem se eu estivesse segurando um balde d'água e ele estivesse pegando fogo. Nenhum deles perguntaria. Guerreiros de Gettland. Isso é que é piada! E não das engraçadas, veja bem. – Ela parou enquanto calçava uma bota e franziu a testa. – Você não está tão ansioso assim para ir só para se afastar de mim, não é? Porque se estiver em dúvida é só me dizer. Acho que já tivemos segredos suficientes...

– Não é isso – respondeu ele, ainda que se perguntasse se esse não era um componente. – Só quero um pouco de espaço para respirar. Um pouco de tempo para pensar.

– Às vezes eu gostaria de ter ficado na Primeira Cidade.

– Aí você nunca teria ido para a cama comigo.

– Quando eu morresse rica e cheia de histórias cantadas, esse poderia ser o único arrependimento da minha vida.

– Apenas me dê uma semana – pediu ele, prendendo a espada de Odda na

cintura. – Não estou em dúvida sobre nada, mas preciso fazer isso. Talvez nunca tenha outra chance.

Ela repuxou o lábio e soltou um longo sibilo.

– Uma semana. Depois eu vou atrás do próximo homem que seja capaz de levantar um navio.

– Feito.

Brand a beijou mais uma vez. Os lábios dela estavam com saliva seca, a boca azeda, mas ele não se importou. Pendurou o escudo no ombro e levantou a pequena trouxa feita com o cobertor, respirou fundo e foi para o abraço de ferro da Mãe Guerra.

Porém, algo o fez parar no corredor e ele deu uma última olhada para trás. Como se quisesse se certificar de que ela estava mesmo ali. E ela estava, sorrindo para ele. Os sorrisos de Thorn eram raros, mas o tornavam preciosa. Preciosa como ouro. Brand se sentia bastante satisfeito consigo mesmo por ser a causa deles.

O Escudo Escolhido

A CIDADELA DE Thorlby não havia sido um território feliz para Thorn. Na última vez em que estivera lá fora considerada uma assassina, levada acorrentada até uma cela. Na ocasião anterior, tinha ido ver o pai no Salão dos Deuses, pálido e frio sob a cúpula, a mãe soluçando ao lado. Ela fitara os rostos duros dos Deuses Altos e soubera que suas orações tinham sido desperdiçadas. Agora, precisou repirmir a raiva que sentira na época, que queimava desde então, apertando a bolsinha com os ossos dos dedos do pai, franzindo a testa para a grande porta dupla do salão.

Garotos treinavam no pátio sob o antigo cedro. Treinando no quadrado, como Thorn fazia, o mestre de armas rosnando ordens enquanto eles formavam rapidamente uma precária parede de escudos. Agora pareciam tão jovens! Tão lentos e desajeitados. Guiada por Koll, mal podia acreditar que já fora um deles.

– Você é Thorn Bathu?

Um velho estava sentado no canto do quadrado, envolto numa pele preta e grossa apesar do calor, uma espada nua aninhada nos braços. Parecia tão desgastado, encolhido e pálido, mesmo com o aro dourado na fronte, que Thorn demorou um instante para reconhecê-lo.

Abaixou-se sobre um dos joelhos ao lado de Koll, fitando a grama.

– Sou, sim, meu rei.

Uthil pigarreou.

– Ouvi dizer que, mesmo desarmada, você matou sete homens e forjou uma aliança com a Imperatriz do Sul. Não acreditei. – Ele estreitou os olhos úmidos e olhou-a de cima a baixo. – Agora começo a acreditar.

Thorn engoliu em seco.

– Foram apenas cinco homens, meu rei.

– Apenas cinco, ela diz!

Ele soltou um riso gutural para os velhos guerreiros em volta. Uns dois apenas abriram pequenos sorrisos. O rosto dos outros ficava mais azedo a cada palavra. Thorn achou que nenhum feito seria suficiente para elevá-la na avaliação deles; era objeto de desprezo como antes.

– Gosto de você, garota! – exclamou o rei. – Deveríamos treinar juntos.

Então poderia treinar com ele, desde que não se presumisse capaz de lutar por ele. Thorn baixou os olhos para que sua raiva não transparecesse e ela acabasse visitando as masmorras da cidadela pela segunda vez.

– Seria uma grande honra – conseguiu dizer.

Uthil teve um ataque de tosse e apertou a capa em volta dos ombros.

– Assim que as poções do meu ministro tiverem operado sua magia e eu me curar dessa doença. Juro que aquelas poções com gosto de esterco só me deixam mais fraco.

– Pai Yarvi é um curandeiro inteligente, meu rei. Eu teria morrido, se não fosse pela sabedoria dele.

– É – murmurou Uthil, olhando ao longe. – Espero que a sabedoria dele

funcione logo para mim. Preciso ir para o Norte e dar uma lição naqueles vansterlandeses. O Quebrador de Espadas tem perguntas para nós. – Sua voz havia definhado até um chiado áspero. – Qual deve ser a nossa resposta?

– Aço! – sibilou Thorn, e os outros guerreiros em volta do rei murmuraram a palavra em uníssono.

A mão pálida de Uthil tremeu enquanto ele apertava a espada, e Thorn achou que não treinaria com o rei tão cedo.

– Aço – sussurrou ele, e se aconchegou lentamente na capa de pele, os olhos úmidos fixos nos garotos no quadrado, como se tivesse esquecido que Thorn estava ali.

– Pai Yarvi está esperando – murmurou Koll.

Ele a conduziu pelo gramado, entrando num corredor cheio de sombras e subindo uma escada comprida, o som das botas ecoando no escuro, os gritos dos garotos que treinavam sumindo atrás.

– Brand está bem?

– Como diabos eu iria saber? – perguntou Thorn rispidamente, e se sentiu culpada no mesmo instante. – Desculpe. Espero que esteja.

– Você e ele estão... – Koll espiou-a de lado. – Você sabe.

– Não sei o que ele e eu estamos – rebateu ela, com mais uma onda mesclada de irritação e culpa. – Desculpe.

– Você está entediada.

– Estou à toa – resmungou – enquanto grandes feitos são realizados.

Seu humor estava péssimo havia dias e o desprezo dos guerreiros de Uthil

não contribuíra em nada. Thorn não tinha o que fazer além de se preocupar. Preocupar-se pensando que Brand não iria querê-la quando voltasse, ou vice-versa, ou que ele não voltaria. Eram mais dúvidas e frustrações do que antes de ir para a cama com ele, e não podia fazer nada com relação a nada.

– Malditos homens – murmurou. – A gente ficaria melhor sem eles.

– O que eu fiz? – perguntou Koll.

– Você não conta. – Ela riu e desgrenhou o cabelo dele. – Ainda.

Uma porta pesada guinchou, abrindo-se para uma caverna de maravilhas. Uma sala redonda, mal iluminada com lampiões tremeluzentes, cheirando a especiarias e poeira, repleta de estantes atulhadas de livros, jarros de folhas secas e pó colorido, crânios de animais e gravetos quebrados, maços de ervas e pedras brilhando com cristais.

Safrit surgiu e chamou Thorn para subir alguns degraus até outra passagem em arco.

– Não se preocupe.

– Hein?

– Vai ficar tudo bem, não importando o que você decidir.

Thorn a encarou.

– Agora estou preocupada.

Pai Yarvi estava sentado numa banqueta perto do buraco do fogo no cômodo do outro lado, o cajado de metal élfico ao lado dele reluzindo com as chamas.

Safrit se ajoelhou tão baixo na soleira que quase bateu com a cabeça no chão, mas Thorn bufou, avançando com passo presunçoso.

– Está fazendo pessoas boas se ajoelharem à sua frente, pai Yarvi? Achei que você houvesse desistido de ser rei...

O resto da sala ficou visível e Thorn viu a rainha Laithlin sentada do outro lado do fogo. O manto dela estava para trás, um ombro pálido despido, e ela segurava uma trouxa de pele junto ao peito. Era o príncipe Druin, percebeu Thorn, herdeiro do Trono Negro.

– Pelos deuses.

Thorn estava sendo emboscada por gente da realeza a cada esquina. Abaixou-se sobre um dos joelhos, derrubou um jarro de uma prateleira com o cotovelo, deslocou outro quando estendeu a mão bruscamente para pegá-lo e acabou amparando os vasos com o peito, desajeitada.

– Desculpe, minha rainha. Nunca fui muito boa em ficar de joelhos.

Percebeu que dissera o mesmo na última vez em que tinham se encontrado, no cais de Thorlby antes da partida do *Vento Sul*, e sentiu o rosto arder tanto quanto naquela ocasião.

Contudo, Laithlin não pareceu notar.

– As melhores pessoas não são. – Ela indicou outra banqueta perto do buraco do fogo. – Sente-se.

Thorn sentou-se, porém não se sentiu mais confortável. A rainha e o ministro inclinaram a cabeça para trás e a espiaram com os olhos cinzentos semicerrados. A semelhança entre os dois era espantosa. Ainda eram mãe e filho, não importando os juramentos que ele tivesse feito, de desistir de toda a família que não fosse o Ministério. Os dois a encaravam num silêncio calmo. Uma avaliação

dupla que fez Thorn sentir-se do tamanho de uma cabeça de alfinete. O tempo todo o bebê príncipe mamava, mamava, mamava; uma mão minúscula saiu do meio da pele e puxou um fio de cabelo louro.

– Na última vez em que nos encontramos – começou Laithlin –, eu lhe disse que os tolos alardeiam o que vão fazer, enquanto os heróis fazem. Parece que você levou minhas palavras a sério.

Thorn tentou reprimir o nervosismo. Thorlby podia ter parecido menor depois de tudo que ela vira, os guerreiros famosos, débeis depois de tudo que ela fizera, mas a Rainha Dourada continuava inspirando reverência como sempre.

– Tentei, minha rainha.

– Pai Yarvi falou que você se tornou letal. Que você matou seis homens do Povo dos Cavalos em batalha no Renegado. Que sete homens atacaram a Imperatriz do Sul e você lutou contra eles sozinha, desarmada, e venceu.

– Eu tive ajuda. A melhor professora que existe e um homem bom ao lado... quero dizer, homens. Homens bons ao meu lado.

Laithlin deu um minúsculo sorriso.

– Então você aprendeu a humildade.

– Graças a pai Yarvi, aprendi muitas coisas, minha rainha.

– Fale sobre a Imperatriz do Sul.

– Bom... – Nesse momento, Thorn só conseguia pensar em como ela era diferente da rainha Laithlin. – Ela é jovem, pequena e inteligente...

– E generosa.

A rainha fitou a pulseira élfica, relampejando em rosa enquanto Thorn

ruborizava.

– Tentei não aceitar, minha rainha, mas...

– A pulseira se destinava a romper uma aliança. Ajudou a forjar uma nova. Eu não poderia esperar um retorno melhor para meu investimento. Você desejaria ter permanecido na Primeira Cidade?

Thorn pestanejou.

– Eu...

– Sei que a imperatriz pediu para você ficar ao lado dela, protegê-la dos inimigos, ajudá-la a determinar o rumo de uma grande nação. Poucos receberiam uma oferta assim.

Thorn engoliu em seco.

– Gettland é o meu lar.

– Sim. E aqui você fica à toa em Thorlby enquanto avó Wexen fecha o Mar Despedaçado aos nossos navios e os vansterlandeses atravessam a fronteira em bandos. Uma guerreira com histórias cantadas, sentada sobre as mãos fortes enquanto meninos verdes e velhos capengas são chamados para lutar. Meu marido, o rei, deve parecer um tremendo idiota para você. Como alguém vai ceifar a plantação com uma colher e deixa a foice nova e boa enferrujando na prateleira? – A rainha olhou para o bebê. – O mundo muda. Deve mudar. Mas Uthil é um homem de ferro, e o ferro não se dobra facilmente aos novos costumes.

– Ele não parece mais o mesmo – murmurou Thorn.

Ministro e rainha trocaram um olhar cujo significado ela não conseguiu

decifrar.

– Ele não está bem – disse Yarvi.

– E deve aplacar os sentimentos de homens mais velhos e mais rígidos ainda – observou Laithlin.

Thorn umedeceu os lábios.

– Eu já fiz muitas coisas idiotas para acusar alguém de idiotice, quanto mais um rei.

– Mas você gostaria de lutar?

Thorn levantou o queixo e sustentou o olhar da rainha.

– É para isso que fui feita.

– Ser ignorada deve ferir seu orgulho de guerreira.

– Meu pai dizia para jamais ficar orgulhosa.

– Bom conselho.

O príncipe havia adormecido. Laithlin afastou-o do seio e o entregou a Safrit, fechando o manto.

– Soube que seu pai foi Escudo Escolhido durante um tempo – continuou a rainha.

– Da mãe do rei Uthil – murmurou Yarvi.

– O que foi feito dele? – perguntou Laithlin enquanto Safrit balançava o príncipe no colo, arrulhando gentilmente.

Thorn sentiu a bolsinha pesar no peito, remexendo-se desconfortável.

– Foi morto num duelo contra Grom-gil-Gorm.

– O Quebrador de Espadas. Um guerreiro temível. Inimigo terrível de

Gettland. E agora nós o enfrentamos de novo. Eu já tive um Escudo Escolhido também.

– Hurik – lembrou Thorn. – Eu o vi lutar no quadrado de treino. Era um grande guerreiro.

– Ele me traiu – retrucou a rainha, o olhar frio voltado para Thorn. – Precisei matá-lo.

Ela engoliu em seco.

– Ah...

– Nunca encontrei alguém digno de ocupar o lugar dele. – Houve um silêncio demorado e pleno de sentido. – Até agora.

Os olhos de Thorn se arregalaram. Ela olhou para Yarvi e novamente para a rainha.

– Eu?

Yarvi levantou a mão aleijada.

– Eu é que não sou.

De repente o coração da garota estava martelando.

– Mas... eu não passei no teste de guerreira. Não fiz juramento de guerreiro...

– Você passou por testes muito mais sérios – interrompeu a rainha – e o único juramento que um Escudo Escolhido deve fazer é a mim.

Thorn deslizou do banco e se ajoelhou aos pés de Laithlin, dessa vez sem derrubar nada.

– Diga as palavras, minha rainha.

– Você é corajosa. – Laithlin se inclinou, encostando as pontas dos dedos

gentilmente no rosto marcado de Thorn. – Mas não deve ter pressa.

– Deve ter cuidado com os juramentos que faz – completou pai Yarvi.

– Esse serviço é tanto um fardo quanto uma honra. Talvez você precise lutar por mim. Talvez precise morrer por mim.

– A Morte espera por todos nós, minha rainha. – Thorn não precisava pensar. Aquilo parecia mais certo do que qualquer coisa que já havia feito. – Sonho com isso desde que pude segurar uma espada. Estou pronta. Diga as palavras.

– Pai Yarvi? – Koll entrou correndo, vermelho de empolgação e quase sem fôlego.

– Agora não, Koll...

– Um corvo chegou!

Ele estendeu um pedacinho de papel com marcas minúsculas rabiscadas.

– Finalmente mãe Scaer respondeu.

Yarvi abriu o papel sobre os joelhos, o olhar saltando sobre os sinais. Thorn olhou com espanto. Capturar palavras em linhas num pedaço de nada parecia magia para ela, tanto quanto Skifr havia realizado na estepe.

– O que diz? – perguntou Laithlin.

– Grom-gil-Gorm aceita o desafio do rei Uthil. Seus ataques vão cessar até o solstício de verão. Então os guerreiros de Vansterland e de Gettland vão se encontrar em batalha no Dente de Amon.

Yarvi virou o papel e estreitou os olhos.

– O que mais?

– O Quebrador de Espadas faz um desafio próprio. Pergunta se o rei Uthil

aceita se encontrar com ele no quadrado, homem contra homem.

– Um duelo – disse Laithlin.

– Um duelo.

– O rei não está em condições de lutar. – Laithlin olhou para o filho. Para o ministro. – Ele não pode estar em condições de lutar.

– Com o favor do Pai Paz, a situação nunca chegará a esse ponto.

– Seus círculos se movem, pai Yarvi.

Ele amassou o papel e jogou-o no fogo.

– Eles se movem.

– Então devemos estar prontos para cavalgar em direção ao norte em menos de uma semana.

Laithlin se levantou, alta e séria, sábia e linda. Ajoelhada aos seus pés, Thorn achou que jamais poderia haver uma mulher mais digna de ser seguida.

– Ensine as palavras a ela – ordenou a rainha.

Halleby

TINHA CHOVIDO E o fogo se extinguira. Tudo estava mais ou menos acabado. Restavam alguns pilares e postes de pé, queimados. Algumas chaminés tortas. O resto da aldeia de Halleby eram cinzas enlameadas e lascas de madeira. Algumas pessoas remexendo em busca de qualquer coisa que valesse a pena ser salva e não encontrando quase nada. Outras reunidas em volta de um pouco de terra recém-remexida, de cabeça baixa.

– Um lugar lamentável, mesmo nos melhores tempos – murmurou Brand.

– E estes não são – disse Rauk.

Um velho estava ajoelhado nos destroços de uma casa, todo sujo de fuligem, com o cabelo ralo soprado pelo vento, falando repetidamente aos céus, rouco: “Eles levaram meus filhos. Eles levaram meus filhos. Eles levaram meus filhos...”

– Pobre coitado.

Com as costas de uma das mãos, Rauk enxugou o nariz que escorria e se retraiu de novo ao erguer o escudo. Estivera se encolhendo de dor desde que tinham saído de Thorlby.

– Seu braço está doendo? – perguntou Brand.

– Levei uma flechada há algumas semanas. Estou bem.

Ele não parecia bem. Parecia magro e exaurido, e seus olhos aquosos não

tinham nem um pouco do desafio de antes. Brand jamais havia pensado que sentiria falta daquela expressão. Mas sentia.

– Quer que eu carregue seu escudo um pouco?

Um lampejo daquele orgulho antigo, e então Raulk pareceu se afrouxar.

– Obrigado. – Ele deixou o escudo cair, gemendo com os dentes trincados enquanto girava o braço. – Não parece um ferimento grande, mas, pelos deuses, dói.

– Sem dúvida já está curando – falou Brand, pendurando o escudo extra às costas.

Não deviam precisar do escudo naquele dia. Felizmente os vansterlandeses haviam partido muito antes, porque Hunnan reunira apenas uns maltrapilhos dignos de pena. Uns vinte garotos com apetrechos que não serviam para nada, praticamente da idade de Koll e muito menos úteis, espiando os restos queimados com olhos arregalados e cheios de medo. Um punhado de barbas grisalhas, um deles sem um único dente, outro sem nenhum fio de cabelo, um terceiro com uma espada salpicada de ferrugem do punho à ponta rombuda. E havia os feridos: Rauk e um sujeito que tinha perdido um olho e cujas bandagens ficavam vazando líquido, outro com uma perna ruim que os retardara por todo o caminho. E Sordaf, que não tinha nada de errado, pelo que Brand podia ver, fora o fato de continuar idiota como sempre.

Brand estufou as bochechas e soltou um suspiro exausto. Deixara Thorn para trás. Nua. Em sua cama. Em troca daquilo. Os deuses sabiam que ele já tomara decisões medonhas, mas aquela certamente era a pior delas. Dane-se essa

história de manter-se na luz, ele deveria ter ficado deitado no calor.

Rauk estava massageando o ombro com a mão pálida.

– Espero que se cure logo. Não posso ficar na parede de escudos com um braço ruim. Você já ficou na parede? – Antes poderia haver uma farpa na pergunta, mas agora existia apenas um pavor oco.

– Já, no Renegado. – Antes Brand se orgulhava, mas agora só conseguia pensar na sua adaga se cravando em carne, e ele sentiu pavor também. – Nós lutamos contra o Povo dos Cavalos. Não sei por quê, na verdade, mas... lutamos. E você?

– Já. Uma escaramuça contra uns vansterlandeses, há uns meses. – Rauk soltou outra longa fungada, os dois mastigando lembranças cujo gosto não era muito agradável. – Matou alguém?

– Matei. – Brand pensou no rosto do homem, ainda tão nítido. – E você?

– Matei – respondeu Rauk, fechando a cara para o chão.

– Thorn matou seis. – disse Brand, alto demais e alegre demais, porém desesperado para falar sobre qualquer coisa que não fosse sua participação naquilo. – Você deveria ter visto Thorn lutar! Ela salvou minha vida.

– Algumas pessoas levam jeito. – Os olhos aquosos de Rauk ainda estavam voltados para a lama. – Para mim, parece que a maioria das pessoas simplesmente passa por isso do melhor modo possível.

Brand franziu a testa para os restos queimados do que havia sido uma aldeia. Do que havia sido a vida de algumas pessoas.

– Ser guerreiro... não é só irmandade e tapinhas nas costas, não é?

– Não é como nas canções.

– Não. – Brand ajeitou os dois escudos mais alto no ombro. – Não é mesmo.

– Eles levaram meus filhos. Eles levaram meus filhos. Eles levaram meus filhos...

Mestre Hunnan estivera conversando com uma mulher que fugira da aldeia quando os vansterlandeses chegaram. Agora ele voltou com o polegar da mão da espada enfiado no cinto, o cabelo grisalho agitado pelo vento e uma carranca maior do que a usual.

– Eles chegaram ao pôr do sol, dois dias atrás. Ela acha que eram uns vinte, mas não tem certeza e eu acho que eram menos. Tinham cachorros. Mataram dois homens, pegaram dez como escravos e deixaram uns cinco que estavam doentes ou eram velhos demais para serem queimados com as casas.

– Deuses – sussurrou um garoto, que fez um sinal sagrado no peito.

Hunnan estreitou os olhos.

– A guerra é isso, garoto. O que você estava esperando?

– Então eles foram embora há dois dias. – Brand olhou os velhos e aquele garoto novo com a perna ruim. – E não somos o grupo mais rápido que já se viu. Nunca vamos alcançá-los.

– Não. – A boca de Hunnan se remexeu enquanto ele fitava o norte com uma expressão dura. Na direção de Vansterland. – Mas não podemos deixar isso assim. Há uma aldeia de vansterlandeses que não fica longe daqui. Do outro lado do rio.

– Rissentoft – disse Sordaf.

– Você a conhece?

Ele deu de ombros.

– É um bom mercado de ovelhas. Eu levava cordeiros para lá com o meu tio na primavera. Conheço um vau que fica perto.

– Ele não vai estar vigiado? – perguntou Brand.

– Nós não estávamos vigiando.

– Então vamos. – Hunnan começou a puxar a espada da bainha, depois a empurrou de volta. – Atravessamos esse vau e vamos para Rissentoft. Mexam essas bundas magricelas!

O mestre de armas baixou a cabeça e começou a andar.

Brand foi rapidamente atrás dele, falando baixo, não querendo começar uma discussão na frente dos outros, porque já estavam com dúvidas suficientes:

– Mestre Hunnan, espere. Se era errado quando fizeram isso conosco, por que é certo fazermos o mesmo com eles?

– Se não podemos ferir os pastores, precisamos ferir o rebanho.

– Não foram ovelhas que fizeram isso, senhor, nem pastores. Foram guerreiros.

– A guerra é assim – retrucou Hunnan, torcendo a boca. – Não tem nada a ver com o que é certo. O rei Uthil disse que o aço é a resposta, portanto terá que ser o aço.

Brand gesticulou na direção dos sobreviventes sofridos que remexiam nos restos de suas casas.

– Não deveríamos ficar e ajudá-los? De que adianta queimar outra aldeia só

porque fica do outro lado de um rio...

Hunnan se virou para ele.

– Pode ajudar a próxima aldeia, ou a outra que fica depois dela! Somos guerreiros, não amas de leite! Você tem uma segunda chance, garoto, mas começo a achar que eu estava certo, afinal de contas, e que você tem mais Pai Paz do que Mãe Guerra. – Observando o trabalho da Mãe Guerra atrás deles, Brand se perguntou se isso seria algo tão ruim. – E se fosse a sua família que tivesse morrido ali, hein? Se fosse a sua casa que estivesse queimada? Se a sua irmã tivesse sido escravizada pelos vansterlandeses? Você não iria querer vingança?

Brand olhou por cima do ombro, na direção dos outros garotos que os acompanhavam num pequeno grupo disperso. Então suspirou e levantou os dois escudos.

– É, acho que iria.

Mas não conseguia ver como algum bem resultaria daquilo.

Fogo

– ACHO QUE PRECISO de uma espada nova.

Thorn jogou a de seu pai na mesa ruidosamente.

Mais uma vez Rin raspou com a pedra de polir a espada em que estava trabalhando e franziu a testa.

– Isso parece familiar.

– Muito. Mas eu esperava que sua resposta talvez não fosse.

– E por que seria? Porque você foi para a cama com meu irmão?

– Porque vai haver uma batalha e a rainha Laithlin quer que seu Escudo Escolhido esteja bem armado.

Rin pousou a pedra e se aproximou, batendo as mãos para tirar o pó.

– Escudo Escolhido da rainha? Você?

Thorn levantou o queixo e a encarou.

– Eu.

Ficaram se olhando pelo que pareceu um bom tempo, então Rin pegou a espada de Thorn, examinou-a, esfregou o botão barato com o polegar, pousou-a e plantou as mãos no quadril.

– Se a rainha Laithlin diz, acho que é.

– Eu também – concordou Thorn.

– Vamos precisar de um pouco de osso.

– Para quê?

– Para misturar com o ferro e fazer aço. – Rin meneou a cabeça para a lâmina brilhante presa à bancada, com pó de aço cinza espalhado embaixo. – Usei ossos de um falcão para essa. Mas já usei de lobo. De urso. Se fizermos direito, prendemos o espírito do animal na lâmina. Portanto, escolha algo forte. Algo letal. Que tenha algum significado para você.

Thorn refletiu por um momento, então a ideia lhe veio e ela deu um sorriso. Tirando a bolsinha pendurada no pescoço, despejou os pequenos pedaços amarelados na mesa. Carregara-os por tempo suficiente. Era hora de lhes dar um uso melhor.

– Que tal os ossos de um herói?

Rin arqueou as sobrancelhas.

– Melhor ainda.

PARARAM NUMA CLAREIRA com cinzas espalhadas ao lado do rio, um círculo de pedras no centro, enegrecido como se tivesse suportado um incêndio infernal.

Rin tirou a grande sacola de ferramentas do ombro.

– Chegamos.

– Precisávamos vir tão longe?

Thorn largou os sacos de carvão, alongando as costas e enxugando o rosto suado com o antebraço.

– Não quero que meus segredos sejam roubados. Por falar nisso, se você contar a alguém o que acontece aqui, precisarei matá-la. – Rin jogou uma pá

para Thorn. – Agora entre no rio e cave um pouco de argila.

Thorn franziu a testa, sugando a falha entre os dentes.

– Estou começando a achar que Skifr foi uma professora mais tranquila.

– Quem é Skifr?

– Não importa.

Entrou no riacho até a cintura, a água tão fria que a fez ofegar apesar do calor do verão, e começou a tirar argila do fundo e jogá-la na margem, em pazadas cinzentas.

Rin estava com um jarro, no qual colocou alguns pedaços de minério de ferro, a cinza dos ossos do pai de Thorn, um pouquinho de areia e duas contas de vidro, depois começou a passar argila em volta da tampa, lacrando-a.

– Para que é o vidro? – perguntou Thorn.

– Para tirar a sujeira do ferro – murmurou Rin sem erguer os olhos. – Quanto mais quente deixarmos a fornalha, mais puro será o aço e mais forte será a lâmina.

– Como aprendeu tudo isso?

– Fui aprendiz de uma ferreira chamada Gaden. Observei outros. Falei com alguns mercadores de espadas vindos de além do Divino. – Rin bateu na lateral da cabeça e deixou uma mancha de argila. – O resto deduzi sozinha.

– Você é uma garota inteligente, não é?

– Quando se trata de aço, sou. – Rin pousou o jarro com cuidado no meio daquele círculo de pedras. – De volta ao rio, então.

Assim, Thorn entrou de novo tremendo no riacho enquanto Rin construía a

fornalha. Ela amontoou carvão dentro e pedras fora, uniu-as com argila até erguer algo semelhante a uma casinha com cúpula, até a altura do peito, e uma abertura embaixo.

– Ajude-me a lacrá-la. – Rin pegou argila e Thorn fez o mesmo, espalhando uma camada grossa do lado externo. – Como é ser um Escudo Escolhido?

– Sonhei com isso a vida toda – respondeu Thorn, estufando o peito. – E não consigo pensar em ninguém a quem eu preferiria servir além da rainha Laithlin.

Rin assentiu.

– Não é à toa que a chamam de Rainha Dourada.

– É uma grande honra.

– Sem dúvida. Mas como é?

Thorn afrouxou os ombros.

– Até agora, uma chatice. Desde que fiz o juramento, passei a maior parte do tempo parada na casa de contabilidade da rainha, fechando a cara para os mercadores que lhe pedem favores. Até parecem que falam em língua estrangeira, porque não entendo nada.

– Está se perguntando se cometeu um erro? – perguntou Rin, pegando outro bocado de barro cinza.

– Não – reagiu Thorn rispidamente, mas, após um momento espalhando argila nas frestas, acrescentou: – Talvez. Não seria o meu primeiro.

– Você não é tão durona quanto finge ser, não é?

Thorn deu um longo suspiro.

– E quem é?

RIN SOPROU DE leve em sua pá, com os carvões chiando reluzentes, depois se deitou de bruços e os enfiou na boca da fornalha, estufando as bochechas enquanto soprava com força repetidamente. Por fim, agachou-se, observando o fogo tomar conta do carvão, as chamas saltando alaranjadas dentro da abertura.

– O que está acontecendo entre você e Brand?

Thorn sabia que a pergunta viria, mas isso não a tornava mais confortável.

– Não sei.

– Não é uma questão tão complicada assim, é?

– É de se pensar que não seria.

– Bom, você está farta dele?

– Não – respondeu Thorn, surpresa com a própria firmeza.

– Ele disse que está farto de você?

– Nós dois sabemos que Brand não é muito bom em se expressar. Mas não me surpreenderia. Não sou exatamente aquilo com que os homens sonham, não é?

Rin franziu a testa para ela por um momento.

– Acho que homens diferentes sonham com coisas diferentes. Assim como mulheres diferentes.

– Mas ele fugiu bem rápido, não é?

– Ele queria ser guerreiro havia muito tempo. Essa foi a oportunidade.

– É. – Thorn respirou fundo. – Achei que a situação ficaria mais simples quando... você sabe.

– Mas não ficou?

Thorn coçou a cabeça raspada, sentindo a cicatriz por baixo dos pelos curtos.

– Não, não ficou. Não sei o que estamos fazendo, Rin. Gostaria de saber, mas não sei. Nunca fui boa em nada, a não ser em lutar.

– Nunca se sabe. Talvez você também descubra um talento para trabalhar com os foles.

Rin baixou-o ao lado da boca da fornalha.

– Quando você tem um fardo – murmurou Thorn, ajoelhando-se –, é melhor carregá-lo do que chorar.

Em seguida, trincou os dentes e fez o fole chiar até que os ombros doíam, o peito queimava e a túnica estava encharcada de suor.

– Mais força – instruiu Rin. – Mais quente.

Começou a entoar orações, em voz baixa e grave, para Aquele Que Gera a Chama e Aquela Que Golpeia a Bigorna, e também para a Mãe Guerra, a Mãe dos Corvos, que reúne os mortos e transforma a mão aberta em punho.

Thorn trabalhou até aquela abertura parecer um portal do inferno na escuridão que se adensava, como uma bocarra de dragão no crepúsculo. Continuou trabalhando até não ter mais certeza se já havia trabalhado tanto, mesmo tendo ajudado a carregar um navio para um lado e para outro nos árduos arrastos.

Rin bufou.

– Saia da frente, matadora, vou mostrar como se faz.

E ela começou, tão calma, forte e firme no fole quanto seu irmão no remo. Os carvões reluziam mais quentes ainda enquanto as estrelas surgiam no alto, e

Thorn também murmurou uma oração, uma prece para o pai, e levou a mão à bolsinha no pescoço, mas os ossos dele tinham ido para o aço, e isso parecia certo.

Entrou chapinhando no rio e bebeu água, encharcada até os ossos. Voltou para assumir outro turno, imaginando que o fole era a cabeça de Grom-gil-Gorm, apertando e apertando até estar seca devido ao calor da fornalha, depois empapada de suor outra vez. As duas trabalharam juntas, lado a lado, o calor parecendo uma grande mão comprimindo o rosto de Thorn, chamas azuis e vermelhas saltando da abertura, a fumaça brotando das laterais de barro cozido da fornalha, fagulhas subindo para a noite onde o Pai Lua se acomodava grande, gordo e branco acima das árvores.

Justo quando parecia que o peito de Thorn iria explodir e seus braços se soltariam dos ombros, Rin disse:

– Chega.

As duas recuaram, cobertas de fuligem e ofegantes.

– E agora?

– Agora esperamos esfriar. – Rin tirou uma garrafa alta de sua mochila e a abriu. – E ficamos um pouco bêbadas.

Ela tomou um longo gole, o pescoço sujo de fuligem se mexendo enquanto engolia, depois entregou a garrafa a Thorn, enxugando a boca.

– Você conhece o caminho para o coração de uma mulher.

Thorn fechou os olhos e sentiu cheiro de cerveja boa. Bebeu-a e estalou os lábios secos. Rin estava colocando a pá na névoa tremeluzente em cima da

fornalha e jogou toucinho sibilando no metal.

– Você tem todo tipo de habilidade, não é?

– Já fiz alguns serviços na vida. – Rin quebrou alguns ovos em cima da pá, que começaram a borbulhar imediatamente. – Vai haver uma batalha, então?

– É o que parece. No Dente de Amon.

Rin salpicou sal.

– Brand lutaria nela?

– Acho que nós dois lutaríamos. Mas pai Yarvi tem outras ideias. Em geral ele tem.

– Ouvi dizer que ele é um homem muito inteligente.

– Sem dúvida, mas não compartilha o que sabe.

– As pessoas muito inteligentes não costumam compartilhar – disse Rin, virando o toucinho com uma faca.

– Gorm propôs um desafio ao rei Uthil para resolver a situação.

– Um duelo? Nunca houve um espadachim melhor do que Uthil, houve?

– Não quando ele estava no auge. Mas ele está muito longe disso.

– Ouvi um boato de que está doente.

Rin tirou a pá da fornalha e se agachou, colocando-a entre as duas. O cheiro de carne e ovos fez Thorn ficar com água na boca.

– Eu o vi no Salão dos Deuses ontem – comentou Thorn. – Tentando parecer feito de aço. Apesar do conhecimento de ervas de pai Yarvi, juro que ele mal conseguia ficar de pé.

– Isso não parece nada bom, com uma batalha pela frente.

Rin pegou uma colher e a ofereceu a Thorn.

– É. Não parece nada bom.

As duas começaram a devorar a comida e, depois de todo aquele trabalho, Thorn não sabia se já havia provado coisa melhor.

– Pelos deuses – disse com a boca cheia. – Uma mulher que consegue fazer ovos ótimos, espadas ótimas *e* ainda por cima traz cerveja? Se não der certo com o Brand, eu me caso com você.

Rin bufou.

– Se os rapazes demonstrarem tanto interesse quanto vêm demonstrando, talvez eu considere essa uma boa oferta.

As duas riram juntas, comeram e ficaram meio bêbadas, com a fornalha ainda quente no rosto.

* * *

– VOCÊ RONCA, sabia?

Thorn acordou de supetão, esfregando os olhos, enquanto a Mãe Sol começava a aparecer no céu frio.

– Já comentaram.

– É hora de abrir isso, acho. Vejamos o que temos.

Rin começou a demolir a fornalha com uma marreta e Thorn foi tirando os carvões que ainda soltavam fumaça, a mão sobre o rosto enquanto uma brisa forte lançava cinzas e brasas em redemoinhos. Rin enfiou uma pinça e tirou o

jarro do meio, amarelo incandescente. Colocou-o numa pedra chata, quebrou-o, espalhando poeira branca, e tirou algo, como uma noz de dentro de uma casca.

O aço fundido com os ossos de seu pai, reluzindo num vermelho carrancudo, do tamanho de um punho.

– Está bom? – perguntou Thorn.

Rin bateu nele, virou-o e começou a sorrir lentamente.

– É. Está bom.

Rissentoft

NAS CANÇÕES, OS gettlandeses de Angulf Pé-Fendido caíram sobre os vansterlandeses como falcões vindo de um céu vespertino.

Os desajustados de mestre Hunnan caíram sobre Rissentoft como um rebanho de ovelhas descendo uma escadaria íngreme.

O garoto manco mal conseguia andar quando alcançaram o rio, logo o deixaram, dolorido e lamentoso, na margem sul. O resto se encharcou no vau e um menino teve o escudo carregado pela correnteza. Depois, perderam-se na névoa e, só quando estava quase escuro, todos exaustos, retinindo e resmungando, chegaram cambaleantes à aldeia.

Hunnan deu um cascudo em um garoto para silenciá-lo, então os separou com gestos, mandou-os correndo em grupos de cinco pelas ruas ou pelo chão de terra endurecida entre as choupanas.

– Fique perto! – sussurrou Brand para Rauk, que ficava para trás, com o escudo pendurado, parecendo mais pálido e cansado do que nunca.

– O lugar está vazio – resmungou o velho banguela, e parecia estar certo.

Brand se esgueirou ao longo de uma parede e espiou por uma porta aberta. Nem ao menos um cachorro se movia em lugar nenhum. O lugar estava abandonado; sentia-se apenas o fedor de pobreza, o que lhe era familiar.

– Eles devem ter escutado nossa aproximação – murmurou.

O velho levantou a sobrancelha.

– Você acha?

– Ali está um! – alguém berrou apavorado, e Brand partiu correndo, virou a esquina de uma choupana de barro, com o escudo erguido.

Havia um velho junto à porta de uma casa, de braços erguidos. Não era uma casa grande, nem bonita. Era só uma casa. O homem tinha uma corcunda e o cabelo grisalho trançado ao lado do rosto, típico dos vansterlandeses. Três dos garotos de Hunnan estavam num semicírculo em volta dele, apontando as lanças.

– Não estou armado – disse ele, levantando as mãos ainda mais. Elas tremiam um pouco e Brand não podia culpá-lo. – Não quero lutar.

– Alguns de nós não querem – replicou Hunnan, passando entre os garotos com a espada na mão. – Mas às vezes a luta nos encontra de qualquer modo.

– Não tenho nada que vocês queiram. – O velho olhou, nervoso, enquanto eles se reuniam em volta. – Por favor. Só não quero que minha casa seja queimada. Eu a construí junto com minha mulher.

– Onde está ela? – perguntou Hunnan.

O velho engoliu em seco, o pescoço coberto de pelos grisalhos se mexendo.

– Morreu no inverno passado.

– E os moradores de Halleby? Acha que eles queriam ter as casas queimadas?

– Eu conhecia gente de lá. – O homem umedeceu os lábios. – Não tive nada a ver com aquilo.

– Não está surpreso ao ouvir falar a respeito, certo?

Hunnan o atingiu com a espada. Ela abriu um talho enorme no braço do homem, que gritou, cambaleou, segurou o portal da casa enquanto caía.

– Ah – fez um garoto.

Hunnan se aproximou e golpeou o velho na nuca com um som que parecia um pedaço de lenha se partindo. Ele rolou, estremecendo, a língua projetada rígida. Depois ficou imóvel, o sangue se espalhando na soleira, empoçando nas fundas runas dos deuses que guardavam sua casa.

Os mesmos deuses que guardavam as casas em Thorlby. Pelo jeito não estavam olhando naquele momento.

Brand ficou olhando, enregelado. Tudo acontecera tão depressa que ele não teve tempo de impedir. Não teve tempo sequer de pensar se queria impedir. Simplesmente aconteceu, e todos permaneceram parados, observando. Estava feito e não havia como voltar atrás.

– Espalhem-se – ordenou Hunnan. – Revistem as casas, depois queimem. Queimem todas.

O velho careca do grupo balançou a cabeça e Brand ficou nauseado, mas obedeceram.

– Vou ficar aqui – avisou Rauk, jogando o escudo no chão e sentando-se em cima.

Brand abriu a porta mais próxima com o ombro e se imobilizou. Era um cômodo baixo, bem parecido com o que ele e Rin tinham compartilhado, e havia uma mulher de pé junto ao buraco do fogo. Apoiava-se com uma das mãos na parede, encarando-o, ofegante. Morta de medo.

– Você está bem? – gritou Sordaf do lado de fora.

– Estou – respondeu Brand.

– Pelos diabos! – O garoto gordo sorriu ao enfiar a cabeça pelo portal baixo. – Não está vazia, hein? – Ele desenrolou um pedaço de corda, cortou um pedaço com sua faca e a entregou. – Acho que ela vai render um preço decente, seu sacana sortudo.

– É – disse Brand.

Sordaf saiu balançando a cabeça.

– A guerra não passa de uma porcaria de sorte, juro...

A mulher não falou nada, nem ele. Brand amarrou a corda em volta do pescoço dela, não muito apertada, não muito frouxa, e a vansterlandesa nem ao menos estremeceu. Enrolou a outra ponta em seu pulso, o tempo todo entorpecido, estranho. Era isso que os guerreiros faziam nas canções, não era? Pegavam escravos? Para Brand, aquilo não parecia fazer o bem. Nem de longe. Mas, se ele não a pegasse, um dos outros a pegaria. Era o que os guerreiros faziam.

Do lado de fora já estavam incendiando as casas. A mulher soltou uma espécie de gemido ao ver o velho morto. Soltou outro quando a palha de sua choupana pegou fogo. Brand não sabia o que dizer a ela nem a mais ninguém. Estava acostumado a ficar em silêncio, portanto não falou nada. Um dos garotos chorava enquanto incendiava as casas, mas ainda assim continuava. Logo o ar estava denso com o cheiro de queimado, a madeira estalando à medida que o fogo se espalhava, a palha em chamas flutuando alto na escuridão.

– Qual é o sentido de tudo isto? – murmurou Brand.

Rauk apenas esfregou o ombro.

– Uma escrava – respondeu Sordaf enojado. – E algumas salsichas. Não foi um grande espólio.

– Não viemos atrás de espólio – retrucou mestre Hunnan. – Viemos fazer o bem.

Brand ficou parado, segurando uma corda que prendia o pescoço de uma mulher, observando uma aldeia queimar.

COMERAM PÃO DORMIDO em silêncio, estendidos no chão frio. Ainda estavam em Vansterland e não podiam se dar ao luxo de acender fogueira, cada homem sozinho com seus pensamentos, todos soturnos e estranhos uns para os outros.

Brand aguardou os primeiros vislumbres do alvorecer, fendas cinzentas nas nuvens negras. Não tinha dormido, de qualquer modo. Ficara pensando naquele velho. E no garoto que chorava ateando fogo na palha. Ouvia a respiração da mulher que agora era sua escrava, sua propriedade, porque ele havia posto uma corda em volta de seu pescoço e queimado sua casa.

– Levante-se – sussurrou Brand, e ela ficou de pé lentamente.

Ele não podia ver seu rosto, mas seus ombros estavam curvados, como se nada mais importasse na vida.

Sordaf se encontrava de vigia agora, soprando nas mãos gordas, esfregando-as e soprando e novo.

– Vamos sair um pouco – avisou Brand, meneando a cabeça na direção das

árvores próximas dali.

Sordaf deu um sorriso torto.

– Não posso dizer que culpo você. A noite está fria.

Brand virou as costas para ele e começou a andar. Puxou a corda e sentiu a mulher arrastando os pés atrás. Seguiram sob as árvores, pelo mato baixo, sem dizer nenhuma palavra, os gravetos estalando sob as botas de Brand, até que o acampamento ficou bem para trás. Uma coruja piou em algum lugar e ele fez a mulher se abaixar no mato, esperando, mas não havia ninguém por perto.

Não soube quanto tempo levou para chegar ao outro lado da floresta, mas a Mãe Sol era uma mancha cinza no leste quando saíram das árvores. Pegou a adaga que Rin tinha feito e cortou cuidadosamente a corda em volta do pescoço da mulher.

– Vá – ordenou.

Ela simplesmente ficou olhando. Ele apontou o caminho.

– Vá.

A mulher deu um passo e olhou para trás, depois outro, como se esperasse algum truque. Ele ficou parado.

– Obrigada – sussurrou ela.

Brand se encolheu.

– Não mereço nenhum agradecimento. Apenas vá.

Ela partiu depressa. Brand observou-a correr na direção de onde tinham vindo, pelo capim molhado, descendo a encosta suave. Enquanto a Mãe Sol se arrastava mais para cima, ele pôde ver Rissentoft a distância, uma mancha preta

no terreno, ainda soltando fumaça.

Antes da guerra, devia parecer um bocado com Halleby.

Agora parecia de novo.

Lagos congelados

A COMITIVA DO rei parou sob a chuva fraca acima do acampamento, mil fogueiras dispersas sob o céu que escurecia, tochas que surgiam como pontos minúsculos no vale enquanto os guerreiros de Gettland se reuniam. Thorn saltou para o chão e ofereceu a mão à rainha. Não que Laithlin precisasse de ajuda: ela cavalgava duas vezes melhor do que a garota. Mas Thorn estava desesperada para ser útil.

Nas canções, os Escudos Escolhidos protegiam suas rainhas de assassinos, carregavam mensagens secretas até a boca do perigo ou travavam duelos dos quais dependia o destino de nações. Provavelmente àquela altura ela já deveria ter aprendido a não levar as canções muito a sério.

Viu-se perdida no meio de uma legião interminável de escravos e serviçais, seguindo a Rainha Dourada como a cauda de um cometa, sitiando-a com mil perguntas para as quais sempre tinha respostas, mesmo que estivesse ocupada amamentando o herdeiro do trono. O rei Uthil podia figurar no Trono Negro, mas, após alguns dias na companhia de Laithlin, ficou claro para Thorn quem de fato governava Gettland.

Não havia nenhum traço do companheirismo tranquilo que tivera com Vialine. Nem conversas sérias ou a exigência de chamar a rainha pelo primeiro nome. Laithlin tinha mais do que o dobro da idade de Thorn: era esposa e mãe, uma mercadora sem igual, senhora de um lar enorme, tão linda quanto

inteligente e magistralmente controlada.

– Obrigada – murmurou ela, pegando a mão de Thorn e transformando até mesmo a descida da sela num gesto gracioso.

– Só desejo servir.

Laithlin não soltou sua mão.

– Não. Você não nasceu para ficar imóvel em reuniões empoeiradas e contar moedas. Você quer lutar.

Thorn engoliu em seco.

– Dê-me a chance.

– Em breve. – Laithlin se inclinou para perto, apertando a mão de Thorn. – Um juramento de lealdade funciona dos dois lados. Eu me esqueci disso uma vez e nunca mais me esquecerei. Nós duas realizaremos grandes feitos juntas. Feitos a serem cantados.

– Meu rei? – Era a voz de pai Yarvi, aguda de preocupação.

Uthil havia tropeçado ao descer de sua sela e agora estava apoiado pesadamente em seu ministro, cinzento como um fantasma, arfando enquanto segurava a espada contra o peito.

– Falaremos mais tarde – disse Laithlin, soltando a mão de Thorn.

– Koll, ferva água! – gritou pai Yarvi. – Safrit, traga minhas plantas!

– Eu vi aquele homem andar 150 quilômetros pelo gelo e jamais hesitar – comentou Rulf, parado junto de Thorn com os braços cruzados. – O rei não está bem.

– É. – Thorn observou Uthil entrar com dificuldade em sua tenda, apoiando

um braço nos ombros do ministro. – E há uma grande batalha pela frente. É má sorte mesmo.

– Pai Yarvi não acredita em sorte.

– Eu não acredito em pilotos de navio, mas ainda assim eles pegam no meu pé.

Rulf riu.

– Como está sua mãe?

Thorn franziu a testa.

– Infeliz com minhas escolhas, como sempre.

– Ainda estão soltando faíscas uma para a outra?

– Já que você perguntou, nem de longe é como antes.

– É? Acho que uma de vocês deve ter crescido um pouco.

Thorn estreitou os olhos.

– Talvez uma de nós tenha convivido com uma guerreira velha que lhe ensinou o valor da família.

– Todo mundo deveria ter essa sorte. – Rulf fitou o chão, coçando a barba. – Estive pensando que talvez... eu devesse fazer uma visita a ela.

– Está pedindo minha permissão?

– Não. Mas gostaria de ter.

Thorn deu de ombros, impotente.

– Longe de mim ficar no meio de um par de jovens amantes.

– Longe de mim também. – Rulf lançou um olhar significativo para além dela, por baixo das sobrancelhas. – E é por isso que vou indo para o oeste,

acho...

Thorn se virou e Brand estava andando na sua direção.

Ela esperava mesmo vê-lo, mas, assim que o viu, ficou com os nervos à flor da pele. Como se estivesse pisando no quadrado de treino pela primeira vez e ele fosse o oponente. Os dois já deveriam estar familiarizados um com o outro, não? Mas de repente Thorn não fazia ideia de como lidar com ele. Cutucá-lo brincalhona como um colega de remo? Ardendo em fogo baixo, como uma donzela com um pretendente? Gélida e régia, como a rainha Laithlin com um devedor? Sinistramente cautelosa, como um jogador esperto mantendo os dados escondidos?

Cada passo de Brand parecia um passo de volta para aquele lago invernal, com o gelo estalando sob seu peso, sem ideia do que a passada seguinte traria.

– Thorn – disse ele, olhando-a nos olhos.

– Brand – falou ela, encarando-o.

– Não aguentava mais me esperar, hein?

Cutucada brincalhona, então.

– A fila de pretendentes do lado de fora da minha casa chegava até a porcaria do cais. Não aguento mais ver os homens chorando por causa da minha beleza.

Ela pressionou um lado do nariz e assoou ranho na lama.

– Você tem uma espada nova – notou ele, fitando seu cinto.

Thorn enfiou um dedo embaixo da cruzeta simples e a desembainhou até a metade, para que ele pudesse puxá-la com um tilintar fraquíssimo.

– Da melhor espadeira do Mar Despedaçado.

– Deuses, ela está cada vez melhor.

Ele roçou a marca de Rin com o polegar, girou a espada para um lado e para outro, levantou-a para espiar com um dos olhos por toda a extensão, com a Mãe Sol chamejando no aço brilhante e reluzindo na ponta.

– Não tive tempo de fazer nada chique com ela – comentou Thorn –, mas estou começando a gostar que ela seja simples assim.

Brand assobiou baixinho.

– É um belo aço.

– Feito com ossos de um herói.

– É mesmo?

– Acho que fiquei tempo demais com os dedos do meu pai pendurados no pescoço.

Ele sorriu ao devolver a espada e ela descobriu que sorria também.

– Achei que Rin tivesse dito não a você.

– Ninguém diz não à rainha Laithlin.

Brand agora exibia sua expressão perplexa.

– Hein?

– Ela queria que seu Escudo Escolhido estivesse armado adequadamente – explicou Thorn, enfiando a espada na bainha.

Ele a olhou boquiaberto enquanto assimilava a notícia.

– Sei o que você está pensando. – Os ombros de Thorn se afrouxaram. – Eu nem tenho escudo.

Brand fechou a boca bruscamente.

– Estou pensando que você é o escudo e não há nenhum melhor. Se eu fosse uma rainha, escolheria você.

– Odeio acabar com as suas esperanças, mas duvido que você seja rainha algum dia.

– Nenhum vestido caberia em mim. – Ele balançou a cabeça devagar, começando a sorrir de novo. – Thorn Bathu, Escudo Escolhido.

– E você? Já salvou Gettland? Vi vocês reunidos na praia. Um tremendo grupo de jovens campeões. Para não mencionar uns dois bem velhos.

Brand se retraiu.

– Não posso dizer que tenhamos salvado grande coisa. Matamos um camponês velho. Roubamos umas salsichas. Queimamos uma aldeia porque estava do lado errado de um rio. Pegamos uma escrava. – Brand coçou a cabeça. – Permiti que ela fosse embora.

– Você não consegue deixar de fazer o bem, não é?

– Acho que Hunnan não vê a coisa desse jeito. Ele gostaria de dizer a todo mundo que sou uma desgraça, mas precisa admitir que seu ataque foi uma desgraça, por isso... – Brand estufou as bochechas, parecendo mais perplexo do que nunca. – Amanhã vou fazer meu juramento de guerreiro junto com uns garotos que nunca usaram uma espada com raiva.

Thorn imitou a voz de pai Yarvi:

– Que o Pai Paz derrame lágrimas por causa dos métodos! A Mãe Guerra sorri com os resultados! Você deveria estar satisfeito.

Ele olhou para o chão.

– Acho que sim.

– Não está?

– Você já se sentiu mal? Com relação aos homens que matou?

– Não muito. Por que deveria?

– Não estou dizendo que deveria. Só estou perguntando.

– Não.

– Bom, você é tocada pela Mãe Guerra.

– Tocada? – Thorn bufou. – Ela me espancou até eu ficar roxa.

– Ser guerreiro, com irmãos ombro a ombro, é o que eu sempre quis...

– Não há decepção em conseguir o que a gente sempre quis.

– Algumas coisas valem a espera – disse ele, encarando-a.

Agora Thorn não tinha dúvidas do que aquele olhar significava. Começava a achar que não seria tão difícil atravessar aquele lago gelado. Talvez devesse apenas dar um passo de cada vez e tentar aproveitar a empolgação. Deu mais um, indo para perto dele.

– Onde você está dormindo?

Ele não recuou.

– Sob as estrelas, acho.

– Um Escudo Escolhido tem uma tenda.

– Está tentando me deixar com inveja?

– Não, é só uma tenda pequena. – Ela deu outro passinho. – Mas tem uma cama.

– Estou começando a gostar dessa história.

– Mas sempre sinto frio. – Ela deu outro pequeno passo e os dois estavam sorrindo. – Fico sozinha.

– Eu poderia dar uma palavrinha com o Sordaf; acho que ele esquentaria um cobertor com um peido.

– Sordaf é tudo que a maioria das mulheres poderia pedir, mas eu sempre tive gostos estranhos. – Usando os dedos como um pente, ela afastou os cabelos do rosto dele. – Estava pensando em outra pessoa.

– Tem muita gente olhando – alertou Brand.

– Como se eu ligasse a mínima.

Covardia

ESTAVAM AJOELHADOS EM fila. Três garotos e Brand. Dois haviam apontado lanças para um velho camponês. Um tinha chorado ao incendiar algumas casas. O último soltara a única escrava que haviam tomado.

Tremendos guerreiros.

Mas ali estavam, rodeados pelos lutadores de Gettland armados e de armadura, prontos para recebê-los em sua irmandade. Prontos para tê-los ombro a ombro quando enfrentassem Grom-gil-Gorm e seus vansterlandeses no lugar combinado. Prontos para carregá-los para o abraço de ferro da Mãe Guerra.

O rei Uthil mudara muito desde que Brand o vira pela última vez, havia um ano, mas não para melhor. Sua pele tinha adquirido o mesmo tom de cinza-ferro do cabelo, os olhos úmidos mergulhados em sombras escuras. Parecia encolhido em sua cadeira, praticamente imóvel, como se o Círculo do Rei em sua fronte fosse um peso esmagador, as mãos trêmulas enquanto abraçava a espada nua.

Pai Yarvi estava empoleirado numa banqueta de um lado do rei, e a rainha Laithlin sentava-se empertigada do outro, os punhos cerrados nos joelhos, examinando a multidão com seus olhos claros como se pudesse compensar a fraqueza do marido com sua força.

Thorn estava ao lado da rainha, o queixo pontudo erguido, um olhar desafiador, os braços cruzados e a pulseira élfica ardendo num branco gélido em

seu pulso. Parecia algo vindo das canções, um Escudo Escolhido dos pés à cabeça raspada pela metade. Brand mal podia acreditar que havia saído da cama dela uma hora antes. Pelo menos estava satisfeito com alguma coisa na vida.

O rei olhou lentamente a fila de garotos, até Brand, e pigarreou.

– Vocês são jovens – começou, a voz tão áspera e baixa que mal podia ser ouvida em meio ao vento que agitava o tecido da tenda. – Mas mestre Hunnan julgou que são dignos e Gettland está cercada por inimigos. – Ele se ergueu um pouco no assento, apenas um vislumbre do homem cujo discurso havia empolgado Brand na praia diante de Thorlby. – Marcharemos até o Dente de Amon para enfrentar os vansterlandeses em batalha e precisamos de cada escudo! – Ele foi tomado por um ataque de tosse e acrescentou, rouco: – O aço é a resposta.

Então se afrouxou de novo na cadeira e pai Yarvi se inclinou para sussurrar algo em seu ouvido.

Mestre Hunnan se aproximou com a espada na mão e uma carranca, parando junto ao primeiro garoto.

– Jura lealdade a Gettland?

O garoto engoliu em seco.

– Juro.

– Jura servir ao seu rei?

– Juro.

– Jura ficar junto ao seu companheiro na parede de escudos e obedecer aos superiores?

– Juro.

– Então levante-se, guerreiro de Gettland!

O garoto se levantou, parecendo muito mais apavorado do que feliz. Ao redor dele homens bateram com os punhos no peito, com os cabos de machado nas bordas dos escudos, com as botas no chão, aprovando.

Brand teve dificuldade para engolir a saliva. Logo seria sua vez. Deveria ser o dia de maior orgulho em sua vida. Mas quando pensava nas cinzas de Halleby e Rissentoft, no velho sangrando na soleira e na mulher com a corda em volta do pescoço, o orgulho não era seu primeiro sentimento.

A multidão aplaudiu quando o segundo garoto disse seu terceiro "juro" e o homem atrás o puxou de pé como um peixe para fora de um lago.

Brand e Thorn se entreolharam e a boca da garota se curvou num sorriso levíssimo. Ele teria sorrido se não estivesse fervilhando de dúvida. *Faça o bem*, dissera sua mãe no último suspiro. Que bem eles haviam feito em Rissentoft?

O terceiro garoto tinha os olhos marejados de novo enquanto fazia os juramentos, mas os guerreiros acharam que eram lágrimas de orgulho e lhe deram os maiores aplausos até então, o estrondo das armas ferindo os nervos abalados de Brand.

Hunnan remexeu a boca, a carranca se aprofundando mais ainda ao se aproximar dele, e os homens ficaram em silêncio.

– Jura lealdade a Gettland?

– Juro – respondeu Brand com a boca seca.

– Jura servir ao seu rei?

– Juro – repetiu ele com o coração martelando nos ouvidos.

– Jura ficar junto ao seu companheiro na parede de escudos e obedecer aos superiores?

Brand abriu a boca, mas as palavras não saíam. O silêncio se estendeu. Os sorrisos sumiram. Ele sentia cada olhar fixo nele. Houve um leve raspar de metal enquanto os guerreiros se mexiam, inquietos.

– E então? – indagou Hunnan rispidamente.

– Não.

O silêncio se estendeu por mais um momento, como a quietude antes de um trovão, e então um murmúrio incrédulo teve início.

Hunnan olhou para baixo, atônito.

– O quê?

– Levante-se, garoto – ordenou o rei. O ruído ao redor se tornou mais furioso enquanto Brand ficava de pé. – Nunca ouvi algo assim. Por que não faz o seu juramento?

– Porque ele é covarde – rosnou Hunnan.

Mais murmúrios, mais raivosos ainda. O garoto ao lado de Brand o encarou com os olhos arregalados. Rulf cerrou os punhos. Pai Yarvi arqueou uma sobrancelha. Thorn deu um passo adiante, a boca se retorcendo, mas a rainha a impediu levantando um dedo.

Com um esforço dolorido, o rei ergueu a mão ossuda, o olhar fixo em Brand, e seus guerreiros ficaram em silêncio.

– Eu perguntei a ele.

– Talvez eu seja covarde – respondeu Brand, ainda que sua voz parecesse muito mais ousada do que o normal. – Mestre Hunnan matou um camponês velho na outra noite e eu fui covarde demais para impedi-lo. Nós queimamos uma aldeia e eu fui covarde demais para questionar. Ele colocou três alunos contra uma aluna num teste e eu fui covarde demais para defendê-la. Defender os fracos contra os fortes. Não é isso que um guerreiro deveria fazer?

– Seu mentiroso desgraçado! – rugiu Hunnan. – Eu vou...

– Você vai conter sua língua até que o rei lhe permita falar! – gritou pai Yarvi.

A carranca do mestre de armas era assassina, mas Brand não se importou. Sentia-se como se um fardo tivesse sido retirado dos ombros. Como se subitamente se livrasse outra vez do peso do *Vento Sul* nos braços. Sentiu, pela primeira vez desde que deixara Thorlby, que estava na luz.

– Quer alguém sem medo? – Ele estendeu o braço. – Ali está ela. Thorn Bathu, o Escudo Escolhido da rainha. Na Primeira Cidade, lutou sozinha contra sete homens e salvou a Imperatriz do Sul. Estão entoando canções sobre ela em todo o Mar Despedaçado! No entanto, o senhor prefere pegar garotos que mal sabem que extremidade de uma espada devem segurar. Que orgulho louco é esse? Que tolice é essa? Eu sonhava em ser guerreiro. Servir ao senhor, meu rei. Lutar por meu país. Ter um irmão leal sempre ao lado. – Ele olhou Hunnan nos olhos e deu de ombros. – Se é isso que significa ser guerreiro, não quero.

A raiva explodiu de novo, e mais uma vez o rei Uthil precisou levantar a mão trêmula pedindo silêncio.

– Alguns aqui podem não gostar das suas palavras, mas não são as palavras de um covarde. Alguns homens são tocados pelo Pai Paz. – Seus olhos cansados se voltaram para Yarvi, e depois para Thorn, e uma pálpebra começou a tremelicar. – Assim como algumas mulheres são tocadas pela Mãe Guerra. A Morte... espera por todos nós. – Subitamente, a mão em sua espada ficou mais trêmula do que nunca. – Cada um de nós deve encontrar o próprio... caminho certo... para a Última Porta...

O rei tombou para a frente. Pai Yarvi saltou de sua banqueta e o segurou antes que ele caísse. A espada deslizou do colo e bateu na lama com estardalhaço. Yarvi e Rulf levantaram Uthil da cadeira e o levaram de volta à tenda. Sua cabeça estava tombada, frouxa. Os pés se arrastavam no chão. Os murmúrios ficaram mais fortes do que nunca, mas agora chocados e temerosos.

– O rei largou a espada.

– É um mau presságio.

– Má sorte nas armas.

– O favor dos deuses está em outro lugar...

– Acalmem-se! – A rainha Laithlin se levantou, varrendo a multidão com uma expressão de escárnio gélido. – Esses são guerreiros de Gettland ou escravas arengando?

Ela havia apanhado a espada do rei no chão, abraçando-a contra o peito como ele tinha feito, mas não existia tremor em sua mão, umidade em seus olhos ou fraqueza na voz.

– Esta não é hora para dúvidas! O Quebrador de Espadas espera por nós no

Dente de Amon! O rei pode não estar conosco, mas nós sabemos o que ele diria.

– O aço é a resposta! – gritou Thorn, a pulseira élfica chamejando num vermelho quente.

– Aço! – rugiu mestre Hunnan, erguendo a espada bem alto, e o metal sibilou enquanto mais espadas eram tiradas das bainhas e investidas contra o céu.

– Aço! Aço! Aço! – entoou uma centena de gargantas.

Brand foi o único que ficou em silêncio. Sempre achara que fazer o bem era lutar ao lado dos irmãos. Talvez fazer o bem fosse não lutar.

O local combinado

Os exércitos de Vansterland e Gettland se entreolhavam, raivosos, através de um vale raso coberto de capim luxuriante e verde.

– Um ótimo lugar para criar um rebanho de ovelhas – comentou Rulf.

– Ou travar uma batalha.

Thorn estreitou os olhos e examinou a encosta do outro lado. Ela nunca vira uma multidão assim, os guerreiros se destacando, negros, no cume contra o céu luminoso, aqui ou ali uma lâmina relampejando ao captar a luz da Mãe Sol. A parede de escudos dos vansterlandeses não estava tão firme, manchas de cor espalhafatosa com lanças eriçadas atrás, o estandarte escuro de Grom-gil-Gorm pendendo frouxo no centro, alguns arqueiros à frente, escaramuçadores com armas mais leves em cada ala.

– Tão semelhante ao nosso exército que parece que estamos olhando num grande espelho – murmurou Yarvi.

– Fora aquela maldita torre élfica – disse Thorn.

O Dente de Amon se erguia num afloramento rochoso na extremidade da linha de vansterlandeses, uma torre oca com trinta vezes a altura de um homem, alta e esguia como uma lâmina de espada, afinando-se, feita de teias de barras ocas de metal élfico.

– O que era aquilo? – perguntou Koll, olhando espantado.

– Quem pode saber? – indagou o ministro. – Uma torre de sinalização? Um monumento à arrogância dos elfos? Um templo à Divindade Única que eles fragmentaram em muitos deuses?

– Posso dizer o que será. – Rulf fitou, sombrio, a horda reunida à sombra da torre. – Uma sepultura para centenas de homens.

– Centenas de vansterlandeses – disse Thorn rispidamente. – Acho que nossa hoste é maior.

– É – concordou Rulf. – Mas são os guerreiros experientes que vencem as batalhas, e os números aqui são bem parecidos.

– E Gorm é conhecido por manter cavaleiros fora de vista – lembrou pai Yarvi. – Nossas forças estão bem equivalentes.

– E só um de nós tem um rei.

Rulf olhou para o acampamento. Uthil não deixava o leito desde a noite anterior. Alguns diziam que a Última Porta estava escancarada para ele, e pai Yarvi não havia negado.

– Até mesmo uma vitória deixará Gettland enfraquecida – afirmou o ministro. – E avó Wexen sabe muito bem disso. Esta batalha faz parte de seu desígnio. Ela sabia que o rei Uthil jamais recusaria um desafio. A única vitória aqui é não lutar.

– Que feitiço élfico você vai fazer para que isso aconteça? – perguntou Thorn.

Pai Yarvi deu seu sorriso desanimado.

– Espero que um pouquinho de magia de ministro resolva.

Koll beliscou sua parca sombra de barba enquanto olhava através do vale.

– Imagino se Fror está no meio deles.

– Talvez – disse Thorn.

Um homem com quem eles haviam treinado, rido, lutado, remado.

– O que você vai fazer se encontrá-lo na batalha?

– Provavelmente matá-lo.

– Esperemos que vocês não se encontrem, então. – Koll apontou. – Eles estão vindo!

O estandarte de Gorm estava em movimento, um grupo de cavaleiros separando-se do centro da hoste e descendo a encosta. Thorn abriu caminho entre os guerreiros mais favorecidos do rei até chegar ao lado de Laithlin, mas a rainha a dispensou.

– Fique atrás, Thorn, e permaneça coberta pelo capuz.

– Meu lugar é ao seu lado.

– Hoje você não é meu escudo, mas minha espada. Às vezes é melhor ter uma lâmina escondida. Se o seu momento chegar, você vai saber.

– Sim, minha rainha.

Relutante, Thorn pôs o capuz, esperou até que o resto do grupo real partisse, depois se afrouxou na sela como um ladrão, num lugar sobre o qual nenhuma canção é cantada, e seguiu atrás. Trotaram descendo a longa encosta, os cascos levantando lama do chão mole. Dois porta-estandartes iam junto, o ouro de Laithlin e o cinza-ferro de Uthil estalando, tomados pela brisa.

Os vansterlandeses chegavam cada vez mais perto. Vinte dos seus guerreiros

mais cantados, com elmos altos, testas franzidas, tranças no cabelo e argolas de ouro forjadas nas cotas de malha. E na frente, com o colar de botões arrancados das espadas dos inimigos caídos, quatro voltas ao redor do pescoço grosso, vinha o homem que havia matado o pai de Thorn. Grom-gil-Gorm, o Quebrador de Espadas, em sua plena glória. À esquerda vinha seu porta-estandarte, um grande escravo shend com a argola no pescoço cravejada de granadas, o pano preto balançando atrás. À direita cavalgavam dois rapazes atarracados de cabelos brancos, um com um sorriso zombeteiro e o enorme escudo de Gorm às costas, o outro com um sorrisinho de desprezo e a grande espada de Gorm. Entre eles e o rei, o maxilar trincado com tanta força que seu escalpo raspado se franzia, seguia mãe Scaer.

– Saudações, gettlandeses! – Os cascos do alto cavalo de Gorm chapinharam quando ele o fez parar no fundo pantanoso e sorriu para o céu brilhante. – A Mãe Sol sorri sobre nosso encontro!

– É um bom presságio – disse pai Yarvi.

– Para qual de nós?

– Para nós dois, talvez?

Laithlin fez sua montaria avançar ligeiramente. Thorn estava louca para se aproximar, ficar onde pudesse protegê-la, mas forçou os calcanhares a permanecerem imóveis.

– Rainha Laithlin! Como sua sabedoria e sua beleza conseguem desafiar os anos que passam?

– Como sua força e sua coragem podem fazer o mesmo?

Gorm coçou a barba, pensativo.

– Quando estive em Thorlby pela última vez, não recebi tanta consideração.

– Os deuses não dão um presente melhor do que um bom inimigo, é o que meu marido sempre diz. Gettland não poderia pedir um inimigo melhor do que o Quebrador de Espadas.

– Você me lisonjeia, e eu gosto bastante disso. Mas onde está o rei Uthil? Fiquei ansioso para renovar a amizade que forjamos no Salão dos Deuses.

– Infelizmente meu marido não pôde vir. Ele me mandou em seu lugar.

Gorm franziu os lábios, desapontado.

– Poucos guerreiros são tão renomados. A batalha será menor com a ausência dele. Mas a Mãe dos Corvos não espera por nenhum homem, não importando sua fama.

– Há outra opção. – Yarvi levou seu cavalo para perto da rainha. – Um modo de poupar o derramamento de sangue. Um modo de nós, do Norte, nos livrarmos do jugo do Rei Supremo em Skekenhouse.

Gorm levantou uma sobrancelha.

– Você é mágico, além de ministro?

– Nós dois rezamos aos mesmos deuses, ambos cantamos sobre os mesmos heróis, suportamos o mesmo clima. Mas avó Wexen nos joga um contra o outro. Se houver uma batalha no Dente de Amon hoje, independentemente de quem seja o vitorioso, só ela vai ganhar. O que Vansterland e Gettland não conseguiriam se estivessem juntos? – Ele se inclinou, ansioso, na sela. – Vamos transformar o punho em mão aberta! Que haja uma aliança entre nós!

Thorn ofegou, mas não só ela. Um murmúrio atravessou os guerreiros dos dois lados, juramentos sussurrados e olhares furiosos, mas o Quebrador de Espadas ergueu a mão ordenando silêncio.

– É uma ideia ousada, pai Yarvi. Sem dúvida você é um homem de grande inteligência. Fala em nome do Pai Paz, como um ministro deve fazer. – Gorm remexeu a boca, infeliz, respirou pelas narinas por um longo tempo e soltou um suspiro. – Mas infelizmente isso não é possível. Minha ministra pensa diferente.

Yarvi pestanejou, fitando mãe Scaer.

– Pensa?

– Minha nova ministra pensa.

– Saudações, pai Yarvi.

Os jovens de cabelo branco que seguravam o escudo e a espada de Gorm se separaram para deixar uma pessoa a cavalo passar, uma pessoa encapuzada num cavalo claro. Ela puxou o capuz para trás e o vento soprou gélido, golpeando o cabelo louro ao redor do rosto magro, os olhos febris enquanto sorria. Um sorriso tão deturpado pelo azedume que era difícil de encarar.

– Acho que você conhece mãe Isriun – murmurou Gorm.

– A moleca do Odem – sibilou Laithlin, e pela voz da rainha ficou claro que isso não fazia parte dos planos.

– Está enganada, minha rainha. – Isriun lhe lançou seu sorriso torto. – Minha única família agora é o Ministério, assim como a de pai Yarvi. Nossa única mãe é avó Wexen, hein, *irmão*? Depois do fracasso abjeto na Primeira Cidade, ela achou que irmã Scaer não era confiável. – O rosto de Scaer se retorceu diante

desse título. – Então me mandou substituí-la.

– E você permitiu? – murmurou Yarvi.

Gorm remexeu a língua com uma expressão azeda, claramente nem um pouco satisfeito.

– Eu fiz um juramento ao Rei Supremo, que preciso considerar.

– O Quebrador de Espadas é sábio, além de forte – disse Isriun. – Ele se lembra de seu lugar de direito na ordem das coisas. – Diante disso, Gorm pareceu mais amargo ainda, mas manteve um silêncio carrancudo. – Algo que vocês, de Gettland, esqueceram. Avó Wexen exige que sejam castigados pela arrogância, pela insolência, pela deslealdade. Agora mesmo o Rei Supremo reúne um grande exército de terra-baixenses e inglings em incontáveis milhares. Ele convocou seu campeão, Yilling, o Brilhante, para comandá-los! O maior exército que o Mar Despedaçado já viu! Pronto para marchar contra Throvenland pela glória da Divindade Única!

Yarvi bufou.

– E você está com eles, é, Grom-gil-Gorm? Você se ajoelha diante do Rei Supremo? Você se prostra diante da Divindade Única dele?

O cabelo comprido de Gorm era jogado pelo vento sobre o rosto cheio de cicatrizes e sua carranca parecia esculpida em pedra.

– Eu fico onde meus juramentos me colocam, pai Yarvi.

– Ainda assim, a ministra sempre fala a favor da paz – disse Isriun, com as mãos finas se torcendo, ansiosas. – A Divindade Única sempre oferece o perdão, mesmo que seja pouco merecido. Poupar derramamento de sangue é um desejo

nobre. Nós mantemos a oferta de um duelo de reis para resolver a questão. – Seu lábio se repuxou. – Mas, infelizmente, Uthil está velho e doente demais para lutar. Sem dúvida esse é o castigo da Divindade Única por sua deslealdade.

Laithlin olhou para Yarvi e o ministro fez um leve meneio de cabeça.

– Uthil me mandou no lugar dele – disse a rainha, e Thorn sentiu o coração, que já batia forte, começar a martelar contra as costelas. – Um desafio a um rei também deve ser um desafio à sua rainha.

Mãe Isriun soltou uma gargalhada cheia de escárnio.

– A senhora lutará contra o Quebrador de Espadas, Rainha Dourada?

Laithlin exibiu uma expressão de desdém.

– Uma rainha não luta, criança. Meu Escudo Escolhido lutará por mim.

Thorn sentiu uma calma terrível se assentar e começou a sorrir.

– Isso é um truque – retrucou Isriun, e seu sorriso desapareceu.

– Esta é a lei – rebateu Yarvi. – Como ministra de um rei, você deveria entender. Vocês fizeram o desafio. Nós o aceitamos.

Gorm abanou a mão enorme como se estivesse diante de uma mosca incômoda.

– Truque ou lei, é a mesma coisa. Eu luto contra qualquer um. – Ele parecia quase entediado. – Mostre-me seu campeão, Laithlin, e amanhã ao amanhecer nos encontraremos neste terreno. Eu vou matá-lo, quebrar sua espada e colocar o botão no meu colar. – Ele virou os olhos escuros para os guerreiros de Gettland. – Mas seu Escudo Escolhido deve saber que a Mãe Guerra bafejou sobre mim no berço, e foi previsto que nenhum homem pode me matar.

Laithlin deu um sorriso gélido e, assim, foi como se todas as coisas se encaixassem perfeitamente, como os mecanismos de uma fechadura, e o objetivo dos deuses para Thorn Bathu fosse revelado de súbito.

– Meu Escudo Escolhido não é homem.

Então era a hora de desembainhar a espada. Thorn tirou a capa e jogou-a longe. Em silêncio, os guerreiros de Gettland deram passagem e ela avançou com o cavalo, o olhar fixo no rei de Vansterland.

Enquanto a via chegar, a grande testa de Grom-gil-Gorm se franziu em dúvida.

– Grom-gil-Gorm – falou ela baixinho, passando entre Laithlin e Yarvi. – Quebrador de Espadas. – O cavalo de mãe Isriun saindo de seu caminho. – Fazedor de Órfãos.

Thorn puxou as rédeas para perto dele. O rosto franzido de Gorm ficou avermelhado pela luz chamejante da pulseira élfica e ela se inclinou na sela para sussurrar:

– Sua morte está chegando.

Cara de coragem

DURANTE UM TEMPO, os dois não se mexeram. O cabelo dela fazia cócegas no rosto dele, as costelas dela pressionavam as dele a cada respiração cálida. Thorn beijou-lhe a boca aberta, roçou o nariz em seu rosto, e Brand permaneceu imóvel. Ela se afastou, espreguiçou-se ao lado com um grunhido contente, e ele continuou imóvel. Thorn se esfregou em Brand, passando a cabeça em seu ombro, a respiração mais lenta, mais suave, e ele ainda assim ficou imóvel.

Sem dúvida ele deveria estar segurando-a como um avarento guarda seu ouro, aproveitando ao máximo cada momento que tinham.

Em vez disso, sentia-se dolorido, mal-humorado e apavorado. Em vez disso, a pele úmida de Thorn contra a sua parecia prendê-lo numa armadilha, o calor dela sufocando-o. Brand se soltou, retorcendo-se. Ao se levantar, prendeu a cabeça na lona, no escuro, e afastou-a bruscamente, xingando-a, fazendo-a balançar e oscilar.

– Sem dúvida você deu uma lição e tanto à minha tenda – disse Thorn.

Ele mal podia ver qualquer sinal dela. Talvez um pequeno crescente de luz no ombro enquanto a garota se apoiava num cotovelo. Um brilho no canto dos olhos. Um cintilar de ouro no cabelo.

– Você vai lutar contra ele, então? – perguntou.

– Acho que vou.

– Grom-gil-Gorm.

– A não ser que ele fique apavorado e não apareça.

– O Quebrador de Espadas. O Fazedor de Órfãos. – Os nomes despencavam na escuridão. Nomes diante dos quais grandes guerreiros se encolhiam. Nomes que as mães usavam para amedrontar os filhos. – Quantos duelos ele já travou?

– Dizem que uns vinte.

– E você?

– Você sabe quantos, Brand.

– Nenhum.

– Mais ou menos esse número.

– Quantos homens ele matou?

– Poços cheios. – Agora a voz dela estava ficando dura, e uma claridade feroz vinha de sua pulseira élfica debaixo do cobertor. – Mais do que qualquer homem em todo o Mar Despedaçado, talvez.

– Quantos botões de espada estão naquele colar? Cem? Duzentos?

– E o do meu pai é um deles.

– Você está querendo seguir os passos dele?

Aquela claridade ficou mais forte, mostrando a Brand a expressão de desprezo da amante.

– Já que você pergunta, espero matar o grandalhão desgraçado e deixar o cadáver para os corvos.

Silêncio entre os dois, e alguém passou do lado de fora com uma tocha, o laranja chamejando na lateral do rosto de Thorn, na cicatriz em forma de estrela.

Brand se ajoelhou, o rosto na altura do dela.

– Nós poderíamos simplesmente ir embora.

– Não poderíamos, não.

– Pai Yarvi colocou você nisso. Foi um truque, uma jogada, como aquele envenenador em Yaletoft. Isso tudo é plano dele...

– E se for? Não sou criança, Brand, meus olhos estão abertos. Eu fiz um juramento a ele e outro à rainha, e sei o que os dois significam. Eu sabia que poderia ter que lutar por ela. Sabia que poderia ter que morrer por ela.

– Se pegarmos cavalos, podemos estar a 15 quilômetros de distância ao amanhecer.

Ela chutou o cobertor, irritada, e ficou deitada com as mãos sobre o rosto.

– Não vamos fugir, Brand. Nenhum de nós. Eu disse a Gorm que a morte dele está chegando. Seria uma certa frustração para todo mundo se eu nem aparecesse, não seria?

– Poderíamos ir para o sul, até Throvenland, entrar numa tripulação e descer o Divino. Ir até a Primeira Cidade. Valine iria nos dar um lugar. Pelo amor dos deuses, Thorn, ele é o Quebrador de Espadas...

– Pare, Brand! – rosnou ela, tão subitamente que ele saltou para trás. – Acha que eu não sei tudo isso? Acha que minha cabeça já não está zumbindo como uma porcaria de ninho de vespas? Acha que não sei que todo mundo no nosso acampamento está fazendo o mesmo cálculo e chegando à mesma resposta? – Ela se inclinou para a frente, os olhos reluzindo. – Vou lhe dizer o que você poderia fazer por mim, Brand. Ser o único homem num raio de quilômetros que

acha que posso vencer. Ou pelo menos fingir que posso. Essa escolha não é sua, é minha, e eu a fiz. Sua opção é ser meu companheiro ou ir embora.

Ele se ajoelhou, nu, piscando por um momento como se tivesse levado um tapa. Depois respirou longamente, estremecendo, e exalou.

– Sempre serei seu companheiro. Sempre.

– Sei que será. Mas eu é que deveria estar aterrorizada.

– Desculpe. – Brand tocou o rosto de Thorn no escuro e ela comprimiu a bochecha contra a mão dele. – É só... que nós levamos muito tempo para chegar aqui. Não quero perder você.

– Eu não quero ser perdida. Mas você sabe que eu nasci para isso.

– Se alguém pode vencê-lo, é você. – Brand desejou acreditar nisso.

– Eu sei. Mas talvez não me reste muito tempo. – Ela segurou o pulso dele e puxou-o para a cama. – Não quero passar esse tempo falando.

BRAND ESTAVA SENTADO com a espada de Thorn atravessada nos joelhos, polindo-a.

Já a havia polido mais de dez vezes, desde o punho simples até a ponta brilhante. Enquanto as estrelas eram apagadas, o céu clareava e a Mãe Sol se mostrava atrás do Dente de Amon. O aço não poderia estar mais limpo, o gume mais afiado. Mas ele continuava esfregando, murmurando orações à Mãe Guerra. Para dizer a verdade, a mesma oração: “... deixe-a viver, deixe-a viver, deixe-a viver...”

A gente quer muito uma coisa quando não pode tê-la. Quando a tem, as

dúvidas brotam subitamente. Depois, quando a gente acha que pode perdê-la, descobre que precisa dela mais do que nunca.

Pai Yarvi também murmurava algumas orações enquanto cuidava de uma panela sobre o fogo, às vezes jogando algumas folhas secas de alguma bolsa dentro de um preparado que cheirava a pé sujo.

– Talvez você pudesse parar de polir isso.

– Não posso ficar no quadrado com ela. – Brand virou a espada e passou a trabalhar furiosamente do outro lado. – Só posso polir e rezar. Planejo fazer as duas coisas do melhor modo possível.

Brand já sabia que Thorn não demonstraria medo, mas ela exibia até mesmo uma sugestão de sorriso ao se sentar, os cotovelos nos joelhos e as mãos pendendo numa postura calma, a pulseira élfica no pulso, brilhando forte. Tinha uma guarda de aço no braço esquerdo, a única peça de armadura, apenas couro costurado com argolas de aço, apertado com tiras e correias de modo que não restasse nada solto em que se pudesse segurar. Laithlin estava de pé ao lado, amarrando seu cabelo desgrenhado de Thorn bem preso na nuca, os dedos movendo-se com tanta segurança e firmeza quanto se o penteado fosse para uma festa de casamento, não para um duelo. Duas caras de coragem, sem dúvida. As mais corajosas do acampamento, apesar de serem as duas que mais tinham a perder.

Assim, quando Thorn olhou para ele, Brand se esforçou ao máximo para assentir com cara de coragem. Isso ele podia fazer. Isso, polir e rezar.

– Ela está pronta? – murmurou pai Yarvi.

– Thorn sempre está pronta, não é? Independentemente do que esses idiotas pensem.

Os guerreiros vinham se reunindo desde a primeira luz e agora havia uma multidão sussurrante olhando, comprimida ao redor das tendas, espiando por cima do ombro dos outros. Mestre Hunnan estava na primeira fila e não podia franzir a testa mais do que já franzia sem rasgar a pele enrugada. Brand via a consternação e o nojo no rosto deles. O fato de uma garota lutar pela honra de Gettland enquanto os guerreiros jurados não faziam nada. Uma garota que havia fracassado num teste e fora denunciada como assassina. Uma garota que não usava cota de malha nem carregava escudo.

Thorn não demonstrou qualquer sinal de que ligasse para a opinião deles. Levantou-se, longa e esguia feito uma aranha, como Skifr, porém mais alta, larga e forte, ao abrir os braços e remexer os dedos, o maxilar duro e os olhos semicerrados, fixos no vale.

Laithlin pôs a mão em seu ombro.

– Que a Mãe Guerra esteja com você, meu Escudo Escolhido.

– Ela sempre esteve, minha rainha.

– Já está quase na hora. – Pai Yarvi derramou um pouco de seu preparado numa taça e estendeu-a com a mão boa. – Beba isso.

Thorn cheirou a poção e recuou.

– O cheiro é horrível!

– As melhores poções são assim. Esta vai afiar seus sentidos, acelerar suas mãos e embotar qualquer dor.

– Não é trapaça?

– Mãe Isriun estará usando cada truque em que puder pensar. – Yarvi estendeu de novo a taça fumegante. – Um campeão deve vencer. O resto é insignificante.

Thorn apertou o nariz, engoliu a bebida e cuspiu com nojo.

Rulf se aproximou, o escudo seguro como uma bandeja, com duas adagas em cima, recém-amoladas.

– Tem certeza de que não quer uma cota de malha?

Thorn balançou a cabeça.

– A velocidade vai ser minha melhor armadura e minha melhor arma. Velocidade, surpresa e ataque. Mas essas aí podem ser úteis.

Ela pegou as adagas e as enfiou em bainhas presas ao peito e à cintura.

– Mais uma para dar sorte.

Brand estendeu a que Rin fizera para ele, a que havia carregado por todo o Divino e o Renegado. A que havia salvado sua vida na estepe.

– Vou mantê-la em segurança.

Thorn enfiou-a no cinto, às costas.

– Eu preferiria que ela mantivesse *você* em segurança – murmurou Brand.

– É um bocado de lâminas – observou pai Yarvi.

– Já fui apanhada sem nenhuma e não gostei da experiência. Não vou morrer por falta de facas, pelo menos.

– Você não vai morrer. – Brand certificou-se de que sua voz não tivesse dúvidas, ainda que seu coração explodisse com elas. – Você vai matar o

desgraçado.

– É. – Ela se inclinou para perto. – Estou sentindo como se minhas tripas fossem cair pelo cu.

– Nem dá para perceber.

– O medo mantém a gente cautelosa – sussurrou ela, as mãos se abrindo e fechando. – O medo mantém a gente viva.

– Sem dúvida.

– Gostaria que Skifr estivesse aqui.

– Você não tem mais nada a aprender com ela.

– Mas um pouquinho daquela magia élfica ajudaria. Só para garantir.

– Para roubar sua glória? Não. – Brand mostrou a ela os dois gumes da espada, um brilho gélido que ele estivera polindo desde as primeiras sugestões de luz do dia. – Não hesite.

– Nunca – garantiu ela, enfiando a lâmina na presilha à cintura e pegando o machado. – Por que você hesitou? Naquele dia na praia?

Brand pensou, recuando a mente por um longo e estranho ano, até o quadrado de treino na areia.

– Eu estava pensando em fazer o bem. – Ele girou o machado, o aço gravado com letras em cinco línguas brilhando. – Examinando os ângulos da situação, como o idiota que sou.

– Você teria me derrotado se não tivesse feito isso.

– Talvez.

Thorn enfiou o machado na alça.

– Eu teria fracassado no meu teste e Hunnan jamais me daria outro. Eu não teria matado Edwal. Não seria acusada de assassinato. Não teria treinado com Skifr nem remado pelo Divino, nem salvado a imperatriz, nem teria canções sobre meus grandes feitos.

– Eu não teria perdido meu posto no ataque do rei – disse Brand. – Seria agora um orgulhoso guerreiro de Gettland, fazendo exatamente o que mestre Hunnan mandasse.

– E minha mãe teria me casado com algum velho idiota. Eu estaria usando a chave dele toda errada e costurando muito mal.

– Não iria enfrentar Grom-gil-Gorm.

– Não. Mas nós nunca teríamos... o que temos.

Ele a encarou por um momento.

– Fico feliz porque hesitei.

– Eu também.

Então ela o beijou. Um último beijo antes da tempestade. Os lábios macios contra os dele. A respiração quente no frio do amanhecer.

– Thorn? – Koll estava parado ao lado deles. – Gorm está no quadrado.

Brand quis gritar, mas se obrigou a sorrir.

– Quanto antes começar, mais cedo vai matá-lo.

Em seguida, sacou a espada de Odda e se pôs a bater com o cabo no escudo de Rulf. Outros fizeram o mesmo com suas armas, com as armaduras, o barulho se espalhando pelas fileiras. Homens começaram a gritar, a rugir, a cantar em desafio. Ela não era nem de longe o campeão que eles escolheriam, mas ainda

assim era a campeã de Gettland.

Thorn andou empertigada em meio a um trovão de metal, os guerreiros abrindo caminho diante dela como a terra diante do arado.

Indo ao encontro do Quebrador de Espadas.

Aço

– ESTAVA ESPERANDO VOCÊ – disse Grom-gil-Gorm em sua voz cantarolada.

Estava sentado numa banqueta ao lado dos rapazes de cabelos brancos, que carregavam a espada e o escudo ajoelhados. Um deles sorria para Thorn, o outro exibia desprezo, como se ele é que fosse lutar com ela. Atrás dos dois, na borda leste do quadrado, enfileiravam-se vinte dos guerreiros mais próximos de Gorm. No meio se encontrava mãe Isriun, olhando raivosa, o cabelo agitado em volta do rosto magro por um sopro de vento, ladeada por uma irmã Scaer carrancuda. Mais além estavam centenas de guerreiros, silhuetas na crista do morro, a Mãe Sol brilhante subindo por trás do Dente de Amon.

– Pensei em lhe dar mais um tempinho de vida.

Thorn fez sua cara de maior coragem enquanto passava entre a rainha Laithlin e pai Yarvi. Passou à frente dos vinte melhores de Gettland e pisou naquele pequeno terreno de capim aparado. Um quadrado igual aos muitos em que treinara, oito passos de lado, uma lança cravada no chão em cada canto.

Um quadrado onde ela ou Grom-gil-Gorm iria morrer.

– Para mim, isso não é presente. – O Quebrador de Espadas encolheu os ombros enormes e sua pesada cota de malha, forjada com linhas em zigue-zague de ouro, soltou um sussurro de ferro. – O tempo se arrasta quando a Última Porta está tão perto.

– Talvez esteja mais perto de você do que de mim.

– Talvez. – Ele brincou com um dos botões de seu cordão, pensativo. – Então você é Thorn Bathu?

– Sou.

– Sobre quem entoam canções?

– Sim.

– A que salvou a Imperatriz do Sul?

– Isso.

– A que ganhou dela uma relíquia inestimável. – Gorm fitou a pulseira élfica, reluzindo vermelha como um carvão em brasa no pulso de Thorn, e levantou as sobrancelhas. – Eu achava que aquelas canções fossem mentiras.

– Algumas são.

– Por mais que a verdade seja grandiosa, ela nunca basta para os bardos, não é?

Gorm pegou seu escudo com o rapaz sorridente, um objeto portentoso, pintado de preto, a borda marcada, com mossas de uma centena de golpes. Presentes dos muitos homens que ele havia matado em quadrados como aquele.

– Acho que já nos encontramos.

– Em Skekenhouse. Onde você se ajoelhou diante do Rei Supremo.

A bochecha dele teve um levíssimo espasmo de desprazer.

– Todos devemos nos ajoelhar diante de alguém. Eu deveria ter reconhecido você antes, mas você mudou.

– É.

– Você é a filha de Storn Headland.

– Sou.

– Aquele foi um duelo glorioso.

O rapaz de testa franzida ofereceu a espada de Gorm, que a desembainhou. Era uma lâmina monstruosa, Thorn precisaria das duas mãos para brandi-la, mas ele a carregava com leveza, como se fosse um graveto de salgueiro.

– Esperemos que o nosso renda uma canção alegre.

– Não conte com o mesmo resultado – retrucou Thorn, vendo a Mãe Sol relampejar no aço.

Ele teria mais alcance, mais força, além da armadura, mas, contra o peso de todo aquele metal, ela teria a velocidade. Duraria mais. Restava saber quem teria vantagem na disputa de habilidades.

– Já lutei mais de vinte duelos e mandei mais de vinte homens corajosos para os montes funerários, logo aprendi uma coisa: nunca conte com o resultado.

Os olhos de Gorm examinaram as roupas dela, as armas, avaliando-a como ela o avaliava. Thorn se perguntou que pontos fortes ele via. Que pontos fracos.

– Mas nunca lutei contra uma mulher.

– E nunca mais vai lutar. Esta é a sua última luta. – Ela levantou o queixo. – O hálito da Mãe Guerra não vai protegê-lo contra mim.

Ela havia esperado raiva, algum sinal de que ele pudesse ser provocado a agir de forma impensada, mas tudo que o rei de Vansterland lhe deu foi um sorrisinho triste.

– Ah, a confiança dos jovens! Foi previsto que nenhum homem poderia me

matar. – Ele se levantou, sua grande sombra estendendo-se na direção dela pelo capim aparado, um gigante saído das canções. – Não que você poderia.

– MÃE GUERRA, deixe-a viver – articulava Brand, os punhos cerrados a ponto de causar dor. – Mãe Guerra, deixe-a viver...

Um silêncio fantasmagórico baixou sobre o vale enquanto os lutadores ocupavam seus lugares. Só se ouvia a agitação do vento no capim, o pio alto e áspero de um pássaro no céu férreo, o leve tilintar dos equipamentos de guerra quando um ou outro homem se remexia, nervoso. Mãe Isriun se posicionou no espaço solitário entre os dois campeões.

– Estão prontos para matar? Estão prontos para morrer? – Ela levantou a mão, com uma pena de ganso nos dedos. – Estão prontos para enfrentar o julgamento da Divindade Única?

Gorm estava empertigado, enorme como uma montanha, o escudo grande à frente, a espada comprida estendida atrás.

– A Mãe Guerra será minha juíza – rosnou.

Thorn se agachou, arreganhando dentes num sorriso maligno, tensa como um arco totalmente retesado.

– Que seja. – Ela se virou e cuspiu. – Estou pronta.

– Então comecem! – gritou mãe Isriun, e deixou a pena cair, voltando depressa pelo capim curto até a fila de guerreiros do lado oposto.

A pena foi caindo, lenta, lenta, cada olhar dos dois lados fixo nela. Foi apanhada por uma brisa e girou. Foi descendo, descendo, e cada respiração

estava presa.

– Mãe Guerra, deixe-a viver, Mãe Guerra, deixe-a viver...

* * *

NO INSTANTE EM que a pena tocou o capim aparado, Thorn saltou. Não tinha esquecido as lições de Skifr. Elas estavam em sua carne. Ataque sempre. Ataque primeiro. Ataque por último.

Deu um passo longo e o vento soprou nela. Gorm permaneceu rígido, observando. Dois passos e ela esmagou aquela pena sob o calcanhar. Ele ainda estava imóvel. Três passos e ela estava em cima dele, girando alto o machado de Skifr, girando baixo a espada forjada com os ossos de seu pai. Então Gorm se moveu para recebê-la, a lâmina dela se chocou contra a dele e seu machado arrancou lascas do escudo.

Naquele instante, Thorn soube que jamais havia lutado contra alguém tão forte. Estava acostumada a ver o escudo ceder quando o acertava, estava acostumada a fazer um homem cambalear com a força de seus golpes. Mas atingir aquele escudo era como acertar um carvalho profundamente enraizado. Golpear sua espada estremeceu-a da palma até a ponta do nariz e chacoalhou seus dentes.

Mas Thorn nunca fora de se desencorajar com o primeiro revés.

Gorm tinha avançado com sua bota esquerda, imprudente, e ela se abaixou, tentando prendê-la com o machado e derrubá-lo. Ele recuou, ágil, apesar do

volume gigantesco, e Thorn o ouviu grunhir. Sentiu a grande espada vindo, movendo-se como a cauda de um escorpião. Encolheu-se enquanto a arma passava num ângulo maligno, um golpe capaz de rachar escudos, elmos, cabeças, cujo vento soprou frio em seu rosto.

Ela girou, atenta para a brecha que um golpe daquele deveria dar, mas não havia nenhuma. Gorm manuseava a lâmina monstruosa com tanta facilidade quanto a mãe de Thorn usaria uma agulha, sem fúria nem loucura, totalmente no controle. Os olhos dele estavam calmos, avaliando, testando, seu escudo jamais se desviava.

Julgou que a primeira troca de golpes acabara empatada e dançou de volta, ganhando espaço, para esperar outra chance. Buscar uma abertura melhor.

Lentamente, cuidadosamente, o Quebrador de Espadas deu um passo para o centro do quadrado, girando sua grande bota esquerda.

* * *

– ISSO! – sibilou Rulf quando Thorn saltou disparando uma saraivada de golpes. – Isso!

As lâminas retiniam marcando o escudo de Gorm, e Brand cerrava os punhos com tanta força que as unhas cortavam as palmas.

Ele ofegou quando Thorn rolou por baixo do arco brilhante da espada de Gorm e se levantou rosnando para golpear o escudo dele, desviou uma enorme estocada com escárnio e dançou de novo para fora do alcance, usando toda a

extensão do quadrado. Andava num passo bêbado, as armas pairando, como Skifr costumava fazer, e Gorm a examinou por cima do escudo, tentando encontrar algum padrão no caos.

– Ele é cauteloso – sussurrou Laithlin.

– Sem a armadura da profecia – murmurou pai Yarvi. – Ele está com medo dela.

O rei de Vansterland deu mais um passo lento, girando a bota no chão outra vez, como se depositasse a pedra fundamental de um castelo de herói. Estava praticamente imóvel e Thorn era puro movimento.

– Como a Mãe Oceano contra o Pai Terra – sussurrou Rulf.

– A Mãe Oceano sempre vence – afirmou Laithlin.

– Se tiver tempo – retrucou pai Yarvi.

Brand se encolhia, incapaz de olhar, incapaz de não olhar.

– Mãe Guerra, deixe-a viver...

O ESCUDO DE Gorm era sólido como o portão de uma cidadela. Thorn não poderia quebrá-lo nem com um aríete e vinte homens fortes. E contorná-lo não seria mais fácil. Nunca vira um escudo ser manejado de modo tão inteligente. Ele era rápido em movê-lo, e mais rápido ainda em se mover atrás, mas segurava-o alto. A cada passo que dava com aquela grande bota esquerda bem avançada, uma parte maior da perna surgia embaixo da borda, algo nada prudente. A cada vez que ela via isso acontecer, mais parecia um ponto fraco.

Tentador. Muito tentador.

Tentador demais, talvez?

Só um idiota pensaria que um guerreiro com a fama dele não teria truques, e Thorn não era idiota. *Seja mais rápida, mais forte, mais inteligente*, dizia Skifr. Ela também tinha truques.

Deixou o olhar pousar naquela bota, lambendo os lábios como se visse carne, por tempo suficiente para garantir que Gorm a visse olhando, então se moveu. A espada dele saltou para a frente, mas ela estava preparada e contornou-a, brandindo o machado de Skifr, porém na altura do ombro, não por baixo, onde ele esperava. Thorn viu os olhos de Gorm se arregalarem. Ele recuou, levantando o escudo, que pegou o machado dela com a borda, mas ainda assim a lâmina serrilhada acertou seu ombro, fazendo elos da malha voarem como poeira de um tapete espancado.

Thorn esperou que Gorm retrocedesse, talvez até caísse, mas ele deu de ombros como se aquilo tivesse sido uma mosca zumbindo, e avançou, perto demais para a espada dele ou a dela. A borda do escudo acertou-a na boca enquanto ela se afastava e a fez cambalear. Sem dor, sem dúvida, sem tontura. O choque só a deixou mais afiada. Ouviu Gorm rugir, viu a Mãe Sol atingir o aço e se desviou da lâmina que passava assobiando.

Thorn precisou considerar que aquela troca de golpes também havia sido empate, mas agora os dois estavam marcados.

Sangue na malha dele. Sangue na borda do escudo dele. Sangue no machado de Thorn. Sangue na boca de Thorn. Ela arreganhou os dentes num rosnado de luta e cuspiu vermelho no capim entre os dois.

Sangue

COMO NUMA MATILHA de cães, subitamente a visão de sangue trouxe os guerreiros reunidos à vida, e o barulho não poderia ser mais ensurdecedor se tivessem batalhado.

Da crista do morro em frente, os vansterlandeses berravam orações e palavrões; da crista atrás, os gettlandeses rugiam encorajamentos fúteis, conselhos sem sentido. Batiam machados em escudos, espadas em elmos, provocavam uma balbúrdia de entusiasmo e fúria capaz de acordar os mortos nos montes funerários, de acordar os deuses de seu sono.

Dentre todas as coisas, o que os homens mais amam é ver os outros enfrentarem a Morte. Isso faz com que se lembrem de que ainda vivem.

Do outro lado do quadrado, no meio dos vansterlandeses que rosnavam e gritavam, Brand viu mãe Isriun, lívida de fúria, ladeada por mãe Scaer, que observava a disputa com os olhos calmamente semicerrados.

Gorm deu um grande golpe giratório de cima para baixo e Thorn se desviou para trás. A espada dele a errou por um palmo e abriu um sulco enorme no chão, capim e terra voando longe. Brand mordeu o nó de um dedo com força exagerada. Bastaria que um daqueles a acertasse e o aço pesado poderia cortá-la ao meio. Era como se a luta já durasse um dia e ele não tivesse respirado o tempo todo.

– Mãe Guerra, deixe-a viver...

THORN CAMINHAVA, PRESUNÇOSA, no quadrado. O capim era seu. Ela era a dona. Rainha daquela lama. Mal escutava os gritos dos guerreiros no terreno elevado, mal via Laithlin, Isriun, Yarvi ou mesmo Brand. O mundo havia se encolhido até ela, o Quebrador de Espadas e os poucos passos de grama curta entre os dois, e começava a gostar do que via.

Gorm estava ofegante, com a testa franzida suada. O peso de toda aquela armadura e das armas acabaria se manifestando, mas Thorn não esperava que fosse tão cedo. O escudo dele estava começando a baixar. Ela quase riu. Podia lutar durante horas. Já tinha feito isso durante horas, dias, semanas, descendo e subindo o Divino e o Renegado.

Saltou, mirando alto com a espada. Alto demais, para que ele pudesse se abaixar, e foi o que fez, porém, como ela planejava, o escudo se inclinou para a frente. Foi fácil contorná-lo, prender a borda superior com o machado. Pretendia puxá-lo para baixo, deixar Gorm exposto, talvez arrancá-lo dos braços dele, mas o avaliara mal. Ele rugiu, levantando o escudo bruscamente, tirando o machado da mão dela e fazendo-o girar pelo ar.

Porém isso deixou o corpo de Gorm desguarnecido por um momento e Thorn nunca fora de hesitar. Sua espada sibilou por baixo do escudo e o acertou na lateral da cintura. Com força bastante para dobrá-lo ligeiramente, fazê-lo tropeçar. Com força suficiente para atravessar a cota de malha e encontrar a carne por baixo.

Mas não com força suficiente para fazê-lo parar.

Ele rosnou, girou a espada uma vez e a fez cambalear para trás, estocou e a fez dançar para longe, brandiu a arma de novo, com mais força ainda, o aço sibilando, mas ela já recuava, atenta, circulando.

Quando Gorm girou na sua direção, Thorn viu o rasgo na malha, os elos balançando soltos, o sangue brilhando. Viu como ele favorecia aquele lado ao se posicionar e começou a sorrir enquanto pegava a adaga mais comprida com a mão esquerda.

Podia ter perdido o machado, mas aquele round era seu.

AGORA THORN ERA uma deles. Agora sangrara Grom-gil-Gorm, e mestre Hunnan erguia o punho no ar, rugia em apoio. Agora os guerreiros que haviam zombado dela faziam um estardalhaço ensurdecedor de metal, admirando sua perícia.

Sem dúvida os que tinham o dom já começavam a pôr em versos a canção de seu triunfo. Sentiam o gosto da vitória, mas tudo que Brand sentia era medo. Seu coração batia tão forte quanto a marreta de Rin. Ele estremecia e ofegava a cada movimento no quadrado. Nunca havia se sentido tão impotente. Não podia fazer o bem. Não podia fazer o mal. Não podia fazer nada.

Thorn saltou adiante, brandindo a espada baixo, tão rápida que Brand mal conseguiu acompanhar com os olhos. Gorm baixou o escudo para bloquear, mas ela já havia sumido, golpeando com a adaga por cima do escudo. Ele virou a cabeça bruscamente para trás, cambaleou um passo, com uma linha vermelha atravessando a bochecha e o nariz até embaixo do olho.

O JÚBILO DA BATALHA estava nela. Ou talvez fosse a poção de pai Yarvi.

A respiração rasgava seu peito, ela dançava no ar. O sangue era doce na boca, a pele pegava fogo. Ela abriu um sorriso tão largo que parecia que as bochechas com cicatrizes poderiam se destroçar.

O corte embaixo do olho de Gorm expelia sangue, que também fluía pelo nariz ferido, acumulando-se na barba.

Ele estava cansando, ficando descuidado, sentia dor. Ela conhecia a habilidade de Gorm, e ele sabia disso. Ela podia ver o medo nos olhos do adversário. Podia ver a dúvida, crescendo sempre.

O escudo havia subido mais ainda para proteger o rosto machucado. A postura estava mais frouxa, a espada pesando na mão. Aquela perna esquerda deslizou mais ainda à frente, toda exposta, o joelho instável.

Talvez no início tivesse sido um truque, mas que truque poderia fazê-la parar agora? Ela soltava fogo pelas ventas e cuspia relâmpago. Ela era a tempestade, sempre em movimento. Era a Mãe Guerra em carne e osso.

– Sua morte está chegando! – gritou, palavras que nem mesmo ela podia ouvir por causa do barulho.

Mataria o Quebrador de Espadas, vingaria seu pai e se provaria a maior guerreira do Mar Despedaçado. A maior guerreira do mundo! Que canções cantariam sobre isso!

Guiou-o num círculo, guiou-o até estar de costas para os vansterlandeses, até estar de costas para o leste, e viu Gorm estreitar os olhos quando a Mãe Sol os golpeou, torcendo-se de lado, a perna desguarnecida. Ela fintou para o alto,

apertando o cabo, agachou-se sob um golpe mal dado e gritou ao desferir a espada num círculo grande e baixo.

A lâmina forjada com os ossos de seu pai acertou a perna de Gorm acima do tornozelo com toda a força de Thorn, com a raiva e o treinamento dando-lhe base. Era o momento da vitória. O momento da vingança.

Porém, em vez de cortar carne e osso, o gume afiado ressoou em metal, estremecendo na mão de Thorn com tanta força que ela tropeçou adiante, desequilibrada.

Armadura escondida. Aço brilhando por trás do corte na bota de Gorm.

Ele se moveu rápido como uma serpente, nem de longe tão cansado ou tão ferido quanto a fizera pensar, golpeando de cima para baixo, pegando sua lâmina com a dele e arrancando-a dos dedos entorpecidos.

Thorn o golpeou com a adaga, mas ele a aparou no escudo e bateu com a bossa nas costelas da garota. Foi como ser escoiceada. Ela cambaleou para trás, quase caindo.

Gorm olhou-a furioso por cima do escudo e foi sua vez de sorrir.

– Você é uma oponente valorosa. A mais perigosa de todos que já enfrentei. – Ele deu um passo, plantando aquela bota blindada em cima da espada caída e afundando-a no chão. – Mas sua morte está chegando.

– Ah, pelos deuses – disse Brand, rouco, enregelado até os ossos.

Agora Thorn estava lutando com duas adagas e Gorm a fazia recuar pelo quadrado com giros cintilantes daquela espada gigantesca, parecendo mais forte

do que nunca.

Os homens de Gettland haviam ficado subitamente quietos e o barulho do outro lado do vale redobrou.

Brand rezou para que Thorn permanecesse longe, mas sabia que a única chance dela era se aproximar. De fato, ela se abaixou sob um golpe alto e se lançou à frente, desferindo um golpe com a adaga com a mão direita, um lance maligno de cima para baixo, mas Gorm levantou o escudo e a lâmina se cravou entre duas tábuas, alojando-se firmemente.

– Acabe com ele! – sibilou Laithlin.

Com a adaga da mão direita, Thorn golpeou o braço com que Gorm segurava a espada enquanto ele o recolhia. A lâmina raspou a cota de malha e atingiu a mão, fazendo o sangue brotar ao mesmo tempo que a grande espada se soltava.

Ou talvez ele a tivesse deixado cair de propósito. Enquanto ela investia com a adaga de novo, Gorm agarrou seu braço, os dedos se fechando em seu punho com um estalo que pareceu um soco no estômago de Brand.

– Ah, pelos deuses – disse o garoto.

Respirar

THORN TENTOU PEGAR a adaga de Brand, mas seu cotovelo se embolou com o escudo solto e Gorm se aproximou, comprimindo-a. Ele a puxou para cima pelo pulso esquerdo, fazendo a pulseira élfica arranhar a pele de Thorn, soltou a alça do escudo e agarrou-lhe a manga direita.

– Agarrei você! – rosnou ele.

– Não! – Ela se torceu para trás como se tentasse se desvencilhar, e ele puxou-a mais para perto. – Eu *agarrei* você!

Thorn se moveu bruscamente adiante, usando a força de Gorm contra ele, deu-lhe uma cabeçada no queixo e fez a cabeça dele saltar para cima. Lançou o joelho contra suas costelas, e gritou ao soltar o braço direito.

Porém, Gorm manteve o aperto esmagador em seu pulso esquerdo. Uma chance. Só uma. Arrancou a adaga de Brand das costas e investiu contra o pescoço de Gorm enquanto os olhos dele se voltavam para ela.

Ele levantou a mão do escudo para desviá-la, mas a lâmina atravessou a carne da mão, a cruzeta em forma de cobras batendo na palma. Ela rosnou, tentando puxá-la de volta. O escudo dele balançava frouxo nas tiras, porém, com um esforço trêmulo, Gorm fez a ponta brilhante da adaga parar logo antes do pescoço, mantendo-a ali, cuspindo saliva rosada.

Então, mesmo com a mão atravessada pela adaga, os grandes dedos se

fecharam em volta do punho da arma e o prenderam com firmeza.

Thorn se esforçou ao máximo para cravar a lâmina vermelha no pescoço dele, mas não é possível vencer um homem forte usando força, e não havia homem tão forte quanto o Quebrador de Espadas. Ele mantinha as mãos dela presas. Firmou o ombro, soltou um rosnado e empurrou-a para trás, trêmulo, em direção à borda do quadrado, o sangue quente escorrendo da mão furada e descendo pelo punho da adaga, empapando o pulso dela.

* * *

BRAND SOLTOU UM gemido doentio conforme Gorm forçava Thorn a ficar de joelhos na frente dos guerreiros de Vansterland, que gritavam zombarias.

A pulseira élfica reluzia, vermelha, através da carne da mão dele, os ossos aparecendo, pretos, apertando, apertando. Ela ofegou entre os dentes trincados enquanto a adaga se soltava dos dedos frouxos da mão esquerda, ricocheteava em seu ombro e caía no capim. Gorm soltou seu pulso e segurou-a pelo pescoço.

Brand tentou dar um passo em direção ao quadrado, mas pai Yarvi o deteve por um braço, Rulf pelo outro, puxando-o de volta.

– Não – sibilou o piloto em seu ouvido.

– Isso! – berrou mãe Isriun, olhando deliciada.

SEM RESPIRAR.

Cada músculo treinado de Thorn se retesava, porém Gorm era forte demais e

estava torcendo-a para trás. Seu punho esmagava a mão direita dela em volta do cabo da adaga de Brand, os ossos gemendo. Ela remexia com a outra no capim, procurando sua adaga, mas não conseguia encontrar, dava socos no joelho dele mas não havia força nos golpes, tentava alcançar o rosto dele mas só conseguia puxar debilmente sua barba ensanguentada.

– Mate-a! – gritou mãe Isriun.

Gorm forçou-a contra o chão, com sangue pingando da boca no rosto dela. Thorn arfava, mas tudo que soava era um chiado morto na garganta.

Sem respirar. Seu rosto estava queimando. Ela mal podia ouvir a tempestade de vozes devido ao jorro do sangue dentro da cabeça. Beliscou a mão de Gorm com as pontas dos dedos entorpecidos, rasgou-a com as unhas, só que ela era forjada em ferro, esculpida em madeira, implacável como as raízes das árvores que com o passar dos anos arrebentam a própria rocha.

– Mate-a! – O rosto de mãe Isriun estava retorcido em triunfo acima dela, mas Thorn só podia ouvir o berro. – O Rei Supremo decreta! A Divindade Única ordena!

Os olhos de Gorm relancearam para sua ministra, com a bochecha estremecendo. Seu aperto pareceu se afrouxar; talvez fosse só o apego de Thorn à vida, cada vez menor.

Sem respirar. Estava ficando escuro. Ela encarou a Última Porta, sem que restassem truques. A Morte puxou o trinco, escancarou a porta. Thorn cambaleou na soleira.

Mas Gorm não a empurrou.

Como se através de um véu de sombra, ela viu a testa dele se franzir.

– Mate-a! – guinchou mãe Isriun, a voz ficando mais e mais aguda, mais e mais louca. – Avó Wexen exige! Avó Wexen *ordena*!

O rosto sangrento de Gorm estremeceu de novo, um tremor que ia do olho até o maxilar. Ele não arreganhava mais os dentes; sua boca agora era uma linha reta. Sua mão direita relaxou e Thorn soltou o ar, engasgada, com o mundo se inclinando enquanto ela tombava de lado.

INCRÉDULO, BRAND VIU Gorm deixar Thorn cair e se virar lentamente para sua ministra. Os rosnados ávidos dos guerreiros começaram a se esvair, a multidão lá em cima ficou em silêncio, o barulho se dissipando para dar lugar a uma quietude chocada.

– Eu sou o Quebrador de Espadas. – Gorm pôs a mão direita suavemente no peito. – Que loucura faz você pensar que pode falar comigo desse jeito?

Isriun apontou para Thorn, que rolava de rosto para o chão, tossindo vômito no capim.

– Mate-a!

– Não.

– Avó Wexen ordena...

– Estou cansado das ordens da avó Wexen! – rugiu Gorm, os olhos saltando no rosto sangrento. – Estou cansado da arrogância do Rei Supremo! Acima de tudo, mãe Isriun... – Ele arreganhou os dentes numa careta horrível enquanto arrancava a adaga de Brand da mão. – Estou cansado da sua voz. Seu balido

constante me irrita.

O rosto de mãe Isriun havia adquirido uma palidez mortal. Ela tentou recuar, mas o braço tatuado de Scaer passou em volta de seus ombros e segurou-a com firmeza.

– Você violaria os juramentos que fez a eles? – murmurou Isriun com os olhos arregalados.

– Se eu violaria meus juramentos? – Gorm tirou o escudo marcado e deixou-o cair com um estrondo. – Há menos honra em mantê-los. Eu os despedaço. Cuspo neles. Cago neles. – Ele se inclinou acima de Isriun, a adaga reluzindo vermelha na mão. – O Rei Supremo decreta, é? Avó Wexen ordena, é? O bode velho e a porca velha? Eu os renego! Eu os desafio!

O pescoço fino de Isriun estremeceu enquanto ela engolia em seco.

– Se você me matar, haverá guerra.

– Ah, haverá guerra. A Mãe dos Corvos abre suas asas, garota. – Grom-gil-Gorm levantou lentamente a adaga que Rin havia forjado, o olhar de Isriun permaneceu fixo na ponta brilhante. – As penas dela são espadas! Está ouvindo-as chacoalhar? – Um sorriso se abriu no rosto dele. – Mas não preciso matar você. – Ele jogou a adaga pelo capim, que foi parar ao lado de Thorn, de quatro, com ânsias de vômito. – Afinal de contas, mãe Scaer, por que matar o que podemos vender?

A antiga ministra de Gorm, e agora nova, deu um sorriso gélido como o mar de inverno.

– Levem essa cobra para longe e ponham uma argola no pescoço dela.

– Você vai pagar por isso! – berrou Isriun com o olhar ensandecido. – Você vai pagar por isso!

Porém os guerreiros de Gorm já a arrastavam pela encosta leste.

O Quebrador de Espadas se virou de volta, com sangue pingando dos dedos da mão ferida.

– Sua oferta de aliança continua de pé, Laithlin?

– O que Vansterland e Gettland não conseguiriam juntos? – gritou a Rainha Dourada.

– Então eu a aceito.

Um ofegar atônito se espalhou pelo quadrado, como se a respiração presa de cada homem fosse liberada subitamente.

Brand se soltou das mãos frouxas de Rulf e correu.

– THORN?

A voz parecia um eco distante, vindo por um túnel escuro. Era a voz de Brand. Deuses, ela estava feliz em ouvi-la.

– Você está bem? – Mãos fortes em seu ombro, levantando-a.

– Fiquei orgulhosa – respondeu ela, com a garganta áspera, a boca ardendo.

Tentou se ajoelhar, tão fraca e tonta que quase caiu de novo, mas ele a amparou.

– Você está viva.

– Acho que sim – sussurrou ela, surpresa ao ver o rosto de Brand surgir gradualmente a partir do borrão luminoso.

Pelos deuses, ela estava feliz por enxergá-lo.

– Já chega.

Brand estendeu o braço dela por cima de seus ombros e Thorn gemeu ao ser levantada gentilmente. Ela não conseguiria dar um passo por conta própria, mas ele era forte. Não iria deixá-la cair.

– Precisa que eu a carregue?

– É uma bela ideia. – Ela se retraiu ao fitar os guerreiros de Gettland reunidos na crista do morro à frente deles. – Mas é melhor andar. Por que ele não me matou?

– Mãe Isriun o fez mudar de ideia.

Thorn olhou para trás enquanto eles arrastavam os pés pela encosta em direção ao acampamento. Grom-gil-Gorm estava no meio do quadrado, ensanguentado mas não derrotado. Mãe Scaer já trabalhava na mão ferida dele com agulha e linha. A mão da espada segurava a da rainha Laithlin, selando a aliança entre Vansterland e Gettland. Dois dos inimigos mais amargos transformados em aliados. Pelo menos por um tempo.

Ao lado deles, de braços cruzados, Yarvi sorria.

Apesar de todas as orações à Mãe Guerra, parecia que o Pai Paz fizera o julgamento naquele dia.

Na luz

BRAND DEU MAIS algumas sonoras marretadas na barra de aço e depois a empurrou de volta para os carvões, provocando uma chuva de fagulhas.

Rin estalou a língua, enojada.

– Você não tem o que chamam de toque suave, não é?

– É para isso que você está aqui. – Brand sorriu para ela. – Faço você se sentir especial, não faço?

Mas Rin estava olhando para além dele, para a porta.

– Você tem visita.

– Pai Yarvi, que honra! – Brand pousou a marreta e enxugou a testa no antebraço. – Veio comprar uma espada?

– Um ministro deve representar o Pai Paz – respondeu Yarvi, entrando na oficina.

– Um bom ministro permanece amigo da Mãe Guerra também – replicou Rin.

– Sábias palavras. E, agora, mais do que nunca.

Brand engoliu em seco.

– Vai haver guerra, então?

– O Rei Supremo vai demorar para reunir guerreiros. Mas acho que haverá. Ainda assim, guerras fazem bem para os negócios de um espadeiro.

Rin arqueou as sobrancelhas para Brand.

– Acho que preferiríamos uma paz pobre. Ouvi dizer que o rei Uthil está melhorando, pelo menos.

– A força dele retorna rapidamente. Logo vai estar aterrorizando os guerreiros de novo no treino com espadas e usando seu aço de qualidade.

– Louvado seja o Pai Paz – disse Rin.

– O Pai Paz e suas habilidades, pai Yarvi – completou Brand.

Yarvi fez uma reverência humilde.

– Faço o que posso. E como os deuses têm tratado você, Brand?

– Bastante bem. – Ele indicou a irmã com a cabeça. – Se não fosse minha mestra tirânica, eu estaria gostando do serviço. Por acaso, gosto mais de trabalhar com metal do que lembrava.

– É mais fácil do que trabalhar com pessoas.

– O aço é honesto – falou Brand.

Pai Yarvi olhou-o de soslaio.

– Há algum lugar onde possamos conversar a sós?

Brand olhou para Rin, que já estava apertando o fole. Ela deu de ombros.

– O aço é paciente também.

– Mas você não é.

– Vão conversar. – Ela estreitou os olhos para ele. – Antes que eu mude de ideia.

Brand tirou as luvas, levou Yarvi para o pequeno pátio ruidoso com o som de água corrente. Sentou-se no banco que Koll havia esculpido para eles à sombra

pontilhada da árvore, sentindo a brisa fresca em seu rosto suado, e indicou a pai Yarvi o lugar ao lado.

– É um local agradável. – O ministro sorriu para a Mãe Sol, que reluzia entre as folhas. – É uma vida boa que você e sua irmã construíram.

– *Ela* construiu. Eu só apareci por acaso.

– Você sempre fez a sua parte. Lembro-me de você segurando o peso do *Vento Sul* nos ombros. – Yarvi olhou para as cicatrizes que serpenteavam pelos antebraços de Brand. – Foi um feito digno das canções.

– Descobri que gosto menos das canções do que antigamente.

– Você está aprendendo. Como vai Thorn?

– Já voltou a treinar três quartos de cada dia.

– Ela é esculpida em madeira.

– Nenhuma mulher é mais tocada pela Mãe Guerra.

– No entanto, ela foi a agulha que costurou duas grandes alianças. Talvez seja tocada pelo Pai Paz também.

– Não diga isso a ela.

– Vocês dois ainda estão... juntos?

– Estamos. – Brand tinha a sensação de que o ministro sabia as respostas, mas que cada questão possuía outra escondida por dentro. – Pode-se dizer que sim.

– Bom. Isso é bom.

– Acho que é – disse ele, pensando na discussão aos gritos que os dois haviam tido pela manhã.

– Não é bom?

– É bom – respondeu Brand, pensando em como tinham feito as pazes depois. – É só que... eu sempre achei que estar juntos era o fim do trabalho. Por acaso é aí que o trabalho começa.

– Nenhuma estrada que valha a pena ser percorrida é fácil. Cada um de vocês tem pontos fortes que o outro não tem, fraquezas que o outro compensa. É ótimo, raro encontrar alguém que... – ele franziu a testa para os galhos que se moviam, como se pensasse em algo distante, e o pensamento fosse doloroso – ... torna a pessoa inteira.

Brand levou um tempo para reunir coragem para falar.

– Estive pensando em derreter aquela moeda que o príncipe Varoslaf me deu.

– Para fazer uma chave?

Brand empurrou algumas folhas caídas com a lateral da bota.

– Provavelmente ela preferiria uma adaga, mas... uma chave é a tradição. O que você acha que a rainha Laithlin iria pensar?

– A rainha tem três filhos e nenhuma filha. Acho que está ficando muito ligada ao seu Escudo Escolhido. Mas tenho certeza de que pode ser persuadida.

Brand deu outro empurrão nas folhas.

– Sem dúvida as pessoas acham que eu é que deveria usar a chave. Não sou muito popular em Thorlby.

– Nem todos os guerreiros do rei admiram você, é verdade. Especialmente mestre Hunnan. Mas ouvi dizer que os inimigos são o preço do sucesso. Talvez também sejam o preço da convicção.

– O preço da covardia, talvez.

– Só um idiota chamaria você de covarde, Brand. Postar-se diante dos guerreiros de Gettland e falar como você falou? – Pai Yarvi deu um assobio fraco. – As pessoas podem não cantar canções de herói sobre aquilo, mas foi um ato de rara coragem.

– Você acha?

– Acho, e a coragem não é sua única qualidade admirável.

Brand não sabia o que dizer, por isso permaneceu em silêncio.

– Sabia que Rulf derreteu o que ganhou na nossa viagem e também fez uma chave?

– Para quem?

– Para a mãe de Thorn. Eles vão se casar no Salão dos Deuses na semana que vem.

Brand pestanejou.

– Ah.

– Rulf está ficando velho. Ele nunca admitiria, mas está ansioso para se aposentar. – Yarvi o olhou de esguelha. – Acho que você se sairia bem no lugar dele.

Brand piscou de novo.

– Eu?

– Uma vez eu disse a você que poderia precisar de um homem que pensa em fazer o bem. Continuo achando isso, mais do que nunca.

– Ah. – Brand não conseguia pensar em mais nada para falar.

– Você poderia se juntar a Safrit e Koll e fazer parte da minha pequena família. – Cada palavra que pai Yarvi soltava era cuidadosamente avaliada para não sair por acidente. Ele sabia o que oferecer. – Você ficaria perto de mim. Perto da rainha. Perto do Escudo Escolhido. Piloto do navio de um ministro.

Brand se lembrou daquele dia na plataforma do leme, com a tripulação batendo nos remos, o sol brilhando na água do Renegado. Uma boa lembrança.

– Você estaria à direita do homem que está à direita do rei – concluiu Yarvi.

Brand ficou parado, esfregando a ponta dos indicadores com os polegares. Sem dúvida deveria agarrar a oportunidade. Um homem como ele não poderia esperar muitas iguais àquela. Mas algo o retinha.

– Você é um homem de grande inteligência, pai Yarvi, e eu não sou conhecido pelo cérebro.

– Você poderia ser, se o usasse. Mas é pelo seu braço forte e seu coração forte que eu o quero.

– Posso fazer uma pergunta?

– Pode. Porém, tenha certeza de que deseja a resposta.

– Por quanto tempo você planejou que Thorn lutasse contra Grom-gil-Gorm?

Yarvi estreitou um pouco os olhos claros.

– Um ministro deve lidar com probabilidades, acasos, possibilidades. Essa me ocorreu há muito tempo.

– Quando fui procurá-lo no Salão dos Deuses?

– Na ocasião, eu lhe disse que cada um tem o próprio bem. Considerei a possibilidade de que uma mulher capaz de usar uma espada poderia um dia

encontrar um modo de desafiar Gorm. Um guerreiro grandioso e renomado como ele não poderia recusar o desafio de uma mulher. No entanto, ele temeria uma mulher. Mais do que qualquer homem.

– Você acredita naquela profecia?

– Acredito que ele acredita nela.

– Por isso você mandou Skifr treiná-la.

– Foi um dos motivos. A imperatriz Theofora adorava coisas raras, e também adorava ver sangue derramado. Achei que uma jovem lutadora vindo do Norte distante poderia espicaçar sua curiosidade por tempo suficiente para eu falar com ela e lhe dar meu presente. A Morte levou Theofora pela Última Porta antes que eu tivesse a chance. – Yarvi soltou um suspiro. – Um bom ministro procura enxergar adiante, mas o futuro é uma terra envolta em névoa. Os acontecimentos nem sempre correm pelo canal que a gente escava para eles.

– Como o seu acordo com mãe Scaer.

– Outra esperança. Outro jogo. – Pai Yarvi se recostou no tronco da árvore. – Eu precisava de uma aliança com os vansterlandeses, porém mãe Isriun estragou o plano. Contudo, ela fez o desafio, e um duelo era melhor do que uma batalha.

Ele falava de modo calmo, frio, como se citasse preços de uma tabuleta e não discorresse sobre pessoas conhecidas.

A boca de Brand ficou muito seca.

– E se Thorn tivesse morrido?

– Teríamos entoado canções tristes em seu monte funerário e canções felizes sobre seus grandes feitos. – Os olhos de Yarvi eram como os de um açougueiro

olhando animais para o abate, avaliando o lucro. – Mas nós e os vansterlandeses não teríamos desperdiçado nossas forças nos enfrentando. Eu e a rainha Laithlin teríamos nos prostrado aos pés da avó Wexen. O rei Uthil teria se recuperado, livre de desonra. Com o tempo, poderíamos lançar os dados outra vez.

Algo nas palavras de pai Yarvi incomodavam Brand, como um gancho em sua cabeça que o espetasse.

– Todos nós achávamos que o rei Uthil estivesse diante da Última Porta. Como você podia ter certeza de que ele iria se recuperar?

Yarvi se deteve por um momento, a boca meio aberta, depois fechou-a suavemente. Olhou para a porta, por onde ecoavam as pancadas da marreta de Rin, e de volta para Brand.

– Acho que você é mais inteligente do que finge ser.

Brand tinha a impressão de que estava sobre o gelo primaveril, estalando sob as botas, mas não havia como recuar, só ir em frente.

– Se eu devo ficar ao seu lado, preciso saber a verdade.

– Uma vez eu lhe disse que a verdade é como o bem: cada homem tem a sua. Minha verdade é que o rei Uthil é um homem de ferro. O ferro é forte, e sustenta um gume afiado. Mas o ferro pode ser quebradiço. E às vezes precisamos nos dobrar.

– Ele jamais faria a paz com os vansterlandeses.

– E precisávamos fazer a paz com os vansterlandeses. Sem eles, estaríamos sozinhos contra meio mundo.

Brand assentiu devagar, vendo as peças se encaixarem.

– Uthil aceitaria o duelo de Gorm.

– Teria lutado contra Gorm no quadrado, porque é orgulhoso, e teria perdido, porque cada ano o deixa mais fraco. Devo proteger meu rei de qualquer mal. Pelo bem dele e pelo bem da terra. Precisamos de aliados. Fomos procurar aliados. Eu encontrei aliados.

Brand pensou no ministro curvado sobre o fogo, jogando folhas secas na poção.

– Você o envenenou. Seu próprio tio.

– Não tenho tio, Brand. Desisti da minha família quando entrei para o Ministério. – Os olhos de Yarvi se estreitaram mais ainda. – Às vezes grandes coisas certas precisam ser costuradas a partir de pequenas coisas erradas. Um ministro não pode se dar ao luxo de fazer o que é simplesmente bom. Um ministro deve pesar o bem maior. Um ministro deve escolher o menor mal.

– O poder significa ter um ombro sempre nas sombras – murmurou Brand.

– É. É preciso ter.

– Entendo. Não duvido de você, mas...

Pai Yarvi pestanejou e Brand se perguntou se já o tinha visto surpreso antes.

– Você me recusa?

– Minha mãe disse para eu me manter na luz.

Permaneceram sentados por um momento, encarando-se, então pai Yarvi abriu um sorriso lentamente.

– Admiro você, de verdade. – Ele se levantou e pôs a mão boa no ombro de Brand. – Mas, quando a Mãe Guerra abrir as asas, ela pode lançar todo o Mar

Despedaçado nas sombras.

– Espero que não.

– Bom... – Pai Yarvi se virou. – Você sabe como são as esperanças.

Ele entrou na casa, deixando Brand sentado à sombra da árvore, imaginando, como sempre, se tinha feito algo bom ou ruim.

– Uma ajudinha aqui! – chamou a irmã.

Brand ficou de pé num pulo.

– Estou indo!

Uma tempestade se avizinha

THORN ANDAVA PELA areia com seu banquinho no ombro. A maré estava distante e o vento soprava forte na planície, nuvens esgarçadas perseguindo umas às outras num céu arroxeado.

Eles estavam apinhados em volta do quadrado de treino, os gritos se tornando grunhidos enquanto ela abria caminho entre os guerreiros, e os grunhidos se transformaram em silêncio no momento em que ela pôs o banco ao lado da lança que marcava um dos cantos. Até os dois rapazes que deveriam estar lutando pararam, inseguros, olhando-a quando ela passou as pernas por cima do banco e plantou o traseiro nele.

Mestre Hunnan franziu a testa.

– Vejo que o Escudo Escolhido da rainha está entre nós.

Thorn levantou uma das mãos.

– Não se preocupem, não precisam aplaudir.

– O quadrado de treino é para os guerreiros de Gettland e para os que desejam ser guerreiros.

– É, mas ainda assim provavelmente há alguns lutadores razoavelmente decentes aqui também. Não deixem que eu interrompa.

– Não vai interromper – reagiu Hunnan, ríspido. – Heirod, você é o próximo. – Um garoto grande se levantou, com manchas rosadas nas bochechas gordas. –

E você, Edni.

A menina tinha 12 anos, talvez, era uma coisa magricela, mas ficou de pé corajosamente, o queixo projetado enquanto ocupava seu lugar, ainda que o escudo fosse grande demais e oscilasse em sua mão.

– Comecem!

Não havia arte naquilo. O garoto partiu para cima, bufando feito um touro, desviou a espada de Edni com o ombro parrudo, chocou-se contra ela e a jogou esparramada. O escudo saiu do braço e rolou para longe.

O garoto olhou para Hunnan, esperando que ele anunciasse o fim da luta, mas o mestre de armas apenas o encarou. Heirod engoliu em seco, avançou e deu dois chutes relutantes em Edni antes que Hunnan erguesse a mão mandando parar.

Thorn olhou a garota se levantar limpando sangue que escorria do nariz, agarrando-se com força à cara de coragem, e pensou em todas as surras que levara naquele quadrado. Lembrou-se de todos os chutes, do desprezo e da areia que havia comido. Recordou-se daquele último dia, de Edwal com a espada de madeira atravessada no pescoço. Sem dúvida o que mestre Hunnan tinha em mente era espicaçar sua memória.

Ele deu um raro sorrisinho.

– O que achou?

– Acho que o garoto é um brutamontes desajeitado. – Ela comprimiu o polegar num dos lados do nariz e assoou na areia. – Mas a culpa não é dele. Ele não aprendeu sozinho. Nem ela, aliás. Quem passou vergonha com essa luta foi

o professor.

Um murmúrio percorreu os guerreiros e o sorriso de Hunnan se tornou novamente uma carranca.

– Se você acha que sabe mais, por que não ensina?

– É para isso que estou aqui, mestre Hunnan. Não tenho nada a aprender com você, afinal de contas. – Thorn apontou para Edni. – Vou ficar com ela. – Em seguida, indicou uma garota mais velha, grande e solene. – E ela. – Depois, para outra com olhos bem claros. – E ela. Vou lhes dar uma lição. Uma por dia e, dentro de um mês, voltaremos e veremos o resultado.

– Você não pode simplesmente vir aqui e pegar meus alunos como quiser!

– No entanto, aqui estou, e com a bênção do rei Uthil.

Hunnan umedeceu os lábios, apanhado no contrapé, mas logo se recuperou e partiu para o ataque.

– Hild Bathu. – O lábio dele se repuxou com asco. – Você fracassou no teste neste quadrado. Fracassou em se tornar uma guerreira. Você perdeu para o Quebrador de Espadas...

– Perdi para Gorm, é verdade. – Thorn esfregou a bochecha marcada pela cicatriz enquanto sorria para Hunnan. – Mas ele não quebrou minha espada. – Ela se levantou com a mão frouxa no botão da espada. – E você não é Gorm. – Em seguida, atravessou a areia na direção dele. – Acha que é melhor do que eu?

Ela chegou tão perto que quase plantou as botas em cima das dele.

– Lute comigo. – Ela se inclinou, de modo que os narizes estavam quase se tocando, e sussurrou: – Lute comigo. Lute comigo. Lute comigo. Lute comigo.

Lute comigo. Lute comigo. Lute comigo.

O rosto de Hunnan se retorcia a cada repetição, mas ele manteve o silêncio.

– Boa escolha – disse ela. – Eu quebraria você como um graveto velho.

Thorn passou por ele esbarrando com o ombro, gritando para o resto dos guerreiros:

– Talvez vocês estejam pensando que isso não foi justo. O campo de batalha não é justo, mas admito que o velho Hunnan já passou do auge. Portanto, se alguma pessoa acha que está à altura de Gorm, eu luto contra ela. Luto contra qualquer um de vocês.

Ela andou em círculo com um passo presunçoso, olhando cada centímetro do quadrado, fitando os guerreiros nos olhos, um após o outro. Silêncio. Apenas o vento suspirando na praia.

– Ninguém? – Ela bufou. – Olhem só para vocês, carrancudos porque não tiveram uma batalha. Em breve haverá mais batalhas do que vocês saberão como enfrentar. Ouvi dizer que o Rei Supremo está reunindo seus guerreiros. Terra-baixenses, insulares, inglings. Milhares deles. Uma tempestade se avizinha e Gettland vai precisar de cada homem. Cada homem e cada mulher. Vocês três, venham comigo. Voltaremos dentro de um mês. – Ela apontou para Hunnan. – E é melhor que seus garotos estejam preparados.

Thorn pôs o banquinho no ombro e saiu do quadrado, andando pela areia na direção de Thorlby. Não olhou para trás.

Mas ouviu os passos das garotas seguindo-a.

Agradecimentos

COMO SEMPRE, A quatro pessoas:

Bren Abercrombie,

cujos olhos estão doloridos de tanto ler isto.

Nick Abercrombie,

cujos ouvidos estão doloridos de tanto ouvir sobre isto.

Rob Abercrombie,

cujos dedos estão doloridos de tanto virar páginas.

Lou Abercrombie,

cujos braços estão doloridos de tanto me segurar.

E então, como nenhum homem é uma ilha, este aqui em especial, meus agradecimentos sinceros:

Por plantar a semente desta ideia: Nick Lake.

Por garantir que o broto crescesse até virar uma árvore: Robert Kirby.

Por garantir que a árvore desse frutos: Jane Johnson.

Em seguida, porque a metáfora do fruto já deu o que tinha que dar, a todos que ajudaram a fazer, publicar, posicionar, divulgar, ilustrar, traduzir e, acima de tudo, *vender* meus livros onde quer que estejam ao redor do mundo, mas em

particular: Natasha Bardon, Emma Coode, Ben North, Jaime Frost, Tricia Narwani, Jonathan Lyons e Ginger Clark.

Aos artistas que, de algum modo, enfrentaram a impossível tarefa de fazer com que eu pareça classudo: Nicolette e Terence Caven, Mike Bryan e Dominic Forbes.

Pelo entusiasmo sem fim e pelo apoio em todos os climas: Gillian Redfearn.

E a todos os escritores cujos caminhos se cruzaram com o meu na internet, no bar ou, em alguns casos, na página impressa, e que deram auxílio, conselhos, risadas e muitas ideias que valiam a pena roubar.

Vocês sabem quem são...



JOE ABERCROMBIE nasceu em Lancaster, na Inglaterra, no último dia de 1974, e atualmente mora em Bath com a esposa e os filhos.

Em 2008, Joe foi finalista do prêmio John W. Campbell na categoria Autor Revelação. Em 2014, *Meio rei* ganhou o prêmio Locus e ficou entre as 5 melhores obras de fantasia do ano escolhidas pelo jornal *The Washington Post* e entre os 10 melhores livros para jovens da revista *Time*. Vencedor do Alex Awards, da American Library Association, *Meio mundo* foi eleito um dos melhores livros de fantasia de 2015 pelo site BuzzFeed. A Arqueiro também publicou os três volumes da série de estreia de Abercrombie, A Primeira Lei: *O poder da espada*, *Antes da forca* e *O duelo dos reis*.

www.joeabercrombie.com

Outros livros da série:





INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
I PÁRIAS
- Os merecedores
- Nas sombras
- Justiça
- Família
- Ajoelhar-se
- A malha de um morto
- Veneno
- Perdido e encontrado

II DIVINO E RENEGADO
- A primeira lição
- A segunda lição
- A terceira lição
- A raiva dos deuses
- Preparada ou morta
- Coçando um pouco
- Eles que se danem
- O homem que lutou contra um navio
- Tempos estranhos
- Um dia vermelho
- O júbilo da batalha
- Não é como nas canções
- Do que Gettland precisa

III A Primeira Cidade
- Sorte
- Por trás do trono
- Velhos amigos
- Esperanças
- Ruínas
- Uma porcaria de diplomata
- Fúria
- Dívidas e promessas
- Estranhos companheiros

IV GRANDES FEITOS
- Despedidas
- Recepções
- Ideias erradas
- Mais ou menos sozinho
- O Escudo Escolhido
- Halleby
- Fogo
- Rissentoft
- Lagos congelados
- Covardia
- O local combinado
- Cara de coragem
- Aço
- Sangue
- Respirar
- Na luz

Uma tempestade se avizinha
Agradecimentos
Sobre o autor
Informações sobre a Arqueiro